



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências
Câmpus de Bauru

Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência

REINALDO DONIZETE DE OLIVEIRA

**DO ESTRANHAMENTO AO ELOGIO DE UMA ESCOLA RURAL
POR NARRATIVAS: ORLANDO, CONTRIBUIÇÕES PARA A
HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA BRASILEIRA**



Bauru

2022

REINALDO DONIZETE DE OLIVEIRA

**Do estranhamento ao elogio de uma escola rural por
narrativas: Orlando, contribuições para a História da Educação
Matemática Brasileira**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências, Câmpus de Bauru, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação para a Ciência.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Ednéia Martins

Bauru

2022

Oliveira, Reinaldo Donizete de.

Do estranhamento ao elogio de uma escola rural
por narrativas: Orlando, contribuições para a
história da educação matemática brasileira/

Reinaldo Donizete de Oliveira, 2022

267 p.

Orientadora: Maria Edneia Martins

Tese (Doutorado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências, Bauru, 2022

1. Educação Rural Paulista; 2. História Oral;
3. Escola. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE REINALDO DONIZETE DE OLIVEIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS DE BAURU.

Aos 04 dias do mês de março do ano de 2022, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de REINALDO DONIZETE DE OLIVEIRA, intitulada **Do estranhamento ao elogio de uma escola rural por uma narrativa: Orlando, contribuições para a História da Educação Matemática Brasileira**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. MARIA EDNÉIA MARTINS (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) FC / UNESP/Bauru (SP), Prof. Dr. FILIPE SANTOS FERNANDES (Participação Virtual) do(a) FaE / UFMG/Belo Horizonte (MG), Profa. Dra. CARLA REGINA MARIANO DA SILVA (Participação Virtual) do(a) Instituto de Matemática - INMA / UFMS, Prof. Dr. DIOGO FRANCO RIOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Matemática e Estatística - IFM / Universidade Federal de Pelotas/ UFPEL, Profa. Dra. LÍNLIA NATÁSSIA SACHS CAMERLENGO DE BARBOSA (Participação Virtual) do(a) Departamento de Matemática / Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. Após a exposição pelo doutorando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Profa. Dra. MARIA EDNÉIA MARTINS

AGRADECIMENTOS

A todos que participaram direta ou indiretamente desse projeto. Agradeço a minha família, aos meus amigos e amigas do Ghoem, às Professoras e Professores que me apoiaram nesse trabalho. Muito obrigado Professora Maria Edneia. Muito obrigado Professor Vicente. Agradeço enormemente aos Professores da banca de qualificação que me oportunizaram novos olhares e novos questionamentos.

Aproveito esse momento para agradecer e lembrar, com muito carinho da Professora Ivete Baraldi. Professora, amiga, mãe. Obrigado Professora pela possibilidade em ouvi-la, obrigado pelas gentilezas e sinceridades.

Aproveito também para agradecer e dedicar esse trabalho a todas as Professoras e todos os Professores que tiveram suas vidas interrompidas pela pandemia do Covid – 19, em especial, a Professora Ivete Baraldi e o Professor Luiz Henrique Lourenço.

À Unesp, obrigado pela acolhida e oportunidade.

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo constituir uma versão histórica da Escola Estadual Orlando Quagliato, para auxiliar na compreensão da educação rural paulista nos últimos 50 anos, a partir da criação dessa escola, na década de 1960. Encaminhamos essa pesquisa no campo da História da Educação e da Educação Matemática pois problematizamos um espaço escolar no qual professores de Matemática também atuam, mas sem o foco principal no Ensino da Matemática e sim, nas margens que circundam essa prática e a afetam diretamente. Utilizamos a Metodologia da História Oral para a constituição de entrevistas que nos apresentam elementos fundamentais na construção e encaminhamento dessa tese como a existência de um grupo escolar na zona rural de um município paulista, dentro de uma agroindústria, o movimento das escolas isoladas sendo trocadas pelos grupos escolares e na sequência por escolas estaduais, o assistencialismo na escola, a relação dos alunos, pais e comunidade escolar com os empresários de uma indústria, a discussão de um território particular, regido por regras particulares e insubordinações, o desenvolvimento, auge e decadência de uma escola que reflete toda uma sociedade. Discutimos as políticas públicas sendo praticadas no ambiente escolar, leis, decretos, organizações, currículos, materiais pedagógicos oficiais que regem uma escola e o embate da legalidade com os agentes humanos na práxis pedagógica. Discutimos o dia a dia das professoras e professores que trabalharam em uma escola rural, deslocamento, alunos, pais, gestão, empresários. Discutimos as demandas sociais levadas à escola e as tentativas de soluções através de projetos pedagógicos. Discutimos o poder e influência da agroindústria em uma comunidade em particular. Realizamos, além das entrevistas, um levantamento de leis, documentos e imagens pertencentes à escola em questão e à Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos. Elogiamos a escola.

Palavras chave: Educação Rural Paulista; História Oral; Escola, Educação Matemática, História da Educação.

ABSTRACT

This research aimed to constitute a historical version of the Orlando Quagliato State School, to help the understanding of São Paulo's rural education in the last 50 years, since the creation of this school, in the 1960s. We carried out this research in the History of Education and Mathematics Education field because we put in doubt a school space in which Mathematics teachers also work, but without the main focus on the Mathematics Teaching, when they actually keep a center of attention on the margins that surround and directly affect this practice. We used the Oral History Methodology for the constitution of interviews that present us with fundamental elements in the construction and forwarding of this thesis, such as the existence of a school group in the rural area of a municipality in São Paulo, inside an agro-industry, the movement of isolated schools being replaced by school groups and then by state schools, the school welfare, the relationship between students, parents and school community with the entrepreneurs of an industry, the discussion of a particular territory, leaded by particular rules and colonial insubordination, the development, rise and decline of a school that reflects an entire society. We discuss public policies being practiced in the school environment, laws, decrees, organizations, curriculums, official pedagogical materials to rule a school and the clash of legality with human agents in the pedagogical praxis. We discussed the daily lives of the teachers who worked in a rural school, displacement, students, parents, management, businessmen. We discussed the social demands brought to the school and the attempts of solutions through pedagogical projects. We discussed the power and influence of agribusiness in a particular community. Besides the interviews, we did a survey of laws, documents and images pertaining to the school in question and the Board of Education of the Ourinhos Region. We praised school.

Key words: Rural Education from São Paulo; Oral History; School; Mathematics Education; History of Education.

Sumário

ÍNDICE DE FIGURAS	10
1. INTRODUÇÃO	12
1.1 Educação Matemática	17
1.2 História Oral	20
1.3 Virgínia e Orlando	24
1.4 Elogio de Orlando	26
2. A ORLANDO DE REINALDO	30
2.1 Anotações Imediatas	33
2.2 Caminhos da tese: e tal, et al., eta, etc, and all.....	34
3. EPISÓDIOS: ANOTAÇÕES E PRÁTICAS DAS ABORDAGENS INICIAIS NO CAMPO DE PESQUISA EM BUSCA DOS DEPOENTES	35
3.1 Episódio: Frustrações.....	36
3.1.1 Roteiro para a possível entrevista	37
3.2. Episódio: Caetano e memórias	39
3.3 Episódio: Floriano	40
3.3.1 Transcrição da conversa inicial com o depoente Floriano.....	41
3.4. Episódio: A Escola Orlando, tempo, História Oral e subjetividades ..	52
4. ENTRE VISTAS – APRESENTANDO A ESCOLA E SUA LOCALIZAÇÃO	57
5. ENTREVISTAS E RECORTES	66
5.1 Orlando de Norma	66
5.2 Fragmentos de uma análise I	85
5.3 Orlando de Floriano	88
5.4 Fragmentos de uma análise II	111
5.5 Orlando de Silvana.....	113
5.6 Fragmentos de uma análise III	131

5.7 Orlando de José	133
5.8 Fragmentos de uma análise IV	147
5.9 Orlando de Maria Aparecida.....	148
5.9 Fragmentos de uma análise V	167
5.10 Orlando de Maria Angélica	169
5.10 Fragmentos de uma análise VI.....	189
6. QUADROS DE ANÁLISE	191
6.1 Norma.....	192
6.2 Floriano	193
6.3 Silvana.....	194
6.4 Jose Roberto	195
6.5 Maria Aparecida.....	196
6.6 Maria Angélica.....	197
7. FRAGMENTOS DE ANÁLISES - RELAÇÕES.....	198
7.1 O colono da Usina São Luiz	208
8. GRUPOS ESCOLARES, ESCOLAS ISOLADAS, LEGALIDADES E SILÊNCIOS	212
9. RURALIDADES E O FIM DA ESTRADA.....	234
10. APÊNDICE: CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS	248
10.1 Floriano	248
10.2 Anísia.....	250
10.3 Norma.....	251
10.4 José Roberto	252
10.5 Maria Aparecida.....	253
10.6 Silvana.....	254
10.7 Maria Angélica	255
REFERÊNCIAS.....	256

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Escola Estadual Orlando Quagliato.....	14
Figura 2: Mapa do Estado de São Paulo.....	57
Figura 3: ilustração das proximidades da Usina São Luiz	58
Figura 4: Tela de pesquisa do nome Orlando Quagliato	58
Figura 5: Orlando Quagliato	61
Figura 6: Mapa das rodovias e cidades ao entorno da Usina São Luiz.....	61
Figura 7: Mapa dos bairros próximos ao Conjunto Habitacional Orlando Quagliato.....	62
Figura 8: Foto aérea da Usina São Luiz.....	63
Figura 9: Ficha informativa do Grupo Escolar Orlando Quagliato	65
Figura 10: Norma Aparecida Bianchi Tavares e Reinaldo Donizete de Oliveira	66
Figura 11: Floriano e Anísia dos Santos	88
Figura 12: Trecho das rodovias que circundam as cidades mencionadas por seu Floriano, ao redor da Usina São Luiz	88
Figura 13: Trecho de rodovias que ligam as cidades de Paripiranga, Simão Dias e Quissamã, que estão nas divisas dos Estados da Bahia e do Sergipe	96
Figura 14: A professora Florinda Quagliato com a turma do 1º ano de 1956 - da Escola Estadual Profª. Durvalina Teixeira da Fonseca de Santa Cruz do Rio Pardo – SP.....	105
Figura 15: Trecho da BR 155 Que liga Xinguara a Serra Pelada no Estado do Pará.....	107
Figura 16: Foto aérea de uma das colônias da Usina São Luiz	111
Figura 17: Silvana Alves Fernandes Santos	113
Figura 18: Foto do Jornal mencionado pela Professora Silvana com a matéria citada pela professora	115
Figura 19: Alunos preparando a terra para a plantação na horta da escola...	118
Figura 20: Professor Jose Roberto e Maria Fonseca	133
Figura 21: Maria Aparecida Trukes Coelho	148

Figura 22: Maria Angélica Ribeiro Baccili	169
Figura 23: Quadro de análises Norma	192
Figura 24: Quadro de análises Floriano	193
Figura 25: Quadro de análise Silvana	194
Figura 26: Quadro de análise José Roberto.....	195
Figura 27: Quadro de análise Maria Aparecida	196
Figura 28: Quadro de análise Maria Angélica	197
Figura 29: Colheitadeira de cana na lavoura da Usina São Luiz.....	202
Figura 30: Recorte do Relatório de Educação do Estado de São Paulo de 1942	213
Figura 31: Ficha informativa do Grupo Escolar Orlando Quagliato	218
Figura 32: Escola Estadual Orlando Quagliato.....	222
Figura 33: Descrição de algumas características da Escola Orlando Quagliato do Plano Escolar de 1979	230
Figura 34: Logomarca da propaganda: Agro, a indústria da riqueza do Brasil.	236
Figura 35: Imagem de capa do Livro Jecatutuzinho, de Monteiro Lobato, 1924.	237
Figura 36: Imagem do Livro Jecatutuzinho, de Monteiro Lobato, 1924.....	238
Figura 37: Entrada da Colônia Santa Rosa, 2019.....	241
Figura 38: Drones na agricultura: benefícios para sua propriedade.....	246
Figura 39: Carta de cessão de direitos Floriano 1.....	248
Figura 40: Carta de cessão de direitos Floriano 2.....	249
Figura 41: Carta de cessão de direitos Anísia.....	250
Figura 42: Carta de cessão de direitos Norma	251
Figura 43: Carta de cessão de direitos José Roberto	252
Figura 44: Carta de cessão de direitos Maria Aparecida.....	253
Figura 45: Carta de cessão de direitos Silvana	254
Figura 46: Carta de cessão de direitos Maria Angélica	255

1. INTRODUÇÃO

Entre. Pode entrar. Fique à vontade. Entrar em um texto é como se afundar nas águas. Geralmente conseguimos submergir. Mas entrar por completo é uma experiência única e subjetiva. Vamos lá.

Boa tarde a todos. Com essa frase dita pela Professora Maria Edneia Martins¹, no primeiro dia que participei presencialmente da reunião do Ghoem², na UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho), Faculdade de Ciências, campus Bauru, Estado de São Paulo, começo a minha jornada. Delimitei esse tempo/espaço para começar esse trabalho. Otimamente assessorado e acompanhado por grandes professoras e professores que aparecerão em algum momento nesse texto, me vejo carregando textos e textos de autores que eram desconhecidos até aquele momento para mim. Vindo de um mestrado cujo estudo era voltado para as diversas áreas específicas da Matemática, Álgebra, Geometria, Análise, História da Matemática, dentre outras, pouco se falou da Educação Matemática e da História da Educação Matemática. O Ghoem me proporcionou esse encontro. Estudamos Matemática, Filosofia, Didáticas, Inclusões, História, Fronteiras, Espaços, Territórios, Olhares, Sociologias, Experiências, Hermenêuticas, Narrativas, Estranhamentos e outros temas que levariam páginas aqui, não menos importantes. Cabe ressaltar que fiquei assustado no primeiro encontro e sinceramente, fico assustado em todos.

¹ Professora do Departamento de Matemática e do Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência na Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus Bauru. Email: maria.edneia@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7820072666833532>.

² O Grupo “História Oral e Educação Matemática” – Ghoem – foi criado no ano de 2002, com o intuito de reunir pesquisadores em Educação Matemática com foco no uso da História Oral como recurso metodológico. Com o passar dos anos, o grupo se estruturou e outros temas e abordagens metodológicas surgiram, dentre estes: a formação de professores de Matemática, as narrativas, a História Oral, os manuais didáticos de instituições de vários níveis e modalidades de ensino nos quais atuam professores de Matemática e dos quais a Matemática faz parte, a História da Educação Matemática, a análise de livros antigos e contemporâneos – didáticos ou não, formação e conservação de acervos, etc. Atualmente, algumas linhas de pesquisa são abordadas: Mapeamento da Formação e Atuação de Professores que ensinam/ ensinaram Matemática no Brasil, Análise de Livros Didáticos – Hermenêutica de Profundidade, Escolas Reunidas, Escolas Isoladas: Educação e Educação Matemática em Grupos Escolares, História da Educação Matemática, História Oral e Educação Matemática, História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção, IC-GHOEM e Narrativas e ensino e aprendizagem de Matemática (Inclusiva). Todos os projetos desenvolvidos no grupo dialogam por terem como pano de fundo a exploração de possibilidades teórico-metodológicas para estudos sobre a cultura escolar e, em particular, sobre a Matemática e a Educação Matemática nessa cultura. Para saber mais acesse: <http://www2.fc.unesp.br/ghoem/>.

Assustado, surpreso e admirado. Esse é o Ghoem. Sem linearidades. Preciosos e importantes temas são pesquisados, debatidos e escritos pelos membros do grupo que se espalham por diversas regiões desse país, nas mais variadas linhas de pesquisa.

Com o passar do tempo, dos encontros, fui aos poucos me identificando com as pessoas, com os autores, com as leituras. Nas conversas com a Professora Maria Edneia, encontramos uma oportunidade de pesquisa num cenário comum a nós dois, de interesse mútuo, com potencial para pesquisa: essa oportunidade chamada Escola Estadual Orlando Quagliato é apresentada aqui, elogiada aqui, nesse trabalho.

Uma escola localizada no interior do Estado de São Paulo, entre as cidades de Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo, na fazenda Santa Maria, que faz parte de um aglomerado de fazendas pertencentes à Usina São Luiz, de propriedade da família Quagliato. Essa usina produz álcool, açúcar e insumos a partir da plantação de cana-de-açúcar. A escola está localizada dentro do complexo industrial da usina. É uma escola estadual dentro de uma fazenda particular. Na época, eu trabalhava como Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos-SP, cuja função era oferecer formação continuada aos professores da Rede Estadual de Educação de 12 cidades, em 33 escolas. Dentre essas escolas, estava a Orlando Quagliato. Nas visitas periódicas à escola, para a formação dos professores e acompanhamento didático, não tinha como não se admirar, não se incomodar. A escola, escondida dentro do complexo, muito bem organizada, em condições materiais ótimas, professores tranquilos, receptivos. Muitos deles com bastante tempo de magistério ali, o que me causava estranhamento, pois achava que, pelo fato de ser na zona rural, a escola seria sempre recusada por professores. Poucos alunos por sala o que, em teoria, seria fácil trabalhar, ministrar as aulas. Uma mistura de rural com urbano ali naquele momento. Isso a meu ver. Celulares nas mãos de muitos, internet na escola, pés descalços também faziam parte desse cenário. Muita humildade por parte de todos e muita gentileza. Sempre fomos muito bem recebidos por todos ali. A escola te abraça. E isso me incomodava. Já hostilizado em outros momentos por professores ou alunos, ou ainda, por funcionários, eu achava bom ficar ali, era diferente.

Figura 1: Escola Estadual Orlando Quagliato



Fonte: Arquivo do autor

Que escola era aquela? Que mãos regiam essa escola que a tornava diferente de outras escolas estaduais? Uma escola estadual em meio aos canaviais, como assim?

Havia muitas questões que me acompanhavam, mas que não eram explicitadas. Já aqui, evidencio a importância da Professora Orientadora. Em um encontro Nacional do Ghoem, na cidade de Bauru-SP, em conversas com a paciente Maria Edneia, chegamos a essa escola. A Professora é da região de Ourinhos e Santa Cruz, e conhecia a escola Orlando, e mais, uma de suas linhas de pesquisa, no momento, se dava na educação do campo, na escola da zona rural. Foram os ingredientes iniciais para que, juntos, começássemos esse trabalho. Aos poucos, os textos apresentados nas reuniões do grupo, os documentos encontrados tanto na Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos quanto na escola, me ajudaram no projeto inicial. Após o processo de entrada no doutorado, iniciamos as disciplinas e as pesquisas, essas, se evidenciaram após as disciplinas. Já nesse início também cabe falar da importância da participação em congressos, debates e reuniões técnicas. Ouvir pessoas qualificadas estranhas a você, falar do seu trabalho, do seu artigo, do seu fruto, não é fácil,

mas é fundamental. Temos contato com pessoas que leram outras coisas, que pesquisam outros temas, pessoas com experiências de vida e acadêmicas diferentes, estranhas ao grupo de pesquisa. Ouvir pessoas do seu grupo de pesquisa falar do seu trabalho, dar sugestões, opiniões, é menos dolorido, mas não menos importante. Chamo esses nobres profissionais de parceiros de tese. Os escritos deles, suas verbalizações, argumentos, histórias, depoimentos, subjetividades, também estão aqui, pois fui atingido por eles. Não há como não ser. Me formaram e me formam, já que o processo de formação não tem fim. Sempre é muito bom ouvi-los.

Essa pesquisa utiliza como metodologia a História Oral. Nos interessava saber aquilo que não consta em documentos, nos escritos. Precisávamos desses documentos, mas tínhamos a necessidade de problematizarmos outras questões que eles não nos contavam, que não cabiam neles, como, por exemplo, que escola era essa além da parte física ou do currículo proposto, como essa escola começou, o que era ensinado na prática, quem eram as pessoas que trabalharam e estudaram lá, quais movimentos ocorreram e ocorrem na escola, como essa escola sobrevive ali até os dias atuais etc.

Para essa pesquisa foram produzidas entrevistas com professores, alunos e outras pessoas que vivenciaram, de algum modo, a Escola Estadual Orlando Quagliato, instalada como Grupo Escolar na Usina de Cana de Açúcar e Álcool, no município de Ourinhos, no interior do estado de São Paulo, no final da década de 1960.

Nossa pesquisa se insere no âmbito da História da Educação Matemática, que temos entendido na esteira do que nos falam Garnica e Souza (2012):

A História da Educação Matemática visa compreender as alterações e permanências nas práticas relativas ao ensino e aprendizagem de Matemática; dedica-se a estudar como comunidades se organizavam no que diz respeito à necessidade de produzir, usar e compartilhar conhecimentos matemáticos e como, afinal de contas, as práticas do passado podem – se é que podem – nos ajudar a compreender, projetar, propor e avaliar práticas do presente (p. 20).

Nesse sentido, o que temos buscado em nossa pesquisa é problematizar um espaço escolar no qual professores de Matemática também atuam, mas sem nos perguntarmos diretamente sobre práticas de professores de Matemática, sobre

ensino e aprendizagem de Matemática ou sobre a formação de professores de Matemática que têm atuado nessa escola em tela ao longo de seus 50 anos. Talvez o que estamos praticando ocorra às margens³ da História da Educação Matemática, participando de sua configuração, sendo por ela demandada. Nossa questão de pesquisa toma um cenário mais amplo da escola, pois trazemos da margem ou para a margem da História da Educação Matemática um olhar para o que é uma escola (rural) ao longo de 50 anos, um olhar para o que a constitui, e que ao ser constituída narrativamente por pessoas que a vivenciaram, vai revelando como a Matemática, seu ensino e aprendizagem e a formação daqueles que a ensinam participam dessa constituição. Parece que olhamos a contrapelo: não olhamos diretamente para questões logo identificáveis como próprias da História da Educação Matemática e delas tratamos de constituir o que é uma escola; partimos da constituição do que é uma escola específica ao longo do tempo e a partir delas, por nosso olhar de pesquisador em História da Educação Matemática vamos percebendo essas questões mais específicas. Olhamos também para as questões que estão situadas no contorno externo imediato da Educação Matemática. Poderíamos dizer também, na periferia. Apresentamos, observamos e discutimos sobre os ocorridos ao redor, no espaço delimitado, se é que podemos delimitar, ocupado pela Educação Matemática. Tais nuances são levantadas considerando-se a construção e modificação de uma escola e de suas práticas no decorrer dos anos, as influências e práticas diretas e indiretas apontadas pelas leis educacionais federais, estaduais e municipais vigentes em cada período, que também influenciam no trato direto dos processos de aprendizagem e construção de conhecimento e práticas matemáticas, sejam formais ou informais, como aquelas ocorridas nos projetos interdisciplinares, nos momentos de intervalo, na caminhada para a escola. Os

³ Margens: chamada também de borda, de beirada, de extremidade, etc. Muitas discussões em nosso grupo de pesquisa e nos momentos de qualificação e de defesa desse trabalho discutimos o conceito de “margem”. Ao discutirmos sobre o que estamos praticando nesse trabalho está às margens da História da Educação Matemática, instigamos o leitor a pensar sobre o que é a Educação Matemática, a História da Educação Matemática, os temas abordados quando falamos em Educação Matemática, a Educação Matemática e as ferramentas matemáticas e a Educação Matemática e o Ensino de Matemática, inclusive, influenciado pelo território e pela cultura local localizada no espaço/tempo em questão. A Educação matemática na zona rural, longe dos grandes centros e dos temas abordados por muitos dos estudiosos. Concluímos que na margem há muita coisa e que aquilo que está na margem, também pertence ao conjunto ali abordado e dito isso, podemos falar do ocorrido nas margens, pois ainda estamos falando de dentro da História da Educação Matemática.

pés descalços e a caixa de lápis apontados também fazem parte da construção da Educação Matemática. Marginais e marginalidades.

1.1 Educação Matemática

O historiador conta uma história, narra; apenas não inventando os dados de suas histórias. Consultando arquivos, compila uma série de textos, leituras e imagens deixadas pelas gerações passadas, que, no entanto, são reescritos e revistos a partir dos problemas do presente e de novos pressupostos, o que termina transformando tais documentos em monumentos esculpidos pelo próprio historiador, ou seja, o dado não é dado, mas recriado pelo especialista em História.

(Durval Muniz Albuquerque Junior).

A busca por algo desconhecido, além de minhas fronteiras de pensamento me conduziu ao Grupo de História Oral e Educação Matemática (Ghoem), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), na Cidade de Bauru, São Paulo. Não estava claro para mim, naquele momento, o que eu buscava, essa era a minha inocência. O certo é que parei ali, em um ambiente estranho a mim, levando meus incômodos com o ambiente escolar em que eu vivia e com minhas concepções. Gentilmente fui aceito pelos professores e membros do grupo e ali permaneci.

Na época, final do ano de 2014, eu tinha muitos alunos, em um colégio particular com alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio, em uma faculdade particular nas turmas de Engenharia, Farmácia, Arquitetura e Administração e também era Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos, cuja função era oferecer formação continuada aos professores da Rede Estadual de Educação. Trazia comigo um público de aproximadamente 250 professores, 30 coordenadores, 30 diretores de escola e muitos, muitos alunos. Trabalhava ao mesmo tempo com a Matemática voltada aos adolescentes do Ensino Fundamental e Médio, com Matemáticas específicas aos cursos de graduação citados e com Matemáticas voltadas à formação continuada de professores.

Carregava comigo muitas questões, dentre as quais:

- Era a mesma Matemática que eu trabalhava ou precisava trabalhar, já que meu público era diferente?
- A relação professor-aluno se fazia diferente para cada ambiente? Essa relação difere no ensinar e no falar de Matemática?
- A diferença entre os sujeitos envolvidos no processo provoca um modo diferente de se pensar Matemática, ou isso não precisa ser levado em consideração?
- O ambiente conduz a intervenções subjetivas?

Começamos com essas questões, que ainda carrego comigo. Falaremos de escolhas e de rumos que são determinados pelo que entendemos, compreendemos e pensamos sobre determinado assunto, pauta, ciência. É a subjetividade na coletividade. Minha tentativa de compreender a Educação Matemática e os rumos do meu trabalho.

Talvez seja modismo, talvez formação ideológica. Pode ser tudo isso junto, inclusive. Temos a nobre ciência, escrita aqui com letra inicial maiúscula: a Matemática. É universal, uma linguagem dividida em várias outras: Álgebra, Geometria, Trigonometria, Aritmética etc. É formada por leis, teoremas, lemas, axiomas e corolários, apresenta ferramentas e instruções imutáveis, propostas de organização sistêmica que foram provadas e que são necessárias para a manutenção da nossa vida no planeta Terra e para nossa evolução em todos os campos do conhecimento. Discutiremos sobre isso aqui, apresentando o trato da Matemática e a relação desse trato em um ambiente escolar específico com variáveis locais. Chamamos esse movimento que envolve pessoas, discussões, territórios e Matemática de Educação Matemática. Apoiando-nos em algumas literaturas temos que para Fernandes (2014), em muitas vezes, essas investigações têm sustentado a ideia de que é possível, por meio de uma leitura cuidadosa das narrativas, a determinação de quem é o professor de Matemática, de como atua esse professor, da Matemática por ele ensinada, das práticas pedagógicas que adota nessa ou naquela condição de trabalho; de quem é o pesquisador em Educação Matemática, do que faz o Educador Matemático e, em última instância, do que é fazer Educação Matemática. Todo o cenário e condições existentes dentro e ao redor da sala de aula se faz extremamente importante para a prática docente do professor de Matemática. O fazer Educação Matemática está determinado pelo ambiente, pela sala de aula e suas

características, como número de alunos, disposição, escola pública ou particular, currículo vigente, metodologias, formação do professor etc. Também está determinado pelo território que está inserida. Levamos essa premissa como uma das razões em justificar nosso trabalho na História da Educação Matemática inserida no território do campo, na zona rural. Não consideramos as salas de aula da Escola Estadual Orlando Quagliato como de qualquer outra escola construída no território urbano. Não há como. No decorrer de nossas entrevistas fica clara a diferença dos alunos, da gestão, do ambiente em relação ao urbano. A regionalização se faz e se sobrepõe sobre o currículo em muitos casos. A esse tema ainda voltaremos.

Lá no início da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho – PR, na Licenciatura em Ciências Biológicas e depois na Licenciatura em Matemática eu não sabia bem o significado de se cursar uma licenciatura. Parecia ser tão fácil “dar aulas de Matemática”. Sequer dava atenção para variáveis que não as apresentadas nas lousas, livros e discursos. Não sabia a profundidade do mar de ideias e conturbações onde nos afogaríamos. A beleza da heterogeneidade humana nos faz crescer, produzir, discutir, concordar e sobreviver nesse ambiente de lutas chamado de escola, de pensamentos e filosofias, nos quais, de certo modo, impomos nossos alunos. Não é diferente na escola do campo. A escola também é formada por alunos, professores e gestores com pensamentos e ideias diferentes. Nos amparando nas ideias do Professor Antônio Miguel⁴, sobre quem tem atuado em Educação Matemática:

[...] professores de Matemática que não pesquisam suas práticas e que não veem com bons olhos os pesquisadores acadêmicos em Educação Matemática; pesquisadores acadêmicos em Matemática e em educação que participam da formação desses professores, mas que não gostam muito de fazer isso e, se pudessem, não o fariam; de matemáticos que não pesquisam nem Matemática e nem Educação, mas que formam, a gosto ou a contragosto, professores de Matemática; pesquisadores matemáticos que gostariam de fazer Educação Matemática, mas que se acham impedidos de fazer o que desejariam fazer; pedagogos e psicólogos, por alguns

⁴ Antônio Miguel: Professor e Pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação.

considerados matematicamente incultos, mas que realizam pesquisas em Educação Matemática; matemáticos conteudistas de última hora, moralizadores, arrogantes e inflexíveis, que se imaginam salvadores da pátria e legítimos proprietários e defensores do nível e do rigor da Educação Matemática da população; mas também por professores de Matemática, pesquisadores em Matemática, pesquisadores em Educação Matemática e outros profissionais que fazem e acreditam na Educação Matemática e tentam, de fato, levar a sério o que fazem. (MIGUEL *et al.*, 2004, p. 89).

Eu acredito na Educação Matemática. Penso nela como prática social, praticada para a emancipação das pessoas, para sua sobrevivência e para sua melhoria na qualidade de vida. Procuro configurar assim as minhas aulas, não apenas como um conjunto de normatizações antecedentes que regulamentam ações profissionais e de pesquisa, um conjunto de símbolos, caracteres e regras, mas um cenário de constante problematizações e de normatizações, que flutuam na superfície desse mar de ideias já citado, sempre em processo e que nunca finda, nunca termina. Um fazer que não se acaba apenas no último exercício proposto, ou na solução de um problema. Temos em nossas relações, tanto no campo determinado pela prática da sala de aula, quanto no campo da pesquisa, situações insaciáveis. Compreender esse inalcançável fim faz parte da nossa concepção e dos recortes por nós apresentados nesse texto.

1.2 História Oral

Para a construção de nossa tese, de nossa malha composta por fragmentos diversificados fazemos uso da História Oral. O contato com essa metodologia aconteceu já no primeiro dia de participação das reuniões no Ghoem, cheio de estranhezas para mim, que esperava, ingenuamente, encontrar em um grupo com professores de Matemática, falar de Matemática, de exercícios, de teorias matemáticas. Vemos que, até esse momento, a Educação Matemática era, para mim, somente a prática da Matemática em sala de aula, o entendimento e discussão de teorias sem a necessidade dessas teorias se relacionarem com as variáveis territoriais e subjetivas. A História Oral vem ao meu encontro me

oferecer, através dos textos e dos diálogos verbais, oportunidades de romper as minhas barreiras, construídas através de minha trajetória. Cabe aqui apresentar ao leitor os nobres Professores que fizeram parte desse início e hoje, sem dúvida, são responsáveis pelas certezas e caraminholas que carrego junto a mim. São eles: Maria Edneia Martins, Vicente Marafioti Garnica, Ivete Baraldi, Filipe Santos Fernandes, Maria Eliza Furquim Pereira Nakamura, Estela Aparecida Fernandes Soares, Katia Fernandes, Karina Aparecida da Silva, Paula Cristina Constantino Santos, Leticia Nogueira Gomes, Leandro Josué de Souza, Danilo Pires de Azevedo, Antônio Miguel, Maria Laura Magalhães Gomes, e muitos outros que, como eu, eram abastecidos semanalmente de inquietudes. Entender o alcance da História Oral como metodologia, auxiliados por essas ideias torna-se fundamental:

Nossas práticas de pesquisa com História Oral têm implicado a criação de uma História Oral em Educação Matemática, que se diferencia da História Oral praticada em outras áreas, não significa defendermos a necessidade de criar metodologias específicas de modo a compartimentar áreas ou defender a Educação Matemática como campo autônomo de pesquisa frente a outros campos. A História Oral em Educação Matemática tem elementos distintivos dada a própria natureza dos objetos com os quais trabalhamos. Se esse fator distintivo frente à História Oral se tornou possível é exatamente por termos nos pautado não na defesa por uma singularidade do campo, mas por privilegiarmos interlocuções com as mais diversas áreas, aproveitando delas os elementos que pareceram adequados para serem aproveitados (GARNICA; FERNANDES; SILVA, 2011, p. 239).

Como para nós a subjetividade se torna importante para que possamos compreender determinados cenários e territórios, temos na História Oral uma metodologia para criar fontes, interagir com elas e estudá-las, permitindo que essa subjetividade transite pelos domínios da Ciência. Juntamente à Hermenêutica de Profundidade, a História Oral permeia o Grupo de História Oral e Educação Matemática - Ghoem, que se apropria da História Oral enquanto método de pesquisa qualitativo. Essa foi nossa opção para esse trabalho. Nas leituras dos textos base para nossa construção algumas indagações foram surgindo: que entrevistas poderíamos realizar fazendo uso da História Oral? Quais as potencialidades e fragilidades poderiam ocorrer? Que contribuições essa metodologia oferece? Posso mesmo fazer uso da História Oral na

Educação Matemática? Subjetividades se enquadram aqui? Os depoimentos apresentados pelos entrevistados podem ser tratados sem que ocorra julgamentos? Qual o poder dessa metodologia: um motosserra para cortar gravetos ou uma faca para cortar árvores⁵? Para nós, do Ghoem, temos que metodologia é algo dinâmico, que se refaz em seu próprio construir, um conjunto de procedimentos que nos permita nos aproximarmos, nos apropriarmos e compreendermos algo, verificarmos possibilidades e potencialidades, investigar nuances carregadas pelas subjetividades.

As fontes historiográficas criadas com a História Oral são disparadas pela oralidade e começam a ser constituídas em momentos de entrevista, e, ainda que a própria gravação possa ser vista como uma fonte, em nossas práticas de pesquisa temos optado por ter como suporte para nossas análises o texto escrito que chamamos textualização, gerado – numa série de movimentos de registro – a partir da oralidade captada. A disponibilização das fontes e recursos (gravações e esboços escritos) é estabelecida pelo depoente (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 234-235).

Cada registro realizado nos permite compreensões distintas. São coisas distintas umas das outras, acerca de algo determinado. São sujeitas a instrumentos de análise distintos também. A oralidade, a narrativa, é nosso ponto de partida para a compreensão. A escrita, nosso ponto de partida para a análise formal. Para Silva (2019, p. 38), as fontes orais contam-nos não apenas o que o nosso colaborador fez, mas as suas intenções naquele momento, o que acreditava estar fazendo, assim como o que agora pensa que fez. O silêncio, o que as pessoas se lembram ou daquilo que se esquecem, são elementos que compõem a História por si só. De acordo com Martins (2012, p. 57), elas não são testemunhos no sentido daquilo que se viu ou presenciou (do fato “tal como aconteceu”), mas um registro daquilo que se percebe, no presente, de algo que se vivenciou. Diante disso, é necessário aceitar teoricamente que um fato é aquilo que dele percebe-se, no presente, no momento em que a narrativa se encontra com a escrita.

⁵ Essa frase foi dita pelo Professor Wagner Rodrigues Valente no XXI EBRAPEM, que foi realizado na cidade de Pelotas – RS, durante a minha apresentação do artigo: Uma História da escola Orlando Quagliato: um olhar para a educação rural paulista dos últimos 50 anos, disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/xxiebrapem/anais-xxi-ebrapem-2/>.

Foi apenas quando a narração cruzou com a escrita que a literatura nasceu. Antes, o relato de histórias existia em culturas orais, com diferentes regras e objetivos. Mas, depois que a narração se ligou à escrita, a literatura despontou como uma força nova. Tudo o que se seguiu, toda a história da literatura, começou com esse momento de intersecção, o que significa que, para conta uma história da literatura, eu teria que tratar tanto da narrativa quanto da evolução das tecnologias criativas, como o alfabeto, o papel, o livro e a impressão (PUCHNER, 2019, p. 14).

Através da junção da oralidade com a escrita constituímos o cenário que, por mais idealizado que fosse, mesmo que supostamente, as entrevistas foram, aos poucos apresentando os tons que coloriram essa tela em branco:

Já era o ano de 2000. Me formei e logo me efetivei em Matemática. Fui dar aulas em Espírito Santo do Turvo, SP, e lá eu fiquei só um ano, não me adaptei com a escola⁶, muito difícil de trabalhar, inclusive, eu tive que ir ao médico, e ele falou: “Se a senhora quiser viver bem a senhora vai ter que sair de dessa escola, porque lá não é o seu perfil de dar aula”. Eram coisas assim que eu nunca tinha me deparado, porque como eu tinha trabalhado muitos anos na E.E. Leônidas do Amaral, em Santa Cruz do Rio Pardo, SP, no Ensino Médio, o trabalho era diferente. Ali em Espírito Santo eu comecei dando aulas para sexta série, quinta série⁷, crianças que tinham problemas em casa e lá no Leônidas eu não trabalhava com isso, era outro tipo de trabalho que eu não interferia na família da criança. Um dia uma criança chegou em mim e falou: “Eu encontrei minha mãe enforcada”. Aquilo me abalou muito, eu tinha que sair de lá. Logo a minha transferência chegou e eu fui removida para a Escola Estadual Orlando Quagliato [...] eu comecei a trabalhar lá, e parecia que eu estava no céu, umas crianças que tinham medo de tudo, ousados, mas que tinham medo de alguma coisa, e eram respeitosos, a partir do momento que você não mostrasse os dentes pra eles, porque tem ali passagens de professores que sofreram ali assim que não queriam nem escutar falar do Orlando Quagliato, então isso vai de professor pra professor, de como ele lida com as crianças, e o Professor de Matemática geralmente é um pouco mais carrancudo, ele é um pouco mais bravo, porque a gente tem que ter uma certa organização para que eles aprendam, se não eles não aprendem, você tem que ser rígido com eles (Maria Aparecida Trukes Coelho, depoente).

Cada entrevistado nos apresenta subjetividades dentro de uma coletividade determinada pelo território específico e pela interação dos agentes com o espaço escolar, com o sistema educacional, com as regras e limites oferecidos pela Usina São Luiz. Martins (2007), chama atenção para as três possibilidades de

⁶ Escola Estadual Professora Terezinha Mariano Magnani.

⁷ A antiga quinta série refere-se atualmente ao sexto ano do Ensino Fundamental.

constituição da HO: “i) narrativa da história de uma única vida; ii) coletânea de narrativas; e iii) análise cruzada (evidência oral tratada como fonte de informação a partir da qual se organiza um texto expositivo)” (p. 22-23). Utilizamos as histórias narradas pelos nossos depoentes através das entrevistas para a criação dessa nossa história. Essas histórias carregadas de significações são elaboradas pelos depoentes a partir do que lhes é possível, singularmente, no tempo presente. Conforme Garnica e Rolkouski (2014, p. 94) apontam, quando narramos, atravessados por nossas possibilidades singulares e significações, “explicamos nossas próprias ações e os eventos humanos que aconteceram à nossa volta, criamos mundos. Esses mundos estão aprisionados nas formas de narrativa que a cultura em particular nos oferece”. Assim como esse nosso trabalho, cada narrativa, em particular, está carregada de intencionalidades repletas de construções culturais, do tempo/ espaço, das experiências do depoente, do pesquisador, do narrador. Todas as intenções construídas de acordo com o tempo presente, amparadas nos acontecimentos ou experiências vividas por ambos.

1.3 Virgínia e Orlando

Falar de si ao tentar falar de outras coisas. Talvez a escrita seja assim. Sempre que falo de algo, estou falando de mim.

Tive contato com o livro Orlando⁸, de Virginia Woolf⁹, em uma das reuniões do grupo de estudos Ghoem. Em uma discussão inicial sobre o projeto de pesquisa que eu estava tentando construir, o Professor Vicente Garnica sugeriu-me a leitura desse livro, e mais, que buscasse sentir e descobrir ali caminhos a serem usados por mim nesse trabalho. Lá fui. Num tempo de 8 meses,

⁸ Orlando: um romance histórico de Virginia Woolf publicado em 11 de outubro de 1928. O romance semi-biográfico é baseado em parte na vida da amante de Woolf, Vita Sackville-West. Esse livro tem sido influente estilisticamente, e é considerado importante na literatura em geral, particularmente na história da escrita das mulheres e estudos de gênero. Orlando é um rapaz que nasce na Inglaterra da Idade Moderna e, durante uma passagem pela Turquia, simplesmente acorda mulher. A personagem é dotada de imortalidade e o livro acompanha Orlando em mais de 300 anos de história nos seus 30 e poucos anos de vida.

⁹ Adeline Virginia Woolf, nascida em 25 de janeiro de 1882, foi uma escritora, ensaísta e editora britânica, conhecida como uma das mais proeminentes figuras do modernismo.

aproximadamente, consegui vencer Virginia, vencer Orlando. Não farei aqui um resumo ou uma síntese desse, apenas alguns recortes e sua influência nesse trabalho.

O próprio tempo – o material que tanto os biógrafos quanto os historiadores têm de enfrentar – é muito mais misterioso do que gostaríamos de reconhecer. O tempo é aquilo que experimentamos ou o que nos dizem que experimentamos? Em outras palavras, vivemos principalmente sob o comando de relógios internos e pessoais, ou somos de fato governados por uma cronologia abstrata e culturalmente imposta? (WOOLF, 2014, p. 31).

Sandra M. Gilbert nos apresenta, na introdução de Orlando, da edição impressa em 2014, página 31, o trato e o questionamento que Virginia Woolf tinha sobre o tempo, afinal, o personagem Orlando vive pouco mais de 30 anos em aproximadamente 300 anos. A transcendência realizada pela autora confunde, no decorrer da leitura, uma mente formatada pelo tempo cronológico. Como assim, 30 anos em 300? Esse personagem passa por diversos territórios, e, nessa caminhada, cenários, eventos, pessoas, costumes e usos relevantes a determinadas épocas aparecem, sendo isso uma das estratégias traçadas nesse escrito de Virgínia. Em relação a esse trabalho que estamos confeccionando, por acaso, temos o nosso Orlando, que, apesar de ser único, não deixa de ser vários. Uma das nossas estratégias aqui, é procurar o Orlando dos anos 1960, 1970, 1980, até o atual. Um Orlando que se constitui da junção de vários, várias personas que nos narraram nuances da educação rural paulista, nessa época.

Mas o tempo, infelizmente, embora faça com que os animais e os vegetais vicejem e se estiolem com incrível pontualidade, não exerce efeito tão simples sobre a mente humana. A mente do homem, ademais, afeta de forma igualmente estranha o corpo do tempo. Uma hora, depois de instalada no estranho universo do espírito humano, pode alongar por cinquenta ou cem vezes sua duração no relógio; por outro lado, uma hora pode ser representada perfeitamente por um segundo no relógio mental. Essa singular discrepância entre o tempo do relógio e o tempo da mente é menos conhecida do que se deveria ser e merece uma investigação adicional. (WOOLF, 2014, p. 112).

De repente, Orlando é Vita. Virginia cria uma personagem que sofre uma transmutação sexual (um homem que aos trinta anos vira biologicamente uma mulher). Nessa viagem chamada Orlando, Virginia discute, dentre outras coisas, questões de gênero no início do século XX. Escolhido alguns “eus” independente

de gênero, ela traça a história de Orlando. Essa relação entre as personas apresentadas por ela nos levou a desconstruir a ideia de uma escola ser apenas um amontoado organizado de matéria sólida, um prédio de alvenaria. Não que essa não seja, mas não é só. Nessa oportunidade passamos a enxergar a escola como um prédio de alvenaria, um local de assistência, um espaço utilizado pelos governos para disseminação do conhecimento científico acumulado pela humanidade através dos tempos, um local de emancipação, de cultura, uma praça de relações interpessoais, de acolhimento, de luta, de submissão. Orlando não é apenas isso, é claro. Estes são alguns dos recortes de uma escola que conseguimos alinhar com os fios cedidos pela memória dos nossos depoentes e pelo estudo de alguns documentos. E para cada depoente, cada olhar, para cada época, ano, mês, dia, Orlando se transmuta, se faz diferente, se elogia.

1.4 Elogio de Orlando

E a arte de apresentar não é apenas a arte de tomar algo conhecido; é a arte de fazer algo existir, a arte de dar autoridade a um pensamento, um número, uma letra, um gesto, um movimento ou uma ação e, neste sentido, ela traz este algo para a vida.

(Jan Masschelein & Maarten Simons).

Elogio. Com significados em grego e latim, a palavra elogio, utilizada em nosso cotidiano, vem no sentido de dizer bem de alguém ou algo, enaltecer, vangloriar. Vamos fazer um elogio a alguém ou a algo. Mas elogio não é apenas isso. Originado como um ditado curto, uma inscrição, elogio era o nome das pequenas frases ou epitáfios, escritas nas tumbas daqueles que se foram. Não tinha a obrigação apenas de favorecer, mas sim, de dizer. Elogiar no sentido de apresentar, de dizer o que é. Ao elogiarmos a Escola Estadual Orlando Quagliato, não temos o compromisso em enaltecer essa escola, em discutir suas vitórias, suas glórias. Queremos falar da escola. Apresentar recortes que formam uma superfície passível de observação e análise. Esse é nosso serviço e assim, construímos essa tese.

No começo de nossa pesquisa, sabíamos o que queríamos fazer, mas não tínhamos a clareza. O tempo, as leituras, a pesquisa e as conversas e orientações foram delineando o caminho a ser percorrido. A experiência, no sentido de experimentar o trabalho, nos conduziu. Nesse caminho percorrido, Jorge Larrosa, através do livro *Elogio da Escola*, da Editora Autêntica, veio elucidar alguns elementos sobre os quais eu queria escrever e não sabia como. E tudo partiu de uma pergunta que o texto, o cenário, a situação e o momento me faziam, mas que eu não conseguia ouvir, ver, até que o Professor Vicente Garnica me fez uma pergunta em uma reunião do Ghoem: “O que é escola para você?” Auxiliado pela Professora Maria Edneia, que me concedeu o acesso a esse livro, tento aqui esclarecer o que é escola para mim e como apresento a escola nesse trabalho.

Um amontoado organizado de matéria, de materiais específicos para cada finalidade, finalidades tais elencadas por sociedades formadas pelos seres humanos que se revezam na habitação do planeta Terra. Para cada cultura, um modelo de escola, um modelo de construção. Fisicamente, materialmente, uma escola do campo, rural, é acessada em nossa memória como aquela escola construída basicamente de madeira, ou taipa, barro, bambu e caules. Banheiros quase sempre fora desse prédio, o que chamam vulgarmente de “casinha, latrina”. Os únicos agentes organizadores presentes quase sempre são as professoras ou professores. Lembrando também não ser necessariamente um agente do estado, cumpridor de um regime educacional. Pode ser a filha, ou filho de algum fazendeiro, ou colono, ou ainda uma senhora dedicada a promover a alfabetização dos moradores da região. Pode ser. Pode ser também, puxando as memórias, uma escola urbana, dos bairros, construída de alvenaria, sempre em reformas, projetos que não se acabam devido à volatilidade dos personagens que em algum momento frequentaram esse ambiente específico, ou ainda, devido às leis e governantes que regem o sistema ao qual essa escola é submetida. Os agentes externos e internos, através das demandas apresentadas por eles, influenciam as características apresentadas nessas escolas. Pode ser também a escola que serve como modelo para esses governantes, geralmente localizada na região central de uma cidade, sempre muito bem conservada, grama aparada, pintura em dia, público elitizado, construção imponente, majestosa. Professores supostamente bem sucedidos

em suas carreiras. A escola do *outdoor*. A escola das entrevistas para os canais de comunicação. A famosa, para a sociedade. Fugindo aos sistemas governamentais temos as escolas particulares, prédios impecáveis, geralmente chamativos, dotadas de uma organização ímpar, um luxo para alguns que podem ter acesso a elas. Pensam assim. Pessoas selecionadas, de uma elite distante do povo, os grupos dessa “elite” ainda se reagrupam entre si de acordo com suas necessidades. O oferecimento de um bônus educacional sempre é enfatizado como o diferencial dessa escola. Pode ser a prática de um outro idioma, cursos específicos com materiais tecnológicos específicos, preparações mercadológicas extremas para que o cidadão em formação sobreviva e seja bem-sucedido socialmente. Sempre há uma promessa e a busca por cumpri-la. Mas, se a mensalidade não for paga, ou se você não se encaixar no “padrão” daquele determinado grupo social, dificilmente fará parte do grupo de formandos. Fico aqui sem falar das faculdades e universidades. Os modelos apresentados são apenas alguns tipos que me aparecem, existem muitos outros. São alguns exemplos. Transpondo essa parte inicial, em todos eles, existem as perversidades escolares, um termo muito usado no dia a dia escolar. Todas têm. Todos passamos pelas perversidades. Seja nesse ou naquele modelo, em algum momento somos submetidos a interferências externas que não nos satisfazem, mas que são impostas pelos sistemas, pelos meios, pelas pessoas. Pensar em uma escola que agrade a todos em suas necessidades requer uma complexidade de agentes e fatores muito grandes. É praticamente impossível. A escola sempre trará algo que incomode, senão, talvez não fosse escola. Mas afinal, o que é escola senão esse amontoado de matéria e perversidades?

Escola. Com significados tanto no grego, quando no latim, a palavra escola vem de *schola*, *scholé*, que remete à ideia de lazer, tempo livre, entretenimentos, recreações e interesses. Os gregos relacionavam a ideia de aprender com entretenimento e interesse individual, excluía-se a ideia de trabalho, de produção. Uma escola para poucos, diferente de hoje. A escola hoje é obrigatória por lei, no Brasil, nos primeiros ciclos, para todo cidadão. Conforme os avanços cíclicos ocorrem, a escola deixa de ser obrigatória e deixa de abraçar a todos. Terminar o Ensino Médio e cursar uma faculdade, não é, infelizmente, uma oportunidade para todos os brasileiros. As perversidades, como o ENEM (Exame

Nacional do Ensino Médio), nos mostram com clareza as diferenças entre classes.

A escola pode ser vista em sua forma socialista, humanista, igualitária, ou ainda, em forma de regime obrigatório, em forma de corretivo social, em forma subversiva, em forma de quartel. A escola tem muitos olhares. É vista e sentida em dupla mão, ou melhor, em várias mãos. Esse formato escolar ao qual somos submetidos traz alguém (cidadão) para uma posição de capacidade, de possibilidades e transforma esse cidadão em um aluno, aprendiz, estudante e apresenta, oferece o mundo a esse indivíduo, mundo esse pautado em regras e contratos sociais.

Um aparelho social do Estado, seja na esfera municipal, estadual ou federal. Sujeita a todos os tipos de táticas e estratégias, nem sempre efetivas, para neutralizar, recuperar, instrumentalizar ou domesticar o cidadão. A escola pode, às vezes, não ser escolar. É muito forte por parte de uma fatia social a ideia de escola empresa, na qual todos devem funcionar padronizados de acordo com determinadas regras e padrões, eliminando a subjetividade, o livre arbítrio, as dificuldades e facilidades de cada indivíduo. Talvez, de fato, toda escola seja assim, com raras exceções. Outra corrente muito forte da atualidade é a intenção, por parte de alguns governantes e educadores, de implantar a qualquer custo o uso das TICs, Tecnologia da Informação e Comunicação, aprendizagem digital, em todos os momentos escolares, inclusive na educação básica. Dizem que em breve a escola, tal como conhecemos, desaparecerá. Perversidades.

Mas escola também é um local social visto por muitos, talvez a maioria, como local de padronização no jeito certo de se vestir, de se comportar, de comer. Um local para se evidenciar, de se tornar público. Uma chance de ser notado socialmente, de ser valorizado. O clube. Um mundo que vai além das estruturas físicas. Muito mais que sentimentos e subversões. Uma mistura de todos os valores que carregamos conosco, junto dos valores coletivos, incluindo sua posição social e seu aspecto físico. Para muitos, um lugar cruel, cheio de traumas, comparações, crucificações e injustiças. Perversidades.

Há vários modos de olhar a escola e de pensar a escola. Uma maneira de lidar com a vida em comunidade, uma democracia, um modo de lidar com o mundo. Um local para aprimorar as novas gerações, de acumular e desenvolver conhecimentos científicos e culturais. Um arranjo de tempo, espaço e matéria,

com linguagens próprias, diretamente relacionadas ao cotidiano, mas que não conseguem ser interpretadas por todos. Um mundo complexo com simbologias próprias e codificações dignas dos maiores enigmas já construídos e encontrados pela humanidade. Um modo específico de viver, diferente do seio familiar. Há várias versões e olhares para a escola.

Também existe, por um determinado grupo de pessoas, a reprovação da escola, da educação. Refutam a ideia de escola como trabalho, negam a pesquisa escolar, a pesquisa em educação, a filosofia escolar. Reproduzem e acusam que o ensino não é um verdadeiro trabalho, que a escola vive às margens da sociedade, que não é necessária. Para eles, a escola não é séria.

Nesses 50 anos de Escola Orlando apresentados pelos depoentes, documentos e fotos, encontramos muitos desses sentimentos, apontamentos e ideias. O amontoado organizado de matéria, pelo homem, nesse tempo e naquele espaço, junto às ocorrências, encontros, confrontos, choques, ideias, sentimentos, padronizações, legalidades, submissões e rebeldias forma Orlando, molda Orlando. É disso que falamos aqui nesse trabalho. O nosso trabalho é apresentar ao leitor essas nuances e constituir essa escola a partir dessas narrativas. É claro que outras versões de Orlando podem existir, assim como algumas versões do Orlando de Virginia se fez. Estamos constituindo a nossa, elogiando a nossa Orlando.

2. A ORLANDO DE REINALDO

Entre mãos fortes, mãos fortes para a lavoura, mãos fortes para os negócios, mãos fortes para a política. A Escola vivia entre mãos. Mãos cheias de giz, de afeto, de rigor, de silêncio, de inocência. Mãos cheias de caridade, mãos cheias de simplicidade. Cheia de costumes variados pela junção de culturas das várias regiões do Brasil. Mãos cheias de intenções. Entre essas mãos, Orlando sempre respirou.

Olá. Aqui começa um texto que apresenta uma certa Orlando, ou melhor, várias Orlandos. Neste relato, constituo a minha Orlando. Orlando de Reinaldo. Nos escritos a seguir conto para mim mesmo e para o leitor, as experiências e

vivências aqui lembradas e evidenciadas no dia a dia da pesquisa, do pesquisador. É o Reinaldo do tempo da tese, do trânsito da tese, que a todo tempo se transforma. A ideia do exercício é explicitar, de maneira simples, algumas etapas do nosso trabalho, relacionadas à prática do campo de pesquisa, a vida no lócus no momento determinado, no território por onde minha ideia inicial me levou e por onde fui levado a partir dos ocorridos no decorrer dessa trajetória textual, subjetiva e de vida.

Queremos apresentar essa escola, elogiá-la. Em nosso trabalho, observamos alguns detalhes, pontos, linhas, ideias e estruturas que servirão para realizarmos essa apresentação. São eles:

- Quem é o aluno da escola Orlando?
- Quais as relações da Secretaria de Educação com a escola Orlando?
- Como eram/são os professores que passaram/passam por ali, por aquela escola?
- Qual a influência dos usineiros nessa escola?

Ao traçarmos, alinhavarmos, construirmos, moldarmos, enfim, escrevermos uma história, decidimos qual o caminho a seguir, a partir dos que nos foi apresentado pelos depoentes. Seguimos adiante.

Devemos entender que o desenrolar de uma história não começa assim, do nada. A caminhada do autor/ escritor, ao longo de sua vida e principalmente, de seu tempo em contato com a ideia e o cenário moldam, aparam o narrado. Nesse caso, em especial, a demanda dessa história surgiu da troca de ideias entre mim e a Professora Edneia, como já dito. As questões eram voltadas inicialmente para as relações entre os empresários da usina e os seus funcionários, os colonos que tinham os filhos na escola, sobre como eram os alunos da Escola Orlando, e suas relações com a escola. Qual era o tipo de conteúdo trabalhado naquele local, como os professores trabalhavam a Matemática e as outras disciplinas ali. Queríamos saber as condições que existiam naquela escola. Quem eram aqueles professores, como faziam para chegar até aquele local. Na época, como eu era Professor Coordenador de Matemática da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos, tinha como uma das tarefas visitar as escolas estaduais da região e trabalhar com formação continuada com os professores. Algumas vezes visitei a Escola Orlando Quagliato e seus professores. Sempre notei que eles gostavam muito da escola, mas em momento algum observei um

trabalho localizado, voltado para os alunos da zona rural. Era aplicado o mesmo currículo, o mesmo tipo de conteúdo, com os mesmos materiais que eram fornecidos para qualquer escola da zona urbana. Poderemos notar isso nas entrevistas das professoras Maria Angélica, Maria Aparecida e Silvana. Nunca notei, nos anos que por lá passei, de 2014 a 2017, a escola com muita gente. Para quem chega a primeira vez, é uma escola de alvenaria, muito bem construída e bem conservada, turmas pequenas, poucos funcionários, nenhuma algazarra, uma quadra desportiva coberta, o jardim central com a grama bem cortada e plantas ornamentais. Uma escola que caberia em qualquer bairro da zona urbana. Essa era, para mim, a Escola Estadual Orlando Quagliato.

Iniciando os trabalhos, com algumas hipóteses saímos a campo e em busca de informações sobre a escola. A primeira coisa feita foi verificar na Diretoria de Ensino quais documentos havia sobre a criação dessa escola. Achemos um documento publicado em 1973, apresentado nos próximos capítulos, que nos mostra o ano, os decretos, o tipo de escola. A Escola Orlando veio para substituir o Grupo Escolar da Usina São Luiz, no qual a Professora Norma, uma de nossas depoentes trabalhou, e sobre essa escola ela nos disse algumas coisas. Mesmo se chamando Grupo Escolar da Usina São Luiz, essa escola tinha características de uma escola isolada. Era uma escola de madeira, onde alunos de vários anos do Ensino Fundamental I estudavam juntos. O banheiro era de fossa asséptica, a professora fazia a refeição dos alunos, era responsável pela limpeza do prédio, não havia tempo demarcado para cada conteúdo específico. A decisão era dela. Como veremos em seu depoimento, ela acompanhou a construção e a mudança para a nova escola, o Grupo Escolar Orlando Quagliato. A pergunta que carregamos aqui e responderemos adiante é: havia dois grupos escolares na zona rural, dentro de uma usina de cana de açúcar?

2.1 Anotações Imediatas

Essas anotações foram *insights*, intuições, que me ocorreram no caminhar, ideias que mexeram comigo em determinado momento e foram anotadas assim, sequencialmente, sem um padrão determinado ou preestabelecido. Foram realizadas no bloco de anotações do meu querido celular, ferramenta de tese. Elas não obedecem a uma ordem cronológica ou um raciocínio linear e programado e tem como objetivo mostrar que a tese, a partir de sua fecundação, não abandona mais a mente do construtor. É um constante pensar, às vezes menos, às vezes mais, um redemoinho de ideias, hipóteses, estratégias e sugestões que aparecem direta ou indiretamente nesse texto.

Sujeito... Quem é? História e Matemática sem sujeito? Ingredientes subjetivos justificam meu trabalho... O recesso construído junto com a pesquisa... Metodologia em movimento... Tem que ocorrer uma violência no pensar e no pensamento... O que ocorre na calma? Viveiro de Castro e as questões de pesquisa. Quem é Orlando? Na entrevista da Silvana... Nome sugerido... Despretensões pretenciosas... Escrever sobre o Enaphem e sobre os outros eventos onde foi apresentado o projeto... Capítulo seu Caetano, capítulo e tal., et Al, Eita, etc, and All... o que é análise rizomática? Tudo bom 🤔.. Análise narrativa como? Ente antropofágico... Convergências e singularidades na análise... Escrever sobre o movimento de zig zag... De onde eu tirei isso? 🤔 será que é necessário perguntar sobre as dimensões políticas para os depoentes? Tema rural? Depoentes de 89 ... depoentes de 77... Fazer um capítulo como se forma uma história... Relatar como se deu o início dos trabalhos... Nos tempos em que cada um cuida do seu umbigo, onde fica a escola rural? Capítulo inicial sobre minhas considerações, angústias, derrotas e vitórias... Contar a história mesmo. Apresentar as ansiedades de uma tese aos leitores... Ser honesto comigo mesmo.... como a profundidade de um material pode estar mais em quem o vê do que no que é visto..... Que Deus abençoe vocês. Começar a tese assim... e... Dificuldade inicial para encontrar o posicionamento da tese... Em que campo ela está inserida... A cada evento

uma nova discussão, uma nova posição, um novo olhar, um novo par de óculos. Só. Os seres emocionais.

2.2 Caminhos da tese: e tal, et al., eta, etc, and all...

Os choques nos movem, nos incomodam, nos modificam. Dentre os vários que tive no decorrer deste escrito, foi o uso, excessivo, do termo e tal, no final das frases, nunca percebido por mim, mas escancarado pela Professora Maria Edneia, sempre atenta aos nossos discursos. Por que utilizar determinada expressão em todo momento? Eu não tinha noção disso. Nunca havia reparado. Nunca alguém me falou sobre isso. Fui buscar raízes e situações, mas nada achei. Acredito ser um vício de linguagem muito forte, e que aos poucos, percebendo que usava mesmo, para muitas situações, resolvi bani-lo do meu linguajar. Eu acho. Após esses incômodos, fui procurar alguns textos que me falassem sobre esse “e tal” e seus parecidos, et Al, etc, and all.

Et al.: também vem do latim, significa "e outros", e é uma forma abreviada de "et alii" (masculino), et aliae (feminino) ou et alia (neutro). É mencionada pela NBR 6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) que trata das referências bibliográficas para trabalhos acadêmicos.

Ao fazer referências a obras — tanto ao longo do texto quanto nas referências finais — com mais de três autores, deve-se indicar apenas o nome do primeiro, seguido da expressão et al.

E tal: de acordo com o wikcionário, https://pt.wiktionary.org/wiki/e_tal, E tal, assim como casualista e potencialmente o que mais possa-se haver correlacionante possível que a priori não se é capaz de prever e por decorrência descrever relativamente a um contexto ou ainda que não se faz questão de expressar.

Etc: De acordo com a Wikipédia, a enciclopédia livre, https://pt.wikipedia.org/wiki/Et_cetera, Et cetera, de forma reduzida etc., é a expressão de origem latina que significa "e os restantes" ou "e outras coisas mais". É normalmente utilizada no fim de uma frase para representar a continuação lógica de uma série ou enumeração.

And all: do inglês, e tudo.

Eita: uma interjeição. Expressão que indica admiração, espanto, surpresa; pode ser utilizada também como eta. “Eta mundo bão.” Regionalidades.

As expressões pós frases significavam muitas coisas que eu tinha para dizer, mas por algum motivo não dizia. Talvez não soubesse o que dizer, não conhecia, não imaginava. Tento aqui dizê-las na ordem por mim escolhida, na tentativa de apresentar claramente os meus estudos e escritos nessa história.

3. EPISÓDIOS: ANOTAÇÕES E PRÁTICAS DAS ABORDAGENS INICIAIS NO CAMPO DE PESQUISA EM BUSCA DOS DEPOENTES

Entre outras coisas ...

Na terceira parte desse trabalho, que dividi em textos chamados episódios, busco apresentar o dia a dia da tese no campo de pesquisa, partindo dos primeiros contatos com as pessoas que trabalham/estudam na Usina São Luiz ou na Escola Estadual Orlando Quagliato. O intuito é apresentar aqui o caminho para o encontro com os depoentes, os sucessos, as frustrações e as dificuldades que surgiram nessa etapa deste trabalho.

Temos nossa primeira abordagem, que, para dar o tom inicial, teve o toque da frustração momentânea. Estava tudo correndo muito bem, o possível depoente foi muito receptivo, muito solícito, mas de repente desistiu de nos conceder a entrevista. Sabe-se lá o motivo do ocorrido, pode ser político, já que vivemos em tempos nos quais a universidade e os pesquisadores deixaram de ser bem-vistos por uma parcela social, pode ser por falta de tempo, pode ser por desinteresse ou por outro motivo desconhecido. A entrevista que tinha tudo para acontecer, não ocorreu.

3.1 Episódio: Frustrações

No dia 24 de agosto de 2018, sexta-feira, me desloquei à Usina São Luiz (USL), localizada na fazenda Santa Maria, entre as Cidades Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo, no Estado de São Paulo, para conhecer possíveis depoentes e colaboradores que nos ajudassem na construção da nossa tese. A confecção desse tecido memorial formado pelos retalhos cedidos pelos depoentes se inicia no dia anterior, quando entrei em contato com uma amiga, Christyane Yamahira, que é a nutricionista da USL e chefe do refeitório há aproximadamente 20 anos. A Crhis, como chamamos, poderia me ajudar com os contatos iniciais e os possíveis depoentes. Ao conversarmos, ficamos acertados em falar com o seu Caetano, de 100 anos de idade e o seu José¹⁰, que foi aluno da Escola Estadual Orlando Quagliato e na época era chefe da Oficina Mecânica da Usina São Luiz. Por volta das 14 horas adentrei o espaço da USL e fui encontrar a Chris, que se prontificou a me auxiliar nessa jornada como veremos à frente. Encontrei a Christyane no refeitório da usina e nos deslocamos primeiramente ao barracão das oficinas, onde fomos gentilmente recebidos pelo Seu José. Em sua sala, expliquei os motivos da nossa visita, apresentei a carta oferecida pela Professora Maria Edneia, explicando quem somos e qual o motivo da visita, falei sobre a nossa pesquisa, as nossas expectativas, os nossos planos e propósitos. Nossa ideia foi prontamente aceita por ele e já de início, apresentou-me uma placa que ele ganhou na década de 1970, como melhor aluno daquele ano. Contou todo feliz sobre o episódio do recebimento, e nos disse que a escola que ele estudou, era de madeira, ou seja, apresentou-nos outra Escola Orlando Quagliato. Achávamos que a primeira Orlando Quagliato era a de alvenaria, como verificamos em alguns documentos. Fica essa questão para as próximas etapas. Alguma escola que existia na usina, especificamente nas colônias ou fazendas, tinha o nome Orlando Quagliato, tinha outros nomes ou não tinha nomes específicos? Conversamos com o possível depoente e agendamos a entrevista. Alguns contratempos ocorreram entre a abordagem inicial e a data que ocorreria a entrevista, aproximadamente quinze dias após o primeiro contato,

¹⁰ Nome fictício.

contratempos esses das duas partes. Dentre os contratempos temos aqui elencados famílias e relações familiares tanto do possível depoente quanto do pesquisador e agenda de trabalho de ambos. Com o passar dos dias alguns obstáculos, principalmente de datas foram aparecendo. Veio a safra da cana e com a safra foram-se nossas expectativas. Logo o primeiro possível depoente, aquele que poderia preencher uma lacuna de tempo/espço na história do Orlando, principalmente nos antecessores da escola de alvenaria, optou por não participar do nosso trabalho. Alegou alguns dos motivos já citados, alegou empecilhos e nos deixou. Já de cara vivemos a alegria de encontrar no possível depoente uma trilha a seguir e de repente a primeira frustração, reflexão, entendimento e reconsiderações desse pesquisador em formação. No fluxo da História dos homens e na superfície desse mar que é a História Oral, sempre em movimento, que nos engole facilmente se não nos envolvermos e surfarmos em suas ondas, ficou bem claro que tempo não se perde, que oportunidade não se deixa passar. Talvez tenha sido melhor assim. Fico imaginando se a entrevista tivesse ocorrido e a negativa fosse na hora da apresentação da textualização, do áudio e da carta de cessão. Já tínhamos até o roteiro prévio e algumas questões a serem amadurecidas. Segue abaixo:

3.1.1 Roteiro para a possível entrevista

Depoente José - Chefe das oficinas na USL (Usina São Luiz) – alunos das escolas da USL nos Anos 1960/1970.

Roteiro baseado em algumas nuances apontadas por funcionários da Escola Orlando Quagliato. Pode ser modificado até o dia da entrevista, de acordo com a necessidade.

Temas e questões a seguir:

- Nome, idade, naturalidade, formação;
- Qual o seu caminho percorrido até chegar na escola da usina?
- Qual a época e quanto tempo estudou na escola da usina? Já era a Escola Orlando Quagliato? O prédio era de alvenaria ou madeira?

- Como era a escola? Do que era construída? Havia várias turmas de série/ano diferentes na mesma sala? Até qual série/ano você estudou nessa escola em especial? Qual o perfil das turmas? As salas eram cheias? Como eram os professores? Lembra-se de algum, em especial?
- Você pode descrever algumas características dos alunos que fizeram parte da sua trajetória na escola da usina? Existia uma marcante? Sentia alguma necessidade diferente neles?
- Como você se deslocava para a escola (se não morou próximo à usina)? Havia ônibus? Perua? Van? Veículo próprio?
- Me fale, por gentileza, das atividades que você praticava em suas aulas na escola. Como era o currículo, ou seja, o que vocês estudavam? Era possível segui-lo ou outras necessidades emergiam no momento da aula?
- Na sua opinião, o currículo (o que os professores praticavam na sala e na escola) era algo que contemplava os anseios dos alunos? Existiam livros? Se os livros existiam, os assuntos como a língua portuguesa e matemática da escola eram necessários e suficientes aos alunos ou havia a necessidade de adaptações?
- Os empresários da usina participavam da escola de alguma maneira na época que você estudou lá? Lembra-se de alguma passagem?
- Existiram momentos marcantes para você na época que você estudou na escola, momentos que te afetaram de algum modo, aqueles que você se lembra de alguma maneira (podemos englobar momentos políticos, educacionais, culturais)?
- Após a conclusão dos estudos na escola da usina, qual foi seu caminho? Como se tornou funcionário da usina?
- Você vê a importância da escola na zona rural, dentro de um complexo industrial (no caso a USL)?
- Pode-se dizer que a escola da USL fez diferença em sua vida?

Dentre as questões iniciais que carregávamos, tínhamos como apontamentos a necessidade em conhecer como eram as escolas existentes naquele território antes da Escola Orlando Quagliato, qual o perfil dos alunos, dos professores, como se dava a relação aluno-escola-professor-empresário-campo-governo, quais eram as angústias, inquietações e alegrias vividas nesse local no período

estipulado, qual cultura permeava essa atmosfera, se era parecida com outras já descritas por outros pesquisadores do nosso grupo Ghoem ou de outros lugares em outros tempos. Idealizávamos nessa entrevista um alicerce para nossa pesquisa, alicerce no sentido de formar a base de informações daquela escola, daquela região em especial.

Como dito nada é perdido. Toquemos adiante.

3.2. Episódio: Caetano e memórias

Como já dito no episódio anterior, o primeiro contato foi realizado nas oficinas da usina, com o Seu José. Após essa abordagem voltamos para o refeitório da usina e em meio a um cafezinho confeccionamos uma lista de possíveis depoentes. Após algumas ligações determinamos naquele momento que iríamos procurar dois senhores quase centenários que passaram pela Usina São Luiz.

O primeiro a estabelecermos um contato físico foi o Seu Caetano. Morador em uma residência dentro do complexo industrial da Usina São Luiz, não foi difícil encontrá-lo. Na segunda-feira, no período da tarde, lá fomos nós, eu e a Chris, que é conhecida do Seu Caetano e da filha dele, Dona Francisca, ao encontro deles. Chegamos a uma casa de alvenaria, simples, com dois quartos, sala, banheiro, cozinha, cerca de bambu e arame, muitas plantas, muito próxima ao barracão do beneficiamento do açúcar, próxima às montanhas de bagaço, em meio aos alicerces atuais da usina. A convite da Dona Francisca adentramos a residência e fomos ao quarto do Seu Caetano, que se encontrava sentado em uma cadeira descansando. Notou-se de imediato uma fragilidade dele, bem debilitado, muito magro, com umas faixas em um dos braços devido a um corte na pele, cabelos brancos dignos dos seus 102 anos de idade. Após todos os cumprimentos e apresentações à filha e a ele, e relatando o motivo daquela visita o vento da memória passou, naquele momento, pela mente e voz do Seu Caetano, carregando apenas uma única frase: “no começo, quando o Seu Orlando veio, isso tudo era apenas um alambique de cachaça. Era eu, ele e o alambique”. E nada mais foi nos apresentado pelo Seu Caetano a partir daquele episódio. No segundo contato com os depoentes a memória nos foi traiçoeira.

De acordo com a filha, Seu Caetano estava já algum tempo sofrendo de falta de memória e provavelmente não poderia nos ajudar. Ainda assim nos ajudou. Por ele sabemos como tudo começou, com um pequeno alambique. Pelo fato dele ser um dos primeiros funcionários da usina e acompanhado praticamente toda a trajetória da empresa, ele permanece ali, é um exemplo para todos os que praticam aquele território. Para o Seu Caetano não chegamos a escrever um roteiro, pois no contato inicial entendemos que seria demasiado ou quase impossível realizar uma entrevista com ele devido ao seu estado de saúde. Nossa ideia ali era conhecer quem é o colono, o lavrador, o funcionário da lavoura, o morador das colônias da usina. Necessitávamos saber como era o perfil desse personagem que vive ali, independente de gênero, provedor, que conduz a família, os filhos, que depois serão alunos da escola Orlando. O primeiro pacote de informações culturais, sociais e por que não, de sobrevivência. O chamado esteio da casa, no linguajar antigo. Com ele deixamos o nosso carinho e agradecimento, e fomos atrás do nosso próximo possível depoente.

3.3 Episódio: Floriano

Após a passagem pela residência do Seu Caetano, e uma saída um pouco decepcionante, pois achávamos que teríamos nas informações apresentadas pelo possível depoente uma enormidade de informações da usina e da escola Orlando, o foco mudou para o terceiro possível depoente: Seu Floriano.

Com a ajuda da Christyane conseguimos o contato desse senhor que, desconfiado, nos atendeu, no mesmo dia da ligação. Bastou um telefonema e lá fomos nós para a Cidade de Chavantes, uns 20 quilômetros da indústria da Usina São Luiz. Cheguei à sua residência no final da tarde do dia 24. Já da esquina vejo um senhor me esperando na calçada de sua casa, com certo ar de desconfiança e ansiedade. Do alto dos seus 83 anos, Seu Floriano dos Santos, um senhor muito forte, com voz alta, aperto de mão forte e olhar direto me recebeu e logo me acomodou em sua sala. Expliquei a ele e à sua esposa o motivo da visita e as nossas intenções para o trabalho e logo seu Floriano começou a falar. Como senti ali que informações importantes poderiam

aparecer, e o volume de informações era considerável, pedi ao seu Floriano a gentileza de poder gravar essa nossa conversa inicial. E assim o fiz. Não utilizei esse relato inicial como entrevista para o nosso trabalho, não realizei a textualização, mas, com o consentimento dele através de uma carta de cessão de direitos, apresento a transcrição do áudio aqui nesse texto. Nossa conversa inicial durou aproximadamente uma hora, e conforme vocês poderão observar, ele já tinha muito a dizer. Aproveito a transcrição a seguir para realizar alguns exercícios.

3.3.1 Transcrição da conversa inicial com o depoente Floriano

R: Reinaldo

F: Floriano

A: Anísia (esposa do seu Floriano)

R - Sou professor de matemática, eu moro ali em Ourinhos, e eu faço doutorado em Matemática¹¹ na UNESP de Bauru. E o que eu faço lá na faculdade para eu fazer meu doutorado? Eu estou fazendo uma tese sobre a escola da Usina São Luiz, ela é uma escola da cidade dentro da zona rural.

F - Isto mesmo, é isso mesmo.

R - É praticamente uma das únicas.

F - É difícil mesmo, é difícil mesmo viu. Na posição daquela escola da usina com o que tem dentro dela, por exemplo né, são posições disso tal e tal, é difícil mesmo.

R - É, é uma escola que, quem vai lá, vê uma escola da cidade, só que ela não é da cidade, ela é da zona rural.

F - Eu entendo, eu entendo.

R - Por que que eu pesquiso aquela escola? Eu sou professor de matemática né, só que o serviço nosso não é pesquisar a aula de matemática em si, o nosso grupo de pesquisa analisa tudo que está dentro e fora da sala, o que acontece, quem são os alunos, quem foram os alunos, quem foram as pessoas que viveram ali naquele redor desde a criação da escola. Eu vou contar uma história,

¹¹ Uma correção: o doutorado é em Ensino de Ciências, Educação Matemática.

a minha tese é uma história, e como essa história se faz, baseado no depoimento de pessoas que viveram ali desde a criação.

F - Dos que viram antes e os que verão depois.

R – Eu já encontrei alguns alunos, falei com a dona Chica, que é filha do seu Caetano, com o José que também foi aluno, agora a gente vai tentar ver se o seu Roque também dá uma entrevista, e o senhor também, se puder fazer essa gentileza, pelo o que eles me falaram lá, o senhor participou bastante dos movimentos ali dentro da usina.

F – Eu até estava falando com a minha mulher que a hora que a Christiane ligou aqui, que eu conversei com ela, eu falei: “Eu estou esperando um senhor assim, assim, que vem aqui conhecer aqui, conversar comigo e tal e tal, aí agora eu até estava falando para minha mulher, o prático seria, eu ir lá com você citando: aqui era assim aqui e tal, aqui era isso antes e isso aqui era assim e tal antes né, e mostrando cada lugar por exemplo a usina, como começou o alambique, o que era o alambique, onde é açudinho que eles falam, que era um brejo na época, não era açude, era só na parte de baixo e que eles fizeram um aterro ali, construíram outro açude em cima, e assim, contando coisas né, do começo. A escola ali, por exemplo, que na época ali era pura cana, ali na oficina era tudo cana, aquilo ali não tinha nada, não tinha construção nenhuma, por exemplo o restaurante ali não tinha, era tudo cana né, na época né.

R – Hoje eu vou marcar uma data, em um dia em que o senhor esteja mais tranquilo para a gente ou se reunir aqui ou pra eu vir pegar o senhor e ir lá na usina, para ir lá com mais calma.

F – E daí a gente fica mais à vontade, aí eu vou citando tudo, onde era campo da aviação, na época, como a usina era antes o que ela é hoje, peças da usina tem até a beira da pista ali no viaduto tem engrenagens dela ali.

R – Sim, disse que ela começou como alambique, era um alambique? O seu Caetano falou algumas coisas.

F – Era um alambique, o seu Caetano, veja bem, quando eu entrei na usina em 1958, eu não conheci o seu Caetano, ele tinha ido embora, estava trabalhando com a família dos Lima lá em Santa Cruz do Rio Pardo, ali ao lado da feira agropecuária hoje, que não tinha na época, ali tinha uma serraria, e ele saiu da usina foi pra lá. Pegou o caminhão da firma e foi comprar madeira em Mato Grosso. Ele foi em uma viagem como motorista e comprador de madeira e tudo,

vinha e voltava, vinha e voltava. Depois em 1961, o seu Caetano apareceu na usina, foi quando eu passei a conhecer ele, até eu estava em uma fazenda na usina, trabalhando com um trator, porque na safra a usina tinha oito caminhõezinhos só na época né, caminhãozinho velho na época né, de 1946, 1948, 1951, 1954, era caminhãozão, Nossa Senhora. Então eu estava com um caminhão mais velho ainda, e esse caminhão parava lá, e a usina era pequena, tinha pouco movimento, então esse caminhão parava pra reformar, e aqueles mais novo, esses ficavam trabalhando, a usina era pequenininha né, tinha plantação e cana, puxando lenha. E eu não queria trabalhar de ajudante de ninguém e, às vezes, arrumava um companheiro meio tranquilo de não gostar muito de lutar, e gostar muito de escutar conversa, e eu que não queria muito escutar conversa, eu queria mostrar o meu trabalho para ser digno daquilo que eu ganho né. Então eu ia trabalhar com trator, pedi para o chefe, falei com o chefe de transporte, fui até o chefe dos tratoristas da época né, e falei com ele, e ele me aceitou lá, mandou dar uma prática de trator para mim e em uma semana eu já passei a ser tratorista e trabalhava assim: trabalhava arando terra, gradeando, sulcando, para plantar cana né, da época, na safra eu voltava eu voltava para a minha posição de motorista de novo, e assim a vida continuou né. R – Eles me falaram, até a Dona Chica me falou que estudou numa escola de madeira.

F – Havia a escola de madeira, que, por isso que eu falei é importante nós irmos lá, citando onde era o antes, o que é o hoje né, a escola era uma escola de madeira mesmo, a casa de madeira, você sabe né, tinha uma pracinha de terra na frente assim muito pequena né e ali era a escola.

R – Acho que teve mais de uma escola de madeira né? Parece que teve uma na colônia do meio, uma na colônia Santa Rosa.

F – É ali teve uma escola, e ali na fazenda Santa Rosa que na época era caceta armado, porque tinha uma venda ali, logo no começo do açudinho hoje, que na época era um brejo, que a água descia ali de uma mina que tem em uma fazendinha, que tinha uma fazendinha, umas cinco ou seis casas, pelo nome Turin, então descia água da mina ali pra baixo e formava um brejo, e não formou o brejo do lado direito da onde descia água da mina, e ali tinha uma venda de madeira, então fim de semana dava aquela turma né. E bebiam muito, aquela

coisa né, e aí o pau quebrava, era difícil você não ver briga, aí apelidaram caceta armado.

R – Morava muita gente lá?

F – Não, de acordo com a quantidade de casa era bastante gente né.

R - É que falaram que nessa escola nova que está lá hoje, estudou quase mil alunos ali, hoje tem uns 120, 150 alunos, mas teve quase mil, enchia né, a usina era uma cidade praticamente.

F – Era isso mesmo, mas tinha movimento ali, Nossa Senhora, a usina tinha um movimento fora de série, e isso veja bem, começou assim: depois do falecido Orlando, que é um pai dos velhos que tão morrendo hoje...

R – O senhor o conheceu?

F – O loco, eu levava Dona Rosa Angelina Quagliato ali em Santa Bárbara do Rio Pardo, e então eles falavam: Floriano, vai levar a Rosa hoje, amanhã cedo lá em Santa Bárbara que ela vai tomar banhos quentes. Então levava ela, por exemplo, no sábado cedo e ia buscar ela no domingo, que era para almoçarem juntos né. Então era eu, sempre era eu, eu fui muito ligado com eles.

R – Da escola então, quando a gente fizer a entrevista, tudo o que o senhor se lembrar, e aí devagar lá a gente vai conversando.

F – Isto, até porque é até melhor, veja bem o hoje, com a idade que eu já tenho, eu tenho oitenta anos.

R – O senhor parece que tem sessenta né.

F – Muita gente fala isso né, mas na verdade eu me aceito, e eu sou mais assim: eu fui o que fui na época, hoje sou o que sou né, eu já sinto canseira na minha mente assim, sobre o passado, pro antes e o agora né. Eu já sinto muita coisa que vai ficando longe e só para você chegar assim e olhar, aí você “opa, isso aqui era tal coisa, puxa vida estava esquecendo disso”.

R – Mas a gente é assim, quando a gente começa a falar, a nossa cabeça vai lembrando, ela vai lembrando.

F - E você andando, conversando e olhando e tal né, eu tenho mania de observar muito, a pessoa como fala, como olha, até eu cumprimentar né, e você é professor você entende, eu chego aqui: “oi tudo bem? Boa tarde”. Bem, é diferente né, o modo como olha, como fala. Enfim, eu sou muito chato com essas coisas, eu sempre falo pra alguém, eu andei muito, eu viajei quarenta e três anos, só viajando mesmo, sempre fico viajando, comecei a viajar em 1962 e parei em

2003. Só viajando, não fazia outra coisa. Conheci o estado do Belém, Goiás, até a divisa lá em cima, Amazônia e voltava pro Espírito Santo, saindo em Campos, eu tenho até cartão de churrascaria lá em Campos, né, voltando pro Rio de Janeiro e tal. Eu andava muito, quer dizer dentro disso que eu estou falando com você agora, eu convivi com uma grande quantidade de pessoas e dentro disso, hoje eu separei qualidade, porque é a mesma quantidade né, eu sou muito chato com essas coisas, de eu estar conversando, por exemplo, com você, de você avisar de você vir aqui, então já sei que a pessoa que vem aqui no portão, vai ser uma pessoa que noventa e cinco por cento é a pessoa que está pra chegar aqui. Então eu tenho uma mania, toda vida fui assim, você vai ficando velho vai ficando chato. Às vezes, tem pessoa que eu não gosto, que eu não topei com o espírito da pessoa, até porque isso é coisa que vem desde que o mundo é mundo, nós não sabemos por quanto tempo a gente vem vivendo esse espírito que nós temos, cada corpo viaja, aquele espírito continua. E assim, eu quando eu não gosto da pessoa a minha conversa é curta viu, não bate viu, eu não sei enganar ninguém, porque aí eu estou enganando a mim mesmo, eu tenho isso comigo sabe. Por isso eu sempre fui bem visto, com a firma, com o patrão, com gerência, eu não tenho inimigo rapaz! Não tenho inimigo, graças a Deus.

R – Mas a gente fazendo o bem e o certo né, isso que é importante.

F – E eu aceito as pessoas do jeito que elas são, só que eu não tenho muita sequência de assuntos. Mas lógico que tem que dar atenção, isso é uma coisa nossa, vixe Maria Nossa Senhora! Às vezes, a pessoa é o que é, mas ele não tem culpa de ser assim, e sim aonde ele nasceu a formação de vida que ele teve.

R - Sabe uma coisa que eu queria contar para o senhor? Eu vou contar uma história da escola, então deixa eu contar para o senhor direitinho como é que vai ser, porque depois a hora que a gente for conversar, gravar, se der pra gente ir lá na usina, até na escola se der, o diretor vai autorizar, depois se der certo, eu vou acabar esse trabalho em 2020.

F - Oia rapaz do céu, que beleza né.

R – O doutorado demora quatro anos.

F – É uma longa história né, dentro da formação que você precisa não é.

R - Sim, eu já estou há um ano e meio fazendo essa pesquisa, aí nós vamos contar a história da escola por esse motivo, que ela é uma escola interessante, e ela é uma escola que pode acabar, porque os colonos estão acabando, eles

estão deixando a usina, estão se mudando para a cidade. Então, quando acabar não tem mais aluno, aí a escola deixa de existir, então enquanto ela está viva lá a gente vai constituir essa história, porque é um movimento que vai dar para fazer, eu não sei se o senhor estava lá na época que o prédio foi construído.

F – Lógico, eu estava lá, era cana.

R – O que que o senhor viu, o que que o senhor participou?

F – Eu puxava material pra lá. Eu era o motorista que chegava, vamos supor, 3 ou 4 caminhões, isso de 1958 pra cá, conforme a usina foi se desenvolvendo, a situação da firma foi melhorando. É como foi criando coisas, então primeiro os caminhões novos passavam por mim, aí eu escolhi o meu, eles até perguntavam para mim: “nós temos todos esses caminhões aqui e o senhor já escolheu o seu?”. Então, todos gostam de um caminhão novo, agora gostar é uma coisa, a altura é outra coisa. Mas eu acho que todos merecem, mas dá pra fulano, pra ciclano e os outros ficam aí esperando e conforme vai chegando, vai chegar a vez deles também. E sempre era assim né, o motorista e o patrão quando começaram a desenvolver né, antes, por exemplo, quando precisava ir sábado e domingo de festa isso e aquilo, num baile, era eu quem morava ali na usina e chamava o Geraldão¹² pra ir buscar eles. Então levava eles na festa, ficavam lá até meia noite, até uma da manhã, no máximo, porque no outro dia tinha que trabalhar. Se existe dentro do meu conhecimento uma família ter o que eles têm, é essa família Quagliato.

R - Eles são muito trabalhadores, eu fui funcionário deles também, no Colégio Objetivo e na faculdade¹³, eu dei aula 10 anos no colégio e 3 anos na faculdade também, aí eu passei num outro concurso e fui trabalhar numa outra cidade, mas eu continuo morando aqui mesmo e como a escola que eu pesquisava era daqui a gente ficou por aqui, o senhor conheceu a dona Fátima?

F – O loco, eu vi o falecido Francisco, pai do doutor Chico, namorando a falecida Fátima.

R - Conhecia eles desde novos?

F – Ali ao lado da feira agropecuária de Santa Cruz, do lado direito, eu falei a família Lima com o seu Caetano do lado direito daqui pra lá, pro lado de cima da

¹² Geraldão: amigo de época do Seu Floriano, também motorista.

¹³ Faculdades Integradas de Ourinhos - UniFio e Colégio Santo Antônio, de propriedade da Família Quagliato.

FAPÍ. Esse do lado esquerdo que vai pela estrada de terra, o pai da falecida Fátima tinha um sítio ali. Eu ia levar o velho lá, o falecido Chico mandava levar, com um fusquinha da época, o velho gostava muito de mim e dava certo o tipo dele com o meu! Rapaz, aquele tempo o velho tinha muita roupa. Ele gostava muito de mim, ele dava roupa cara para mim rapaz, aí eu fui motorista dela.

R - Dizem que ela ajudou muito a escola.

F – Aquela mulher foi uma mãe da pobreza ali na usina São Luís viu. Eu saía com ela assim nas fazendas, aí visitava um doente né, que tinha ali na fazenda, criança e pessoa de idade que fosse, mania dela, ela chegava na casa: “Olha eu vim aqui visitar fulano, dá licença”. Ela entrava na porta da frente, ia lá na cozinha, depois que ela olhava tudo de dentro de casa ela ia no quarto onde estava o doente, conclusão, visitava aquele doente ali. Aí nós saíamos e falava “uai, o Floriano vai me levar embora, nós vamos passar num lugar por aí pegar umas coisinhas e vamos voltar aqui”. Rapaz, ela olhava as crianças e perguntava: “quanto calça esse aqui, e esse aqui?” Pegava calçado para tudo na época.

R- Como o senhor é bom de memória.

F – Opa, Nossa Senhora! Passava no armazém, comprava de tudo e depois ia entregar a perua lotada de coisa.

R – Que legal, disse que ela era quem cuidava da escola.

F – Ela era quem cuidava da escola e do povão tudo, visitando o pessoal, aquele mais fraco, bem doente né. Olha, se é verdade que existe céu, se é verdade que alguém que foi bem aqui na terra, teve um lugar reservado pra ela, com sinceridade, que mulher!

R – Que legal, disse que ela era muito atuante na escola.

F – Olha, tinha um marceneiro que trabalhava na marcenaria da usina ali no fundo da usina, onde era a oficina, hoje ficou tudo parte de usina. Na época, era tudo pequenininho, então tinha a oficina, a marcenaria... Tinha um velho italiano, de nome Luiz Marquese. Olha, eu não sei, eu conheço muita gente andando pelo mundo, que nem eu andei e outros andam por aí, eu acho que eu não conheci uma pessoa igual aquele homem, sabe, uma pessoa experiente, parece que ele tinha uma coisa dentro da mente dele que ele criava tudo ali, tinha resposta para tudo que falava. Rapaz, como que pode uma pessoa daquela.? Luiz Marquese. Então esse homem, quando morreu o falecido Orlando, o pai dos que tão

morrendo hoje, olha, os filhos, falecido Fernando, falecido Chico, seu Luizito, cada um tinha uma vez de chegar na marcenaria ali escondido um do outro, porque era pequena a usina, mas só ele tinha voz ativa, ninguém mais podia falar ali, só ele que mandava. Então, quando ele morreu os filhos ficaram meio perdido, porque se o velho ... onde ficava ele explicando isso e tal para alguém que vai fazer o trabalho e eles observando ali pensando no amanhã. O velho não pensava no amanhã, porque se não né, seria diferente. Sobre os filhos que iriam mandar na falta dele, então eles iam lá escondido rapaz e eu muito relacionado com eles: “Floriano, Luiz Marquese está na marcenaria? Ele não saiu em algum lugar ali para ver um móvel para fazer? Ele está lá? Olha eu vou lá”, “pode ir que ele está lá”. Então ele ia lá, ficava conversando até. Aí o Fernando ia lá, perguntava se podia entrar pro seu Luiz, e aí ele entrava e ia sentar, aí ele sentava no banco de marcenaria, “não, não, não, Fernando não”, então essas toras que a gente corta ela um toquinho assim né fazia tipo banco né, “senta aqui, senta aqui, por favor, nesse banco aqui eu faço coisas para vocês que nem eu sei quem está comigo aqui, eu sei tem alguém me orientando pra fazer aquilo que vocês gostam, então senta aqui por favor”. E não deixava sentar no banco de marcenaria, então por isso inventaram esse banquinho, de 1959.

R – Que legal em seu Floriano.

F – Rapaz do céu! Então ele ia se aconselhar ali e o falecido Luiz Marquese ia explicando como tinha que fazer: setor de canavial, setor de onde corta lenha pra trazer pra usina, caminhões e tal e tal. Quantos caminhões pra puxada de cana, tanto caminhão pra puxar lenha, pra puxar areia, pedra britada, então ele os instruía. Então um saía dali e entrava o outro, porque um não falava pro outro que tinha ido lá não. Então quando o seu Fernando saiu de lá, era certeza que o seu Chico ia lá também, depois quando iam fazer reunião e conversar, não falavam um pro outro que tinham ido lá, porque daí eles queriam se aparecer né, quer dizer, eu vi tudo isso.

R - Então o senhor viu tudo isso.

F – Tem uma psicóloga aqui na usina, a Maria Tereza, ela tem uns 35 anos de serviço.

R – Da usina?

F – É da usina, ela é da época que o escritório era ali pro lado de cima da indústria.

R – Sei, então ela vai saber bastante coisa.

F – Eu quando estava ali na usina, ela sempre ligava pro doutor Kiko pra liberar eu pra subir lá conversar com ela uma hora, uma hora e meia com ela né. Ela falou assim: “seu Floriano, eu tenho trinta e tantos anos de psicóloga, mas o senhor é muito criativo, o senhor me completa muitas coisas, é como eu estar fazendo uma corrente e faltar um elo aqui no meio e às vezes eu pulo ele e dou continuação pra frente e o senhor me completa”. Ela tinha mania de falar isso né, então sempre eu estava lá no escritório, porque eu trabalhei no escritório 18 anos e parei né. Então, sempre que precisavam de mim eu estava lá, a psicóloga precisava de mim, “vem sobe aqui, vem fica comigo aqui uma hora, uma hora e pouco aqui”. A Christiane precisava de mim “seu Floriano eu queria ir em tal lugar, quero que o senhor vá junto comigo, nós vamos conversando e tal”.

R – Que bom seu Floriano, bom, aí depois a gente vai conversar com mais detalhes, o que o senhor se lembrar da escola, eu tenho um documento da escola que ela começou a funcionar em 1965, mas eu não sei se é verdade isso ou não. Porque a dona Chica ela estudava em 1970 lá, mas na escola de madeira ainda.

F – A escola de madeira foi a primeira escola da usina né.

R – Isso, ela já chamava Orlando Quagliato né, e aí depois mudou do prédio de madeira, diz que a escola de madeira depois virou um hotel.

A – Eu estudei lá na escola de madeira, lá na Fazenda Santa Maria.

R – Que ano que era?

A – Eu sou de 1946.

F – Você estudou lá meu bem, em 1959, 1960.

R – Tinha mais escolas?

A – Só dela que eu lembro, estudei ali até o segundo ano depois sai.

F – Eu casei com ela quando ela tinha 14 anos e 10 meses, eu já tinha sido noivo e ela foi a oitava de aliança. Eu ficava noivo de duas moças ao mesmo tempo, fora as namoradas né, era muito de ir em boate né, eu cantei muito com o doutor Roque Quagliato.

R – Tinha muito aluno na escola?

A – Tinha bastante, era cheio.

R – Quantos, uns 100, 200, 300?

A - Devia ter uns 100.

F – Na época ali tinha umas 50 pessoas.

R – A senhora não estava lá ainda quando fez a escola de material?

F – Oloco, nós mudamos para cá (Chavantes) em 1991.

R – A senhora não chegou a trabalhar na escola não?

A – Não, minha irmã trabalhou.

R – Como que ela chama?

A – Josefa.

R – Quantos anos que ela tem.

A – Ela tem 70 anos.

R – Ah, então ela trabalhou no começo também.

A – Ela foi merendeira na escola.

R – Bom saber. O senhor chegou a estudar?

F – Eu estudei até o quarto ano só.

R – Não na usina?

F – Não, onde eu estudei foi no estado de Sergipe ainda.

R – O senhor é de Sergipe.

F – Tinha 16 anos na época.

R – O senhor veio para a usina com quantos anos?

F – Na usina Jacarezinho, meus tios, meus avós moravam na usina Jacarezinho, então eu vim do Norte para lá, em 1957 no fim de 1958 eu fui para a usina São Luiz.

R – Quantos anos o senhor já tinha?

F – Eu já tinha 19 anos, aí em dezembro de 1958 eu fui para São José do Rio Pardo. Eu tinha um tio lá que tocava a pensão da Camargo e Correa, estava construindo a usina hidrelétrica ali entre São José do Rio Pardo e Mococa, aí eu fui passear na casa do meu tio e por fim eu trabalhei 22 dias lá. E depois me descobriram lá na Vila Masqueto na entrada de São José do Rio Pardo, acho que meu tio falou que eu cantava em festa, em boate, aí me levaram numa boate perto da ponte de cabo de aço e fiquei cantando ali uma época. Eu sei que em 19 de março eu voltei para a usina e fiquei até agora, está fazendo um ano que eu saí da usina, agora eu estou descansando, eu aposentei em 1987, eu trabalhei 30 anos aposentado depois.

Relendo atentamente a transcrição dessa conversa inicial que por um acaso teve ares de entrevista, observei alguns pontos importantes:

- Eu não o deixava falar, queria trazer a narrativa dele para a escola, desconsiderava a história do seu Floriano em detrimento da minha parcialidade;
- Interrompia sempre, o que depois percebi que cortando o texto que está sendo produzido, tirei a liberdade e o direito do depoente em falar de acordo com suas memórias;
- Lembro-me que surgiu o medo de que, se não aparecesse nada sobre a Escola Orlando Quagliato, como eu poderia utilizar a narrativa em meu trabalho, que significado ela teria para mim?

Demorei alguns meses para voltar à casa do Seu Floriano. Várias coisas aconteceram que determinaram esse caminho para a entrevista que ocorreu posteriormente e que veremos no corpo da tese. Nesse momento realizamos a conexão entre o pesquisador e o humano por traz dele, que vive nas condições permitidas pelo sistema ao qual é imposto. Dentre algumas variáveis cito aqui minha mudança de serviço e de Estado, relacionamentos familiares com filhos e esposa, necessidades físicas e problemas de saúde (um braço quebrado, uma placa de metal e cinco parafusos no osso rádio do braço esquerdo – um acidente doméstico), dentre outras coisas que, de algum modo contribuíram para protelar a data da entrevista pelo motivo maior: como utilizar a entrevista do Seu Floriano em uma tese que tem possibilidades de ser apresentada nos congressos de Educação Matemática? Meu Deus (a cabeça do pesquisador tentando encontrar o caminho), vou ter que desprezar o futuro depoente, pois de Matemática e escola pouco ele iria falar, conforme o contato inicial havia indicado? Em meio às dúvidas que apareceram, fui conversando, lendo, ouvindo as pessoas, afunilando o caminho da pesquisa e as ideias do trabalho e, juntamente com as indicações da minha orientadora, entendi que era tão importante quanto qualquer outro depoimento, o depoimento do seu Floriano. Um cidadão que viveu e trabalhou por aproximadamente 50 anos dentro do território da usina, nas imediações da escola Orlando, tinha muito a falar. Em sua pessoa está edificada a imagem do colono, do funcionário, do cidadão, do ser humano que construiu e foi construído por aquele território, com os valores que eram validados ali, um indivíduo que de fato viveu com o cidadão Orlando Quagliato, que acompanhou o crescimento da indústria no campo, que acompanhou praticamente todas as

transformações territoriais, políticas e expansivas da Indústria Usina São Luiz, um cidadão que viu a escola crescer e que, como veremos em seu depoimento, morou em uma das instalações das escolas de madeira, que antecederam a Escola Orlando Quagliato, mas que não conseguiu estudar na escola. Como falar da Escola Orlando e desprezar o motivo dela existir, as famílias que ali viveram e em alguns casos ainda vivem? Essa pesquisa ficaria incompleta, a meu ver. Falando ao redor de Orlando, também estamos falando dela. Decidido isso em minhas reflexões, novos contatos foram feitos e a entrevista ocorreu de uma maneira significativa, em uma tarde encalorada na sala da casa do Seu Floriano. Sua esposa participou em alguns momentos, seu filho estava na casa também, queria ver a desenvoltura do pai, foi bem produtivo. Em meio à narrativa com trechos muito parecidos com essa conversa inicial, ele ainda cantou, soneceu (pretérito perfeito do verbo sonectar), tomou seus remédios, tomou café, sorriu bastante, gargalhou, evocou, rememorou. Terminou muito feliz por poder colaborar e por ter sido lembrado pelos amigos da usina.

3.4. Episódio: A Escola Orlando, tempo, História Oral e subjetividades

Uma corrida contra o tempo. Assim vejo o doutorado hoje. De dentro. Sustos, alegrias, frustrações, atrasos, dias, noites, família, amigos, prédios, congressos, ouvidos, alertas, conselhos, equilíbrio, busca, memórias, esquecimentos, prazos, barreiras, não, sim, saúde, dinheiro, falta de dinheiro, abandono, conquistas, sons, sono, preocupações, Chronos e Kairos, o tempo em si, causador de muita discussão e tentativa de dominá-lo. Talvez ele, o tempo, ou o uso dele, seja meu vilão favorito.

O tempo é um fluxo. Para o Eclesiastes, há um tempo de plantar e um tempo de colher, de nascer e de morrer, de rasgar e de costurar: tudo tem seu tempo, há um momento oportuno para cada empreendimento e nada há de novo debaixo do céu. Para Joel Martins, há um tempo Chronos – aquele quantificado pelo relógio, incorruptível, sequencial, constante – e um tempo Kairos – o da percepção da respiração do mundo. Há – dizemos nós – um tempo cumulativo (que se convencionou chamar “tempo da História”) e um tempo caótico, exigente e subversivo, o da memória. Se a História ordena, encadeia, lineariza, objetiva, continua; a memória filtra, reordena, dá trelas aos desejos humanos, reescreve, fantasia, trata de uma continuidade descontinuada, cravada de abismos e vagos espaços. E ainda

assim, concordam os historiadores que a memória é o alimento da História, seu fermento, seu recurso vital. (FERNANDES, GARNICA, 2013, p. 55).

Na luta entre Chronos e Kairos, e na tentativa de fusão dos dois, de ordenamentos, se é que possível, mergulho nesse território delimitado pela usina e lá me vou, atrás de informações que me levem aos possíveis depoentes, em uma empresa que não para, cheia de funcionários correndo por todos os lados, em uma escola já não tão movimentada, melancólica, às vezes, sofrendo da diminuição anual do número de alunos. Busco a cozinha da usina logo no primeiro dia dessa demanda, por duas razões: a primeira é que tinha conhecidos ali que podiam me auxiliar, visto que o trânsito de pessoas estranhas na empresa não é bem-visto, e a segunda, é que todos passam por ali para se alimentar. As histórias se encontram na cozinha, no refeitório.

No trânsito por entre as gentes, os espaços, os registros, as memórias dos tempos, as diferentes perspectivas com as quais cotidianamente nos deparamos, as tradições... vamos criando certas zonas de estabilidade que formam um arsenal de referências. Munido desse arsenal, experieço o mundo, atribuo significados, crio o mundo ao criar hábitos de ação, por vezes interfiro, por vezes me aparto. Configuradas de modo tanto mais pleno quanto forem as suas chances de resistir a alterações, choques e inevitabilidades, essas zonas de estabilidade que nos sustentam tornam-se nossos pressupostos vivenciais: pautamos nossa vida, no mundo, a partir de certos princípios que julgamos seguros ((FERNANDES, GARNICA, 2013, p. 36).

Esse deve ser último episódio a ser escrito. Comungando das reflexões do Professor Antonio Vicente Marafioti Garnica, vejo nesse trânsito a criação desse mundo que insere essa escola em questão. Para mim, um trânsito impossível de ser escrito por completo, devido à quantidade de eventos ocasionados pela enormidade de seres vivos e não vivos que dividem o território da Usina São Luiz. O que aqui nos cabe é estabelecer recortes dessa malha infinita, recortes subjetivos que ao serem apresentados pelos depoentes e costurados pelas mãos do pesquisador-escritor, nos revelam uma história daquele local, com algumas variáveis importantes, de acordo com a construção de vida dos depoentes, o papel exercido por eles no fluxo do tempo decorrido e também com intenções exercidas pelo pesquisador-escritor. Não existe neutralidade a ponto de não haver intenções. Por vezes os pensamentos se voltam para a seguinte

cena: imagino um robô, no seu mais avançado modelo tecnológico, na sua versão mais aprimorada, realizando uma entrevista, ou várias delas, com o objetivo de construir uma história. Como ela seria? Teria intenções? Como seriam as entre vistas, quais seriam as vistas desse robô? Existem? E as sensibilidades? Seria possível fazer História Oral sem que duas vidas, duas trajetórias de vida se encontrem? Seria o fim das subjetividades? Como ficariam as textualizações feitas por esse robô?

Para Portelli (1997), documentos de história oral são sempre o resultado de um relacionamento, de um projeto compartilhado no qual ambos, o entrevistador e o entrevistado, são envolvidos, mesmo se não harmoniosamente [...] muito mais que documentos escritos, que frequentemente carregam a aura impessoal das instituições que os editaram - mesmo se, naturalmente, compostos por indivíduos, de quem sabemos pouco ou nada - as fontes orais envolvem o relato inteiro em sua própria subjetividade. Junto à primeira pessoa do entrevistado se situa a primeira pessoa do historiador, sem o qual não haveria entrevista.

Existe a necessidade do contato entre os entes vivos. A sensibilidade em perguntar, em falar, em ouvir, em sentir a pessoa do outro, dentre outras variáveis, cria, no momento da entrevista, uma atmosfera ímpar. Cada entrevista é única. Em alguns trabalhos como esse, após construirmos nossas primeiras ideias, estudos prévios, discussões, determinação de pontos centrais do trabalho a ser feito, saímos a campo em busca das pessoas que diretamente podem colaborar. Essas pessoas se dividem em pelo menos dois grupos: os colaboradores e os depoentes. Os primeiros, como é o caso da Senhora Christyane Yamahira, que me ajudou diretamente com os primeiros depoentes, pela posição que ocupa na usina, nutricionista e chefe do restaurante, e em se tratando de cozinha existe o contato com praticamente todos os funcionários e patrões, todos passam por ali, foi um auxílio que me abriu possibilidades em relação aos funcionários e colonos. Depois dos colaboradores temos os depoentes, pessoas que participaram de algum modo para que o evento em questão tenha ocorrido. Essas pessoas, os possíveis depoentes, são abordadas por nós, pesquisadores, de algum modo, pelos meios de comunicação mais variados. No meu caso, utilizei a comunicação por telefone e as abordagens diretas, feitas pessoalmente. Essas abordagens diretas são muito interessantes.

Ocorre, ocorreu comigo, no momento da abordagem, o choque entre a universidade e a população. Na luta pela sobrevivência, que elegantemente chamamos de correria do dia a dia, sequer imaginamos que alguém, um pesquisador, de alguma universidade, bata a nossa porta com o propósito de nos ouvir, de escrever nossas memórias e incluí-las em uma tese. Não há como não perceber, principalmente em relação aos prováveis depoentes com mais idade, a desconfiança no olhar. Um sujeito chega à sua porta falando sobre a história de uma escola que aparentemente não tem muita importância, da zona rural, nesse território desprezado por boa parte da população. Não há como não se incomodar. Como receber esse suposto professor, pesquisador, no interior de seu lar, de seu comércio, de sua escola. Parafraseando os eventos da atualidade, pode ser golpe! Acredito ser esses momentos, os da aceitação, um dos momentos mais frágeis pelos quais passamos na construção do nosso trabalho. Esses momentos definem o rumo da tese, da pesquisa. Podemos ver isso no caso dos possíveis depoentes que não tivemos sucesso em entrevistá-los por motivos diversos. A carta de apresentação oferecida pela minha orientadora me ajudou muito. Coube também a mim, mostrar minhas intenções e minha apresentação como pessoa carregada de boas intenções e com um trabalho a fazer. Realizada a busca do possível depoente, a aceitação dele e o agendamento para a entrevista chega a hora do roteiro. Inicialmente parece simples, mas, conforme se escreve o roteiro, dúvidas pairam sobre que itens deve-se colocar nesse rol de possíveis informações a serem disparadas na memória do depoente e que servirão para contar sua história e para que possamos escrever também uma história. Dificilmente não ocorrerão intencionalidades. Impossível. Aos professores, temos perguntas relacionadas diretamente à Escola Orlando, ou as escolas que antecederam, as práticas escolares, as políticas, aos alunos, as influências dos empresários. Aos ex-alunos ou funcionários, como era o dia a dia nas colônias, como se vive/vivia naquele território, como era o fluxo de pessoas na comunidade, qual a relação com os empresários da usina, como era o trânsito para se chegar à escola, para os empresários, que até o momento não entrevistamos nenhum, são de difícil acesso, mas fizeram parte da nossa lista de possíveis depoentes, qual o objetivo em ter e manter aquela escola especificamente, qual o valor dela para eles. De modo geral, para todos, qual a importância e relevância da Escola Orlando

Quagliato na vida daqueles que passaram ou ainda permanecem naquele local. Que Orlando é essa que influenciou a vida de muita gente e ainda influencia. Um roteiro não garante sucesso na entrevista. Ele também não é único, modelado e generalizado. É exclusivo para cada entrevista. Serve como um apoio antes pensado para que temas e ideias que são importantes para o pesquisador não escapem durante a entrevista, mas quem fala é o depoente e ele pode falar o que desejar. Não há como obrigá-lo a falar o que queremos ouvir. De fato, isso não seria História Oral.

A história oral não tem sujeito unificado; é contada de uma multiplicidade de pontos de vista, e a imparcialidade tradicionalmente reclamada pelos historiadores é substituída pela parcialidade do narrador. "Parcialidade" aqui permanece simultaneamente como "inconclusa" e como "tomar partido": a História Oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os "lados" existem dentro do contador. E não importa o que suas histórias e crenças pessoais possam ser, historiadores e "fontes" estão dificilmente do mesmo "lado". A confrontação de suas diferentes parcialidades – confrontação como "conflito" e confrontação como "busca pela unidade" – uma das coisas que faz a história oral interessante (PORTELLI, 1997, p.39).

O resultado desse confronto apontado por Portelli (1997) se transforma nesse produto que chamamos de textualização. Temos subjetivações diferentes, pontos de vista diferentes, construções culturais diferentes. Disso tudo temos a beleza de, num mesmo território, ter pessoas tão diferentes, com histórias e nuances riquíssimas, impossíveis de serem relatadas e descritas em apenas um documento. Sem confronto, enfrentamento, pontos de vista e subjetividades não há História Oral e através dela temos a possibilidade de ir além dos famosos, dos julgados importantes em algum momento, de não seguir a moda e os modismos, de encontrarmos e ouvirmos os infames, de conhecer as marginalidades, se é que podemos assim dizer, possibilidades de subversões, de levantarmos a poeira de algo já esquecido pelo senso comum, mas guardadas na memória dos indivíduos que experimentaram esse território no tempo determinado. Ela, a História Oral, nos possibilita problematizar o que ficou no tempo passado utilizando as questões do tempo presente. O problema é sempre atual, moldado pelas questões que circundam o pesquisador, pela sua experiência, sua vivência, suas leituras e suas relações.

4. ENTRE VISTAS – APRESENTANDO A ESCOLA E SUA LOCALIZAÇÃO

Entre. Do latim: inter. Uma preposição que estabelece relação entre dois elementos ou mais. Pode indicar uma situação ou espaço em meio ou dentro de, um limite temporal, uma situação entre coisas ou ideias, ou conceitos, uma troca, algo recíproco. Entre vistas. Entrevistas.

A maioria dos acontecimentos se dá no território descrito nas imagens abaixo.

Figura 2: Mapa do Estado de São Paulo



Fonte: www.usinasaoluiz.com.br

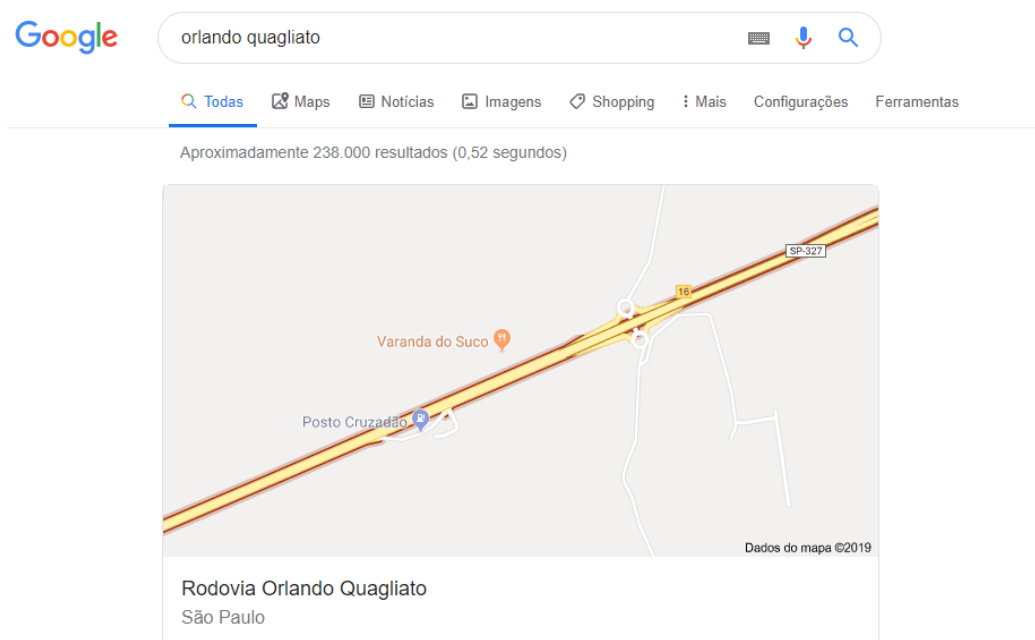
Figura 3: ilustração das proximidades da Usina São Luiz



Fonte: www.usinasao Luiz.com.br

Na Região da cidade de Ourinhos, no Estado de São Paulo, quando se remete ao nome “Orlando Quagliato”, muitas coisas aparecem. Para dimensionar esse Orlando, vamos colocar à mesa a imensidão desse nome. Ao digitá-lo no www.google.com, aparece a seguinte imagem:

Figura 4: Tela de pesquisa do nome Orlando Quagliato



Fonte: www.google.com

Em 0,52 segundos, o site de busca nos forneceu aproximadamente 238.000 resultados. De fato, não é um nome qualquer. A primeira referência do site é a Rodovia Orlando Quagliato – SP 327, que corta as terras da Usina São Luiz, entre os municípios de Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo. Inaugurada em 1982 pelo então governador do Estado de São Paulo, Paulo Salim Maluf, ela coincide em alguns trechos com as Rodovias Joao Baptista Cabral Renno – SP 225, e com a BR 374, a Rodovia do Oeste. Ligam as cidades de Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo com as cidades ao redor de Bauru – SP, com a Rodovia Castelo Branco, que vem da Cidade de São Paulo, a Capital do Estado, e seguem abrindo caminho para os Estados do Paraná e do Mato Grosso do Sul. No Google aparece também a Escola Municipal Orlando Quagliato, A Escola Estadual Orlando Quagliato e a Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato. Falaremos sobre elas. Temos também o endereço <http://educacao.ourinhos.sp.gov.br/uploads/escolas/patronos/52.pdf>, que descreve a história do Senhor Orlando Quagliato. Segue o texto, que não possui autoria no referido endereço:

Orlando Quagliato nasceu em Capivari, Estado de São Paulo, em 08 de março de 1906, descendente de imigrantes italianos. Entregou-se ao trabalho em plena infância e aos dezenove anos casava-se com Rosa Angelieri. Adquiriu a primeira propriedade agrícola em Boa Esperança do Sul, denominada Fazenda Diamante, passando a residir em Jaú. Em 03 de agosto de 1944, adquiriu a Fazenda São José, tendo posteriormente comprado as Fazendas Figueira Branca e Santa Maria, situadas então no município de Santa Cruz do Rio Pardo, localidade para onde transferiu sua residência. Possuidor de extraordinária visão comercial viu na região o local ideal para montagem de uma usina de açúcar, pois a condição topográfica e geográfica o entusiasmou, iniciando então o plantio dos primeiros canaviais. Não conseguindo convencer um irmão do qual foi sócio nos primórdios da sua luta pela consolidação econômica, montou a primeira usina de açúcar em Capivari, indústria que não correspondeu aos seus anseios, confirmando-se sua previsão, em virtude de estar localizada entre quatro congêneres, dificultando sua expansão. Para o aproveitamento dos canaviais plantados na Fazenda Santa Maria, montou um engenho de aguardente, isso já nos idos

de 1940 que foi o marco inicial desta magnífica indústria que hoje é a atual Usina São Luiz. Em 1959, como a Usina de Capivari era considerada antieconômica, resolveram vender a parte agrícola, transferindo sua cota, bem como alguns maquinários para a Fazenda Santa Maria, localizada entre os municípios de Ourinhos e Santa Cruz do Rio Pardo. Na ocasião se fazia notar o seu dinamismo e suas qualidades de empreendedor e progressista e sua excelente formação moral que, aliadas à sua argúcia e tirocínio comercial, lhe propiciavam lucros altamente vantajosos auferidos em transações de compra e venda de café. Com o capital obtido, adquiriu novas propriedades e efetuou a compra de maquinário da empresa H. Dedini S/A, de Piracicaba, para complementar as instalações da Usina São Luiz S/A, em fase de montagem e possibilitar a sua inauguração em 23 de setembro de 1951 pelo governador do Estado, na época, Prof. Lucas Nogueira Garcez. Graças à profunda visão de seu dirigente mor, assessorado por seus filhos, a Usina São Luiz atingiu notável e elevado grau de desenvolvimento, constituindo-se hoje na maior indústria da região. Dotado de personalidade marcante, energético, mas de espírito humilde, jamais se aproveitou dos menos favorecidos, procurando sempre melhorar o nível de vida de seus comandados, dentro de um plano de assistência social bem elaborado, proporcionando e concitando mesmo os operários à prática religiosa e esportiva, para isso construindo uma capela de traçados simples, mas bela e funcional e uma praça de esportes que hoje modernizada leva o seu nome. Faleceu vítima de insidiosa moléstia, em 21 de outubro de 1960. Seu desaparecimento prematuro abriu uma lacuna que jamais será preenchida, porém, sua maneira de ser, seu caráter, personalidade em conjunto com seu coração bondoso, colocaram-no num lugar elevado, passando seu nome a figurar obrigatoriamente na história do município na qualidade de verdadeiro bandeirante da agroindústria da região.

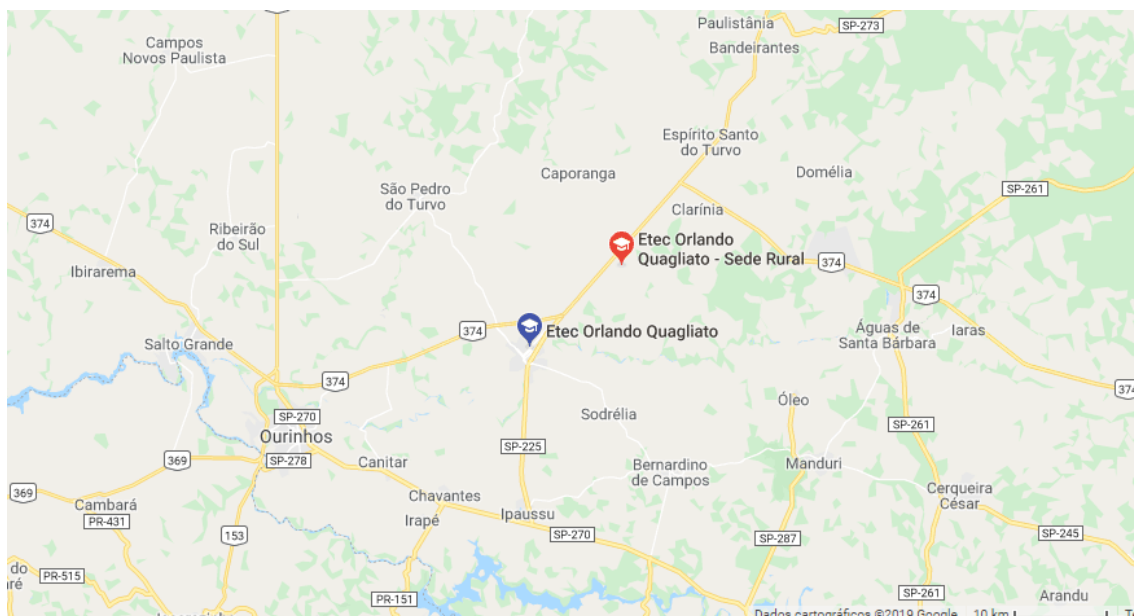
Figura 5: Orlando Quagliato



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Orlando Quagliato

Como dito, Orlando Quagliato também é uma escola técnica agrícola, que tem uma sede rural às margens da Rodovia Orlando Quagliato e outra urbana na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo.

Figura 6: Mapa das rodovias e cidades ao entorno da Usina São Luiz



Fonte: www.google.com

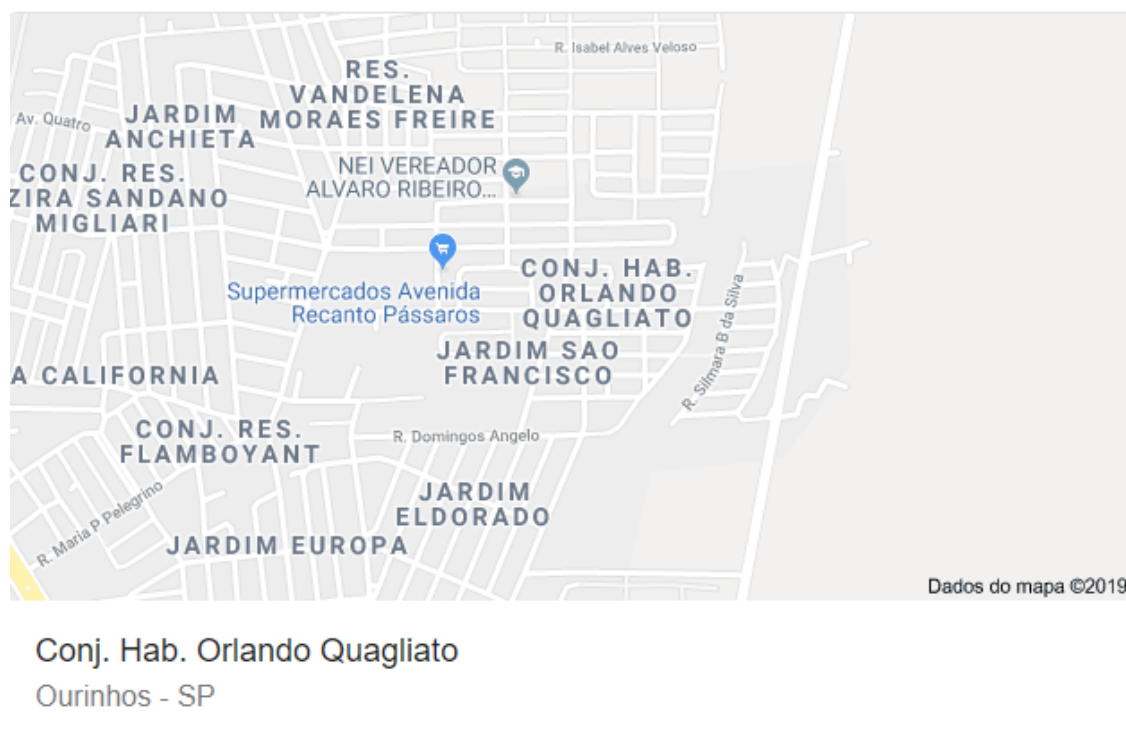
Alguns de nossos depoentes citam essa escola técnica como desejo posterior para os alunos ou filhos, após os estudos na Escola Estadual Orlando Quagliato.

De acordo com o site <http://etecsantacruz.com.br/institucional/nossa-historia>, da própria escola, a ETEC “Orlando Quagliato” foi fundada com a denominação de Colégio Técnico Agrícola Estadual de Santa Cruz do Rio Pardo através do Decreto nº 52.553, de 06 de novembro de 1970, juntamente com outros nove colégios técnicos estaduais, iniciando suas atividades letivas em 28 de março de 1971 com os cursos de Monitor Agrícola, de Técnico em Agropecuária e de Técnico em Economia Doméstica. Atualmente possui os cursos médios técnicos de Agropecuária, Informática para Internet, Administração, Agroindústria, Enfermagem e Segurança do Trabalho.

Mas, Orlando Quagliato também é EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil). Criada no dia 13/06/1988 e constituída a partir do advento da Lei de Diretrizes e Bases de 1996, essa escola coabita o mesmo espaço físico com a Escola Estadual Orlando Quagliato. Utilizam, ambas, o mesmo prédio. É gerida pelo governo municipal de Ourinhos e atende as crianças de 4 a 6 anos de idade, que moram nos arredores da Usina São Luiz.

Temos também o conjunto Habitacional Orlando Quagliato, localizado na cidade de Ourinhos.

Figura 7: Mapa dos bairros próximos ao Conjunto Habitacional Orlando Quagliato



Fonte: www.google.com

O conjunto Habitacional Orlando Quagliato abriga, atualmente, uma boa parte de funcionários da Usina São Luiz, que antigamente moravam nas colônias da usina e hoje possuem uma casa no referido bairro. Foi estrategicamente construído às margens das terras da Usina São Luiz, sendo de fácil acesso aos funcionários que ali residem.

As páginas encontradas se referem principalmente às escolas, ao bairro, à usina e a rodovia.

A Usina São Luiz produz cana-de-açúcar, álcool e outros derivados da cana. É uma indústria que vive exclusivamente dessa monocultura. De acordo com o site <http://www.usinasaoluiz.com.br/>, a Usina São Luiz S/A foi fundada em 1951, pelo Senhor Orlando Quagliato. Atualmente, é administrada pela família, com os quatro filhos do fundador e os netos. A empresa se orgulha de ser uma das organizações mais tradicionais da região, gerando em torno de 3.200 empregos diretos, trazendo benefícios para a comunidade. Na primeira safra, 1951/1952, a produção foi de 13.375 sacos de 60 kg de açúcar. Na safra de 2008/2009, a produção foi de 3.028.875 sacos de 50 kg de açúcar, 94.150.000 litros de álcool e 1.941,3 toneladas de levedura. A comercialização do açúcar e do álcool é feita, única e exclusivamente, desde 1959, pela Copersucar, uma das maiores produtoras de açúcar e álcool do mundo.

Figura 8: Foto aérea da Usina São Luiz



Fonte: www.usinasaoluiz.com.br

Tudo iniciado através de um pequeno alambique, conforme veremos no depoimento do Seu Floriano dos Santos.

Dentre todos estes Orlandos que apareceram e outros que possam existir, o escolhido por nós neste trabalho foi a Escola Estadual Orlando Quagliato. Essa escola está localizada na Avenida Jaime Rossi - Usina São Luiz - na Fazenda Santa Maria, no Município de Ourinhos, Estado de São Paulo. De acordo com o Censo Escolar de 2018, ela é composta por 54 alunos no Ensino Fundamental I, 55 alunos no Ensino fundamental II e 34 alunos no Ensino Médio.

A Escola Estadual Orlando Quagliato iniciou suas atividades pedagógicas no ano de 1965, como um grupo escolar. Esse era a nossa primeira informação sobre a escola. Após termos acesso a alguns documentos arquivados na Diretoria de Ensino da Cidade de Ourinhos, como a cópia abaixo, encontramos algumas informações que fortalecem nossa trama. Na ficha abaixo, pertencente ao Setor de Administração Patrimonial, datada de março de 1973, observamos que a conhecida hoje Escola Estadual Orlando Quagliato iniciou suas atividades juridicamente com o Decreto Ato de 23, do Diário Oficial do Estado de São Paulo de 24 de novembro de 1965, com o nome de Grupo Escolar da Usina São Luiz e que apenas em 27 de novembro de 1970, de acordo com o decreto número de 26, ela passou a se chamar Grupo Escolar Orlando Quagliato. No mesmo documento, somos informados de que a instalação antiga é de 16 de fevereiro de 1966, localizada na Rua do Açude, 232, dentro da Usina São Luiz e que a instalação atual data de 21 de março de 1973, na Avenida Jaime Rossi, sem número. Pelas conversas com a população que vive ou trabalha na usina e pelos depoentes, começamos a entender a escola de madeira, mencionada pelo seu Floriano, pela sua esposa, a dona Anísia e pela professora Norma, que deu aula no Grupo Escolar da Usina São Luiz e depois no Grupo Escolar Orlando Quagliato.

Figura 9: Ficha informativa do Grupo Escolar Orlando Quagliato

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DO ENSINO BÁSICO E NORMAL
SETOR DE ADMINISTRAÇÃO PATRIMONIAL

VII DIVISÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO - BAURUR

Data do preenchimento desta: março / 1.973.

Município: Ourinhos Distrito: Ourinhos

Estabelecimento: Grupo Escolar "Orlando Quagliato"

Denominação antiga: Grupo Escolar da União São Luiz

Denominação atual: Grupo Escolar "Orlando Quagliato"

Endereço antigo: Rua Colônia do Açúcar, 232

Endereço atual: Rua Av. Jaime Rossi

Zona: (rural - urbana - suburbana - distrital) U R a l

Criação do Estabelecimento:

Instalação antiga: 16/2/66

Delegação: Ensino Básico do SORFAR, 42a. Estágio: 1a

Dec. n.º Ato de 23 D.O. 24/11/65

Dec. n.º Ato de 26 D.O. 27/11/70

Telefone:

Município: (Fazenda - Bairro - Sítio) Bairro

Dec. n.º Ato de 23 D.O. 24/11/65

Instalação atual: 21/3/73

PRÉDIO

a) Próprio Estadual? ☐ m Municipal ☐ Partido ☐ Federal ☐ IPZSP ☐

b) Const. especialmente? ☐ Sim ☐ Não

c) Sendo alugado: preço - Nome do proprietário: Início do contrato: Tem contrato? ☐

d) Sendo adaptado: Quem fez a adaptação? Est. ? Munic. ? Part. ?

e) Material de construção: Alvenaria ☐ Sim ☐ Não

f) Salas removíveis: D.O.P. n.º 0 P.M. ☐

g) Há contrato de locação? ☐ Já vendido? ☐

TERRENO

a) Como foi adquirido o terreno? 1. Por compra? ☐ 2. Por doação? ☐ 3. Por herança? ☐ 4. De quem? Part. ()

Data da Escritura: 3/12/69 () Onde foi lavrada? 7a Tab. () Preço 91,00 ()

b) Área total do terreno: 5.000 m² Por doação? ☐ Sim ☐ Não De quem? União São Luiz S/A, em Ourinhos

c) O terreno é murado? ☐ sim (côrea de fecho tipo Enge) Área construída: 1.475,38 m² Área descoberta: 3.524,62 m²

DEPENDÊNCIAS

a) N.º de salas: 06 Demais dependências: sala xé-prim, biblioteca, secretaria, sala prof, sala médico, dentista, cozinha e

b) Instalações sanitárias: n.º 13 Quantas fora? 0 Dentro? 13 Separadas por sexo: n.º 6 masc. o 7 fem.

c) Há mictório? n.º 01 Há lavabo? n.º 3 Há chuveiro? n.º 8 Jossa séptica? ☐ Sim ☐ Não

d) Há bebedouro? n.º 01 Há água encanada? ☐ Sim ☐ Não De onde vem a água? poço profundo

e) O prédio possui iluminação própria? ☐ Sim ☐ Não

f) Há casa para o zelador? ☐ Sim ☐ Não

Obs.: Trata-se de prédio próprio, novo, construído pelo PROR, RECONSTRUTOR.

(*) Obs.: Pedos que constam na Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado : Dec. 52152/ 10/7/69 Escritura Lavrada no 7º Tabelião em 3/12/69.

5. ENTREVISTAS E RECORTES

Alguns entre são propostos pelos humanos, outros pela natureza e outros pelo tempo.

Chegamos às entrevistas. Aparecem no texto de acordo com as minhas necessidades ao narrar sobre essa escola Orlando e dos que por ali passaram ou ainda passam. Que o tempo não seja o meu juiz e compadeça dessa insubordinação.

Começamos com a querida Professora Norma Aparecida Bianchi Tavares.

5.1 Orlando de Norma

Figura 10: Norma Aparecida Bianchi Tavares e Reinaldo Donizete de Oliveira



Fonte: Arquivo do autor

Eu alfabetizei o Kiko Quagliato. Me lembro o dia que a mãe dele fez sua matrícula, ela ainda falou assim: “Tem gente que está abismado de eu pôr o menino aqui na escola”, pois poderia colocar em qualquer uma do mundo, mas ela falou: “eu sei que aqui tem gente capacitada”. A gente então ficava feliz de ouvir essas coisas. Ela confiou em nós, inclusive, na festa de 18 anos dele, vieram aqui me buscar para ir à festa, teve discurso do pai dele que começou a falar desde o nascimento, do médico, que ele foi crescendo, se desenvolvendo. Ele citou a gente também, me senti muito valorizada pois, de repente, eu estava lá, jogadinha no mato e achava que ninguém dava importância para nós. Meu nome completo é Norma Aparecida Bianchi Tavares, eu nasci dia 22 de agosto de 1938, já estou com oitenta anos, estudei sempre aqui em Santa Cruz do Rio Pardo, nasci aqui, fui estudando e me formei em 1958, na Escola Estadual Leônidas do Amaral, no Curso Normal. Naquela época era o Curso Normal e depois fiz aperfeiçoamento. Quem terminava o curso e queria dar aula fazia mais um ano de aperfeiçoamento.

Comecei a trabalhar nas escolas isoladas da Usina São Luiz em 1959, com 19 anos de idade, como professora substituta em uma licença de uma professora, por um ano. Em 1960 fui trabalhar como professora substituta na cidade de Mirante do Paranapanema¹⁴. Em Mirante do Paranapanema, naquele tempo, o único modo de chegar era de trem, que demorava um dia inteiro ou uma noite inteira para completar o trajeto. Era uma escola rural, dentro de uma fazenda de cultura de algodão. Tive muita dificuldade lá, pois eu morava na casa do administrador, junto com sua família. Ele e sua família eram japoneses, recém-chegados no Brasil. Ele veio do Japão, ficou morando sozinho por 2 anos, viu que poderia viver no Brasil, e assim, voltou buscar a família. Na época, ele e sua esposa tinham 3 filhos dos quais uma menina com 7 anos de idade. Entrou na escola falando japonês, foi tudo muito difícil para mim e para ela. Já de início ela foi minha aluna, não entendia nada do que eu falava, mas eu consegui alfabetizar essa menina. Trabalhava até o meio dia na escola e do meio dia em diante eu ficava na casa deles. Nesse tempo eu ficava trabalhando com a menina e a mãe, e graças a Deus, eu consegui ter amizade com aqueles japoneses, que eram

¹⁴ A cidade de Mirante do Paranapanema-SP fica 270 km da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo-SP. Município fundado em 29 de novembro de 1953, com população estimada pelo IBGE em 2010 de 17.064 habitantes. Sua economia é baseada no comércio e na agricultura.

muito fechados. Fizemos uma amizade tão forte, que, ao nascer mais um filho, uma menininha, eles me homenagearam dando meu nome a ela. Isso foi quando eu já tinha saído de lá, como substituta em Mirante do Paranapanema, trabalhei em três escolas em um ano, ficava cumprindo licenças, terminava uma licença aqui e já me chamavam em outra escola. Mas esses japoneses marcaram muito minha passagem por lá.

No período que trabalhei nessa escola, a dos japoneses, tínhamos muitos outros alunos também. Eu vi uma oportunidade, uma demanda, aproveitei e abri um curso de adultos nessa escola, pois naquele tempo para se efetivar, necessitávamos de pontos, não tinha concurso, e, ao abrir o curso de adultos, eu consegui esses pontos para me efetivar como professora. Abri um curso de adultos com 40 alunos homens dentro de uma sala de aula no período da noite. Todos os alunos eram lavradores, eles vieram para a colheita de algodão, todos lá do Norte do Brasil, todos nortistas. Se não era o sotaque dos japoneses era o tal de “oxi”¹⁵, mas graças a Deus eu trabalhei bastante lá naquela escola. Para ir à escola à noite, o japonês ia junto comigo, pois era longe da casa que eu morava, dava a maior cobertura para mim, eu tinha receio, pois eram muitos homens. Pela manhã os alunos eram crianças, mas à noite era só homem. Acho que fiz um bom serviço lá com eles. Essa escola era um paiolão de madeira, da fazenda, sem luz elétrica e sem água. O japonês levava junto um lampião para iluminar o caminho até a escola, chegando lá, colocávamos pendurado no fundo da sala de aula, pois já havia outro pendurado na lousa. Eu dava aula com esse lampião pendurado na lousa das 19 horas até as 22 horas. Essa família foi muito importante para mim, me ajudou muito no começo. Mirante do Paranapanema era uma cidadezinha muito pequena, com casas de tábuas, sem infraestrutura. Assim fui parar em Mirante do Paranapanema. Em Santa Cruz do Rio Pardo havia uma Delegacia de Ensino¹⁶ e em Mirante do Paranapanema havia um

¹⁵ Expressão popular do Nordeste do Brasil, que significa espanto, admiração, surpresa, dúvida.

¹⁶ De acordo com Ebenezer Takuno de Menezes, no site <https://www.educabrasil.com.br/delegacias-de-ensino/>, as Delegacias de Ensino eram unidades da administração direta existentes em vários estados brasileiros a partir da década de 70, subordinadas às Secretarias da Educação. A criação e a atribuição de prerrogativas às Delegacias de Ensino é competência do Poder Executivo, que, através de atos normativos, exerce seu poder, que lhe é conferido pelos princípios de direito administrativo. As Delegacias, de forma geral, têm as seguintes atribuições, nas respectivas áreas territoriais de atuação: executar a política educacional da Secretaria da Educação; acompanhar o desenvolvimento do ensino; prestar assistência técnico-administrativa aos Diretores de Escolas de sua área de atuação; e controlar e avaliar as atividades administrativas de sua área de jurisdição. As

diretor que era daqui de Santa Cruz. Certa vez ele ligou para a Delegacia de Ensino de Santa Cruz do Rio Pardo pedindo professores, pois lá havia 15 escolas fechadas por falta de professores. Como eu era iniciante e não era efetiva, me juntei com outros recém-formados e fomos para aquela cidade. Chegando lá cada uma foi para um canto, para uma fazenda. Foi uma experiência muito boa. Como já disse fiquei um ano em três escolas e no próximo ano trabalhei em Mirante do Paranapanema até a metade. Voltei para Santa Cruz, me casei e fiquei por aqui até ingressar como efetiva no Estado de São Paulo, na cidade de Santo André. Trabalhei lá por um ano até conseguir transferência para Chavantes. Após meio ano em Chavantes, já no ano de 1967, fui para a Escola Orlando Quagliato¹⁷. Me aposentei na Escola Orlando no ano de 1987, ficando lá por 20 anos como efetiva. Como substituta, na primeira vez que lá trabalhei, foi na usina, mas não na escola de alvenaria. Eu substituí uma professora por três meses, foi uma licença. A escola era em uma colônia, acho que na colônia Santa Rosa, uma casa de tábuas bem do outro lado do açude que ainda existe lá. Era um prédio de madeira comprido, tinha três salas, uma para a primeira série¹⁸, outra para a segunda, e outra para a terceira e a quarta série. Eu acho que os alunos da quarta série já iam para Ourinhos, não me lembro bem. As crianças eram muito carentes naquele tempo, não existia pré-escola, então você começava com a criançada ensinando a pegar no lápis, eles nunca tinham visto lápis, não tinham tesoura, caderno. Nós professores tínhamos que ter todo o material em nossa mesa, além disso, se fosse preciso, cortávamos a unha deles, tirávamos bicho-de-pé, piolho, essas coisas todas. Era muito difícil

Delegacias foram criadas num contexto em que se valorizava estruturas centralizadas e burocráticas. Como, a partir de meados da década de 90, as leis passaram a levar em conta o princípio da descentralização nos sistemas de ensino, o papel dessas delegacias passou a ser repensado. No estado de São Paulo, desde 1999, as Delegacias passaram a se chamar Diretorias de Ensino e tiveram seu número reduzido, com a justificativa de racionalizar administrativamente e ampliar a descentralização do sistema de educação. A proposta é que essas unidades tenham maior autonomia financeira e administrativa e que as escolas recebam verbas para sua manutenção, diretamente na conta da Associação de Pais e Mestres.

¹⁷ Ainda era o Grupo Escolar Usina São Luiz

¹⁸ Primeira série do antigo Ensino Primário é conhecida hoje pelo segundo ano do Ensino Fundamental. No Brasil, até 1971, o ensino primário constituía o primeiro estágio da educação escolar, dividido em quatro séries, cada um correspondendo a um ano. Ao concluir o ensino primário o aluno poderia ingressar no Ensino Ginásial. A partir da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 – LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1971, o Ensino Primário foi fundido com os quatro anos do Ensino Ginásial, dando origem ao Ensino de 1º Grau, com a duração de oito anos. Após a Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, o Ensino de 1º Grau foi substituído pelo Ensino Fundamental.

trabalhar, tinha aluno que precisava de uma escola especial e que estava ali dentro, tive um aluno que sofria ataque epilético, de vez em quando ele saía da classe, não conseguia ficar ali sentado. Ele morreu afogado no açude. Certo dia ele foi para o açude nadar e lá ele teve o ataque epilético e não saiu da água. Foi muito triste essa época, era tudo muito precário. A privada, o banheiro da escola era um cômodo quadrado, coberto com telhas, sem encanamento. Era constituído de fossa asséptica, um buraco no chão protegido por madeira. Para chegar à escola nesse começo também era bem difícil. Não havia estrada asfaltada, era tudo na terra. Nós, professores de Santa Cruz, íamos de perua por um caminho diferente da Rodovia Orlando Quagliato. Havia outro caminho. Íamos por um caminho que passava ali pela Expopardo¹⁹ e entrava em vários sítios. Passávamos por esse caminho pois tinha muitas escolas rurais espalhadas por esses sítios. Deixávamos os professores nessas escolas e na volta passávamos recolhendo os mesmos. O maior problema era quando chovia. Me lembro de termos atolados com a Volkswagen Perua Kombi várias vezes. Em certa ocasião, a lama ficou até acima da porta, não tinha como abrir a porta da Kombi. O motorista saiu com muito custo e foi procurar um trator em um sítio próximo e veio nos rebocar. O trator começou a puxar a perua para frente e a perua não saía do lugar. Arrebentou a corda que utilizaram para puxar a perua. Tiveram que puxar a Kombi para trás com mais um trator, pois para frente não ia. Naquele dia não conseguimos passar. Tivemos que voltar para a cidade. Nessa época a Kombi só levava professoras. Nesse dia nós chegamos aqui na cidade, todo mundo embarreado, pois havia entrado barro na perua e tivemos que descer uma hora, aproveitamos e fomos direto para a prefeitura para sensibilizar o prefeito. Chegamos na prefeitura que estava cheia de gente e nós, as professoras, com os pés cheios de barro, fomos atendidas pelo prefeito. Essas coisas marcaram muito, era um sacrifício tremendo chegar na escola Orlando, até que construíram a Rodovia Orlando Quagliato. Quando me efetivei e voltei a trabalhar nas escolas da usina voltei ainda na escola velha, nessa que tinha banheiro precário, que era perto do açude. Isso já era em 1967. A escola de alvenaria demorou para começarem a construir, mas

¹⁹ Exposição Agropecuária de Santa Cruz do Rio Pardo - SP

depois que começou foi muito rápido. Ela não começou com aulas em 1965, o documento da fundação é de 1965, mas ela demorou um pouco para funcionar. Sonhávamos em trabalhar na escola nova. As crianças ficaram muito surpreendidas com essa escola, nunca tinham visto um prédio daquele jeito. Era tudo diferente do que eles conheciam, desde o mobiliário que ajudamos a ajeitar até os banheiros. Muitos não conheciam um banheiro com vaso sanitário, lavatório, azulejo.

Nesse início o diretor foi o Senhor Jairo²⁰. Ele ficou lá por 10 anos. Eu o substituí na direção quando ele tinha que se ausentar. O dia que chegou o mobiliário na escola o senhor Jairo falou para mim: “Olha vai chegar o mobiliário da escola, então você fica atenta, porque tem que ver tudo certinho, se não falta nada ou se não está quebrado, depois não podemos reclamar”. Quando o prédio de alvenaria começou, todos os alunos das escolas de madeira das colônias foram para a Escola Orlando. Começamos com aproximadamente 100 alunos.

As aulas na escola nova eram apenas no período da manhã. Parecia que os alunos tinham ido para um castelo. Ficaram muito admirados. Levamos um dia inteiro para descarregar o mobiliário da escola. Todo mundo ajudou a descarregar, alunos, professores e funcionários. No caminhão tinha de tudo, era bastante coisa, carteira, mesa, coisas de cozinha, filtro, pratos, coisas miúdas, armários para as salas da direção, secretaria, sala dos professores. Nunca tivemos armários na escola de madeira, também não tínhamos sala dos professores, ficávamos circulando pela escola. Lá na escola de madeira não tínhamos direção, secretaria, inspetores. Eram apenas os professores. Se precisássemos de algo tínhamos que ir à Delegacia de Ensino aqui em Santa Cruz. Às vezes aparecia um inspetor²¹ para nos fiscalizar, tudo era mais difícil na zona rural.

²⁰ Jairo Silva, diretor da Escola Estadual Orlando Quagliato na década de 1970.

²¹ Inspetor educacional: também conhecido como orientador educacional, administrador escolar, supervisor escolar, tinha como tarefa, de acordo com a Resolução nº 112/74, do Conselho Estadual de Educação - RS, avaliar o desempenho da escola de modo geral, caracterizando suas reais possibilidades, necessidades e níveis de desempenho no processo de desenvolvimento do currículo, para que fossem planejadas e tomadas decisões políticas de acordo com a realizada escolar.

Tanto nas escolas de madeira quanto na escola Orlando utilizamos a cartilha Caminho Suave²², nós entrávamos com língua portuguesa e alfabetização, que era a coisa mais difícil para a criança que nunca havia pegado em um lápis, eu

²² De acordo com o site www.infoescola.com, a cartilha Caminho Suave é cartilha de alfabetização cuja publicação teve início em 1948 e é considerada ainda hoje um fenômeno editorial brasileiro e um marco na história das cartilhas de alfabetização e produção de livros didáticos no Brasil. No ano seguinte à sua primeira tiragem, a cartilha já fazia parte da relação de livros a serem usados nas escolas primárias do Estado de São Paulo. Entre 1971 e 1996 participou dos programas federais de subsídios ao livro didático nas escolas, o que alavancou sua produção e, nos anos 90, bateu a marca de mais de 40 milhões de exemplares vendidos. A história de sua idealização está intimamente relacionada com a experiência profissional de sua autora e idealizadora, a professora Branca Alves de Lima. Toda cartilha foi elaborada a partir do método que a autora desenvolveu a partir da observação das dificuldades de aprendizagem de seus alunos, em grande parte moradores da zona rural. Um dos pilares do método idealizado por Branca foi a utilização de ilustrações semelhantes à letra a ser ensinada. A própria autora nomeou o método como “Alfabetização pela Imagem” e o conteúdo da cartilha propunha um processo de alfabetização realizada pela associação entre imagens e palavras-chave, sílabas e letras. Segundo ela, ao trabalhar cartazes em sala de aula foi percebendo que as crianças esqueciam menos através da associação de uma letra a uma figura como, por exemplo, desenhar uma faca a partir da letra f ou um gato a partir da letra G. Desta forma, a imagem constituía-se em procedimento pedagógico para aprendizagem e assimilação de letras, sílabas e palavras, estimulando assim o interesse e motivação dos alunos ao mesmo tempo em que contribuía para a fixação e o estímulo da memória. A fim de cumprir com seus objetivos de aprendizagem, o próprio nome dado a cartilha não foi ao acaso. Segundo a autora, tanto a alfabetização como o ensino da leitura só se tornariam efetivos e dinâmicos se o percurso dos alunos pudesse ser suavizado em alguma medida, razão pela qual foi atribuído o nome “Caminho Suave”. Desde sua primeira edição, a capa manteve a ilustração de duas crianças indo para a escola, percorrendo um caminho onde se observa ao fundo o prédio escolar como ponto de chegada. Todas as histórias apresentadas como mote para aprendizagem giram em torno dos personagens de um menino (Fábio), uma menina (Didi) e de um bebê (Fabiano). Essa opção foi justificada pela preocupação em escolher temas vivenciados pelas crianças e palavras pertencentes ao universo vocabular das crianças a partir do ambiente familiar: família, casa, escola, irmãos, plantas, animais etc.). Com o objetivo de orientar o trabalho a ser desenvolvido a cartilha era acompanhada por um Manual do Professor, aonde cada lição era antecedida de uma história associando os personagens às palavras-chave, seguida de orientações de como apresentar o cartaz correspondente à palavra-imagem. Apesar de sofrer alterações gráficas no decorrer dos anos em que foi editada, as concepções que embasaram a idealização da cartilha permaneceram as mesmas ao longo das diversas edições, tornando a cartilha Caminho Suave um componente importante da história e da memória da alfabetização e escolarização primária no Brasil.

Podemos encontrar mais informações nos trabalhos:

PERUQUE, Jéssica Toro. Cartilha Caminho Suave: História e Memória dos 65 anos de Publicação. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá, 2016. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC-2015/Jssica_Toro_Perunque.pdf

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos. Revista História da Educação, volume 6, n. 11, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30604>

PERES, Eliane e RAMIL, Chris de Azevedo. Alfabetização pela imagem: uma análise iconográfica da cartilha Caminho Suave e do material de Apoio. Cadernos de Pesquisa em Educação, UFES. Volume 19, n. 41, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/educacao/article/download/11322/7889>

dava aula assim, era muito mais na lousa do que na carteira, começava o ano letivo com aqueles exercícios de coordenação motora e a partir do mês de maio de cada ano iniciávamos com as letras do alfabeto. Em relação à Matemática e ao sistema de numeração também trabalhávamos, assim como História e Ciências. Tínhamos muita comemoração, principalmente na década de 1970, antigamente toda escola tinha, dia da pátria, dia das mães, sete de setembro e outras. Ensaíávamos muito para as datas festivas. Ensaiaava poesia, ensaiava canto, comemorávamos o dia. Se fosse em um domingo, íamos lá no domingo, não tinha dia. Nós chegamos a fazer desfile lá na usina, de 7 de setembro. Trabalhávamos bastante e com afinco. A mudança para a escola nova foi uma glória, tinha muito medo na escola de madeira, pois era muito perto do açude e as crianças iam e vinham, sem proteção, era muito perigoso.

Para chegar à escola Orlando passávamos por estradas de terra, íamos pegando as crianças nas colônias, que eram várias, tinha colônia de tudo jeito. Era um tempo que em vez de cana tinha mato e a gente via macaquinho nas árvores, víamos animais pelo caminho. Com o passar do tempo os empresários da usina foram comprando as propriedades e transformando todo aquele mato virgem em plantação de cana de açúcar. Junto com a cana vieram os boias frias, aquela turma do norte. No começo os alunos eram filhos desses lavradores que tinham pequenas propriedades ali em volta da usina e dos boias frias. Na escola Orlando os alunos eram filhos dos boias frias, filhos dos diretores e chefes da usina. Já não tínhamos mais os moradores dos sítios. Eram filhos dos funcionários que vieram de outros Estados da Federação, de outros lugares fora da cidade. Demorou um pouco para as crianças se acostumarem com a escola. Desde o começo tentávamos fazer algo que eles já tivessem conhecimento. Fizemos uma horta no início, pois eles plantavam nas suas casas. O produto da horta era utilizado para ajudar na merenda da escola, eles sabiam que o que eles estavam comendo era o que eles haviam plantado, trabalhávamos muito essa parte de aproveitar a terra, utilizávamos isso para iniciar a alfabetização. O começo da alfabetização era uma coisa terrível, eu ficava pelo menos um mês ensinando as crianças a segurar o lápis para escrever, a limpar o nariz, a usar o banheiro. A usina começou a doar uniforme para os alunos, nós íamos até a confecção para ver como faziam, sempre acompanhei o processo de compra do tecido para ver o modelo que escolhiam. Eles ficavam muito bonitos.

Nós trabalhávamos devagar, o primeiro semestre não tinha muito rendimento, no segundo já deslanchava. Eles iam pegando o jeito, iam sendo alfabetizados aos poucos. Fiz especialização em alfabetização e fiquei ali 20 anos alfabetizando. Nos últimos 10 anos com duas classes, em dois períodos distintos.

O começo era difícil, pois eles não falavam muito, sempre eram calados. Aos poucos estimulávamos eles a falar, perguntávamos sobre a família, sobre o dia a dia. Quando um aluno faltava íamos até a colônia saber o que estava acontecendo, porque não estava indo mais para a escola. Certa vez nós precisamos de ajuda para tirar duas crianças de condições vulneráveis. O pai tinha morrido e mãe estava desequilibrada. As crianças ficaram alguns dias sem aparecer na escola e em um domingo eu e a professora Cidinha fomos ver aquelas crianças, era bem longe, era na colônia Imbiruçu. Fomos para Imbiruçu, chegando lá deu uma tristeza muito grande, a menininha deitada no chão, fraca, muito mosquito na casa, aquela mulher meio maluca, alcoolizada, fora do juízo, tivemos que trazer essas crianças para um hospital em Santa Cruz, ficaram internadas para cuidar da saúde, a menina tinha muitos vermes, estava muito fraca.

Tínhamos muito trabalho, trabalhávamos mesmo, não era só dar aula, era uma preocupação muito grande com aquelas crianças, a gente queria saber da situação do pai e mãe, como que essa criança vivia fora da escola, o que fazia no dia-dia. A escola começou a dar material escolar, dar uniforme. Me lembro que eles tomavam chuva, não tinham mochila, não tinham bolsa, estragavam caderno na chuva. Nós começamos a levar saquinhos de arroz, de plástico, para evitar que o material escolar molhasse na chuva. Sempre dávamos um caderno num dia e no outro o caderno vinha pela metade, faltando folhas. Perguntávamos o porquê de fazer aquilo com o caderno e eles falavam que a mãe utilizava folhas para fazer lista de compra ou para outras coisas. Os pais participavam da escola quando eram chamados. Fazíamos reunião de pais uma vez por mês naquela escola, mas, como todo mundo ia trabalhar na roça durante o dia todo, a reunião de pais tinha que ser à noite, dávamos aula pela manhã e à noite fazíamos a reunião com os pais. Tínhamos que fazer reunião mesmo que faltasse muita gente, algumas colônias eram distantes, e tinha o frio, as estradas dos canaviais, o barro, a falta de transporte para os pais, não tinha o que fazer. Na escola

fazíamos de tudo, cuidávamos das crianças, tirávamos bicho de pé²³, cortávamos as unhas deles. Um dia uma aluna me disse que a mãe falou para eu cortar a unha dela, e a gente fazia essas coisas, eu disse para a menina: “e por que a mamãe não cortou sua unha?”, e ela respondeu: “é porque nós não temos tesoura”, era assim. Outra vez estávamos na quadra, estava muito frio e a criançada tudo fervendo de piolho, nós fomos lá na quadra e colocamos remédio na cabeça das crianças, de todas elas. Não sei se foi a usina que mandou os remédios ou se foi o governo. Isso aconteceu em 1975, 1976, estávamos todos na quadra, lá no murinho sentado com as crianças e colocando remédio na cabeça deles. Logo após esse episódio apareceu um médico de Ourinhos, ele ia na escola uma vez por mês, ia pesar as crianças, ver como que estavam, orientava os professores em relação à saúde dos alunos. Quando ele ficou sabendo do remédio para piolho, foi na diretoria da escola e falou para o diretor: “não façam mais isso, já pensou se alguma criança é alérgica? Dê o remédio para a mãe, explica a ela como fazer e ela que faça isso em casa”. Nós ficamos assustadas e bem receosas, havia coisas que queríamos fazer, mas não podíamos. Trabalhávamos muito a questão da higiene, da saúde das crianças, às vezes chamávamos a mãe na escola para saber o que estava acontecendo, mandávamos levar a criança no posto, orientávamos. A presença do médico na escola mensalmente era muito importante também. Era Salim Mattar o nome dele. Ele ia lá na escola, andava no meio das crianças, conversava com elas, pesava todo mundo, brincava, na hora da merenda a gente ficava em volta, não tínhamos hora de recreio, pois ficávamos cuidando dos alunos nessa hora. Na escola me chamavam de galinha choca, pois eu cuidava dos meus alunos como uma. Se visse um tumulto, se eu visse que era aluno meu, eu falava para o servente escolar: “deixa comigo que eu vou acabar com o tumulto”. Eu não parava, porque na minha classe sempre era de primeiro ano, os alunos não sabiam fazer nada, não sabiam se defender dos maiores. Na hora do recreio eu

²³ De acordo com o site www.minhavida.com.br, o bicho de pé ou tungíase é uma infecção de pele causada pela fêmea do parasita Tunga Penetrans. A contaminação ocorre quando a pessoa pisa no solo contaminado sem proteção nos pés. Desta forma, a larva penetra na pele e migra para a epiderme formando pequenos túneis tortuosos e avermelhados, às vezes associados a vesículas. É importante, portanto, manter a atenção em crianças que vivem em comunidades carentes de recursos nas áreas rurais e urbanas do Brasil – local onde cerca de 60% dos pequenos são infectados com bicho de pé, segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS).

também aproveitava para apontar lápis. Tinha uma caixa de lápis apontado e uma com lápis sem ponta, então quando quebrava a ponta eles colocavam na caixa dos lápis com ponta quebrada e pegavam um apontado. Nos finais de semana eu levava as caixas para casa e apontava todos, adiantava o serviço e ficava as duas caixas com os lápis apontado. Havia também a necessidade de controlar os materiais, pois a usina sempre controlou o consumo para que não fosse excessivo. Muitos levavam os materiais escolares para casa e não traziam mais. Tínhamos que fazer de tudo, ser mãe, pai, médico, assistente social e mais outras coisas. Dávamos todo tipo de assistência que podíamos naquele momento. Eu tinha um aluno muito peralta e na minha caixa de lápis quebrado eu guardava um canivete, ótimo para apontar lápis. Certo dia um aluno veio e falou: “tia o fulano pegou o canivete da senhora”, eu estava liberando as crianças para irem embora, ele já tinha saído da classe. Falei com o servente, corremos para o portão, um garoto violento, bravo, pegamos o canivete dele e, naquele dia, eu não consegui trabalhar. Meus alunos sempre tiveram seis ou sete anos. Não trabalhavam na lavoura. Eles começavam a ir para a lavoura lá pela quarta série. Ficavam na aula pela manhã e depois iam para a lavoura.

Os pais dos alunos, os lavradores, não ligavam muito para a escola, achavam que as professoras eram vagabundas. Nos dias que eu trabalhava até meio dia, ia embora com a perua que passava pelas colônias. Numa das colônias tinha um poço, com umas quatro ou cinco tábuas para lavar roupa em volta dele. Certo dia nós passamos, foi num sete de setembro, tínhamos ido fazer a festa na escola e viemos embora mais cedo. Quando a perua passou tinha aquela mulherada, mães dos alunos, em volta do poço e uma gritou: “olhem lá as vagabundas”. E eu falei: “é isso aí gente, estamos aqui no feriadão e ainda ouvimos isso”. Havia mães ótimas que agradeciam a gente pelo que fazíamos pelos filhos, mas tinha outras que judiavam, qualquer coisa que ocorresse vinha reclamar na diretoria da escola. Um dia o diretor me chamou na diretoria e falou: “olha essa mãe aqui veio reclamar porque a senhora mandou um bilhete no caderno de casa”, porque eu dava tarefa todo dia para casa, “tem um bilhete aqui avisando que o filho dela não fez tarefa”, no terceiro dia sem tarefa eu mandava um bilhetinho, e ela falou para mim: “eu não tenho obrigação de ensinar o filho em casa, a obrigação é da senhora, já que a senhora ganha para isso”, o diretor disse: “eu já expliquei tudo isso para ela mas ela queria ouvir da sua boca”. A

mãe queria que o menino fosse pronto para casa, não tinha que fazer nada em casa, dávamos o caderninho de casa e nas reuniões e falávamos: “não fez a tarefa um dia tudo bem, dois dias, no terceiro, se não trouxesse a tarefa, tinha que saber o motivo”. Elas achavam que a gente que tinha que ensinar e elas não, eu explicava para elas que a tarefa de casa foi dada, e que depois corrigiríamos, íamos ver se o aluno fez certinho e se não aprendeu, por que não aprendeu.

O Estado, a Secretaria de Educação, a Diretoria de Ensino, nunca nos pressionou para ensinar alguma coisa específica, ficávamos à vontade para poder ensinar. Nós fazíamos um planejamento no começo do ano, depois o planejamento diário, tínhamos que ter o caderno com tudo registrado do dia a dia, o diretor de vez em quando olhava. Na época das escolas isoladas era mais difícil. Eu trabalhei em várias escolas isoladas, uma aqui na fazenda Santa Gema e outra no bairro do Botelhos, que é aqui a caminho de São Pedro do Turvo. Os alunos estudavam todos juntos, na mesma sala, as três séries eram juntas, primeira, segunda e terceira, era difícil de trabalhar, uma fileira era para a primeira série, outra para a segunda e outra para a terceira. A lousa era dividida para cada série, havia a fiscalização dos inspetores, periodicamente eles iam nas escolas, eram muito exigentes. Tinha inspetor que chegava na escola antes da gente para ver se a gente chegava atrasado, de longe você via o carro do inspetor na escola, e era uma fiscalização tremenda, tinha um tal de Seu Osvaldo que era um horror. Lá nos Botelho eu ia de charrete. Era o único veículo que havia para transporte naquele local. Foi quando eu era substituta, eu substituí por aí, um mês nessa escola, dois meses na outra. E esses inspetores fiscalizavam demais, até no horário do recreio eles fiscalizavam, às vezes chegava um pouco antes ou um pouco depois, era terrível. Foi um tempo triste quando eu era substituta, chegava no exame de fim de ano havia uma prova para os alunos, mas não eram as professoras da escola que aplicavam essa prova, era uma professora de fora, de outro local. Eu ficava horrorizada com aquilo, porque a criançada da roça tinha muito medo de professor, éramos autoridade para eles, no dia desse exame final, eles tinham que tirar nota para passar de ano, e de repente chegava uma professora diferente na classe, muitos iam mal. Isso sempre deixava os alunos acanhados, judiação deles no dia de prova aparecer uma pessoa estranha para aplicar e eles tinham que passar. Era

um crime. Houve um ano eu fui aplicar uma prova em uma escola de Sodrélia, um distrito de Santa Cruz do Rio Pardo, que judiação, sabe quando todo mundo está olhando para gente assustado, nunca viu a cara da gente e do nada aparece uma pessoa estranha para aplicar uma prova, até animarmos as crianças demorava um pouco, “ah está tudo bem, é a mesma coisa, eu sou igual, a sua professora foi lá cuidar dos meus alunos e eu vim cuidar de vocês”, como eu não me conformava com aquilo. Lá na Escola Orlando não havia essa prova final, eu que fazia tudo, nunca ninguém foi aplicar provas na minha classe.

Também tinha a alimentação nessas escolas. Éramos nós que fazíamos tudo. Fazia um leite, um pãozinho, uma sopinha, quando tinha sopa a gente já colocava lá no fogão à lenha, entrava e saía da classe toda hora ver o fogo, três séries para você dar conta e ainda tinha que fazer comida no fogão a lenha. Ali nos Botelho, a família morava perto da escola e a dona do sítio se comprometeu a fazer o que precisasse, ajudava muito o pessoal que trabalhava no sítio. Era muito melhor lidar com os colonos do sítio do que o pessoal da colônia da usina. O pessoal da colônia era revoltado com a miséria que eles passavam. Era bem difícil lidar com esses pais. Nas escolas isoladas, as crianças eram filhos dos sitiantes, que já moravam ali, nas proximidades, não vieram de fora, e nas colônias os alunos eram filhos de lavradores que vieram de todo o lugar do Brasil para cortar cana e não pertenciam àquela terra, todo mundo muito diferente culturalmente. Até o vocabulário deles tinha palavras que eles falavam que a gente ficava sem saber o significado.

Ali na usina era assim, a safra começa em maio, então em maio, que você já estava adiantada com seu programa, chegavam muitos alunos e no final do ano, quando acabava a safra, alguns ficavam e outros voltavam para seus locais de origem, muitos alunos saíam da escola no final do ano e quando chegava maio do ano seguinte, tínhamos que começar tudo de novo. Sempre havia uma turma à parte que ia começar a desenvolver a coordenação motora, alfabetização e outras coisas. Alguns ficavam, permaneciam ali na usina. Tinha também o pessoal do escritório que no começo mandavam seus filhos estudarem em Ourinhos, mas depois de um tempo viram que o ensino ali era bom, que éramos muito esforçados e matricularam os filhos ali no Orlando.

As professoras vinham de Ourinhos e de Santa Cruz para dar aulas na Escola Orlando. Houve uma vez nós batemos a perua em um caminhão. Foi no tempo

em que a Rodovia Orlando Quagliato já estava aberta, mas era de terra. A entrada da usina era outra, entrávamos numa rua de cana, no meio da cana. Nesse dia veio um caminhão e a gente indo, o caminhão deu seta que iria para Santa Cruz, mas o motorista continuou o trecho reto e a perua bateu naqueles ganchos da carroceria onde eles amarram a cana. Arrancou a frente da perua. Todo mundo se machucou, mas não foi nada grave. Era o último dia de aula, fomos para terminar a papelada e ir embora, todo mundo levando alguma coisa para comer, para festejar o último dia de aula do ano, todos com prato na mão, com garrafa de refrigerante e quebrou tudo, todos se machucaram um pouco, eu bati naquela orelha da kombi que tem no vidro. O diretor Jairo que estava dirigindo e a professora que estava na frente também coitada, encheram o rosto de caco de vidro. A perua era do diretor Jairo. Ele pegava todos os professores em Santa Cruz e levava para a escola.

O Estado nunca forneceu transporte, nem a usina. Era por conta nossa. Certa época nós compramos um carro em cinco professoras. Cada uma ficava responsável uma semana, limpeza, abastecimento, direção. Acho que foi em 1967, meu segundo filho nasceu em 1967, e me lembro que dirigia grávida. Não, isso é outra história, foi depois disso que decidimos comprar o carro. O correto é o seguinte, nós contratamos um motorista que nos levava com o carro dele, ia e voltava, pois era mecânico em Santa Cruz. No final do período voltava para nos buscar. Naquele tempo a gente trabalhava até o meio dia. Com o passar do tempo combinamos com ele de nos alugar o carro, pois todas dirigíamos. Eu estava dirigindo num certo dia, eu estava grávida, Seu Jairo não estava na escola, ele estava de licença e havia uma diretora substituta, e a certa altura do caminho o carro para de funcionar. Ninguém entendia de mecânica, ninguém sabia nada. Nós ficamos paradas na estrada, passava um parava e olhava, passava outro, até que veio um e falou: “é falta de gasolina”. O carro era velho, não marcava nada. Um sitiante bom de coração colocou um pouco de gasolina e fomos para a escola. Sei que chegamos na escola era quase hora do recreio, a diretora substituta ficou muito brava, deu uma bronca em mim, pois eu estava dirigindo naquela semana. Eu já estava para tirar licença e ela falou: “olha, precisei deixar gente na porta da sala, pois como eu vou soltar criança fora de hora, mandar embora. Elas têm que ficar aqui na escola, você tem que ver se tem gasolina no carro, não pode acontecer isso.” Eu despenquei, comecei a

chorar e falei: “eu não vou para a classe, não vou assinar ponto, não vou fazer nada”, fiquei lá, estava muito nervosa. Ela veio e me acalmou, veio com remédio e tudo. Por coisas assim, uma estupidez, que resolvemos comprar um carro, um Volkswagen Brasília. Com o passar do tempo uma aposentou e as outras compraram a parte dela, ficamos só quatro. Começaram a aparecer mais professores de Ourinhos e a diminuir a turma daqui de Santa Cruz. Quando mais uma se aposentou nós vendemos essa Brasília.

Quem ia para a escola saindo de Santa Cruz não andava de toldo, um caminhão que tinha uns bancos nas laterais da carroceria e era usado para transporte dos lavradores. Todos iam de perua. Teve uma vez nós fomos de caminhonete, não lembro se era festa, mas tinha menos gente, como choveu muito e a estrada era de terra, a caminhonete atolou na volta, tinha chovido muito. O motorista nos pediu para subir na carroceria da caminhonete e pular. Ficamos pulando enquanto ele acelerava para desatolar, e desatolou, aquele foi o jeito, porque não tínhamos outra ferramenta.

Essa estrada rural por onde passávamos não era totalmente de cana. Tinha muita mata, muitos bichos, passarinhos, era a coisa mais linda. Às vezes parávamos no caminho para ver os macaquinhos pulando nas árvores, era muito bonito. Com o tempo tudo virou canavial.

As coisas mudaram rápido. A escola trouxe muito movimento para o centro da usina, foi construída bem rápido. Foi feita com casa para servente, para cozinha, quadra, salas, banheiro, biblioteca. A entrada da escola eu acho que era outra, porque quando a gente passa não dava para ver a escola direito, agora mudaram até os caminhos. Entrávamos por outro lado, por outra estrada. Havia dois pés de abacate que sinalizavam a entrada. Uma vez passei por lá, estava com meu filho retornando de Ourinhos, e ele falou: “mãe quer dar uma volta em volta da escola?”. Nós passamos por lá, mas não paramos, não deu para ver muito bem. Acho que os abacates não existem mais ali, faziam muita sujeira. Em dia de vento caia muita folha, a servente ficava brava.

O Kiko Quagliato foi meu aluno. Sua mãe, Dona Fátima, era uma pessoa especial. Era a Fátima, Fátima Rocha, morreu moça de tudo, por caso de um câncer. Ela ia sempre na escola, participava de tudo. Esse pé de acerola que eu tenho aqui no quintal, foi ela quem me deu a muda. Sempre que ela aparecia na escola, conversava muito com a gente, ela era muito especial. Ela chegava

sempre na hora do recreio - e toda quinta-feira o lanche era pão com mortadela, era dia da festa, toda quinta-feira ela ia lá, sempre na hora do recreio. Um dia, acho que foi no ano de 1974, ela chegou lá na escola e falou: “na minha casa não tem mortadela, então eu venho comer aqui, porque eu adoro mortadela”. Em outra oportunidade ela falou: “eu quero fazer um almoço para vocês”, ela gostava demais da escola. “Eu quero fazer um convite pra vocês”, estava perto do sete de setembro, e ela falou: “eu quero que vocês professoras venham almoçar na minha casa, no dia sete vocês farão as comemorações na escola e depois vão almoçar comigo”. Aproveitamos a oportunidade, pois no dia a dia não dava, não dava para sair da aula e ir comer com ela. Mas nesse dia sete nós fomos, acabou a festa na escola e fomos para casa dela. Ela mostrou tudo que tinha, a casa dela era maravilhosa, era uma mansão, um espetáculo, o desenho da cortina era o mesmo do piso, isso nunca saiu da minha cabeça. Era uma cortina de cor clara, bege, com uns ramos de folha, uma samambaia, verde, igualzinha ao piso. A tecelagem teve que copiar o piso ou o piso teve que copiar o pano. Ela era maravilhosa, levou a gente para ver o jardim da casa, o pomar. Cheguei no pomar e naquela época ninguém falava em acerola, só tinha escutado qualquer coisa na televisão que existia essa fruta. No pomar havia um pé de acerola. Eu fiquei admirada, o pé ainda estava pequeno. Disse para ela: “nossa isso aqui é acerola, eu vi na televisão, fiquei com muita vontade de conhecer, porque dizem que é muito bom”. Ela falou: “você quer uma muda?” e eu disse: “eu quero”. Era assim, não podíamos falar nada que eles faziam. Ela finalizou: “eu vou pedir para o meu jardineiro fazer uma mudinha para você”. O tempo passou, passou e passou. Um dia eu lembrei: “a Fátima esqueceu da minha mudinha”. Não é que um dia ela chegou lá na escola, ela sempre chegava na hora do recreio, entrou pelo portão e eu estava lá fora com as crianças e ela com um vaso com a mudinha de acerola. Veio ao meu encontro dando risada e falou: “pensou que eu tinha esquecido, mas não esqueci não, está aqui tua mudinha”. Esse pé de acerola dá acerola até hoje aqui em casa.

Ela ajudava muitos alunos. Quando ia na escola, qualquer coisa que pedíssemos ela providenciava, uma beleza a Fátima, todo mundo gostava dela, ainda mais quando o Kiko estava lá na escola, aí que ela ia mais ainda. O Kiko era o famoso “filhinho de papai” na escola. Nas aulas colocava as continhas na lousa para que os alunos fizessem e ele falava: “professora eu não vou fazer isso não, faz para

mim”, ele era assim, e eu falava: “não, não sou eu quem tem que fazer, é você que tem” e ele falava: “eu não vou fazer não, lá no escritório do meu pai tem uma maquininha que é só apertar uns botões que sai o resultado dela”. O pai já tinha calculadora no escritório. Fazer o que com o menino? Ele tinha tudo que os outros não tinham e de vez em quando ele vinha com essas conversas: “eu não vou fazer não”. Era um tempo muito bom. Um dia a Fátima chegou na escola e falou: “dona Norma, não acredito e a senhora também não vai acreditar, o Kiko”, ele era inteligente, mas tem hora que era inteligente para o lado dele, “sabe o que eu descobri? A minha empregada estava fazendo a lição para ele, ele estava pagando-a para fazer lição para ele”, eu falei: “mas não, eu não achei nada diferente, eu achei a letra dele”, ela falou: “ela faz tudo num papelzinho e ele passa no caderno, estou vendo que logo ele vai pagar para ela fazer tudo”. Ela bronqueou a empregada, bronqueou ele, mas ele era demais, ele não queria fazer nada, mas era muito inteligente.

A Matemática trabalhada era bem simples, meus alunos eram da primeira série. Eles faziam soma, subtração, bem simples, mas no fim do ano. Primeiro eram alfabetizados na língua materna, depois vinham os números. Conseguiram resolver problemas muito simples, bem pequenos, bem curtinhos.

Lá na escola eu tive muitos amigos, muitos professores excelentes, era uma turma ótima, tinha a Leila, ela trabalhava ali também, depois se mudou para São Manuel, tem bastante gente que trabalhou comigo lá e ainda está por aí. Outro amigo é o seu José Roberto, tinha também o seu Jairo, já falecido, que foi diretor, o dono da Perua kombi.

A escola Orlando, mesmo sendo do governo do estado tinha o perfil de escola rural, nós aproveitávamos tudo o que tinha ali, o que as crianças enxergavam, como elas viviam, então adaptávamos tudo, tudo que fazíamos era a respeito do açúcar, da cana, das galinhas, dos animais e da plantação. Era importante aprender ler, escrever e fazer cálculo, mas utilizando tudo do ambiente deles. Mesmo assim a escola fazia a diferença. Muitos alunos seguiram suas vidas por causa dos estudos. Eu tenho um aluno que foi, e é especial para mim até hoje, porque eu alfabetizei sete irmãos, e esse, o Paulo, ele era muito esperto, eu falava muito para as crianças que precisavam estudar para um dia ter uma vida diferente, que ali na lavoura era muito complicado, era muito sofrido, que precisava estudar bastante para ter uma vida melhor. Ele, o Paulo, vem aqui na

minha casa até hoje, ele mora em São Paulo, acho que já está com seus cinquenta e poucos anos, mas quando ele vem para Ourinhos visitar seus irmãos, ele sempre passa aqui. Ele sempre fala para mim: “eu escutava a senhora falar, tem que lutar, tem que aprender. Com dezoito anos eu peguei minha malinha e fui embora para São Paulo, meus irmãos estão aí até agora, um é frentista do posto, não estudou”, e ele está em São Paulo, e ainda: “eu lembrava o que a senhora falava, eu não vou ficar aqui não, eu vou dar um jeito na minha vida”, pegou a mala dele e foi para São Paulo, foi morar com um tio, e lá ele se casou. Um dia ele me descobriu com uma amiga ali na Delegacia de Ensino, ela me ligou e falou: “Norma, tem um rapaz de São Paulo que ligou para mim, ele está procurando a professora dele, ele só sabe que ela chama Norma e que morava em Santa Cruz, não sabe o sobrenome, não sabe mais nada”, ela disse que falou para ele: “olha eu conheço, mas aqui não tem só uma Norma professora, então eu preciso ver qual delas é”, e ele falou: “eu só sei dizer que ela tinha dois filhos meninos, que ela levou na escola um dia”, e ela falou: “vamos fazer o seguinte, amanhã nesse mesmo horário você me liga que eu vou confirmar com ela, vou ver se é essa mesma que eu estou pensando”. Ela ligou para mim contando toda essa história, eu fiquei esperando no dia seguinte o que ia dar, e quando foi dez horas da noite, naquele dia mesmo, tocou meu telefone e eu atendi, falou assim: “eu não acredito que eu consegui achar a senhora”, “mas quem é você?”, “eu sou o Paulo, seu aluno”, e começou a chorar, ele já estava casado, chorou no telefone. No outro dia a mulher dele me ligou, “o que aconteceu?”. Ele pesquisou tanto que acabou ligando na casa do meu irmão, não sei que jeito que ele achou. Ele disse para o meu irmão que não tinha condição de esperar o dia seguinte e meu irmão passou meu telefone para ele. E ele ligou, estava perto da semana santa, ele falou: “a senhora vai viajar na semana santa?”, eu falei não, “então eu vou para Ourinhos ver minha família e vou ver a senhora”, marcou comigo o compromisso, “sábado três horas da tarde eu estou chegando aí”, até avisei o seu Jairo, porque ele perguntou muito do seu Jairo, eu expliquei como chegava e ele falou: “três horas eu estou aí”, então eu e meu marido ficamos ali na calçada esperando, eu falei: “vamos ficar, porque aqui ele já vê a gente, vamos ver se ele reconhece”. Quando foi três horas parou um carro na esquina, o motorista sinalizou, deu um sorriso, eu falei: “deve ser ele”. Encostou o carro dele, encostou outro atrás, e mais um, vieram seis irmãos,

mulher com filho, pai e a mãe, todo mundo, eu liguei para o seu Jairo e falei: “O Paulo Brito está vindo e ele está com muita saudade, se você puder vir em casa, eles estão chegando”. De repente chega aquele batalhão de gente, tudo com flor, com presente, um irmão dele com meninas gêmeas, foi muito bom. Eu sei que hoje ele é distribuidor de produtos de beleza em São Paulo. Quando ele fez cinquenta anos a mulher dele me ligou e falou: “dona Norma, a gente vai fazer uma festa para o Paulo aí em Ourinhos, só que é uma festa surpresa, e a surpresa maior vai ser a senhora na festa, se a senhora quiser saber detalhes ligue para mim, ligue no horário comercial”. Fomos na festa. Eu tenho uma filha, a Marta, que mora em Ourinhos, que me ajudou com isso. A festa foi no clube dos bancários, chegamos lá e estava um lugar reservado para mim, a mulher dele chegou colocou uma cadeira do meu lado e falou assim: “essa cadeira aqui não vai ficar vazia viu”. Chegou a hora dele aparecer, apagaram as luzes, aquela coisa toda de surpresa, foi muito bonito, o rapaz chorava muito, com cinquenta anos e chorando perto de mim, eu falei: “larga mão disso!”, toda hora tinha um irmão ali sentado naquela cadeira, um levantava, vinha outro e sentava, foram meus alunos também, cada um lembrava de uma coisa, foi uma festa linda.

A escola da usina foi muito importante para os alunos que viviam na usina, se foi! Fiquei muito tempo tendo notícia de todos e o Paulo surpreendeu, porque não deixou no esquecimento. Outro que eu achei o máximo foi o Luisinho, um dia chega o Luisinho no portão da minha casa “dona Norma eu vou casar e eu vim trazer o convite para a senhora, é o primeiro convite, desde que eu marquei o meu casamento eu falei que o primeiro convite seria da dona Norma”. E ele estava trabalhando aqui na cidade, eu falei: “nossa eu tenho que ir mesmo, desse jeito como é que eu vou faltar?”. Então é assim sabe, é uma turma assim. Tem muita gente na cidade que foi meu aluno, eu também substituo na escola Sinharinha Camarinha, marcava ponto lá todo dia, quando tinha uma falta de professor, eu dava aula, o Zé, Professor José Roberto, outro dia me falou que eu dei aula para ele, e eu disse “como eu vou lembrar?”, porque era esporádico, no começo era um dia aqui, outro ali.

Me aposentei em 1987. Só tinha estudo até a quarta série na Escola Orlando Quagliato. Devia ter uns duzentos alunos. Depois da quarta série eles já saíam de lá da quarta e vinham estudar nas cidades, a maioria que continuava a estudar ia para Ourinhos. Ourinhos era mais fácil para eles.

Uma coisa eu me arrependo de não ter feito na minha vida, um diário. Se eu tivesse começado um diário no meu tempo de Mirante do Paranapanema, neste mundo afora que eu fui, e depois que saí de Mirante fui para Santo André, aí depois vim aqui para Chavantes, depois para o Orlando. Em Chavantes não foi na escola Ernesto, foi em uma escola rural, uma escola isolada. Como acontecia? Eu chegava de ônibus na rodoviária e o charreteiro estava me esperando para me levar para a escola e depois do meio-dia me levava para a cidade para pegar o ônibus e voltar para Santa Cruz. Naquele tempo tinha aula aos sábados e era difícil ir e voltar, eu não dirigia naquela época, olha que absurdo, saía da escola meio-dia, ia de charrete até a cidade, pegava o ônibus as 13 ou 14 horas e chegava aqui 15 ou 16 horas no sábado, na segunda-feira tinha que levantar 5 horas da manhã e ir novamente, meu marido tinha um jipe e me levava, às vezes. As estradas eram horríveis. Eu tinha que ter feito um diário, tem muita coisa perdida, esquecida na minha história, eu me arrependo de não ter feito, é muita coisa que se perdeu. Muita coisa, muitas datas ficam perdidas. Eu não lembro de todas as datas, é muita coisa em 80 anos.

5.2 Fragmentos de uma análise I

As perguntas iniciais que nos moveram, que nos levaram para o campo da pesquisa e para o território rural, foram muitas como podemos ver nos artigos desenvolvidos ao longo dos anos relacionados à essa tese. Dentre elas:

- Como, em pleno século XXI, direcionado pelas novas tecnologias e mudanças comportamentais, sociais, históricas e políticas, assim como a intensificação da urbanização, além de sabermos, por outras pesquisas, da quase extinção de escolas desta natureza neste estado, esta escola permanece/resiste?
- Como ela é pensada, percebida, em um cenário atual de existência de políticas públicas nacionais para atendimento de populações rurais, inclusive com a criação de Licenciaturas para formar professores para o campo?
- Como um grupo escolar, um modelo de escola criado para atender as populações urbanas, foi criado em uma zona rural?

- Houve ou há e quais são as políticas públicas relativas à educação rural/do campo no estado de São Paulo? Elas são específicas neste estado?
- Como é o cenário rural no qual há uma grande usina de açúcar e álcool em funcionamento?
- Desde quando há esta usina neste local?
- Quem tem sido os alunos desta escola ao longo destes mais de 50 anos de existência? Este público tem variado?
- Outros grupos escolares foram criados em espaços rurais no estado de São Paulo, uma vez que temos a percepção de serem estes tipicamente urbanos?
- Antes deste prédio havia outro? Este é o mesmo prédio ou ele sofreu modificações?
- Desde quando a escola oferece todos estes níveis e modalidades de ensino?
- Quem tem sido os professores desta escola?
- Como tem sido a dinâmica de funcionamento desta escola? Particularmente, como professores de Matemática têm atuado e percebido este espaço?

Algumas outras apareceram no decorrer do texto. De início, pensávamos em construir a resposta para cada pergunta, mas, após as entrevistas e durante a construção dessa análise, vemos que, se encaixotarmos essas perguntas, como era a ideia inicial, fragmentaríamos o texto em si. As entrevistas se completam e nos ajudam a problematizar a maioria dessas questões. Ao elogiarmos a Escola Estadual Orlando Quagliato desse ponto de vista construído, tentamos realizar esse exercício de falar dessa escola, dos que ali viveram e vivem, do ambiente ao redor, incluindo as colônias e a usina em si, dos usos e costumes praticados pelos habitantes daquela região e, por fim, do poder do estado em gerir uma escola na zona rural com currículo urbano e da influência dos empresários na vida dos colonos (pais e alunos).

No começo, mirávamos em conhecer apenas os professores, suas práticas educacionais, a influência do estado na escola, o ambiente dentro da escola. Aos poucos percebemos que, por tratar-se de uma escola estadual, mesmo construída em território rural, seguia as normativas que qualquer escola urbana segue, os mesmos livros, as mesmas organizações, os mesmos profissionais, os mesmos modelos. Só isso não bastava. Precisávamos conhecer o perfil dos alunos que frequentavam essa escola, como eram suas famílias, de onde

vinham. Sabemos pela dona Norma que, no início, no Grupo Escolar Usina São Luiz, a maioria dos alunos era filho dos sitiantes que moravam nos arredores, mas que, aos poucos, com o crescimento da usina, esse perfil foi se modificando. Surgiu a necessidade de conhecer esses alunos, essas famílias que chegam e saem o tempo todo. Como dito, fomos a campo e encontramos o Senhor Floriano dos Santos. Trazemos aqui, o funcionário que mais tempo se dedicou ao serviço da usina e a usina de modo geral, seu Floriano dos Santos, 58 anos de usina, atuais 81 anos de idade, casado com dona Anísia dos Santos, que também participa da entrevista. Vindo da região norte do país, como boa parte dos funcionários, pai de cinco filhos, todos ex-alunos da Escola Orlando, ele vem para nos ajudar a entender e conhecer um pouco mais sobre os costumes e relações existentes entre os funcionários, entre os funcionários e patrões e nos fala sobre a influência dos empresários no cotidiano dos que por ali passaram.

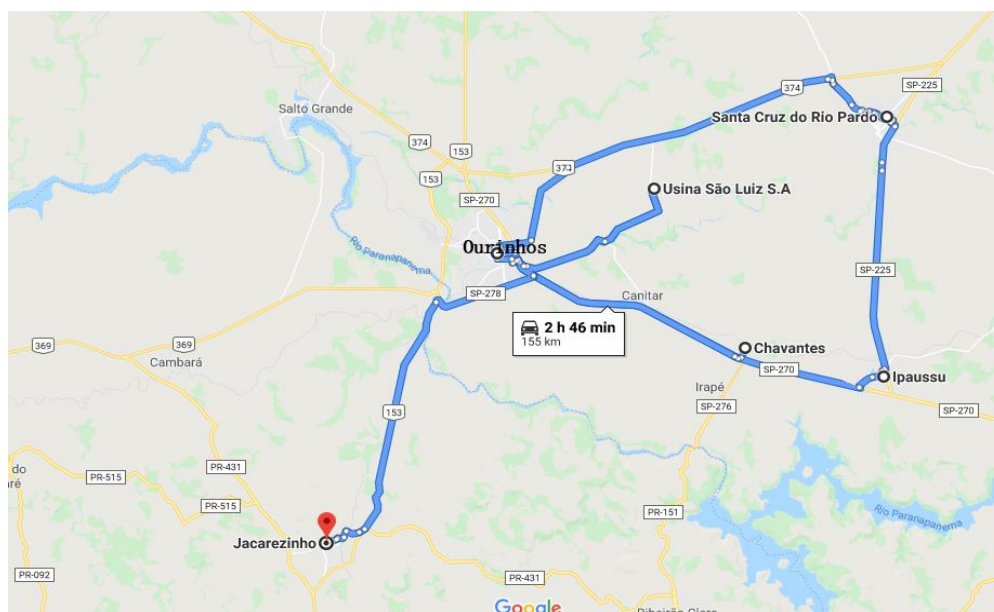
5.3 Orlando de Floriano

Figura 11: Floriano e Anísia dos Santos



Fonte: Arquivo do autor

Figura 12: Trecho das rodovias que circundam as cidades mencionadas por seu Floriano, ao redor da Usina São Luiz



Fonte: Google Maps

Eu fui o que fui, hoje eu sou o que sou. Tem pessoas que na minha idade, dia 4 agora eu completei 80 anos, que às vezes falam assim: “ô Floriano, você é não sei o que”. E eu estou sempre falando para alguém: “eu fui o que fui, e hoje sou o que sou”. Tem muitas pessoas que estão na minha idade, que querem parecer o que não são, que estão se enganando, não enganando alguém de frente, estão se enganando, ele foi o que foi, hoje ele é o que é. Eu levo a minha vida assim, porque ela funciona assim, é como a tecnologia do mundo em que vivemos, a tecnologia começou a um certo tempo e ninguém sabia o que era isso, sabiam sobre leitura apenas, mas depois, que desenvolveu como está hoje, ninguém alcança, ninguém segura.

A pessoa pode lutar, morrer de velho, como eu, eu já fui velho e hoje sou mais velho. Nós temos o conhecimento de tudo aquilo que precisávamos ter. Existem pessoas que querem se transformar, mas estão se transformando para si, não para os outros. É conhecimento do passado, de como foi antes e de como pode estar sendo hoje. O amanhã pode ser diferente. É como as belas árvores de hoje que já foram semente e hoje estão dando frutos para a gente se alimentar, ou ainda belos galhos para que as aves cansadas de voar se sentem em seus galhos para descansar, uma sombra para quem quer se proteger do sol. Cada uma tem sua idade, e é assim a vida, tudo é assim. Eu sempre falo para alguém que eu vejo reclamando da vida: “isso não é vida, eu estou cansado”. Eu falo: “por favor não fale bobagem, você está procurando se destruir, se destruir antes do tempo marcado, olhe para trás, você está olhando só para frente, olhe para trás, você é perfeito e fica reclamando da vida, você só olha para a frente, está pensando só em você, não pensa nos outros que estão atrás de você”. Eu olho para frente e para trás, até porque se eu não viver assim, a qualquer momento eu posso ser atropelado, é a vida da gente, e eu sempre falo para alguém: “a razão de nós vivermos é se amar, se você se ama, você está à altura das pessoas que vêm aos seu encontro”. Eu sou uma pessoa que pensa as coisas assim, desse modo, cada um é cada um, eu sempre falo para alguém também: “se eu errar eu corrijo”. E quero ser corrigido também. Se a pessoa perceber que eu errei e não me corrigir quando viu que eu errei, esta pessoa não é digna, é uma pessoa comum, uma pessoa qualquer. Essa pessoa tem que me corrigir quando eu errei, dizer onde eu errei, para que eu não erre amanhã, ou depois. E a gente que ama tem essa vantagem, você está à altura de amar quem de

encontro vem a você, só uma coisa, você aprende dentro da grande quantidade, você aprende a separar qualidade e quer a mínima quantidade. Eu por exemplo, com a idade que eu tenho, pelo pouco conhecimento que eu tenho, andei por 10 ou 12 estados desse país convivendo com todo tipo de pessoa. Sabe que isso, às vezes, é uma coisa que me ajuda, mas que às vezes deixa alguém chateado. Eu deixo, porque eu sou assim. Semana passada fui numa farmácia que tem perto da linha do trem aqui em Chavantes, chegou o gerente da farmácia, com o auxiliar do lado, e eu como tenho amizade com os donos ali, disse “ô moçada, boa tarde, tudo bem? A família vai bem? Os meus estão todos bem também, embora vocês não perguntaram, mas os meus estão bem também”, e falei para o gerente: “tudo bem, e o senhor, sua família vai bem?”. Ele deu a mão para mim, sem muita vontade “tudo bem”, e saiu de vista. Eu comprei o que tinha que comprar na farmácia e, para não deixar em branco, senão eu não sou digno de viver, na hora de sair eu disse: “valeu moçada, tenham uma boa tarde, tudo de bom, valeu amigo, prazer em conhecer você”, para o auxiliar do gerente, e para o gerente “do senhor eu não vou me despedir, eu vi que o senhor não gostou de me cumprimentar e o senhor mostra que é uma pessoa diferenciada”. Embora a leitura, a qualidade da pessoa não é o que faz a pessoa, “me desculpe, valeu gente, tenham uma boa tarde”. Eu vi o cidadão me olhando, não deixo em branco, capaz, senão eu não sou digno de viver. Eu, por exemplo: “oi tudo bem? A família tudo bem?”, agora chego no rapaz: “oi tudo bem, tudo bem com a sua família?”, e ele não me dá importância, eu já falo: “me desculpa, me desculpa eu ter pegado na sua mão, eu não sou digno de cumprimentar você, cada um é cada um”. Eu não sei deixar em branco, esse é meu jeito. Eu acho que não é porque a pessoa tem uma boa leitura e um bom conhecimento das coisas que ela é superior. Ela tem que ser digna disso, ela tem que mostrar ao mundo do que ela é capaz, não falando, mas fazendo, colocando em prática para o mundo ver do que ela é capaz. Isso é muito gratificante.

Fiz 80 anos agora dia 04 de maio, dois dias atrás. Nasci no dia 04 de maio de 1939, na cidade de Simão Dias, Estado de Sergipe. Nasci em uma fazenda chamada de Fazenda Mercador, uma fazenda que tem um distintivo maravilhoso. A fazenda tem uma placa com esse distintivo, uma letra t com uns traços, é muito bonito. Eu vim de Sergipe com 16 anos de idade. Primeiro fui para a cidade de Jacarezinho, Paraná, onde moravam meus avós, meus tios.

Tinha uma colônia, a Colônia Santana, lá na fazenda onde moravam, na Usina de Jacarezinho, que era muito bonita. Hoje foi desmanchada para o plantio de cana de açúcar. Essa colônia era próxima à entrada da usina, perto de um posto de combustível, era a coisa mais linda, as casas eram de tijolo à vista, casas com área externa. Como destroem uma colônia daquelas, tão linda daquele jeito? Por que destroem o que acham que sobra? É necessário construir o que ainda falta. Era uma colônia de chamar a atenção. Eu conheci muita coisa por onde passei e é difícil ver colônia daquele jeito. Cheguei lá em março de 1957 e saí em 16 de agosto de 1958, para morar nas colônias da Usina São Luiz.

Eu era peão, vim arrumar serviço. Fiquei sabendo pelos meus amigos que a Usina São Luiz era muito boa para oferecer cargo de motorista, que era meu sonho na época: “só que primeiro você tem que trabalhar de ajudante carregando caminhão de cana”. Eu falei: “isso eu já faço aqui na Fazenda Santana, nessa colônia já carrego caminhão”. Era tudo braçal antigamente. Eu decidi e fui para a Usina São Luiz e lá chegando fui trabalhar com um pernambucano, Lucas Gonçalves, que mais tarde tornou-se meu compadre, e com um motorista aqui do Estado de São Paulo mesmo. Entrei em agosto de 1958, trabalhei até dezembro no término da safra e fui para São José do Rio Pardo, onde morava um tio meu que cuidava de uma pensão da empresa Camargo Corrêa. Essa empresa estava construindo uma represa²⁴ entre as cidades de São José do Rio Pardo e Mococa, no Estado de São Paulo, num patrimônio conhecido pelo nome Euclides da Cunha. Meu tio cozinhava para os funcionários da companhia. Eu fui visitar meu tio e ele me arrumou serviço na construtora. Ele morava na Vila Masqueto, na entrada de São José do Rio Pardo e fui morar com ele. Trabalhei lá uns 40 dias. Naquela época eu fazia judô, karatê, essas coisas todas. Eu não procurava encrenca, mas quando eu achava, eu resolvia. Eu não mexia com ninguém. Certo dia, arrumei uma encrenca lá dentro da represa, com um rapaz, dentro de um túnel. Todo dia entrávamos no serviço às 7 horas da manhã. Ficávamos o dia inteiro dentro do túnel e saíamos à tardezinha ou à noite, dependendo do dia. Ficávamos o dia inteiro sem saber se choveu, se fez sol, dentro de um túnel de três quilômetros debaixo do chão, do solo. Eu fiquei um negrão meio sapecado, meio avermelhado, não tomava sol. Arrumei uma

²⁴ Usina Hidrelétrica Armando Salles de Oliveira, inaugurada em 25 de setembro de 1958.

encrenca lá. Arrumaram comigo. Tinha um rapaz lá muito metido, mais escuro do que eu, um baixinho, encenqueiro. Ele tomou as ferramentas que utilizávamos para cavar canaletas de outro rapaz, lá dentro do túnel. Primeiro as máquinas vão abrindo o túnel, passando por baixo de água, pedreira, de qualquer coisa, pois está no subterrâneo. Os túneis ficavam cheios de água até a altura das pernas e nós trabalhávamos com aquelas botonas compridas. Fazíamos as canaletas para canalizar a água para que ela saísse do túnel. Esse rapaz, o encenqueiro, gostava de ver os outros serem chamados à atenção pelos chefes, ele era muito ruim, ele pegava a ferramenta dos outros para que estes ficassem parados e o encarregado fosse chamar a atenção: “você está parado, por quê? Vou te dar três dias de gancho.”, “é que o fulano emprestou minha ferramenta”, “mas ele tem ferramenta, não precisa emprestar a sua”, o rapaz encenqueiro “eu fui pedir e ele me deu”, ele emprestava a ferramenta do outro só para ver a encrenca. Certo dia ele veio emprestar a minha, eu falei “não, a minha não empresto”, “não empresta por quê?”, “eu não quero ficar parado para que o encarregado me veja parado aqui e eu vou escutar conversa dele”. Eu não gosto de escutar conversa, não sem merecer. “Empresta sua ferramenta”, “eu não empresto minha ferramenta, deixa eu trabalhar pelo amor de Deus”, ele começou a insistir, eu falei “qual você quer, o enxadão ou a pá?”, ele disse “eu quero as duas”, eu falei “então eu vou pegar as suas duas ferramentas”, fui lá e peguei as duas ferramentas dele, “pegue as minhas duas que pegarei as suas ferramentas, para eu não ficar parado”. Ele pegou as minhas ferramentas e não queria me dar as dele, mas peguei e continuei trabalhando, ele começou a falar e a xingar. Eu falei para ele “eu estou vendo que você tem arrumado encrenca com todo mundo aqui dentro, mas comigo é a primeira vez, e a nossa encrenca vai acabar agora, nós dois seremos mandados embora”. “Por quê?”. “Porque o pau vai quebrar!”, a hora que ele se mexeu eu o golpeei na altura do pescoço, mas sem apertar, pois, era um golpe fatal, e dei-lhe uma pesada no umbigo que ele caiu de costas. Como estávamos trabalhando dentro da água, ele afundou e começou a soltar bolhas de ar pelo nariz. Os outros funcionários o socorreram, pois estava quase inconsciente, se ninguém acudisse ele, morreria afogado. Nessa hora chegou o chefe, Francisco de Barros, gritando “o que que é isso?”. Eu disse: “o rapaz veio tomando minha ferramenta e eu falei que não posso ficar parado, pois o senhor chamaria minha atenção e me

mandaria embora. Ele queria minha ferramenta de qualquer jeito e como veio pegar eu falei que ia pegar as dele também, se ele não quisesse trabalhar com as ferramentas dele eu trabalharia, só não podia ficar parado. Ele veio aqui me importunar, ameaçando de me dar chutes, então eu dei para ele o que o pai e a mãe dele não deram quando ele era criança, eu sou o mundo, o mundo é assim, o que os pais não deram para os filhos na infância o mundo dá, e eu estou ensinando isso para ele agora”. “Chega você também, os dois serão demitidos”. A conclusão disso foi que, o túnel tinha várias saídas, casa de máquinas, havia uma casa dentro da pedreira que comportava as máquinas e a água do rio caía nessas máquinas através de um túnel para que elas girassem e assim a energia elétrica era produzida. Passando em frente a esse setor encontrei o engenheiro que me disse: “onde você vai?”. “Eu fui mandado embora”. “Por quê, você é tão trabalhador?”. “Eu precisei dar uns tapas em um rapaz encenqueiro e o encarregado nos mandou embora, estou esperando-o aqui para acabar de acertar nossas contas, ele vem vindo logo ali”. “Vá embora”. “Vou, mas passe um rádio para que acertem minhas contas, senão ficarei esperando-o aqui”. Cheguei no escritório para acertar minhas contas e fui embora para uma ilha que havia nos fundos de São José do Rio Pardo, onde tinha muita festa, eu era cantor. Eu era um rapaz meio levado, era metido a cantor de festa, essas coisas, cantava músicas de Nelson Gonçalves, Agnaldo Timóteo, Vicente Celestino, só músicas boas. Eu era muito querido do povo. Cantava em festas, aniversário, eu era muito envolvido com o povo. Fiquei uns dias em São José do Rio Pardo e depois voltei para a Usina São Luiz, no dia 19 de março de 1959, eu fiquei quase 3 meses lá e voltei. Fiquei na usina São Luiz até 2017.

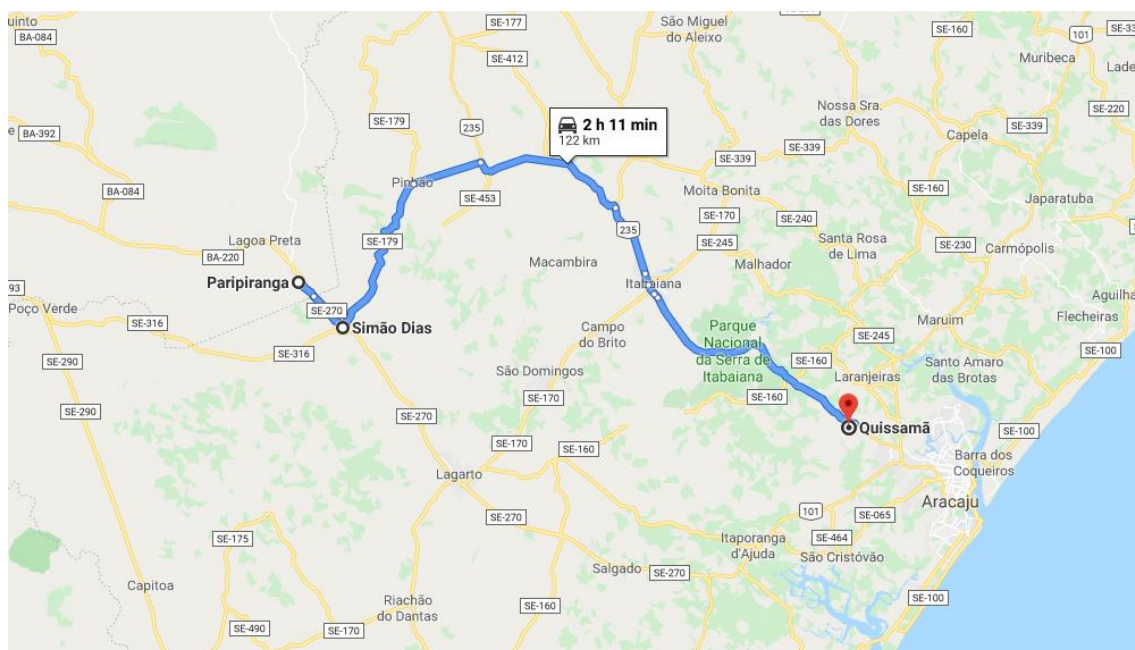
Em 1959 a usina só tinha uma colônia onde todos moravam. Não havia energia elétrica, era tudo no motor. Luz elétrica só havia na casa dos patrões, próximo aos escritórios. O patrão na época era o falecido Orlando Quagliato, pai do Fernando Quagliato e do Francisco Quagliato que também já morreram. Seu Orlando morava ali e o seu Fernando morava em uma casa também próximo aos escritórios, dentro de um pomar, uma casa pequena de cinco cômodos, que aos poucos foi aumentando. A neta mais velha do seu Orlando, a dona Vera, mora em São Paulo hoje, mas viveu ali também. A dona Rosa, irmã mais nova da Vera, mora em Santa Cruz. Logo vieram os Quagliatinhos, depois o Fernando Quagliato Filho, conhecido como Neco. Sou do tempo em que só tinha a casinha

do seu Orlando, a Vera só tinha dois anos quando entrei nessa firma. Tenho lembranças registradas em fotografia com ela. Em um evento tiramos uma foto, ela, a filha mais velha, e eu, o funcionário mais antigo. Quando eu entrei na Usina São Luiz, o seu Caetano Moreira já tinha trabalhado lá. Eu não o conheci em 1958, pois nessa época ele havia saído da usina e trabalhava em Santa Cruz do Rio Pardo em uma serraria da família dos Lima, próxima ao recinto onde ocorre a feira agropecuária, que ainda não existia. O seu Caetano era um homem muito direito, muito honesto. Não prevalecia do poder que tinha nas mãos. Para mim, uma das coisas mais chatas, e se precisar falo isso para qualquer um, pode ser rico ou pobre, o rapaz não merece ter o que ele tem pela posição dele, o estudo que ele tem, a qualidade que ele tem, se transforma numa pessoa atrasada, num analfabeto que não tem estudo, que não tem conhecimento. Eu falo tudo, é verdade. A coisa mais chata no mundo, é uma pessoa que mostra que ela não é digna do que ela tem, do estudo, da qualidade dela, ela usar isso para agredir, para menosprezar. Ela mostra que não é digna de ter tudo isso. Isso é coisa de gente atrasada, sem leitura. Eu falo, não quero nem saber. Pública é a rua. Em cima da calçada não aceito que falem bobagens para mim. Está no documento, eu pago. Agora, depois da sarjeta, podem falar o que quiser, mas na calçada não. Ele só deixa de falar isso depois que morre e vai para um caixão bonito, principalmente se for rico, num cemitério com um portão grande, um caixão todo enfeitado, bonito, dentro da quadra que ele vai descer, e ao lado de um pobretão, dois defuntos iguais, ele porque não pode levar o que tem e eu porque não tenho para levar. Todo mundo na mesma quadra, olha que bacana, isso é a coisa mais linda que Deus deixou para a gente. Eu gosto muito disso, eu falo tudo e quero ser corrigido se estiver errado, para eu não errar novamente amanhã ou depois. Em 1958 eu fui morar na Colônia do Açude, que hoje é um depósito de bagaço de cana, mudaram tudo lá. Morava eu e diversos rapazes. Tinha um rapaz que era conhecido da família da minha avó, que eu fui morar na casa dele com a esposa dele e uma menina, cunhada deles que eles criavam. Eu fiquei uns 8 ou 10 dias lá e depois eu falei: “Eu quero ir para o barraco onde moram os companheiros da obra, os peões, os homens sem família”. Eu estava com quase 20 anos e não queria atrapalhar o casal. Eu sempre fui meio chato com isso. Eu fui criado desde os nove anos com um fazendeiro muito rico o Doutor João Carvalho de Matos, eu era da casa, da família. Eu comia, bebia e dormia. Eu era

companheiro do velho, abria as porteiras das fazendas para ele passar de carro. Eu era o amigo dele. Não é que eu era melhor do que alguém, mas sim aquela pessoa que ele viu nascer e crescer ali dentro da fazenda dele, conhecendo pai e mãe, sabendo quem são eles e que ele queria que eu fosse a companhia dele. Desce da condução, abre a porteira, passa a condução, fecha a porteira, sobe na condução e vai embora. Cresci nessa vida, tomava banho na casa deles, jantava, depois ia na casa dos meus pais, era perto dali uns 2 quilômetros, via meus pais, voltava para a casa dele. Durante o dia, às vezes, ele não tinha saído ainda, chegava empregado: “cadê o João, precisava falar com ele, preciso de dinheiro para comprar um remédio para minha mulher, para minhas crianças”. Coisas daquele tempo. O Doutor João gostava de pomar, gostava de ficar olhando aquele enorme pomar que havia nos fundos da casa dele, eu ia lá e falava: “doutor João, doutor João, tem um cara assim, assim, fulano de tal, trabalha para o senhor, ele veio atrás de um dinheiro, para comprar remédio para o filho, ou para a mulher, que seja, ele me mandou vir falar com o senhor”. “Ah! eu não vou falar com ele”. João era um velho, alto, magro, queixudo: “eu não vou lá atender, toma a chave do cofre, abre lá, pega o tanto que ele quer, marca no caderno e deixa na primeira fila o papel de onde você tirou o dinheiro para eu conferir quando eu voltar, o nome dele, a quantia”. Na primeira fila dentro do cofre eu tirava o dinheiro, deixava ali, entregava para o peão, ele assinava tudo certinho e eu descia lá para o pomar ficar com o velho. Eu era sim, era um companheiro amigo, amigo do velho. Eu era um criado da casa. Eu fui crescendo desse jeito, desse jeito. Para falar a verdade, eu saí corrido de lá, porque ele tinha um filho mais novo do que eu, dois anos mais novo do que eu. Um dia ele me deu uma pedrada, eu tenho o sinal na cabeça. Ele me deu uma pedrada na cabeça de maldade, sabe esses moleques levados, ele me deu uma pedrada na cabeça e começou a ensanguentar tudo, eu quebrei a cara dele na pancada, bati bastante, bati bastante. Precisei sair corrido da fazenda, senão o povo que trabalhava ali dentro me pegava e acabava comigo. Falei com minha mãe, ela começou a chorar muito, eu falei: “é melhor a senhora chorar comigo vivo do que comigo morto, porque se eles me pegam eles me matam”. Peguei um ônibus e ao invés de ir para a Capital Aracaju, numa cidadezinha chamada Quissamã, os netos do meu avô moravam lá em uma usina chamada Usina Rio Branco. Ao invés de ir para lá, eu tinha dito para minha mãe que iria, dava umas 4 horas de

ônibus naquela época, eu voltei para trás e fui para uma cidade no Estado da Bahia, perto de onde eu nasci, em uma fazenda de Paripiranga, bem perto de Simão Dias onde era a fazenda que moravam meus pais. Meus padrinhos de crisma eram de Paripiranga, antigamente chamada de Coité. Fui parar na casa de meus padrinhos, fiquei uns três dias lá e depois fui para Quissamã na Usina Rio Branco perto da Capital Aracaju. Fiquei com receio dos funcionários da fazenda me pegarem dentro do ônibus. Fiz o contrário. Fui para Paripiranga e depois peguei outro ônibus que não passava em Simão Dias. Minha vida foi assim. De lá parei em Jacarezinho, Paraná e logo depois na Usina São Luiz.

Figura 13: Trecho de rodovias que ligam as cidades de Paripiranga, Simão Dias e Quissamã, que estão nas divisas dos Estados da Bahia e do Sergipe



Fonte: Google Maps

Lá na Usina São Luiz, peão sem família morava no barraco. Era uma carreira de barracos de madeira que foram construídos onde hoje é a balança da usina. Posteriormente, reconstruíram esses barracos em outro lugar lá dentro da usina, eles ainda existem. Hoje são de alvenaria. Eu morava em um barraco junto com meu futuro cunhado. Eu me casei com a irmã mais velha e ele se casou com a irmã mais nova. Em cada barraco moravam 4 homens. Havia duas camas. Dormíamos em duplas. Havia barracos que tinham beliches, mas no nosso eram camas mesmo, dois peões em uma cama. Não tinha banheiro, cozinha, nada

disso. Para fazer as necessidades íamos no mato, na cana. A cozinha era na pensão. Quando fizeram banheiro, fizeram de tábuas, no quintal, com fossa. Na pensão, que fica onde são os barracos atuais, havia cozinha, comíamos lá. Era uma casa bem grande, próxima à carreira de barracos. Naquela época, dividíamos os barracos em aproximadamente 50 peões. A usina ainda era bem pequena.

Eu dormia no barraco, acordava ainda de madrugada, lavava o rosto, os olhos em uma torneira que existia por ali, com água tirada de poço artesiano, quando queria tomar banho enchia um balde de água e levava em um barraco onde não tinha ninguém, tomava banho de caneca, passava um sabão no corpo e ia trabalhar. Tomava um café rápido na pensão, pois o motorista do caminhão de cana tinha muita pressa, pois trabalhava de empreita e ia buscar cana na roça. Os boias-frias cortavam as canas, fazíamos os feixes de cana nas mãos e jogávamos na caçamba do caminhão. Arrumávamos a carga, tudo manual, depois ia para a usina e fazíamos o descarregamento com o guindaste. Os feixes eram envolvidos por cabos de aço que eram puxados da caçamba até as mesas alimentadoras. Os peões puxavam esses feixes com ganchos até as esteiras. Hoje tudo isso é mecanizado. Esse mundo já foi bravo, era muito calo nas mãos. Eu fiquei morando nos barracos de 1959 até 1961, quando me casei. Eu conheci a minha esposa quando ela ainda era menina, dentro desses 3, 4 anos que lá vivi, desde a primeira vez que estive na usina. Conheci bem a família, começamos a namorar e nos casamos. Vai fazer 58 anos de casamento agora dia 13 de outubro. Ali tinha baile, tinha festa, não era só serviço. Tinha os barzinhos de madeira para tomar cerveja, cachaça. Dava muita briga de peão, muita facada, um lugar de muita ignorância. Esse mundo já foi perverso, Nossa Senhora. As pessoas não tinham conhecimento. Pelo pouco conhecimento que adquiri andando pelo mundo, eu separo meu conhecimento assim: da metade do Estado de Minas Gerais, pela divisão da BR 153, a Belém-Brasília, lá para cima, o pessoal é mais grosso, mais agressivo, menos conhecimento. A partir dali é assim. Quando se entra no Estado de Goiás isso aumenta, no de Tocantins mais ainda, em Belém, na divisa com o Amazonas, minha Nossa Senhora, é muito violento. Eu cansei de passar por aquele trecho, com mata virgem de um lado e de outro. No meu carro eu tenho couro de bicho preguiça, eu tenho garra de onça, que eu trouxe de lá. Eu trocava com os índios que tinham barracas na

beira da estrada, barracas cheias de coisas, os índios todos peladões. Isso era por volta de 1977. Eu era motorista da Usina São Luiz, vivia viajando para esses lados desde 1962. Me casei em 1961 e em 1962 comecei a viajar. Piracicaba, Limeira, Araras, Ribeirão Preto, Campinas. Levava peças de máquinas da usina para todos os lados, sempre de caminhão. Depois comecei por Goiás, nas fazendas do doutor Roque Quagliato e do falecido Chico Quagliato. Mais tarde o seu Luizito Quagliato comprou fazenda também ali em Goiás, em Itaberaí, do outro lado, mais perto da divisa do Mato Grosso. Ia até lá e depois saía pelas estradas até chegar em Belém, onde compraram as fazendas também. Saía por dentro ali, a minha vida era por ali. Do jeito que eu saía da estrada para ir para as fazendas, depois, eu saía na pista de volta aonde eu estava indo aqui, que eu fiz isso aqui, para poder fazer isso aqui e pegar lá em cima nesse retorno. Naqueles trechos cansei de ver homem, moça, mulher morta na estrada, mata virgem de um lado e de outro, barracas de índios vendendo coisas, eu comecei a ter tanto conhecimento disso, a me ligar muito com eles. Comecei a me unir muito com os índios por causa da erva do mato. É de família, bisavô, avô e pai que mexiam com semente, semente de sucupira, semente de imburana, pau tenente, casca de barbatimão. Eu fazia garrafada com essas ervas, para as pessoas cuidarem de algum problema de saúde que tinham. Naquela época não tínhamos desenvolvimento, hoje em dia, se alguém fizer uma coisa dessas, as pessoas falam: “ah se o médico souber. Eu só tomo remédio do médico”. Só que uma coisa eu digo, uma coisa do passado, um senhor antigo muito conhecido dentro de Ourinhos – SP, de família classe média-baixa, uma tal de Bueninho, muito falado esse homem. Ele era motorista e ele mexia com esse negócio de garrafada. Para quem vai à Usina São Luiz, fica próximo à fazenda das Furnas, tem uma árvore plantada ali, da espécie Caraíba, dá para ver ainda o sinal dos riscos no tronco, donde o Bueninho tirava a casca. Não se pode fazer cortes ao redor de todo o tronco senão a árvore morre, então se fazia riscos paralelos para tirar a casca. Tirava-se de um lado e após um tempo era possível ver a cicatrização, depois, retirava-se do outro lado. Essa garrafada era muito usada por pessoas que tinham problemas nos rins, pedras nos rins, era feita com a casca dessa árvore. As pessoas bebiam essa mistura. Eu era muito ligado com ele. Ele era motorista e mexia com algo que desde criança eu mexia também e assim, nos tornamos muito conhecidos. Como já disse, eu tinha muita ligação

com os índios. Eu levava para eles cachaça curtida em tonel de carvalho por 8, 10 anos, era um whisky de pobre, eu ainda tenho o tonel aqui em casa, fica uma cachaça cheirosa, de cor diferenciada. Eu pegava essa cachaça em Piracicaba com o dono de uma indústria que fazia peça para a Usina São Luiz, eu era muito ligado com o dono dessa indústria, que era amigo do dono de um sítio onde era curtida essa cachaça. Como eu era motorista e comprador da usina, eu era muito ligado com esse povo todo. Eu conseguia dentro do possível tudo aquilo que eu queria, dentro do possível. Eu levava cachaça curtida em tonel de carvalho, em garrafões enrolados em câmeras de ar, para que não quebrassem. Furava as rolhas de cortiça, que fechavam os garrafões, com arame quente para que ficasse o furo e não estourassem na viagem. Eu levava para os índios. Chegava nas barracas deles, todos pelados só com um cipó no corpo, peitos amostra, uma coisa esquisita, e não podia encarar muito eles: “o moçada, tudo bem por aí?”. Daquele jeitão. “Ô indiaiada folgada, eu trouxe pinga para vocês”. Eles falavam: “o que que, o que que, o que que?”. “Eu trouxe pinga para vocês, pinga e fumo”. Eu passava na fábrica de fumo em Tietê – SP e comprava rolo de fumo para levar para eles. Cachaça e fumo para os índios é tudo. Levava para eles e conseguia tudo o que eu queria. Fiz muita amizade com os índios. Cansei de parar movimentos de índios. Aquelas barracas na estrada de um lado e do outro, os índios travavam tudo. Eu chegava e falava: “vai buscar o cacique, eu só entrego as coisas para ele, ele é o responsável por vocês”. Eu falava desse jeito. Eles reclamavam, mas largavam as barracas na beira da estrada e sumiam na mata, de repente, não enroscavam em nada. Dali a pouco vinha o cacique com um chapéu grande na cabeça. Eles saíam todos correndo, pois queriam chegar primeiro que os outros para dar o recado para o cacique. Vinha lá o cacique com aquele monte de índios atrás dele, encostava no caminhão e dizia: “o que que, o que que?”. “Eu trouxe pinga e fumo para vocês”. “Cadê, cadê, cadê?”. Eu pegava no caminhão, entregava para eles e parava o movimento. Quem via os índios naquela estrada de terra, rodeados de matas, eles todos em volta de mim, pulando em uma perna só de contente que ficavam: “Eeeeeii, eeeii”. E eu no meio deles com o cacique, as pessoas achavam que eles me linchariam ali, e na verdade, eu estava muito protegido ali, eles estavam muito felizes com minha presença. Eu largava aquilo com eles, me despedia e ia embora. Era difícil ver alguém com essa regalia que eu tinha com os índios. Eu tinha. Só com meu

modo de agir, de ser, de arrumar o que eles queriam. Eu não era melhor do que os outros, era o meu modo de agir, meu modo de ser. Eu levava aquilo que eles gostavam. Separar cada coisa no seu lugar para chegar à distância onde tinha-se que chegar. Eu sempre fui uma pessoa assim. Na volta, o que eu pedia para eles na ida, eles me davam tudo, e eu falava: “olha, eu vou ficar na fazenda em Goiânia, por volta de 1480 km daqui”. Eu ficava, às vezes, mais de meses sem voltar para casa, levando as coisas que eram necessárias na fazenda, a fazenda estava no começo e precisava de tudo, não tinha nada. Era máquina para derrubar mata, cortar, ajeitar a terra, tudo para depois plantar. Para plantar eu tinha que puxar de caminhão, carga de semente de Goiânia, depois eles chamavam um avião lá do garimpo Serra Pelada para jogar a semente. Isso sempre acontecia em dias que não estava ventando, para que as sementes não se espalhassem da maneira errada. Voava da altura de um poste de uns 15 metros, para que as sementes caíssem no lugar certo. Dalí uns 20 dias, um mês era possível ver aqueles brotos todos verdinhos na terra.

Eu fui uma pessoa que eu cresci assim, mexendo com essas coisas. Quando eu voltava para casa, sempre na última viagem, eu voltava com o caminhão carregado, eu falava: “Olha, daqui a dois dias eu estou indo para a fazenda e depois vou embora para casa, daqui dois dias estou passando aqui em determinada hora”. Quando passava estavam todas as minhas coisas nas sacolinhas de plástico, tudo arrumadinho, eles me entregavam e eu me despedia deles. Eu sei conviver com todo o tipo de pessoa.

Eu logo fiquei noivo ali na usina. Eu era muito manjado, porque eu namorava todo mundo, ficava noivo de meio mundo e não se casava com ninguém. Eu era muito fluido, de festa, era muito visado, era muito bem visto. Naquela época, os trabalhadores, como eu também era muito trabalhador: “ei, o Floriano é o rapaz que mais puxa cana na Usina São Luiz, o cara que mais joga cana no caminhão”. Os pais das moças falavam: “minha filha vai namorar com ele, vai se casar com ele”. Naquela época era assim, eu era muito visado. Quando me apertavam, com dois ou três dias namorando a moça: “está namorando a minha filha, você quer enrolar ela, ou como que é?”. Eu falava: “não, eu tenho boas intenções com ela, mas tem uma coisa, eu preciso conhecê-la dentro do tempo determinado, dentro do possível, para ver se dá certo comigo, se não der certo comigo a gente desiste a qualquer momento, e eles: “por que assim? Minha filha não é comida para se

experimental não!”. “Não é questão de experimentar comida, estou falando diferente, de convivência, conversando, vendo como ela convive com vocês dentro de casa, vocês que são pais e também com os outros irmãos”. “Como assim?”. “É porque se ela vai casar comigo e vejo que ela vive mal, responde mal a vocês, briga com os irmãos igual bicho, não vai viver comigo, eu tenho um negócio comigo, casamento comigo é coisa séria, então, nós temos que nos conhecer conversando, se entendendo, eu vendo como ela vive aqui com vocês, onde ela vai, com quem, como procede, que horas chega em casa”. “Você quer saber demais”. “Eu não quero saber demais, eu sou assim e acabou, se o senhor me aceita assim é um problema seu, se não aceita também é um problema seu, mas eu sou assim, eu não engano ninguém, por isso que não casei com ninguém até agora”. “Mas minha filha não é comida para experimentar!”. “Eu só estou dizendo o que eu penso e não do modo como o senhor está pensando, é como eu acho que tem que ser”. Eu sempre tive mania de colocar cada coisa no seu lugar, desde criança. E quando chegou na família dela, deu certo: “quando é que você pode se casar com a minha filha?”. “O senhor é que sabe, não fiquei noivo ainda”. “Se quiser pode ficar noivo hoje”. “Então tudo bem”. Naquela época fomos para Ourinhos tirar medida dos dedos para as alianças, tudo certinho. Eu já tinha 24 anos, ela tinha 14 anos e 10 meses, quase 10 anos de diferença, eu precisei carregar ela, eu sempre fui muito envolvido, era muito visado pelo povo, tinha amizade com advogados, com muita gente. Conversei com o advogado e ele falou: “aqui no Estado de São Paulo você não casa, aqui você vai para a cadeia, se você carregar ela você vai para a cadeia e quando ela fizer 17 anos, aí sim você será solto e poderá se casar com ela”. “Não, assim eu não quero mais”. Ficamos conversando bastante e ele pensou e me falou: “Espera um pouco, eu tenho uma ideia que vai dar certo. Aqui no Estado de São Paulo você não casa, mas no Estado do Paraná você consegue se casar, você a carrega, se casam, os pais dela dando consentimento, se não derem você vai para a cadeia do mesmo jeito. Você a carrega, vai lá no fórum, fala sobre a sua situação e sobre o que você quer, a idade de vocês e por que vocês querem se casar. O juiz vai ouvir e mandar o escrivão conversar e o juiz vai mandar fazer uma carta e trazer para os pais, se eles forem lá e assinarem você pode se casar, vai ficar dois anos e dois meses processado, até ela completar 17 anos, se você largar dela vai parar na cadeia, e depois desses dois anos e dois meses o processo

acaba". Eu falei: "então é isso que eu vou fazer". A carreguei para a casa da minha avó na Fazenda Santana em Jacarezinho - PR, no outro dia fui ao fórum em Jacarezinho, conversei com o escrivão, ele passou o caso para o juiz, explicou tudo certinho para mim, fez a carta para que os pais dela fossem ao fórum consentir o casamento, mesmo que não quisessem assinar, mas eles tinham que comparecer para livrar a "minha barra" ou para me condenar. Eles foram lá, assinaram os papéis e nos casamos em 03 de outubro de 1961. Eu já tinha comprado naquela loja do Ninho, em Ourinhos, naquela época ela se chamava loja Lar Feliz, comprei os móveis com pagamento à vista, tudo certinho. Os móveis eram uma mesa para a sala com 4 cadeiras, uma mesa e 4 cadeiras para a cozinha, uma cama com colchão, uma prateleira e um guarda-roupas pequeno, essa era a mudança. Não tinha esse negócio de geladeira, de fogão a gás. Naquela época não tinha nada disso. Eu, por ser do jeito que eu era, nem mais e nem menos, eu não sou de aumentar as coisas, eu era muito chegado dos patrões e principalmente do falecido Fernando Quagliato, pois ele tomava conta do transporte. Ele me deu uma chave de uma casa na Colônia do Armazém. Três grupos de casas que começavam lá na ponta da colônia, para cima da Colônia do Açude, três grupos de casas que acabavam ali, o resto era capim colônio, até na escolinha onde essas pessoas estudaram, minha mulher e outras pessoas. A irmã do patrão era professora nessa escolinha também. Ali também tinha a pensão que era um lugar para os peões da usina. Deram para mim a chave de uma casa dessa dos três grupos, perto da escolinha, onde morava o pai dessa comadre que é minha vizinha hoje e na época era menina também com uns 10 ou 12 anos. Eles me deram a chave dessa casa e eu fiquei com a chave no bolso, e minha sogra "a minha filha é criança, vai ter que ficar morando com a gente ainda", e eu fiquei uns 3 ou 4 meses morando sozinho. Um belo dia cheguei na casa deles e lá estava um irmão dela, meu cunhado, o irmão mais velho. Ele tinha dado uns empurrões nela por algum motivo. Eu cheguei já bravo, bati nele, bati bastante. Minha sogra entrou no meio e eu disse: "Não entra que você apanha também". Naquela época era assim: "antes dela se casar comigo vocês podiam fazer o que quiser com ela, hoje é diferente, hoje é ela e eu, ninguém pode colocar as mãos nela, eu não aceito e vou sair daqui agora". Fui à sede da usina e peguei um caminhão, eu trabalhava com um Ford F6, ano 1951, um caminhão verde, bicudo, caminhão pequeno para 5000 quilos,

era o caminhão que eu trabalhava. Peguei esse caminhão, peguei minhas coisas e levei para a casa que eu tinha a chave. Eu não tinha ido antes, pois minha sogra queria que eu ficasse morando com ela, uma vez que minha esposa ainda era criança. Mas depois dessa noite nos mudamos, fomos para essa casa, de 4 cômodos. Uma casa bem grande. Era na beira do açude, no fim da colônia beirando as canas e os pés de mamona. Era uma casa boa, de alvenaria. Tinha dois quartos, cozinha, banheiro de tábua para fora da casa com fossa e buraco. Meu sogro não saía de casa, toda noite ele ia para nossa casa para jantar conosco, ele gostava muito de mim, ele era muito ligado comigo. Ele bebia umas cachaças, não era bagunceiro, mas de vez em quando ele bebia umas cachaças no armazém da usina, eu chegava lá e falava: “ei, chega de bebida, agora o senhor não bebe mais, comigo não, agora eu sou da família, vamos parar com isso, vamos embora”. Ele falava: “eu vou jogar fora isso daqui esse eu obedeco, esse é do meu coração”. Ele se despedia: “valeu gente, até outro dia, obrigado pela atenção”. E eu saía com ele. Ele vinha jantar conosco e ficava até às 10 horas da noite e depois andava quase uns 3 quilômetros a pé para chegar na casa onde ele morava, na Lagoa Seca, não era uma colônia, era umas 4 casas agrupadas, tudo dentro da usina. Era mais próximo do Alambique dos Pegorer. Isso ainda era no tempo do falecido Orlando Quagliato.

Eu me casei em 1961 e já comecei a fazer serviço de transporte para a indústria da usina, levava e trazia peças de fora. Fazia viagens pequenas nas imediações, para as cidades de Ourinhos, Santa Cruz do Rio Pardo, Salto Grande, tudo perto. Comecei com um senhor, um senhor branco, que era motorista do seu Orlando, ele ficava mais na usina do que na casa dele na cidade de Santa Cruz, ele era motorista dos patrões e sempre tinha que estar por ali. Esse motorista velho me ensinou a andar por todas as cidades, Piracicaba, Limeira, Araras, Ribeirão Preto, Campinas, Jundiaí, São Paulo, tudo sempre a serviço da usina. Dormi muito no Largo do Paissandu em São Paulo, no ano de 1972, naqueles prédios que estão destruindo hoje, no vigésimo quinto andar. Eu ficava vendo as pessoas adultas parecendo crianças quando ficava olhando lá de cima eles atravessando a rua. Era muito alto. Eu já vivi a vida.

Nesse tempo minha esposa ficava aqui. Mas ela não estudava muito, ela estudou bem pouco na escola. Vou beber uma água enquanto minha esposa fala por si.

Eu sou a Anísia Soares Santos, antes do casamento era Anísia Soares de Lima. Nasci em 31 de dezembro de 1946 na cidade de Espírito Santo do Turvo, próximo a Santa Cruz do Rio Pardo. Cheguei na usina com 6 anos de idade. Trabalhei como babá dos filhos dos Quagliato e depois na lavoura também. Eu estudei em uma escola de madeira lá na Colônia Santa Rosa. Eu estudei lá até uns 11 anos de idade. Lá nas colônias nós mudávamos muito de casa, então, não conseguia estudar direito, entrava na escola, meus pais mudavam, íamos para outra colônia, parava de estudar, depois começava novamente, até que fui trabalhar e parei de estudar. A minha mãe era parteira e me carregava como ajudante dela. Nunca fiz parto, mas vi muitos. Nessa época as escolas tinham até o quarto ano do primário, mas eu consegui fazer até o terceiro. Depois me casei, fugi com ele, com 14 anos de idade e parei de estudar. Lá pelos anos de 1980 eu entrei na escola no período da noite, já na escola Orlando, mas não deu certo, ele tinha muito ciúmes. Ele viajava muito e quando chegava ficava muito bravo e eu acabei saindo da escola. Eu queria terminar pelo menos até o Primeiro Ano do Ensino Médio. Lá na escolinha de madeira, na minha infância, as turmas eram todas juntas, todas as carteiras muito perto uma das outras. Na mesma sala era uma fileira do primeiro ano, uma fileira do segundo ano e uma fileira do terceiro. A professora sempre foi a mesma no tempo que estudei, era a dona Florinda Quagliato, irmã do Fernandão Quagliato. Isso foi nos anos 1950. Quando fizeram a escola de material, a Orlando Quagliato, essa escola de madeira virou um local para guardar ferramentas e objetos para lidar com os animais.

Figura 14: A professora Florinda Quagliato com a turma do 1º ano de 1956 - da Escola Estadual Profª. Durvalina Teixeira da Fonseca de Santa Cruz do Rio Pardo – SP



Fonte: Foto de Alvimar Batista Lamoso

Senhor Floriano: Depois ela estudou na Fazenda Santa Rosa, antes se chamava “Casseta Armado”, aquele local que falei, onde ocorriam brigas sempre. Quando a Usina São Luiz ainda era pequena, passava por ela um córrego que descia lá da Fazenda do Turim, Turim Velho era o nome, pois era de uma família que tinha comprado e eles tinham o sobrenome de Turim. Naquela época a família comprava a fazenda e colocava seu nome. Fazenda Turim. Os Quagliatos compraram a fazenda. Dentro das suas terras nascia uma mina de água, que existe até hoje e essa água é que mantém o açude da usina. Primeiro era só essa mina de água, depois eles fizeram ligações de água da Lagoa Seca para a usina, para abastecer o açude, pois a usina cresceu muito e aumentou a necessidade e o uso da água.

Esse “Casseta Armado” era uma venda, uma casa de madeira onde os peões bebiam muito. Na época havia uns 50 peões, a usina ainda era pequena, que brigavam muito, se esfaqueavam, se matavam por ali, e por isso o lugar ganhou esse nome. A usina começou a crescer ali naquele local, novas casas

apareceram e uma nova escola, próxima ao açude. Foi lá que ela estudou, na Colônia “Casseta Armado”.

A falecida Rosa Quagliato, mãe do Fernando Quagliato, depois de um certo tempo, depois do desenvolvimento das coisas, falou: “Vamos mudar o nome disso para Colônia Santa Rosa”.

Lá na nossa casa, nessa época tomávamos banho com água de poço, não tinha água encanada ainda. Enchíamos o balde de água e tomávamos banho no banheiro fora da casa. Na usina tinha um armazém que fazíamos compras, um armazém de madeira, tinha de tudo lá, até roupas de loja tinha ali, marcávamos para pagar no pagamento. O pai dessa comadre nossa, minha vizinha atual, era açougueiro, matava boi nos fundos da nossa casa lá. Nos fundos da nossa casa tinha um matadouro de boi. Matavam os animais, penduravam nuns ganchos nas carreiras de eucalipto que existia por ali, tiravam o couro, tiravam os quartos do boi e já levavam para o armazém para que fossem vendidos.

Anísia: Quando eu tinha 17 anos ganhei a primeira filha, em 1965.

Floriano: Tinha um médico em Santa Cruz, o doutor Samuel, que cuidava dela, ela tinha dificuldade em ter filhos. Antes do primeiro filho, que foi uma menina, ela perdeu quatro filhos, ela não conseguia segurar a criança no ventre.

Anísia: Tive ela, depois o menino, depois as gêmeas. Hoje nós temos cinco filhos homens e ela. Todos nasceram ali, se criaram, estudaram lá, se formaram e depois de rapazes saíram de lá. Todos eles fizeram escola na usina, não colégio²⁵. Era bem perto de onde está construída a escola hoje.

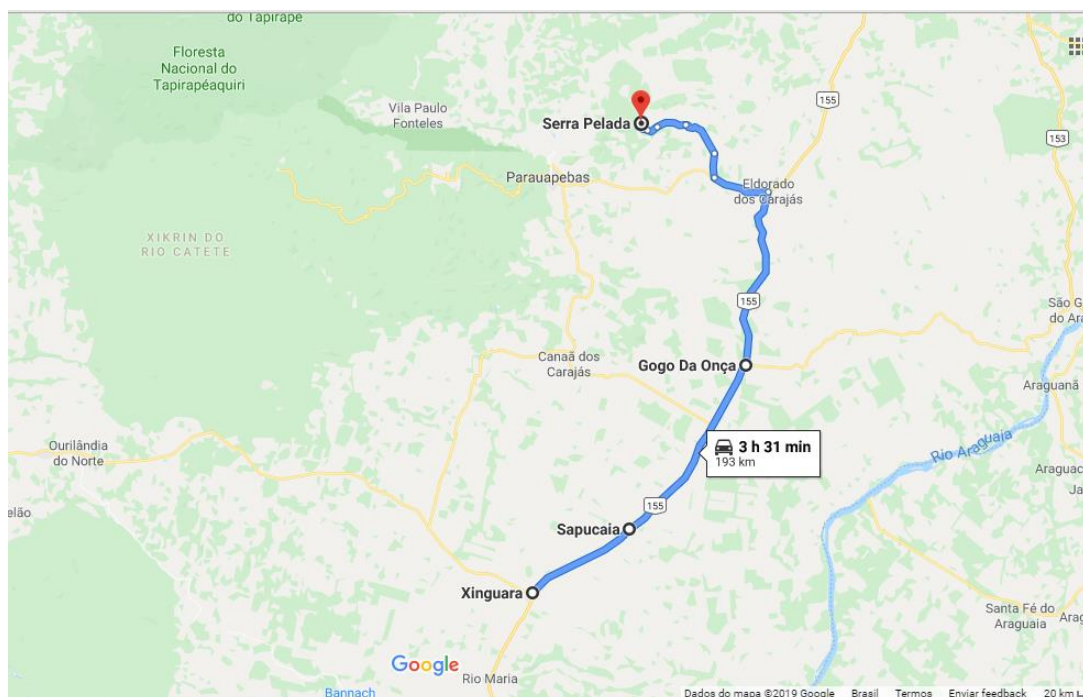
Floriano: A escola hoje está próxima da oficina mecânica, da farmácia, dos recursos humanos, perto do restaurante, das casas amarelas dos diretores. Mudou muito.

Tem um advogado de Ourinhos, muito conhecido meu, com sua esposa muito velha. O falecido Fernando mandava eu dar voltas com ela: “vai, dá umas voltas com ela e mostra as terras que nós temos”. Eu mostrava tudo a ela e depois voltava para a usina. Um belo dia ela me falou: “Floriano, você vai falar o que você sabe, o que você viu aqui dentro, quem é quem, e eu vou escrever”. Ela escreveu e tenho aqui guardado essas histórias que ela registrou. Eu conto a história do falecido Fernando, do falecido Francisco, que dormia dentro da

²⁵ Aqui entende-se por escola o Ensino Fundamental e colégio o Ensino Médio.

indústria da usina, na época que ocorria a moenda, para não perder tempo. Quando quebrava as máquinas nós colocávamos as peças em cima do caminhão e íamos para Piracicaba para consertar, não tinha hora para isso. Tem tudo nessa história. Ela é a Marcia Benevenuto, de Ourinhos. É a história da usina, do falecido Fernando, de Xinguara no Pará, eles têm 50 mil alqueires de terra lá naquela região de Xinguara e Sapucaia, indo para o Gogo da Onça, para a cidade do ouro, Serra Pelada. Dá muito ouro naquela região. Antigamente, quando eu passava por lá, eu via muito garimpeiro cavando na beira da estrada mesmo, atrás de ouro, com a bateia nas costas. À noite eles saíam vender as pepitas de ouro naqueles bares, naqueles restaurantes noturnos. Era a pepita, o ouro bruto, sem ser lapidado. Eu já vi cada coisa nesse mundo. Essa fazenda foi aberta em 1977. Eu que levei os primeiros maquinários para que ela funcionasse. Lá na cidade de Ourinhos, no recinto da FAPI (Feira Agropecuária e Industrial de Ourinhos) existe uma tora, um tronco de árvore que fui eu quem trouxe do Pará. Aquilo é mogno, é madeira especial. Os melhores móveis do Brasil são feitos de mogno, é madeira de exportação.

Figura 15: Trecho da BR 155 que liga Xinguara a Serra Pelada no Estado do Pará



Fonte: Google Maps

Essas lembranças são coisas que estão dentro de mim, que passaram por mim, tem muita história. Antigamente, ser motorista na usina era um serviço de orgulho, era diferenciado. Quem não era motorista de caminhão queria ser tratorista. Motorista ou tratorista. Estava dentro do nosso mundo. As outras profissões ali para o peão era cortar cana, jogar cana nos caminhões, carpir cana, as profissões queridas ali eram a de motorista e a de tratorista. Dentro da indústria o serviço era bravo também, difícil, lá dentro se puxava cana com os garfos, era difícil. O serviço mais tranquilo era apenas o do encarregado, os outros não. Jogavam a cana na mesa alimentadora, que depois ia para a esteira e em seguida para a moenda, de onde saía o caldo para a fabricação de produtos. Era tudo serviço bruto, mas pessoas trabalhavam. Eu fui as duas coisas, motorista e tratorista. Arei muita terra com trator, gradeei, fiz muito suco para plantar cana. Primeiro fui ajudante de caminhão e depois comecei a puxar cana, em 1960, sem habilitação. A usina tinha uns 10 motoristas, quase todos sem carteira de habilitação. Andávamos por vários lugares sem o documento e como era caminhão da usina ninguém nos parava. Na época, os homens ricos da região aqui, eu tenho conhecimento deles, era o doutor João de Santo Grande, que tinha um alambique de cachaça, ele era pai da dona Cecília, esposa do doutor Roque Quagliato, Pedrão Queijeiro e a família Quagliato estava em terceiro lugar. Reparem bem como são as coisas, os Quagliatos estavam em terceiro lugar nessa época. Eles tinham apenas um pequeno alambique de cachaça, mais para frente, compraram uma usina velha no Estado de Pernambuco, trouxeram para Ourinhos e montaram a primeira usina. Era uma moenda pequena, a moenda pesava 8500 quilogramas. Hoje a moenda pesa 13000 quilogramas, tem moenda hoje lá de até 17500 quilogramas. De acordo com o passar do tempo eles foram evoluindo e meu serviço se modificando. Eu digo, motorista, puxador de cana, de turma de peões de Ourinhos, que era uma cidade pequena nessa época. Lá em Ourinhos, onde é o fórum, antigamente era puro pé de Jurubeba, lá onde é o supermercado Pão de Açúcar até próximo ao prédio torto era tudo mato, a vila Odilon era bem pequena. Eu vi tudo crescer, eu vi Ourinhos crescer. Eu era motorista da Usina São Luiz, eu puxava turma de peões de Ourinhos para cortar cana na Usina São Luiz. Tinha empreiteiro da Vila Odilon, empreiteiro da Vila Boa Esperança. Mesmo com a usina pequena, a quantidade de funcionários que moravam nas colônias não era suficiente para

trabalhar na cana, tínhamos que buscar na cidade, os empreiteiros eram os homens que arrumavam as turmas de peões. Eu acredito que o maior número de pessoas que moraram nas colônias da usina foi de 1984 até 1990, pois nessa época foi o período de maior desenvolvimento lá. Nós nos mudamos da colônia da usina para essa casa aqui no ano de 1991, pois tivemos um financiamento da Caixa Econômica Federal. Eu sou um dos empregados que mais morou em casas diferentes dentro da usina, casas de propriedade da usina. Eu tinha um ótimo relacionamento com os patrões e conforme o desenvolvimento da usina e o número de casas iam aumentando nas colônias devido a quantidade de pessoas que chegavam para trabalhar e morar nas colônias. O patrão falava: “Floriano, eu fiz uma colônia nova, com casas novas. Vá lá e escolha uma casa para você”. Eu chegava na colônia nova, com todas as casas ainda fechadas e escolhia uma. Eu fui o primeiro empregado morador das colônias que tive casa com banheiro dentro de casa. A última colônia que morei foi a colônia do Armazém, próxima ao açude, próxima ao campo da aviação. Já desmancharam a primeira colônia para fazer depósito de bagaço e estão desmanchando a segunda. Eu morei na terceira colônia do açude para cima. A minha última casa era a última casa da colônia. Ele me mandou escolher uma casa e eu escolhi a última, pois tinha um terreno grande para fazer um quintal, bem fechado para criar galinhas, eu criava muitas galinhas, gostava muito disso. Cerquei bem cercado, plantei pés de abacate que estão lá até hoje, pé de limão, pé de jaca, pé de plantação. Eu fiz um pequeno pomar lá. Em 1991 nos mudamos para cá. Mudei na minha casa e fiquei trabalhando lá e a família aqui. Eu ia, voltava, chegava de viagem, utilizava os veículos da empresa para vir para casa, as caminhonetes, de manhã cedo voltava com ela para a empresa, se chegasse durante o dia utilizava o ônibus da usina que transporta os funcionários para as cidades da região, ele me deixava na porta de casa, no outro dia pegava o ônibus e ia para a empresa. A minha vida foi assim.

Eu saí da usina em 2017, com 78 anos de idade, quase 79. Eu fiz 80 agora. Faz 2 anos que parei de trabalhar lá. De 1959 para 2017 são 58 anos dedicados a Usina São Luiz. Eu vi a usina crescer. Quando eu entrei lá já era usina, não era mais alambique. A usina começou de fato em 1951, eu entrei lá em 1958. O território dela era menor que 300 alqueires de terra, era pequena. Depois eles

foram comprando tudo ao redor. A Fazenda Santana Velha foi comprada em 1962, eu trabalhava com caminhão do ano já nessa época.

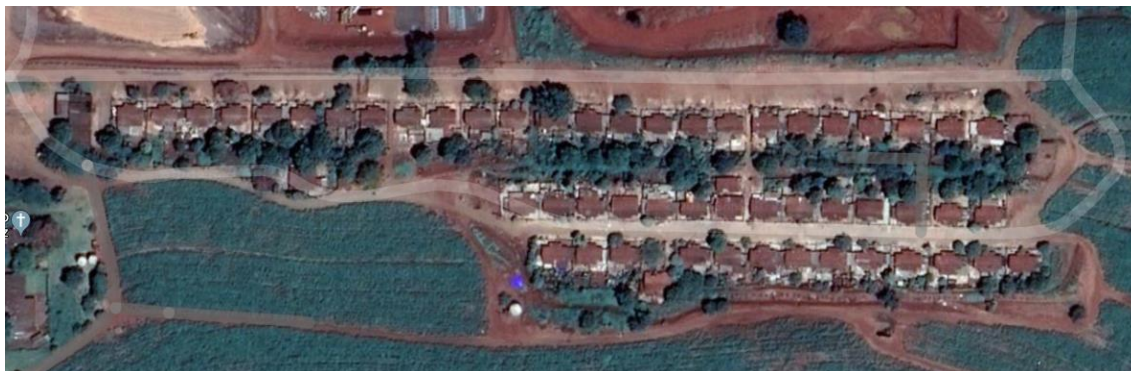
Existe uma ponte chamada Ponte Preta, que liga a cidade de Canitar à usina São Luiz. Ela tem esse nome pois antigamente ela era de madeira, e como estava quase caindo, em 1962 eles a desmontaram e fizeram uma de concreto. Eu trabalhava nessa época com um Ford 1962, cabine branca e carroceria vermelha. Eles estavam arrancando a lavoura de café da fazenda Santana Velha para plantar cana de açúcar. Puxávamos a lenha do café da fazenda para a usina por Ourinhos, pois não dava para passar por ali, tinha que dar essa volta. Nessa volta passávamos por outra ponte de madeira próxima a FAPI, a feira agropecuária de Ourinhos. Quando o rio está baixo é possível ver os pilares de madeira dessa ponte antiga. Entrávamos por ali, pela FAPI, saíamos na fazenda Brizola, depois na fazenda São José e por fim chegávamos na usina. Compraram a Santana Velha, a Bassit, a Harmonia, a Marcondinha, essa foi uma das últimas, a fazenda Palmeira. Quando eu era moço e morava na fazenda em Jacarezinho, eu vinha jogar bola na fazenda Palmeira. A usina de Jacarezinho tinha um time muito bom. Certo dia nós estávamos ganhando do time da fazenda Palmeira de um a zero, o jogo estava quase terminando, quando os torcedores pegaram brasa de fogueira e começaram a jogar em nós. Saímos correndo para o caminhão e as pessoas atrás jogando brasa em nós. Naquele tempo o povo era muito bravo.

Eu gosto muito de lembrar do antes, sobre o depois, ver o mundo do antes e o mundo do agora. Eu sempre falo para alguém “o tapete de visita do Brasil é o Estado de São Paulo”. Pelo que eu conheço, o desenvolvimento de tudo, para mim, começou dentro do Estado de São Paulo. E eu não sou paulista, eu sou nortista, eu sou sergipano. Quem me ouve falar acha que sou paulista, não senhor. Eu falo daquilo que eu conheço, por onde eu andei convivendo com a grande quantidade de pessoas, separando qualidade e hoje eu digo que é a mínima quantidade, pelo meu conhecimento que vem vindo cada dia mais, de modos que eu gosto de qualidade. Conviver com a quantidade é uma coisa, você viver a vida com todos, todos nós temos que viver a vida, agora, conviver, gostar, é a mínima quantidade, é a qualidade. São pessoas dignas de lhe ouvir e falar para você quando está certo, quando está errado. São pessoas de

conhecimento. Se não tem o conhecimento a pessoa cria caso, apela, mostra que é pessoa do “já era”, não é do agora.

5.4 Fragmentos de uma análise II

Figura 16: Foto aérea de uma das colônias da Usina São Luiz



Fonte: Google Maps

Com o Seu Floriano conhecemos um pouco dos detalhes da vida de um funcionário de uma grande agroindústria, de uma usina de cana de açúcar e álcool. Não o funcionário que trabalha suas oito horas diárias na empresa e depois volta para seu lar ou para suas obrigações particulares. Falamos aqui do funcionário que vive as vinte e quatro horas do seu dia dentro do território pertencente à essa indústria, que mora nesse território. Praticamente tudo que ele toca é dos patrões. Ele não se afasta do serviço, não consegue se desligar da sua função, da empresa, dos patrões. Observamos também algo muito comum em relação aos colonos e seus filhos que são ou foram estudantes da escola Orlando Quagliato, que é o respeito, a admiração, quase uma devoção para com os patrões. A usina, direta ou indiretamente, dá o toque da vida dos que ali vivem. Eles pertencem a uma sociedade com algumas regras específicas para o local, não são donos das casas, dos terrenos, não têm suas plantações como os demais sitiantes ou agricultores que também mexem com a terra, com animais e com plantações, sempre têm um patrão ou vários patrões para reverenciar ou obedecer de acordo com as relações de poder ali constituídas. Existiram e ainda existem nesse território das terras acerca da Usina São Luiz o

colono, o empregado que vive ali com sua família apenas no período da safra da cana, existe aquele que chega ali sozinho, sem família e fica por tempo indeterminado, e existe o que constitui naquele local a sua família, como foi o caso do seu Floriano. Seus filhos, sua esposa passaram pela Escola Orlando Quagliato. Não há como negar a influência da escola na educação deles. Atualmente todos moram nas cidades que circundam essa usina e não dependem financeiramente dela. Na entrevista com seu Floriano fica clara a influência e a admiração dele e dos demais pelos patrões. Fica clara também a interferência deles na vida dos que moraram ou moram nas colônias, da ligação entre os pais, empregados da usina, com a escola através dos filhos. Para entendermos um pouco mais sobre o perfil dos filhos dos colonos como alunos da Escola Orlando e da influência dos empresários nas famílias e principalmente na escola e vida escolar trazemos aos holofotes desse texto a Professora Silvana Alves Fernandes Santos. Além dos pontos já apresentados, veremos também a organização do estado em relação à escola, a regionalização do ensino para a zona rural, os projetos educacionais aplicados ali, o amor à Escola Orlando e sua importância para aqueles alunos, a vida da professora que vive na cidade e trabalha no campo. A entrevista com a Professora Silvana Alves Fernandes Santos em 05/11/2018 na Escola Estadual Esmeralda Soares Ferraz, na Cidade de Ourinhos, São Paulo.

5.5 Orlando de Silvana

Figura 17: Silvana Alves Fernandes Santos



Fonte: arquivo do autor

Me encontrei com a Professora Silvana na Escola Estadual Esmeralda Soares Ferraz, na Cidade de Ourinhos – SP, onde ela trabalhava. Desde o início das conversas para negociarmos a nossa entrevista, a professora se mostrou disposta a realizar a entrevista. Logo no início expliquei a ela mesma sobre como procedemos na construção de uma entrevista, utilizando as etapas que firmamos na História Oral, nossa metodologia base. Questões, leituras, conversas, levantamento de cenário, investigações, possibilidades de depoimentos, depoimentos, gravação, transcrição, textualização, envio para análise e autorização, congressos, novas discussões, organização e amadurecimento da

tese, bancas, defesas e publicação. Após a gravação da entrevista, fazemos dela um texto escrito. Você recebe o texto, lê e concorda ou não. Concordando com a textualização, você assina uma carta de cessão de direitos, onde você nos autoriza a publicação desse texto. Fazemos isso com todos os depoentes. Algumas questões, dados e particularidades apresentadas por mim na entrevista deve-se ao fato de ter trabalhado na Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos como Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico e por isso, tinha em mãos algumas informações referentes à escola em questão e realizava algumas visitas para tratar de formação continuada de professores.²⁶ Após a explicação temos a entrevista que segue:

Olá. Sou Silvana Alves Fernandes Santos, nasci em Ourinhos-SP, em 1966, estudei da primeira série até a oitava série do Ensino Fundamental na escola SESI em Ourinhos. Cursei o Curso Técnico em Contabilidade, na Escola Técnica de Comércio de Ourinhos. Em 1985 ingressei na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Carlos Queiroz, em Santa Cruz do Rio Pardo - SP, onde conclui o curso de Letras no ano de 1987. Em 1990 fiz Faculdade de Pedagogia em Piraju - SP e em 1993 fiz Orientação e Supervisão Escolar na UENP (Universidade Estadual do Norte do Paraná), em Jacarezinho – PR, em seguida, fiz especialização em Língua Portuguesa e Literatura também na UENP. Em 1988 comecei a trabalhar como professora na Escola Estadual Orlando Quagliato, onde fui Professora Ensino Fundamental, Professora Coordenadora de Projeto de Enriquecimento Curricular, Professora Coordenadora Pedagógica e Vice-Diretora de Escola até março de 2007. Trabalhei na Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos como Secretária da Dirigente Silvia Maria Nunes Cantarin e atualmente trabalho na Escola Estadual Esmeralda Soares Ferraz, como Secretária Técnica Administrativa.

Quem muito me ajudou na escola foi uma diretora chamada Iara de Oliveira Lopes. Ela era esposa do falecido Norival Pereira Ribeiro, que foi diretor da Escola Josepha Cubas, em Ourinhos. Ela é muito inteligente e vai saber detalhar muito melhor que eu as coisas da escola. Eu sou assim, apesar que ela falava

²⁶ Silvana Alves Fernandes Santos foi minha primeira entrevistada.

para mim assim, que eu conseguia ensiná-la com o meu jeito de ser, simples. Eu não sei tanto de teoria igual ela, mas na prática eu me dava bem. Ela ficou na escola por uns 10 anos. Eu saí em 2007 e ela deve ter saído em 2010, aproximadamente.

Comecei na Escola Orlando Quagliato em 1988. Existiam lá muitos professores, inclusive a Amabile Reginato, Professora de Matemática, que trabalha no município hoje. Lá na escola podemos encontrar um livro em que ficam anotados quem eram os professores de determinadas épocas e alguns documentos e muitas fotos. Tem um jornal de 1990 que apareço representando a escola na realização de um projeto, juntamente com o Professor Décio Garcia, que era diretor na época. Ele também pode te falar muitas coisas da escola. A Amábile e a Carmem ficaram lá mais de 10 anos. A Amábile deve ter chegado em 1983, hoje ela trabalha na prefeitura. Ela é mulher do Neivo Santos, irmão da Silvinha, que é PEB I²⁷ na escola da usina²⁸ desde 1990 e está trabalhando lá até hoje. O nome dela é Silvia Santos.

Figura 18: Foto do Jornal mencionado pela Professora Silvana com a matéria citada pela professora



Fonte: Arquivo da Escola Orlando Quagliato

²⁷ PEB I: Professor de Educação Básica do Ensino Fundamental I. Atualmente a Escola Orlando Quagliato é uma das poucas escolas estaduais que possuem o Ensino Fundamental I, que compreende o ciclo do I ao V Ano.

²⁸ Expressão utilizada pela Professora Silvana, quando se refere à Escola Orlando Quagliato.

Trabalhei na Escola Orlando por 22 anos aproximadamente, e conheci a Dona Fátima Quagliato. Ela ajudava muito na parte social da escola. Ela estava sempre na escola. Os jardins da escola foram projetados por ela. Eu sempre admirei muito a Dona Fátima. Lá na escola da usina as crianças sempre foram muito carentes. Ela fez um projeto, colocou em prática, plantou uma variedade de plantas naquele jardim. Plantava as árvores frutíferas para as crianças poderem comer as frutas. Além do jardim, ela também fazia a doação dos uniformes, de tênis. Se ela soubesse de famílias carentes nas colônias da usina, ela ia nas casas e ajudava. Um pouco antes de morrer, ela fez um trabalho de prevenção a AIDS. Ela tinha esse compromisso de fazer esse trabalho, de mostrar para as crianças da escola e para os pais, essa prevenção da AIDS, e conseguiu fazer isso dentro da escola.

A escola era como se fosse delegacia ou o fórum da usina. Tudo se resolvia lá dentro. Se a mulher brigava com o marido ia lá na escola para resolver. Eles iam lá me procurar. Iam lá procurar a diretora da escola. Como eu gostava muito dessa parte social, eu fazia muito isso. Assim, se houvesse briga de marido e mulher, se o filho não aprendia, se a criança estivesse rebelde, se perdesse o emprego, se estivesse doente, todos esses casos paravam na escola.

A Carmem era professora de Ciências e Matemática. Ela fez um trabalho, juntamente com a Amábile, eu, a direção, todo mundo. As crianças tinham muito piolho, não escovavam os dentes, tinham os dentes todos cariados, sujos, era um horror. Pensamos em fazer alguma coisa e fizemos um trabalho para mudar esse quadro. Primeiro trouxemos os alunos para a escola, porque eles abandonavam a escola quando eles terminavam a quarta série. A mentalidade dos alunos, de um modo geral era assim: estudavam até a quarta série e depois da quarta série eles iam trabalhar na lavoura. Nessa época a escola tinha até a oitava série. Só que eu não peguei o prédio antigo, que era da época do Seu Jairo, já falecido e do Professor José Roberto, que é o professor mais antigo da escola, deve ter ficado uns 30 anos lá, o Zé Roberto foi antes de mim. Foi do tempo da escola de madeira. Ele é uma pessoa que pode contar muita coisa, porque ele lembra de tudo antes de mim. Ele foi professor do Kiko Quagliato. Começou a dar aula na escola lá pelos anos de 1970. Ele deve se lembrar do Jairo. Voltando aos alunos, tive uma ajuda muito grande da Amábile. Ela era

muito dedicada, vestia a camisa. Então a gente começou na área de Ciências e de Matemática. A gente fez uma parceria com a Usina São Luiz, que era muito boa para a escola. Faziam tudo para a escola. Tudo que a gente pensasse, o custo que fosse, eles (os empresários) bancavam tudo. Naquela época tínhamos um projeto de enriquecimento curricular que era trabalhar com as crianças na horta, na terra. A Amábile foi a primeira que trabalhou com esse projeto, na Diretoria de Ensino de Ourinhos tinha um técnico agrícola que dava apoio. Ele dava esse respaldo, nos orientava. Tínhamos também a ajuda dos agrônomos da usina. Eles nos auxiliavam e juntos ajudávamos as crianças. Fazíamos a plantação, a usina comprava as sementes, emprestava a mão de obra e as crianças trabalhavam ali. Na época da colheita fazíamos comida para eles com aquilo que eles produziam e eles podiam levar para casa. A Amábile que cuidava desse projeto. Por volta de 1993, a Amábile não quis mais trabalhar nesse projeto. Ela foi ter filho e saiu. Eu passei a trabalhar nesse projeto. Como para mim era tudo novo e eu não conhecia nada, comecei a buscar ajuda da usina, e com a ajuda e auxílio dos funcionários o projeto foi mudando, se transformando. Na área de Matemática, a Carmem começou a fazer os canteiros com as crianças, tudo em forma geométrica para ensinar Matemática, já que a gente fez esse projeto de enriquecimento curricular. Plantávamos de tudo: alho, batata, legumes e verduras. Aquelas terras são ricas, tudo que se planta dá, produz-se em grande escala. A horta era um pedaço de terra que a gente tinha atrás da escola, e era muito interessante, era uma coisa fora do comum. Eu nunca tinha visto alho plantado.

Figura 19: Alunos preparando a terra para a plantação na horta da escola



Fonte: Arquivo escolar

A Carmem ensinava Matemática, outro Inglês, cada um utilizava o projeto para ensinar alguma coisa. Esse projeto então, ele se dava com toda a escola. Percebemos que tínhamos o enriquecimento curricular. Outro projeto era sobre a gravidez precoce. A Carmem percebeu que havia muitas meninas grávidas. Com o apoio da Diretoria de Ensino, junto com a Maria Helena Lopes, Coordenadora de Ciências, começamos aquele projeto Prevenção Também se Ensina²⁹ e, de fato, ele aconteceu na usina. Ele teve um prazo de duração de dois anos. Em um ano nós vimos uma melhora. Em dois anos não havia mais adolescentes grávidas. Os projetos iam surgindo conforme as necessidades apresentadas pelas crianças.

Uma das maiores demandas na escola era o piolho. Era uma coisa gritante. Não era você falar assim que uma criança tinha piolho, era uma coisa fora do comum. Um dia eu fiquei muito assustada. Nós tínhamos uma menina, que eu só via ela

²⁹ Criado pela Secretaria de Estado da Educação em 1996, por meio da FDE. A Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE é responsável por viabilizar a execução das políticas educacionais definidas pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. O objetivo do projeto era estabelecer nas escolas da rede estadual de ensino, um projeto de educação permanente que propicie condições para a redução das vulnerabilidades dos alunos(as) em relação à gravidez na adolescência, as DST/HIV/Aids, ao uso do álcool, tabaco e outras drogas, e que estimule o reconhecimento e respeito à diversidade sexual, articulando-se com as esferas Federal, Estadual e Municipais.

de touca. Sempre. E um calor insuportável. Eu achava que era alguma coisa. Levamos ela na sala da coordenação e quando tiramos a touca, acho que ela tinha mais de mil piolhos e lêndeas na cabeça. Tinha mais piolho do que cabelo, tirávamos de copo, sabe esses copos descartáveis. Chegava a entupir a pia. Eu nunca tinha visto aquilo daquele jeito. Tentamos limpar na escola, mas não tinha fim. Conversamos com os pais, levamos ela para cortar o cabelo para poder limpar. Ferida era por tudo, porque a cabeça era cem por cento piolho. Tinha mais piolho do que cabelo. Então começamos um tratamento na escola. Lá tinha piolho, tinha sarna. Eu nunca tinha ouvido falar em sarna.

Em 2007 que começou a chegar drogas ilícitas na escola. Eu não sei se acabou, porque eu vim embora, mas em 2007 eles estavam começando a traficar na escola. Eu não entendia, eu não sabia como funcionava isso. Eu fui lá fora quando as crianças falaram que ele (traficante) estava vendendo não sei o que. E eu fui lá fora. Tentaram me perseguir. Até por isso eu fiquei assustada. Eu saía da escola às 23 horas quase todas as noites. Eles ficavam me esperando.

Também em 2007 foi criada telessala na escola. Os pais dos nossos alunos eram nossos alunos da telessala. Nós começamos com 200 pais no primeiro ano. Fizemos um acordo com os empresários da usina, conversamos com eles, sobre como poderíamos incentivar os pais a voltarem para a escola. Nós detectamos que as crianças sofriam, porque os pais não conseguiam ajudá-los em casa, em matéria de estudo. Adotamos então a telessala na escola. Junto com os empresários da usina, tentávamos motivar os pais a virem estudar. Eles incentivavam os funcionários a voltar aos estudos oferecendo promoções na carreira, no serviço. Os funcionários, principalmente os que trabalhavam no corte de cana, tinham um sonho na usina que predominava, todos queriam ser motoristas. Eles falavam que o tratorista era o “*must*”³⁰, e quem era motorista de bombeiro era o “*granfo chique no último*”³¹. Era o máximo. Todo mundo sonhava em querer ser bombeiro ou tratorista.

Quando a gente via os alunos vindo, eu tinha dó, porque tinha aluno que andava dez quilômetros a pé para chegar na escola. Moravam nas Colônias Santa Tereza, Vico, Brandimarti, Imbiruçu, Pegorer, Santa Rosa e São José. Algumas colônias ainda existem. Ainda tem o Brizola. O São José que não existe mais,

³⁰ Expressão utilizada que significa “o melhor”.

³¹ Expressão utilizada que significa “o melhor de todos”.

era a mais próxima. A Santa Rosa existe. É bem pertinho da escola. A Colônia Imbiruçu era a mais pobre que tinha. Ela também não existe mais, era bem pobre. Era igual a São José que também não existe mais.

Em algumas dessas colônias havia escolas. Tinha só na Santa Tereza, na Brandimarti e na Vico. Eram as escolinhas de madeira. Não lembro o ano que essas escolas acabaram, mas os alunos foram todos para a Escola Orlando. Chegou a 800 alunos aproximadamente. Quando eu cheguei lá havia 4, 5 alunos na oitava série. Quando eu saí de lá, em 2007, havia 25 alunos na oitava série³² e 10 no Ensino Médio. A gente já tinha criado o Ensino Médio.

Lá na escola conseguíamos motivá-los. A escola da família³³ dava muito certo, fazíamos assim, além de irem à escola para aprender, cuidávamos um pouco de tudo deles. Uns tinham fome, outros tinham frio. Nós tínhamos tudo preparado para atendê-los. Eu tinha um armário com roupas todas separadas por número. Aquele que chegasse sem sapato, sem blusa ou com frio, nos atendíamos. Todo dia 6 horas da manhã tinha pão que a usina doava para o café dos alunos, acho que eles doam até hoje, margarina, café, tudo era doado pela usina, então, quem chegasse 6 horas da manhã, já podia se alimentar. Nós trabalhávamos muito, eles sabiam que se chegassem na escola seriam socorridos. Eles gostavam

³² Corresponde ao 9º Ano do Ensino Fundamental.

³³ De acordo com o Site <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/>, o programa Escola da Família é um programa social do governo do Estado de São Paulo que tem o objetivo de proporcionar diversas atividades dentro de 4 eixos norteadores: esportes, cultura, qualificação para o trabalho e saúde para as comunidades de dentro e de fora dos entornos escolares, aos finais de semana. O programa foi iniciado no dia 23 de agosto de 2003. Ao final do ano de 2006, as atividades aconteciam em cerca de 5300 escolas estaduais. Estas atividades, abertas ao público, contavam com equipes permanentes em cada unidade escolar que administram o seu espaço assim como o desenvolvimento destas. Atualmente, estas equipes são formadas por um membro da equipe gestora da escola em questão (o professor articulador, designado especificamente para o programa, a partir de 2019); estudantes de graduação de universidades privadas do Estado de São Paulo vinculadas ao programa (os educadores universitários) ; em diversas unidades escolares, conta-se com a permanência de professores de educação física ou de artes plásticas que administram oficinas dentro das suas áreas de conhecimento (equipe de fortalecimento). Profissionais ligados à área da educação e que têm profundo conhecimento das suas comunidades também compõem as equipes de cada escola (monitores educacionais). Por fim, pessoas interessadas em ensinar e/ou desenvolver projetos sociais são parte das equipes educacionais como voluntários (educadores voluntários).

O Escola da Família proporciona a formação de universitários em todo o Estado de São Paulo através de uma bolsa universitária. Os estudantes que trabalham aos finais de semana nas escolas frequentam gratuitamente a universidade (50% do valor da mensalidade é pago pela própria universidade e os outros 50% são pagos pelo Governo do Estado até um teto de R\$ 500,00 (quinhentos reais). Os estudantes devem permanecer na escola durante oito horas em um dos dias do fim de semana (sábado ou domingo). O programa passou a funcionar em proporções menores a partir do ano de 2007. O número de escolas estaduais participantes foi reduzido, assim como o número de bolsas concedidas em parceria com as universidades.

muito da escola, pois era o único lugar onde eles tinham acesso à leitura, à informação e ao conhecimento.

Na escola da usina, os empresários davam muito valor aos professores. Os professores eram tidos como se fossem juízes, médicos, autoridades perante os olhos dos donos da Usina São Luiz, o Seu Chico, o Seu Fernando e a Dona Fátima. Quando morreu a Dona Fátima ficou o Seu Chico e o Seu Fernando eram os que mais atendiam às necessidades da escola, dos alunos. Quando morreu o Seu Fernando, o Seu Chico ainda permaneceu com os atendimentos. A família dos empresários faz assim: cada um substitui o outro nas atribuições. Vou tentar explicar com uma suposição. Cada um tem uma habilidade, eu Kiko, tenho as habilidades do meu Tio Fernando, então vou substituir o meu Tio Fernando. Vamos supor a Adriana, que é filha do Seu Luizito, faz o papel, não chega a ser do Seu Chico, ela é uma intermediária, quase que igual o Seu Fernando, então, eles combinavam entre eles, sempre um era mais liberal e o outro era mais ou menos. Um não deixava nada, o outro era o bravo. Mesmo assim a escola tinha passe livre. Se a gente chegasse lá precisando de um ônibus para levar as crianças em qualquer lugar, nos era fornecido ônibus, comida ou qualquer outra coisa que fosse necessária.

Em relação ao currículo do Estado de São Paulo, o professor e/ou a gestão da escola, ao que tinha que ensinar, praticar, sempre tinha que adaptar para atingir os alunos. Os professores tinham autonomia para fazer o que quisessem. Os empresários da usina nunca influenciaram em coisa alguma. Eles só iam na escola quando eram chamados, ou então para doar alguma coisa. Nem nas entrelinhas, eles não se envolviam em nada. As pessoas da cidade podiam até achar, mas eles não se envolviam. O que tinha um pouco, que a gente sabia, mas até a gente passava por cima, que era um vereador, ele aproveitava da situação, mas a gente até fazia uma vista grossa. A Usina São Luiz fornecia até telefone para a escola. Eu é que fazia essa parte de intermediar os pedidos, porque eu gostava. Eu não achava que estávamos aproveitando deles. Eu achava que, já que eles querem doar, e nós estamos precisando, tínhamos é que fazer uso desse canal aberto. Até teve um projeto, eu acho que foi de Ciências, que montaram uma microbacia. Tem um filme que corre por aí, passa na Secretaria da Educação Municipal de Ourinhos. É igual àquela que tem na

FAPI³⁴, que faz as maquetes das casinhas e as curvas de nível. Em 1996 foi montado na usina um semelhante a esse. Fez muito sucesso. Foi para Avaré, para São Paulo. As crianças, netos do Seu Chico tinham que ir à escola todo dia, porque queriam ver a maquete. Tinha energia elétrica, água, era assim, perfeito. O Professor Mosquini, de Ciências, que cuidou disso. Ele ficou lá uns oito anos também. Todos se envolveram no projeto. As crianças, nossos alunos, eram muito educados, para eles a escola era uma diversão.

Havia crianças sitiadas que vinham de vários lugares do país. Com o tempo, casavam-se entre eles. O pessoal vinha do norte e nordeste na safra, para trabalhar seis meses, descansar seis, e sempre ocorriam trocas, famílias vão, famílias vêm. E tinham aquelas que permaneciam na usina, os filhos se casavam entre eles e novas famílias eram formadas.

Em 2005 começou a aparecer abuso sexual na escola. Eu desconhecia até então fato dessa natureza. O primeiro foi muito gritante, muito sofrível. Como a escola da usina é o centro de tudo, um aluno nos contou sobre um determinado abuso e uma vez que ficamos sabendo tínhamos que tomar providências. Eu fiquei sabendo de dois casos, depois, foram tomadas as medidas e tudo acabou, os responsáveis foram presos.

Eles (alunos) tinham muita mania de fugir, pular a janela da casa para ter relações sexuais, porque moravam todos muito perto dentro das colônias. Sentimos a necessidade de um projeto sobre relação sexual e prevenção. Novamente os professores começaram a trabalhar na comunidade, conscientizando primeiro os pais sobre o que ocorria. Tinha que ser começado pelos pais, pois eles tinham muita vergonha. O marido e a mulher também não conversavam sobre isso. Volta e meia um largava o outro e fugia com a fulana do vizinho. As colônias eram muito lotadas de gente e eles buscavam socorro na escola. A gente era muito solidário em solucionar os problemas e mostrar para eles que frequentar a escola era o único jeito da vida melhorar. Hoje eu fico feliz, tenho um ex-aluno de lá que é diretor em uma escola estadual, outro que é maquiador, sempre posta as fotos para eu o ver com a Eliana, apresentadora de televisão, todo bonito. Sempre que conversamos eu falo para ele: “nossa, eu me lembro de você, eu nunca imaginei que você fosse tão longe”. Tem bancário,

³⁴ FAPI: Feira Agropecuária e Industrial de Ourinhos.

tem empresário. Eu fico muito feliz quando vejo que o aluno deu certo, que conseguiu fazer uma faculdade, que teve sucesso.

Quando a primeira turma terminou o terceiro colegial, nós percebemos que eles não tinham dinheiro para fazer a matrícula na faculdade, e pensamos em um projeto onde faríamos um concurso no qual o prêmio seria dinheiro para que eles pudessem fazer inscrição no vestibular e depois a matrícula na faculdade. Tínhamos um grande problema na Usina São Luiz, pois as crianças pegavam ônibus, kombi, ou outro transporte para estudar nas escolas urbanas em Ourinhos – SP. Quando começou o Ensino Médio foi muito bom para eles, que tinham a possibilidade de estudar de manhã na escola, sair meio-dia, almoçar e trabalhar num projeto de menor aprendiz que tinha chegado na Usina São Luiz. Isso foi depois dos anos 2000. Primeiro abrimos a telessala e logo depois abrimos o Ensino Médio. As crianças tinham mais tempo, porque elas tomavam banho, jantavam e iam para a escola que era ali perto. Quando estudavam nas escolas da cidade, às vezes perdiam o ônibus, paravam de estudar porque não aguentavam. Até eles chegarem de volta na usina já era meia noite, uma hora da manhã.

O Ensino Médio começou à noite. Os alunos trabalhavam durante o dia na usina e à noite iam para a escola, e os que estudavam pela manhã, trabalhavam meio período em projetos da usina como menor aprendiz. Eles ganhavam seu dinheiro. Não eram todos, mas sempre as crianças faziam algum tipo de serviço. Lembro que surgiu um projeto da secretaria da educação que era a padaria artesanal. Levamos também as mães para a escola. O projeto era para qualquer um que quisesse aprender a fazer pães para poder vender e ter uma renda na família. Dávamos o curso. Criamos uma cozinha onde elas iam pôr a mão na massa, aprendiam, faziam e depois elas faziam em casa para vender.

Quando eu comecei a ir para a usina eu ia de ônibus e voltava de toldo. Naquele tempo não havia ônibus que levavam as crianças, era um toldo, aquele caminhão aberto. Eu vinha embora de caminhão. Eu fiquei cinco anos viajando de toldo. Eu ia para lá de ônibus normal. Na hora de ir embora, não tinha ônibus e eu pegava carona com o toldo que levava funcionários e alunos para as Colônias Figueirinha e Bela Vista, bem próximas de Ourinhos. Eu não tinha carro, a Rosemeire não tinha carro. Então a gente vinha no toldo. Quando eu cheguei lá as crianças falavam assim: “Ô professora, vai embora no tordo?”. Eles falavam

tordo. Eu falava: “o que será que é tordo, meu Deus?”. Nessa época as estradas da usina eram de terra. Se chovesse, era só Jesus. Mas o toldo rodava mesmo assim. Eu acho que o caminhão já era próprio para rodar nesse terreno. E tinha pedra. Mas na Santa Tereza a gente encalhava. Muitas vezes o toldo encalhou e o trator teve que nos guinchar. Era assim, muito sofrido. Posteriormente chegou o asfalto até as portas da escola. Ficou bem pertinho. Para chegar na escola era tudo pedrinha, eles arrumaram ali. Depois de cinco anos eu comprei carro e a gente começou a revezar. Por volta do ano 2000 a coisa começou a melhorar e o toldo ficou para traz.

Eu acredito que muitas crianças ali tinham um enorme potencial. Tinha criança muito inteligente. Tivemos ótimos professores, que até hoje, ao lembrar, fico encantada. Tem professores que tem essa habilidade de ensinar. Eu tinha uma professora, a Silvéria, não sei se você conhece, ela é um ser iluminado. Ela é PEB I. Ela chegou para trabalhar na escola e vi que ela tinha muita paciência. Apresentei uma sala a ela formada por crianças que não sabiam ler, não sabiam escrever, a coisa estava feia ali. Ela começou em fevereiro, em setembro essas crianças já estavam todas lendo e escrevendo. Os alunos terminaram o ano com a autoestima lá em cima. Ela fazia provas com a fotografia deles, ela conseguia colocar em prática muitas ações e conseguia que as crianças aprendessem. A criança que tinha dificuldade ia na escola ou ficava lá no horário adverso e a gente ensinava e alfabetizava.

Hoje temos na escola o pré-escolar que é municipal. O restante é estadual. Quando eu comecei a trabalhar lá tudo era estadual. Quando veio a municipalização³⁵, a pré-escola e o jardim passaram a ser do município, mas isso foi em 1993 ou 1994. Eu me lembro que a Marcy era professora na pré-escola. Depois passou a ser do município, mas até hoje, de primeira à quarta, de quinta a oitava e o Ensino Médio são do Estado. Na escola sempre surgiram vários projetos. Educação Física, eles jogavam, eles ganhavam. Matemática,

³⁵ O Processo de municipalização de algumas escolas estaduais de Ensino Fundamental começou nos anos 90 no Estado de São Paulo. Os recursos e organização dos sistemas educacionais, assim como a gestão dos funcionários e do currículo escolar passa a ser responsabilidade das prefeituras. Esse processo ocorreu com escolas que atendiam alunos do primeiro ao nono ano do Ensino Fundamental. No caso da Escola Orlando Quagliato, apenas os alunos da Educação Infantil são atendidos pela prefeitura, e, nesse caso, no mesmo prédio temos a Escola Municipal de Educação Infantil Orlando Quagliato e a Escola Estadual Orlando Quagliato.

Ciências. A Amábile fazia um trabalho muito bom. A Carmem, ela fazia um trabalho muito bom, ela criou um caderno, porque as crianças não falavam muito, ela criou um caderno onde fazia enquete e perguntas, e eles respondiam. Ela dava aula em cima daquilo. Então, era uma coisa que todo mundo era animado, gostavam daquilo. Em 2004/2005, começou o último projeto que eu lembro. Pensamos em construir uma casa de bonecas, porque o estado começou a doar uns brinquedos, e começamos a pensar em uma casa de bonecas onde todos podiam brincar com aqueles brinquedos. O Seu Chico e a Adriana se propuseram a fazer a casa de bonecas. Foi feito até o projeto. Ia ser construído, mas aí depois eu não sei o que aconteceu. As crianças lá eram mais estimuladas a aprender do que as crianças aqui na cidade. Eles tinham as mesmas dificuldades que as crianças daqui. Lógico que tem aqueles que têm mais dificuldade, alguma deficiência. Tivemos na escola por muito tempo uma sala especial³⁶. A Ana Laura, professora da sala especial, deu aula lá por uns 8 anos. Essa sala funcionava de manhã para as crianças da própria escola. A maior parte dos alunos que frequentavam a sala especial tinha deficiência intelectual. Aquelas crianças que tiveram problemas desde nascença ou aqueles que a gente percebia nas primeiras séries que não conseguiam acompanhar o ritmo da turma. Encaminhávamos eles para a sala especial. A Ana Laura que deu aula por muitos anos, fazia muitas atividades de teatro, dança, muita coisa. A usina os absorvia no serviço manual. Quando pequenos, frequentavam a escola e quando eles cresciam, ficavam maiores e não podiam mais frequentar a escola conseguíamos então colocá-los na usina, em um trabalho onde eles aprendiam alguma função e se sentiam úteis, de preferência em uma atividade que eles gostavam. Tinha um aluno, que eu lembro, que gostava de trabalhar na cocheira, gostava dos animais. Então, ele começou a aprender na usina, e depois foi trabalhar como funcionário. Só permaneciam na escola o tempo necessário. Eles

³⁶ Hoje chamada de sala de recursos, a sala especial Sala de Recursos - sala multifuncional para a realização de atividades referentes ao atendimento educacional especializado em turmas distintas compostas por alunos de acordo com suas necessidades. A resolução mais recente, Resolução SE 68, de 12-12-2017, que dispõe sobre o atendimento educacional aos alunos público-alvo da Educação Especial, na rede estadual de ensino pode ser encontrada no site http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/68_17.HTM?Time=13/12/2017%2018:08:04.

aprendiam a se relacionar, a se confortar, a se libertar. Eram muito tímidos e por se acharem diferentes, se fechavam, então, ela conseguia fazer eles lerem um pouco, não era muita coisa. Alguns não aprendiam a ler, mas aprendiam a escrever o nome. Não saíam de lá sem nada. A Ana Laura era a professora que estava em sala de aula naquela época.

Quando comecei na usina, eu dava aula de inglês e depois de português. Com o passar do tempo fui ser coordenadora de projeto, coordenadora pedagógica e vice-diretora. A gente tinha uma sala de leitura muito boa, vídeos, TV para cada sala. Tem um acervo muito rico lá da TV Escola³⁷. Fazia um trabalho de catalogar tudo.

A Escola Orlando tinha/tem mais estrutura que uma escola aqui da cidade por causa do apoio da usina. Chegava o começo do ano a usina dava todo o material, mandava uma lista para todas as crianças, uniforme, tênis, pão, tudo. Então, era mais fácil. Se quiséssemos fazer um projeto, era só fazer o projeto e levar lá. Era chegar lá e o Seu Chico falava “pode comprar, compra e traz a nota”. Então podíamos fazer tudo. Por exemplo, tínhamos televisão, videocassete, enquanto nenhuma escola aqui da cidade de Ourinhos tinha. Fazíamos festa, quermesse, que gerava muito dinheiro. Todo mundo ia. Então, a gente comprava tudo para escola. Fazíamos quermesse, Rainha da Primavera, Rainha da Escola. Eram muitas festas grandes. Essa quermesse da escola era famosa, eles ficavam esperando. Havia barraquinha por toda rua. Festa quadrilha, festa junina. Os donos da usina também participavam. Tinha bingo, tinha barraca de tudo quanto é coisa. E tudo era doado. Ganhávamos tudo, e o lucro era de cem por cento para escola, por isso tínhamos condição de fazer tudo quanto é coisa. Se quiséssemos reformar alguma coisa, mecânico, pedreiro, eletricista, tínhamos tudo. A escola era bem arrumada.

³⁷ A TV Escola foi um canal de televisão brasileiro fundado no dia 4 de março de 1996. Pertencente ao Ministério da Educação, era transmitido em algumas localidades do Brasil pelas TVs abertas e em todo o país pelas antenas parabólicas digitais e TVs por assinatura. O canal servia para promover a capacitação e a atualização permanente dos professores do Brasil. Em dezembro de 2003, realizou uma das primeiras transmissões de TV digital por IP, através de um projeto experimental denominado TV Escola Digital Interativa. A TV Escola exibiu 24 horas diárias de séries e programas educativos, além de produzir programas voltados para os professores, como o Sala de Professor e o Salto para o Futuro, e outros programas voltados aos alunos, como o Hora do Enem. Em 12 de dezembro de 2019 a TV Escola é encerrada por decisão do ministro da Educação Abraham Weintraub, que não renovou o contrato de gestão com a associação que gere a emissora.

Na minha época, a escola tinha cara de escola da cidade, porque as pessoas ouviam falar e quando iam lá elas falavam: “nossa, eu pensava que isso aqui era alguma coisa caindo aos pedaços”. No final a gente já tinha auditório, a quadra coberta, que foi um projeto da secretaria da educação, tínhamos ônibus bons que levavam e traziam as crianças, o transporte já era por conta da prefeitura, não era mais por conta da usina. No começo era tudo por conta da usina praticamente. Até na merenda a usina ajudava. A escola tinha tudo para dar certo. Até a filha do Kiko Quagliato estudou lá, a Beatriz.

A escola foi ficando boa, porque ela tinha recurso. Não é porque ela é localizada na zona rural que ela é ruim. Ela era muito mais rica do que qualquer escola aqui da cidade. Quando fazíamos horta, projetos de pomar, coisas que na cidade não existia. Nós fizemos aquele jardim dos sentidos. Foi outro projeto. Isso fazia com que as crianças sentissem orgulho da escola. Eles gostavam de lá, porque nós precisávamos fazer com que eles tivessem vontade de ir para escola. Na verdade, eles tinham que querer aprender. Nós ficávamos sempre discutindo o que poderia ser feito. Era sempre assim, “o que que nesse ano não deu certo, quais as metas que nós podemos traçar, o que cada um nesse ano pode melhorar?”.

Cada um fazia sua parte. O Estado com as leis, os professores com ética e empenho, os empresários com a assistência social. Cada criança tinha uma escova de dente, tudo a usina patrocinava, começamos a ensiná-los a escovarem os dentes na escola. Havia um dentista lá que a usina e a prefeitura providenciaram. As crianças começaram a tratar os dentes, acabaram aqueles dentes estragados, aquela coisa gritante, que você olhava e dava até desespero. Algumas vezes trazíamos eles para a cidade para atendimento gratuito. Tudo gratuito para as crianças. Eles não tinham condição de pagar. Lógico, tinha uns que moravam na Colônia Morumbi, os gerentes, os chefes e os filhos deles também estudavam na escola. Todo mundo estudava ali. O meu filho estudou lá. Para você ver, ele podia ter escolhido qualquer escola daqui, mas ele escolheu lá. Uma experiência minha com meu próprio filho. Ele estudou em um Colégio particular em Ourinhos, eu o tirei de lá porque uma professora o agrediu. Coloquei-o numa escola municipal, ele também foi agredido, então eu falei: “só por Deus, fui premiada”. Vou por ele na escola da usina e assim fiz. Hoje meu filho está quase terminando medicina veterinária, é um excelente profissional. O

outro filho é cirurgião veterinário, estudou na escola pública, fez faculdade, trabalha na área dele e está ganhando mais que eu. Se formou no final do ano. Então, se a gente observar, a criança aprende se ela quiser.

Sabe a diferença que eu vejo do professor da zona rural com o professor daqui, da cidade? Lá na zona rural, nessa escola, os professores, vestiam a camisa da escola. Eles não iam lá, davam aula e iam embora. Eles ficavam. Se eles percebessem alguma coisa com o aluno, ele já saía da sala, já falava com a gente, sentávamos no dia e buscávamos uma solução.

Tínhamos uma equipe muito forte. Era o Zé Roberto, a Amábile, a Carmem, a Rosangela, o Mosquini, a Emeri, a Ana Barrili. Nós éramos em 20 professores, e era assim, era uma equipe que sempre se dispunha em ir lá, trabalhar fora do horário. Não é igual aqui na cidade. Eu vejo que se você pedir para um professor ficar fora do horário ou se você perguntar “e o fulano?”, ele nem sabe quem é esse fulano (aluno).

A relação lá entre os professores era diferente. Era assim, lá se você perguntasse para o professor como que estava o fulano ele sabia responder. Tínhamos um aluno que dava trabalho, o Ageu. Ele ficou muito na minha mente. O Ageu era uma criança difícil. Aos poucos fomos envolvendo o Ageu, colocamos ele para participar do Grêmio. O Grêmio lá era muito ativo. o Ageu começou a participar, a perceber, a gostar, a querer aprender. Chegando na oitava série ele teve que estudar bastante, se dedicar para conseguir passar, um trabalho que fizemos aos poucos, que em um ano, dois anos, conseguimos ver os frutos. Hoje ele trabalha na prefeitura, um menino que despontou. Na verdade, ele era agitado. Hoje eu vejo assim, não é que ele não sabia, ele queria mais, ele queria aprender, ele era elétrico. A gente é que estava em outro ritmo. Outros alunos seguiram caminhos diferentes, tem meninas que são secretárias da usina, da diretoria, outras advogadas, tem várias.

Se não tivesse essa escola lá a realidade daqueles alunos seria muito diferente. As crianças estariam todas catando bituca, pois é essa a primeira profissão delas na usina. Bituca é os tocos de cana. Eles catavam os tocos de cana na roça. Eles estariam catando bituca até hoje. Tentávamos muito. Nós da escola tentávamos falar para eles não sonharem apenas em ser tratorista, mas em ser muito mais, em aprender e ser capaz de fazer aquilo que tinham vontade, em conhecer outras profissões. O primeiro passo que dávamos quando eles

terminavam a oitava série, quando ainda não tinha Ensino Médio, era levá-los para conhecer o colégio agrícola em Santa Cruz do Rio Pardo. Conseguimos uma perua da usina e levávamos eles para conhecer o colégio agrícola no decorrer da oitava série. Aos poucos íamos despertando neles o desejo de fazer escola. Pensávamos que se eles não pudessem fazer uma faculdade eles teriam uma profissão voltada para onde eles moram, a zona rural. Quase todos iam para o colégio agrícola. E formavam. Tem alunos formados que hoje são topógrafos. Eles trabalham na usina de topógrafos. Tem um que se formou esse ano em direito nas FIO (Faculdades Integradas de Ourinhos), o Gustavo. É uma das crianças que ficou muito na memória da gente, muito inteligente. Mesmo casado, tendo filhos ele continuou a estudar. Quando ele encontra comigo sempre fala: “você é que me levaram a estudar”. Eu acho que a escola da usina foi o fator fundamental para as crianças quererem aprender, gostarem de aprender. Lá você se sente realizado quando trabalha. As pessoas perguntavam, por que que eu não queria trabalhar nas escolas da cidade? Eu falava que não tinha igual. Eu já trabalhei no SESI³⁸, na Escola Estadual José Augusto de Oliveira, e não era igual. Lá era diferente. Você se sente realizado como profissional. Você vê o seu trabalho tendo fruto, você vê a criança aprendendo, aquele que não lia lendo feliz, a família comentando, aquelas crianças que achavam que não iam chegar em lugar nenhum, você a vê crescendo, fazendo faculdade. Teve aluno que se casou com professor. Você vê essas coisas. Muitos alunos se casaram com alunos. Os alunos criaram um grupo no Facebook, Lembranças³⁹. Tem todo mundo da escola nesse grupo. Eles postaram as fotos de tempos atrás, eles postaram uma foto que eu estou com meu filho quando ele tinha 3 anos.

É muito gostoso ver os alunos progredindo. Lógico que tem aqueles que não aprendem, que tem mais dificuldade. Tem um vereador em Canitar – SP que foi aluno lá. Para muitos alunos a escola foi importante. No grupo Lembranças tem um rapaz que posta foto todo dia. Todo ano tínhamos fanfarra, coisa que aqui na cidade não tinha. No grupo tem bastante foto com a Dona Fátima Quagliato, já falecida. Ela morreu nova. Ela ficou por 3 anos cuidando de um irmão doente. Quando o irmão morreu ela voltou ao médico para fazer tratamento. Quando ela

³⁸ Serviço Social da Indústria.

³⁹ <https://www.facebook.com/groups/431557410337193>.

chegou lá não tinha mais jeito. Mesmo assim ela foi persistente, mesmo sabendo que ia morrer. Ela estava consciente. Ia na escola e fazia tudo que dava para fazer. Distribuía coisas. Ela era um ser magnífico. Ela morreu com 42 anos, jovem de tudo. Foi por volta do ano 2000. Aqui no santinho de falecimento⁴⁰ tem uma foto dela. Como eles já sabiam que ela ia partir, tiraram uma foto que já ficou na foto do santinho.

Foi muito bom na escola. Aquela escola é muito importante, eu acredito que ela não fecha as portas, a não ser que a usina acabe. Todos falavam que ia fechar a escola da usina. Desde 1987 fala-se isso. E a escola, o Orlando Quagliato, está lá, de pé. Fazíamos um trabalho árduo. Todo janeiro a gente ia de colônia em colônia conversando com os pais, para que as crianças permanecessem na escola. Falávamos para eles que no futuro as crianças iam poder ajudar muito mais eles, mas neste momento as crianças precisavam ir para a escola.

Nosso trabalho não era só na escola. Íamos de colônia em colônia, de família em família. E nisso conhecemos todo mundo. Na verdade, ficamos amigos de todos. Visitávamos cada casa nas colônias, conversávamos com os pais, trazíamos as crianças, eles não gostavam muito da escola também, queriam ir catar bituca para ganhar dinheiro. Buscávamos caminhos, como que vai ser, o que a usina poderia oferecer para eles. Quando veio esse projeto menor aprendiz, isso já foi um começo. Eles já faziam coisas para vender na casa, e foram surgindo essas demandas. As crianças começaram a gostar de ir para a escola, porque tinha muitos projetos, porque aprendia muito. Tinha muita comida na escola, tinha muita fartura, tudo muito limpo. O banheiro, uma coisa, um projeto que a Iara fez quando ela chegou. A escola estava em reforma. Eu nunca tinha pensado nisso e ela quando viu ficou muito chocada de ver como as crianças, naquele questionário do Saresp⁴¹, as crianças mentiam que tinham

⁴⁰ As lembranças de luto também são conhecidas como “santinhos” em alguns locais. Elas funcionam como pequenos folhetos impressos em gráfica com a foto do falecido e uma mensagem em homenagem a ele.

⁴¹ De acordo com o site <https://www.educacao.sp.gov.br/saresp>, o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo, Saresp, é aplicado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo com a finalidade de produzir um diagnóstico da situação da escolaridade básica paulista, visando orientar os gestores do ensino no monitoramento das políticas voltadas para a melhoria da qualidade educacional. No Saresp, os alunos do 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental e da 3ª série do Ensino Médio têm seus conhecimentos avaliados por meio de provas com questões de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e redação. Os resultados são utilizados para orientar as ações da Pasta e também integram o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo, Idesp.

banheiro. A Iara falou: “Silvana, as crianças têm vontade de ter um banheiro”. Então, na reforma da escola, a prioridade era fazer um banheiro muito bonito para as crianças. Isso foi em 2002, 2003. Foi feito um banheiro com espelho grande, com aquelas pias de granito tudo arrumado para as crianças. Ela dizia: “eles têm que ter um banheiro”. Então você vê que tudo na escola era pensando neles. Ensínávamos que eles não podiam mentir falando que tinham dois banheiros em casa, sendo que às vezes não tinham nenhum. A estatística do Saresp dava errado e assim começamos a ensiná-los para não mentirem. Cada coisa que ensinávamos eles iam aprendendo. Tinha uns que chegavam e não sabiam usar o banheiro e faziam no chão. Ensínávamos que tinham que usar o banheiro. Era um processo que você tinha que ensinar de tudo, ensinar também a comer.

A escola da usina não era feita só da parte idealizada pelo governo. Por isso que eu acho que os professores eram mais unidos. E eram sempre os mesmos. Ninguém queria dar aulas lá. Tinha um professor que achava que era um castigo dar aula na usina, que era vergonhoso não poder dar aula na Escola Estadual Horácio Soares e no fim de carreira dar aula na usina, enquanto nós que estávamos lá não queríamos sair. A gente achava que aquilo era a casa da gente. Quando eu fui para a escola da usina era a Edith Farah que era a diretora, depois veio o Décio, depois a Marisa, depois a Iara. Espero ter ajudado o trabalho de vocês. Muito obrigado.

5.6 Fragmentos de uma análise III

Ao conversar com a Professora Silvana sentimos a alegria em falar da escola Orlando, em relembrar os momentos vividos ali. Tamanho sentimento de afeto e pela escola que a fez matricular seu filho ali. Vemos no depoimento dela, como no de Dona Norma, o trabalho do professor para chegar ao local da escola, o enfrentamento dos problemas trazidos pelos alunos, pelos pais, a aplicação dos projetos relativos a gravidez precoce, a Aids, ao uso de álcool e drogas ilícitas pelos alunos, o tráfico na escola, a influência e participação do governo estadual na escola, as mudanças legais que regem a escola como organização social.

Uma Orlando amigo, afável, uma Orlando mãe, uma Orlando pai, que tenta a qualquer custo resolver o problema de seus filhos. Uma Orlando político que não hesita em recorrer aos empresários nas horas necessárias, uma Orlando festivo e preocupado com os desvalidos. Um local para formação dos pais e dos filhos. Vemos, diferente dos tempos da dona Norma, uma escola mais estruturada, com ensino nos níveis fundamentais e médios da Educação Básica, com projetos pedagógicos e sociais, como o Programa Escola da Família, o Prevenção Também se Ensina, o Telessala. Vemos a mão forte dos empresários na escola que se mostram sempre preocupados com o bom funcionamento dela. Uma escola importante e fundamental para aquele território, para as pessoas que ali passam e passaram. Veremos, à frente, ao dialogarmos com a Professora Maria Angélica que esses passageiros estão se acabando e o Orlando se modificará. As preocupações e os anseios relacionados à escola Orlando se modificam conforme a sociedade e seus valores se modificam. Vemos juntamente com a Professora Silvana, a preocupação com o humano, com suas demandas apresentadas, a tentativa em aliviar o sofrimento diário dos que passaram por ali sem muitas oportunidades. Mas nem sempre foi assim. Orlando também já foi local de preocupação com a disciplina, de ênfase na organização, de mão forte, de “respeito”, de prática aos símbolos nacionais como canto do Hino Nacional e hasteamento da Bandeira Nacional diariamente. O Professor José Roberto Machado Fonseca trabalhou por quase 30 anos na Escola Orlando Quagliato e nos traz isso em sua narrativa. Traz também, como os demais professores, a pobreza dos alunos, o assistencialismo dos empresários dentro da escola, as festividades que ocorriam para os alunos. Traz a união e o empenho do grupo de professores que se desdobravam para cumprir suas tarefas, para chegar à escola. O Professor Jose Roberto apresenta nesse depoimento uma visão não pensada na idealização desse trabalho. Inicialmente, tínhamos duas principais ideias em relação à prática do currículo oficial na escola ou então na prática de um currículo voltado para o campo, para as demandas necessárias para a vida no campo, um currículo particular. A Orlando seria uma escola do campo, no campo ou para o campo? A escola Orlando pode ser tudo isso e o professor José Roberto nos mostra isso. Um currículo oficial como temos no Estado de São Paulo, é tão importante para os alunos que frequentam as escolas localizadas nos grandes centros como para os alunos que frequentam as escolas

localizadas nas zonas rurais ou em áreas afastadas. A prática do conhecimento cientificamente acumulado pela humanidade é direito de todos e fundamental para nossa emancipação como cidadão esteja onde estivermos. Cabe ao poder público nos conceder esse acesso. E deixo ainda aqui uma indagação: será que o conhecimento científico acumulado socialmente é aquele aplicado em uma rede de escolas estaduais, de um sistema educacional? Os valores culturais campestres, por vezes marginalizados, não fazem parte desse conhecimento acumulado? Temos intenções nos currículos vigentes em determinada rede escolar? Qual humanidade é essa que pensamos apresentar. Seria o currículo único, engessado, uma perversidade escolar?

5.7 Orlando de José

Figura 20: Professor José Roberto e Maria Fonseca



Fonte: arquivo do autor

Olá. Eu sou o Professor José Roberto Machado Fonseca, nasci em 6 de maio de 1950, estou com 68 anos, aqui mesmo na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, no Estado de São Paulo.

Me formei em História em 1977, e nunca imaginei que eu fosse pegar uma aula rapidamente, achei que ia demorar. Ao conversar com uma professora que era Orientadora Educacional de Educação Moral e Cívica, naquela época o pessoal tinha esse cargo, ela me disse que se aparecesse aulas ela me arrumaria. Para trabalhar nesse cargo de orientador educacional, o professor tinha que ser indicado por um diretor, pois era um cargo de confiança. Quem era formado em História ou Geografia tinha direito de lecionar Educação Moral e Cívica ou Organização Social Política do Brasil, OSPB e era habilitado ao cargo de orientador educacional.

Um belo dia, uma professora me procurou e disse: “olha, existe um diretor, o Jairo Silva, ele é diretor da Escola Orlando Quagliato, da Usina São Luiz, e ele está precisando de um orientador de Educação Moral e Cívica”. Fui conversar com o Professor Jairo, ele estudou meu caso e me aceitou como orientador educacional.

Nesse começo a estrada era de terra, o acesso não era fácil, não havia condução (ônibus), tínhamos que ter nosso próprio veículo de locomoção. Meu primeiro obstáculo era conseguir um meio de me locomover da cidade de Santa Cruz do Rio Pardo até a Usina São Luiz. Chegando na escola pela primeira vez, conheci os professores. Havia professores de Ourinhos e Santa Cruz. Descobri que existia na escola um veículo Perua Kombi, que levava e trazia os professores de Santa Cruz até a escola e de Ourinhos até a escola.

Eu entrei como professor de Educação Moral e Cívica e OSPB para os alunos da quinta a oitava série do ginásio e como orientador educacional dessas matérias, pois eu tinha flexibilidade no horário e conseguia desempenhar as funções. Funcionava assim: toda festividade realizada na escola era organizada por mim. Existia já naquela época o hasteamento da Bandeira Nacional. Pela manhã hasteávamos a bandeira e a tardezinha arriávamos a mesma. Os alunos tinham muito respeito com o professor e com os símbolos nacionais. Hoje o nosso governo está até pedindo para fazer o hasteamento da bandeira, mas antigamente ocorria religiosamente essa cerimônia e era organizada por mim. Durante a semana eu fazia uma escala com os professores de cada sala e

fazíamos o hasteamento, cantávamos o Hino Nacional Brasileiro e se tivesse alguma coisa sobre o dia, alguma comemoração, os alunos faziam uma apresentação, cantavam, falavam sobre esse dia e faziam o hasteamento e o arriamento da Bandeira Nacional à tarde. Existia esse respeito de todos, o diretor Jairo era bem severo no começo da minha carreira, era um diretor que não sorria, tinha um gênio difícil, falávamos bom dia ele não cumprimentava, não respondia. Um belo dia ele disse bom dia e estava um tempo de chuva, eu respondi: “por isso que está caindo essa chuva”! Ele era uma ótima pessoa, acredito que era daquele jeito porque era coisa da época.

Eu tinha meus alunos como filhos, netos e bisnetos. Tenho um carinho muito grande por eles, quando nos encontramos nas ruas eles vêm conversar: “ah, que saudade, eu lembro o que o senhor falava na sala de aula: olha vocês estão passando por aqui, mas vocês têm que lembrar que mais gente vai passar, não riskem a carteira, não estraguem isso aqui, temos que conservar tudo, pois outras pessoas também vão usar”. Eles, os alunos, gostavam das festividades na escola, principalmente as realizadas no dia sete de setembro. Realizávamos desfile na usina, lá também havia uma fanfarra que era mantida pelos Quagliatos. Não sei se ainda ela existe, mas era muito boa. Estamos falando aqui de aproximadamente 1980. Essa família, proprietária da Usina São Luiz ajudava muito a escola, eu tinha um relacionamento muito bom com eles pois era orientador educacional, tinha argumentos para pedir as coisas, sabia como falar, nunca nos negaram nada, sempre fomos muito bem atendidos pelo diretor da usina que nos ajudava em tudo que precisávamos. Eles mantinham a fanfarra, arcavam com a compra e manutenção dos instrumentos, que eram muito caros. Essa fanfarra era composta por aproximadamente quarenta componentes, quarenta e cinco, era muito bonita, tocavam música mesmo, se apresentavam em Santa Cruz e em Ourinhos, nos dias sete de setembro e em outros eventos. A Escola Orlando é muito bonita, o prédio dela foi muito bem construído, é uma escola de *design* moderno, jardinada. Já faz um bom tempo que não vou lá, não sei como está agora.

Quanto aos alunos, se compararmos com os alunos de hoje, existe uma diferença muito grande, porque a educação mudou muito. Antes eles tinham respeito, hoje não têm. Eu trabalhava bem na sala de aula, trabalhava em grupo, trabalhava com projetos, os professores da Escola Orlando eram muito unidos,

o que é muito difícil nas escolas. E lá era assim. Na hora do intervalo era todo mundo junto, havia um entrosamento, você conversava com todos, nunca tive problema, nunca recebi um não para os trabalhos, a escala a ser cumprida era certinha, os professores faziam muito bem o serviço, no sete de setembro todo mundo trabalhava: “precisa vir à noite, tem reunião”. Eles iam, eram entusiasmados, coisa que eu não sei se acontece hoje nas escolas. Foi uma época muito boa, os professores tinham valor, os alunos aprendiam. Fiquei lá durante vinte e sete anos, vinte e sete anos de glória. Em 2003 tive problemas na coluna, entrei de licença saúde, nunca tinha entrado de licença na minha vida. O departamento médico me chamou e fui readaptado⁴², e a partir desse retorno fui para outra escola.

Os alunos que estudavam na Escola Orlando moravam em sua maioria nas fazendas das redondezas da Usina São Luiz, mas eles tinham acesso à cidade, não eram pessoas assim que não tinham vivência da zona urbana, tinham comunicação, frequentavam as cidades, não eram muito diferentes em relação ao conhecimento e costumes dos alunos da cidade, mas respeitavam os professores, os pais desses alunos eram presentes, frequentavam as reuniões, todos gostavam da escola.

A partir do ano 2000, aproximadamente, comecei a sentir as mudanças, mas eu já estava fora da sala de aula, já tinha readaptado.

Nossos alunos eram muito carentes. Certa vez muitos alunos evadiram-se da escola, fizemos um trabalho e fomos atrás desses alunos, e nessa oportunidade vimos que muitos deles não tinham condições dignas de vida, era muito difícil, tivemos que ajudá-los. Fomos atrás desses alunos. Quando eu entrei no Orlando tinha muito piolho, eu não conhecia piolho nessa época. Surgiu uma vaga na escola como coordenador de saúde e como eu não tinha todas as aulas acumulei

⁴² O Professor readaptado é o professor que por algum motivo de doença física ou psíquica afasta-se da sala de aula por período determinado pelo profissional médico, mas continua a realizar outras funções dentro de uma organização escolar que pode ser desde serviços de secretaria, apoio à gestão escolar, organização dos alunos, entre outros. De acordo com a Resolução SE 9, de 31-1-2018, do Estado de São Paulo, em seu artigo 1º - O integrante do Quadro do Magistério - QM, ou do Quadro de Apoio Escolar - QAE ou, ainda, do Quadro da Secretariada Educação - QSE, poderá ser readaptado, desde que se verifique alteração em sua capacidade de trabalho, por modificação do estado de saúde física e ou mental, comprovada mediante inspeção médica, a ser realizada pelo Departamento de Perícias Médicas do Estado - DPME da Secretaria de Planejamento e Gestão - SPG. A resolução completa pode ser encontrada no endereço http://siaue.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/9_18.HTM?Time=09/04/2018%2010:47:17.

essa função com o cargo de professor. Fiz o curso em 1978/1979 em Ourinhos e começamos então a aplicar esse curso na escola, da saúde. No curso fui habilitado a desenvolver questões referentes à saúde das pessoas dentro da escola, ações como aconselhamento sobre o uso da água. Na escola tínhamos que colocar cloro na água, existia uma caixa subterrânea, mandávamos limpar, higienizar, era uma caixa d'água que ficava no chão, próximo à cozinha da escola. Também tinha uma caixa subterrânea próxima do para-raios da escola, essa caixa eu mandei lavar com escova de aço para tirar todo o limbo dela. Fazíamos a limpeza a cada dois anos. Uma outra demanda era o cuidado com a quantidade de piolhos. Como coordenador da saúde eu entrei em contato com o pessoal da farmácia da usina, eles arrumaram Escabin (medicamento para matar piolhos), era fornecido de graça para a escola, então chamamos as mães, os pais, fizemos uma reunião para fazer o tratamento e entregar para família o remédio. Para os alunos que os pais não tratavam, fazíamos o tratamento na escola. Os professores de primeira à quarta série (hoje do segundo ao quinto ano), dizemos que são mães e pais dos alunos, que se importavam com a situação do aluno. Tivemos professores ótimos, sempre topavam em trabalhar nos serviços extracurriculares da escola, sempre eram voluntários. Esse relacionamento dos professores nessa época foi muito bom, eu dizia que era uma família, todos eram muito empenhados. Havia muitos alunos no Orlando. Na época da telessala por volta de 800 a 1000. Uma escola bem cheia, pois os alunos que estudavam durante o dia tinham seus pais estudando durante à noite. Trabalhei no Ensino Médio à tarde e à noite. Certa época eu entrava na hora do almoço e saía só onze horas da noite, comia alguma coisa, ficava só eu na escola no intervalo entre à tarde e à noite, até o diretor ia embora. Às vezes eu ficava responsável pelo período noturno, porque tinha uma escala e quando não dava para o diretor ou vice ficar, ficava um professor. Eu saía às onze da noite e voltava de carro.

Os alunos também não tinham uma vida fácil. Eles iam para a escola nos toldos, coisa da época, era o transporte para os alunos. A usina usava o caminhão fechado com toldo para carregar os boias-frias e os alunos aproveitavam e vinham ou iam junto. Hoje em dia eles vão e voltam de ônibus.

As estradas eram muito ruins perto das atuais. Certa vez estávamos indo para escola, a perua Kombi atolou e nós, professores, fomos empurrar. Chegamos na

escola com barro nas canelas e depois na escola foi preciso tomar banho, lavar os pés. Conforme os anos se passaram, fomos acompanhando o progresso, foi uma época difícil dos 1977 a 2000, mas foi muito bom também. Depois que abriram a Rodovia Orlando Quagliato essa estrada foi abandonada. Conheci a rodovia Orlando Quagliato quando era terra, não tinha movimento, só nós de perua, mas depois veio o asfalto e tudo mudou.

Certa vez, fui trabalhar e peguei uma carona com um sitiante, e ele me deixou a uma certa distância da escola e foi embora, eu fui andando para a escola e quando chegou perto do açude na entrada da usina tinha uma poça que tomava conta da estrada, pensei em voltar, do nada apareceu um carro, o motorista parou e me perguntou se eu era professor, falei que sim, entrei no carro e ele me deixou na porta da escola, e falou para eu ir conversar com ele na usina depois. O motorista era o seu Luizito Quagliato. Depois do ocorrido ele me deixou viajar de graça no ônibus da usina que transportava funcionário por muitos anos, até a chegada do ônibus de linha. Fiquei muito agradecido com esse gesto. Não tem dinheiro que pague isso.

Tudo o que eu precisei deles nunca foi negado, teve um dia que a Dona Maria que era merendeira queimou o freezer que estava cheio de frango, desci no escritório, conversei com o Joaquim que era diretor financeiro, seu Luizito chegou perguntando o que tinha acontecido e eu expliquei, e logo ele mandou um freezer novo.

Lá na Orlando Quagliato fazíamos muitas reuniões de trabalho, tudo era organizado. Havia muitos projetos, muita negociação. O currículo que era praticado era praticamente o que o governo propunha para as escolas urbanas. Poucas adaptações eram realizadas. Não era tudo que queríamos que podíamos colocar. Sempre fomos cobrados pelos gestores sobre a necessidade de adaptar o currículo para a realidade da escola, mas sem perder de vista o currículo apresentado pelo governo.

Para atender às demandas apresentadas pelos alunos das colônias da usina nós professores e gestores realizávamos os projetos, coisas específicas, projetos para o aluno do campo. Tivemos projeto de horta, tivemos um projeto Professor Nota 10⁴³, sobre alcoolismo, que ganhou um prêmio, foi ótimo, todos os

⁴³ O Prêmio Vitor Civita Professor Nota 10 foi conquistado pelos professores da Escola Estadual Orlando Quagliato no ano 2003, com o tema alcoolismo na escola. Abaixo segue uma notícia do

professores trabalharam. Lá você conseguia fazer o trabalho com os alunos, tivemos diretores excelentes, o Jairo que foi o primeiro diretor nosso, foi muito bom, o Décio, professor de Matemática, a Edith Fará, a Célia Villas Boas, a Ilma, de Ourinhos. Tivemos a Hiroko, tivemos a Angelina Perino, a Carmem e muitos outros.

Lá na usina, quando cheguei, já fui trabalhar na escola Orlando, essa que está lá até hoje. Ouvi falar muito sobre as escolas de madeira que existiram nas colônias, mas não trabalhei em nenhuma. Sei que tinha uma perto do açude,

Correio do Brasil que pode ser encontrada no endereço <http://arquivo.correiodobrasil.com.br/elaine-kaizer-conquista-1%C2%BA-lugar-no-premio-victor-civita-2003/>. Elaine Kaizer, 26 anos, que leciona na Escola Estadual Orlando Quagliato, na cidade de Ourinhos (SP), é a Professora do Ano. Ela conquistou o 1º lugar no Prêmio Victor Civita 2003. O Prêmio é uma promoção da Fundação Victor Civita (FVC), que visa identificar, valorizar e recompensar experiências de ensino/aprendizagem consideradas de boa qualidade. O concurso é aberto a todos os professores em exercício, que atuam na Educação Infantil, 1ª a 8ª série do Ensino Fundamental, de Educação de Jovens e Adultos e de Educação Especial, de escolas públicas ou particulares, urbanas ou rurais. Elaine, professora há seis anos, diz que a educação ocupa um lugar de destaque em sua vida. “A educação sempre foi tudo na minha vida, desde criança sempre sonhei em ser professora. Hoje ainda não tenho filhos, pois estou dedicando meu tempo à escola e aos meus estudos”. A educadora desenvolveu o projeto ‘O alcoolismo na comunidade escolar’ acreditando ser uma grande carência da comunidade onde ministra aulas.

Elaine explica que a ideia do trabalho surgiu durante conversas com alunos no início do ano letivo. “Notei que alguns tinham dificuldades de concentração pela manhã, enquanto outros faltavam muito na segunda-feira”. A professora afirma que, em vários momentos, durante conversas informais, teve a confirmação dos alunos sobre diversos problemas existentes na vida deles e relacionados ao alcoolismo, como conflitos familiares, faltas excessivas da escola, entre outros. Então, diante desses fatos, ela achou necessária a intervenção com um projeto para conscientizar os alunos dos problemas físicos, sociais e psicológicos acarretados pelo alcoolismo. De acordo com a professora, o principal objetivo do seu projeto “O alcoolismo na comunidade escolar” era diminuir a evasão dos alunos às segundas-feiras. “Essas faltas me preocupavam muito. Queria saber o motivo e acabar com isso, mas o que mais me chocou foi quando descobri que muitos bebiam álcool etílico misturado com açúcar na falta de bebidas alcoólicas”. Elaine conta que aceitação por parte de coordenadores da escola e dos alunos em relação ao projeto foi muito boa. “Nesta escola não há problemas quanto a realização de projetos, os alunos e a equipe são participativos, só há falta de recursos materiais, como o computador, o que dificultou muito”. Na opinião dela, trabalhos como este ajudam a prender a atenção dos alunos dentro da sala de aula. “Quanto mais diversificada a aula, mais os alunos se envolvem”. Ao ser questionada pelo Correio do Brasil sobre a participação de professores em projetos como o que realizou, ela respondeu: Existem vários docentes acomodados que só querem o salário, mas em compensação há bons profissionais que não se importam com salários, condições de trabalho. Importam, sim, com seus alunos, com a melhoria da qualidade de vida deles. É preciso ter amor a profissão, no meu ponto de vista isto é o necessário.

A professora confessa que sua intenção ao se inscrever no concurso era ganhar uma assinatura da revista Nova Escola. “O regulamento do concurso dizia que os 1000 primeiros inscritos ganhariam uma assinatura da revista, e a minha estava vencendo”. Dos 4027 inscritos, foram escolhidos 50; destes 50 foram selecionados 12 finalistas considerados professores nota 10 e destes foi selecionado o professor do ano de 2003. O valor adquirido por Elaine foi de R\$ 7500,00 pela classificação entre os 12 finalistas e mais R\$ 10.000,00 pelo 1º lugar, além de uma bolsa de estudos no mês de janeiro com todas as despesas pagas para Londres. Os outros 12 finalistas também ganharam R\$ 7500,00. E mil participantes ganharam uma assinatura da revista Nova Escola.

onde o ônibus de linha para hoje, chamamos de escola velha. Em 1976 essa escola de madeira foi desmanchada e eu comecei ali em 1977, por um ano que eu não conheci, mas sei que tiravam água de poço para beber e fazer merenda, utilizavam banheiros de fossa, tinha salas multisseriadas, essas coisas. Quando cheguei na Escola Orlando, verifiquei que a água era encanada, porém, um dia fui fazer uma pesquisa sobre essa água e descobri que havia uma cocheira, e ao lado da cocheira tinha um poço e uma bomba d'água mandava a água da cocheira para a caixa da água da escola, eu falei: “está errado, ao redor do poço tem animais fazendo sujeira e quando chove a água entra no poço e contamina tudo”. Entrei em contato com a direção da usina, o senhor Joaquim Andrade que era diretor financeiro, para falar que essa água não poderia ir para a escola. Pedi para fazer um exame e eles mudaram a água da escola para um poço artesiano. Esse trabalho de campo feito lá na Escola Orlando, para saber a origem da água que era utilizada foi muito importante, apesar haver ali três enormes filtros de água, para entrar na escola, para que todos a bebessem. Tínhamos na escola muitos alunos nos três períodos e esse trabalho que fizemos foi significativo, pois muita gente dependia dessa água.

Fazíamos muitas festas na escola, as mães colaboravam sempre, tinha fanfarra, festa junina, aniversário da escola, é possível ver essas festas pelo registro fotográfico que se encontra na escola, o pessoal do setor financeiro dava o bolo de aniversário para fazer a festa da escola, na páscoa ofereciam os ovos de páscoa para os alunos, açúcar, margarina, pão, mortadela, tudo para os alunos, o que fosse necessário a usina oferecia. Essa era uma das razões que faziam da Escola Orlando uma escola melhor do que as escolas da cidade. Tínhamos todo o apoio da usina. Não pagávamos nem o cafezinho que era oferecido a nós. Com o passar dos anos algumas disciplinas foram alteradas. A Educação Moral e Cívica e a OSPB terminaram com o fim do regime militar, por volta de 1985. Me lembro que a partir dessa data o grêmio estudantil começou a se organizar na escola. Já existia mesmo com a ditadura, mas ficou mais forte. Em certa época, o Kiko Quagliato, filho dos donos da usina que estudou na Escola Orlando, estava no grêmio escolar, eles trabalhavam muito, discutiam com o diretor quando queriam alguma coisa, eram muito atuantes, uma turma boa de trabalhar.

Foi uma das melhores épocas da minha vida, vivida ali naquela escola, eu tinha prazer em ir para escola trabalhar, um ambiente muito bom, saudável. Dificilmente vemos isso hoje nas escolas. Existia o bom dia, boa tarde, hoje você fala bom dia e ninguém te responde. É muito individualismo das pessoas, antigamente não era assim, existia uma cooperação, até o ano em que fiquei lá, 2000, foi muito bom, mas com a chegada de professores novos as coisas começaram a mudar, a escola mudou seu jeito, suas características.

A Escola Orlando é muito importante para os alunos que vivem no território da usina, na zona rural, se ela não existisse esses alunos teriam que viajar todo dia para Ourinhos e não teriam uma escola com a mesma qualidade de ensino que têm lá, com o suporte que a usina dá à escola. Aqui em Santa Cruz temos uma escola estadual chamada Sinharinha Camarinha, que para a população é uma escola de elite, onde estão os melhores professores. Esses professores, ditos “melhores”, que estão lá, passaram pelo Orlando, aprenderam aqui e depois foram parar lá. Então os melhores passaram aqui, sempre tivemos ótimos professores. Os professores são muito importantes para os alunos. Hoje não sei, mas no tempo em que fiquei no Orlando, os alunos tiveram professores excelentes, que fizeram a diferença na vida deles.

Se não tivesse a escola ali naquele lugar, acho que aqueles alunos não seriam o que são hoje. Inclusive teve uma época que eu falo para todos que aquela escola era avançada em relação as outras. Em 1984 fizemos um projeto de viagem, porque eles não conheciam o mar, então o nosso projeto era ir até Santos-SP conhecer os museus, organizei a viagem com a professora Bete de Geografia, conseguimos levar uma oitava série para fazer uma viagem de turismo, naquela época podia fazer, hoje eu não sei se pode mais, mas para fazer isso nós fizemos reunião com pais, tivemos que ter autorização deles, fomos de ônibus, imaginem a aventura que foi, eles nunca tinham visto o mar, quando viram ficaram loucos. Aluguei um apartamento de frente para praia, e isso foi mais chamativo ainda, todo mundo saía junto, só não conseguimos visitar os museus, os alunos só queriam praia, uma semana de praia, foi muito bom. Eles deixaram o dinheiro para eu controlar, o dinheiro separadinho de cada um, todo mundo ia para um restaurante e eu reservava, dava o dinheiro, organizava. Foi a semana inteira assim, almoço num lugar, jantar em outro e fomos conhecendo os lugares.

Os alunos gostavam muito da escola, ela era atrativa, tinha festas, as festividades durante o período noturno. Essas festas ocorriam por vários motivos. Certa vez precisávamos de um videocassete, a escola não tinha, fizemos uma festa noturna para arrecadar dinheiro, foi uma festa junina, compramos o vídeo e ainda sobrou dinheiro. Era sempre assim: nas festas havia barracas de comida, sempre doada por todos nós e além das comidas as coisas relativas a uma festa junina. O mais interessante é que não só os alunos participavam, mas também os pais, os funcionários da usina, os usineiros também. O mais presente sempre era o Chicão Quagliato, pai do Kiko. Todo final de ano tinha formatura, quem vinha fazer o jantar era o Buffet Gaúcho, ninguém pagava nada, o Chicão dava tudo. Começaram a fazer a festa na escola e depois passaram a fazer no clube da usina. Quem auxiliava muito todos nós era a dona Fátima, esposa do seu Chico e mãe do Kiko. Ela trabalhou muito pela escola, foi uma das pessoas que mais trabalhou, participava de toda festa da escola, nós fomos fazer uma festa um dia e precisávamos de muitos frangos para o jantar. Saímos nós professores para arrecadar prendas para sortear e incrementar a festa, fui à casa da Dona Marli e do Seu Fernando e pedi, eles me atenderam muito bem, ela morava na sede da usina. Nessa ocasião ela nos ajudou com doze frangos. Eles não negavam nada, sempre me tratavam muito bem. Os pais da Marli Quagliato frequentavam a minha casa, éramos conhecidos de antigamente, quando eu fui trabalhar eu fui muito bem recebido. Na sede havia três casas, em uma casa morava o seu Chico com a dona Fátima, uma casa de visitas e uma casa do seu Fernando e da dona Marli. Certa vez a prima da dona Marli que é rainha da Suécia veio visitá-la e ficou hospedada na sede da usina. A dona Marli mandou fazer uma suíte real nessa casa de visitas, e depois que os reis foram embora ela transformou a casa em um ateliê para ela. Hoje não sei se mora alguém nessas casas, pois a dona Marli ficou viúva, mora em um apartamento em Ourinhos e a dona Fátima faleceu.

Boa parte dos funcionários que trabalham na usina hoje, foram alunos da escola, foram moradores das colônias. Não havia, que eu saiba, distinção entre os filhos dos funcionários da lavoura ou dos chefes da indústria, todo mundo estudava ali, não tinha separação de nada, nem para o Kiko havia tratamento exclusivo quando ele era aluno. Ele estudou até a oitava série (nono ano) ali no Orlando. Estudou no meio dos colonos, tinha amizade com todos, era uma pessoa

simples. Ele foi meu aluno, uma pessoa simples desde pequeno, tanto é que teve um velório aqui em Santa Cruz e fazia muito tempo que não nos víamos, eu estava no velório e ele apareceu, me abraçou, conversamos muito. Tenho um carinho muito grande por ele, vivemos uma época muito boa na escola.

A cultura popular sempre existiu na escola, mas nós tivemos a ditadura no país, não podíamos falar qualquer coisa na sala de aula, às vezes dava vontade de falar, de dar a opinião, e eu falava “meio por cima assim”, tínhamos essa dificuldade, não havia a liberdade de expressão de hoje, provavelmente os alunos dessa época eram assim, quietos, tinham respeito com o professor, você entrava na sala e eles levantavam, era o costume. Os aparelhos de televisão e videocassete apareceram na escola depois de muito tempo. Acredito que dos anos 1990 para frente.

Os alunos que frequentaram a escola da usina vinham de vários cantos do país. Eles moravam nas colônias das fazendas da usina. Os pais vinham de outros locais para trabalhar e traziam as famílias. Acho que ainda é assim. Existiam várias colônias, o toldo passava pegando os alunos, eles assistiam as aulas, o toldo já estava esperando-os para levá-los embora. Tínhamos alunos de várias colônias, tinha gente que vinha do Imbiruçu, outros vinham de perto da ponte do Rio Pardo, Santa Teresa, Brizola. Tínhamos alunos que trabalhavam na lavoura, alunos que os pais eram chefes na usina, esses moravam perto da escola em umas casas amarelas, esses meninos não trabalhavam, tinham um outro tipo de vida. Havia também alunos que trabalhavam lá na usina, nos barracões, na coleta do álcool.

Nessa parte não havia muita diferença da escola urbana. Em outras sim. Qual seria a diferença? O aluno da cidade tem cantina na escola, tem onde comprar comida, e ali não, tudo sempre fornecido pela escola. Outra característica marcante é que o aluno da cidade estuda na maioria das vezes perto da sua casa, não tem essa mobilização de carro, ônibus, caminhão. Para mim a vantagem que eles têm, pois dinheiro eles não têm, é que na escola, eles têm o lanche de graça, eles têm um pão com mortadela de graça, quando tem festa, o lanche é mais reforçado, eles têm o almoço fornecido pelo governo e, às vezes, pela usina, o almoço deles lá era muito bom, coisa que acho que na cidade não existia, é diferente, e outra coisa, a escola da usina era uma atração, um lugar único naquele território e aqui na cidade não, aqui é algo comum.

A família sempre participava da escola. Tinha gente que vinha até para comer, pois a pobreza era muito grande. Havia uma diferença entre eles em relação à criação, ao padrão de vida. O relacionamento era difícil, diferente da cidade, na cidade você já tem um outro padrão de educação, é muita cultura junta. A primeira vez que vi piolho foi lá. Nunca tinha visto aqui na cidade.

Desde quando me formei trabalhei no Orlando até o momento que tirei licença saúde. Me formei na Instituição Toledo de Ensino, em Bauru – SP e depois fiz complementação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jacarezinho, no Paraná. Sou formado em História.

Uma curiosidade da Usina São Luiz, pelo que sabemos, é que seu Orlando Quagliato (que dá o nome para a escola) veio para cá, se instalou nessas terras e construiu um alambique onde fabricava cachaça. Depois do alambique eles deram início à produção de açúcar e assim a usina começou a se formar. Meu avô falava muito deles. Seu Orlando chegou, depois faleceu e vieram os filhos, o açúcar, o álcool e tudo foi aumentando.

Por algumas vezes levamos os alunos para ver a fabricação do açúcar, do álcool. Fazíamos essa excursão pela usina, visto que muitos dos alunos não tinham ideia do que acontecia ali. Fiz um projeto e um trabalho com eles para conhecer a indústria de fato. Mesmo com pai trabalhando lá dentro eles não tinham acesso. Fizemos esse trabalho sobre a fabricação do açúcar onde eles relataram tudo. Passaram pelos locais, desde o corte da cana, o processo de moenda, onde a cana é lavada, depois ela vai para uma esteira, e vai para os engenhos, é moída, vai para uma canaleta e cai nas turbinas, que separa o melado do açúcar. Após passar pelas imensas máquinas, o melaço é separado do açúcar. O melaço é utilizado como alimento energético e construção civil. Construí minha churrasqueira e misturei o melaço na argamassa para assentar o barro. Já faz 30 anos e não tem um trinco, açúcar tem essa propriedade de deixar o cimento forte. Fiz a churrasqueira igual a uma que existe no salão de festas da usina. Tirei as medidas e fiz igual.

Voltando ao Orlando, em poucos momentos sentimos uma influência forte do sistema educacional. Um dos principais eventos foi a entrada dos “caderninhos”⁴⁴. Os caderninhos vieram e tivemos que aceitar, eu não trabalhei

⁴⁴ No ano de 2008 foi implementado na Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em suas mais de 5000 escolas da rede pública, os Cadernos do Aluno e do Professor. De acordo

com eles, mas vi professores trabalhando e eles não gostavam. Para mim, em uma sala de aula não é necessário seguir uma cartilha, um caderno. Devemos ter autonomia para trabalhar. Antes dos caderninhos não me lembro de outras intervenções do governo. Nós tivemos um plano, mas foi na escola, em 1985, recebemos um aluno de uma escola que não tinha estudado nada daquilo que vimos em minha matéria. Fizemos uma reunião com todos os professores de História, Matemática e Língua Portuguesa de Santa Cruz e Ourinhos, para fazer um plano de aula geral para todos os alunos, pois surgiu essa necessidade, o aluno que vinha de outra escola, às vezes, não tinha estudado as coisas que havíamos visto aqui. Conseguimos fazer um plano de aula igual para os professores da região e quando vinha um aluno de outro lugar para cá, ele estava acompanhando os conteúdos que eram dados aqui. Nessa época a diretoria de ensino já era em Ourinhos. Se não me engano até 1977 a diretoria de ensino era localizada em Santa Cruz do Rio Pardo, depois foi para Ourinhos.

Tínhamos no Orlando a mesma cobrança que havia para o professor que dava aula na cidade, o mesmo sistema educacional, o mesmo currículo, as mesmas disciplinas. Na chegada dos cadernos em 2008, eu estava readaptado e era responsável pelo recebimento e entrega aos professores. O coordenador pedagógico cobrava a entrega do material, pois o aluno tinha que fazer uso desse material para aprender. O coordenador pedagógico fazia muita pressão para que o professor utilizasse esse material, não foi uma época fácil, o professor não queria usar, pois foi um material que veio repentinamente sem curso ou treinamento e o coordenador queria que os professores usassem, pois era ordem da diretoria de ensino. O coordenador ele tem que ter um “jogo de cintura” para lidar com os professores, se não tiver, sofre demais.

Os alunos da escola de Orlando Quagliato quando terminavam os estudos ali permaneciam na usina trabalhando, mas lembrando que os estudos iam até a

com o site <https://www.educacao.sp.gov.br/sao-paulo-faz-escola>, o Programa São Paulo Faz Escola tem como foco unificar o currículo escolar para todas as mais de cinco mil escolas estaduais. O programa é responsável pela implantação do Currículo Oficial do Estado de São Paulo, formatado em documentos que constituem orientações para o trabalho do professor em sala de aula e visa garantir uma base comum de conhecimento e competências para todos os professores e alunos. Com o São Paulo Faz Escola, educadores e estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio recebem o material de apoio, composto pelos cadernos do Professor e do Aluno, que são organizados por disciplina, ano e bimestre. O material é disponibilizado nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, História, Filosofia, Química, Física, Biologia, Inglês, Geografia, Sociologia, Arte e Educação Física.

oitava série (nono ano). Depois de um tempo, lá pela década de 1990, a escola começou a oferecer o Ensino Colegial⁴⁵ e no período da noite a escola ficou cheia, tinha bastante aluno, eles voltaram a estudar, porque não conseguiram concluir os estudos, paravam na oitava série. Houve também, ali no Orlando, uma época que as meninas ficavam grávidas, teve bastante gravidez. Tivemos que fazer um trabalho em cima desse tema com os alunos. Muitos dos alunos que voltaram para estudar à noite eram pais dos alunos que frequentavam o período diurno, já tinham sido meus alunos anos atrás. Foram concluir os estudos no modelo de estudo chamado de Telessala.

O que existia na Escola Orlando nos meus 30 anos de escola existia em qualquer escola da zona urbana, com exceção do apoio dos donos da usina. Os conteúdos ensinados, a organização escolar, o modelo de escola. Não havia uma disciplina, por exemplo, que preparasse os alunos para a vida no campo. Lá nós temos cana e a cana é plantada, colhida e beneficiada por máquinas, com pouca interferência humana. O que tinha diferente do currículo era o Projeto Horta realizado com os alunos. Os alunos não tinham a necessidade de um conhecimento avançado ou exclusivo para ser trabalhador na usina. Era, ou ainda é, muito serviço manual. Na escola, nesse projeto da horta, eles aprendiam a plantar, a colher as verduras que eram consumidas na escola ou ainda, eram levadas para suas casas para ajudar na alimentação. Não havia habilidades ali que poderiam ser usadas no plantio da cana.

Lá na Escola Orlando, temos um cenário rural, só que sem contato direto com o campo. Tudo é industrializado. Quando iam para a lavoura de cana, o único trabalho era o corte da cana, o que chamamos de “boia-fria”. Nos dias de hoje, com a chegada das máquinas, esse serviço acabou. Parece que eles estão fabricando ração agora também.

A Escola Orlando sempre foi uma escola muito cheia. Hoje correm rumores de que ela vai acabar, pois tem poucos alunos. Os alunos se mudaram com os pais,

⁴⁵ Ensino Colegial: O Ciclo chamado atualmente de Ensino Médio, instituído pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), era chamado, anteriormente, de Ensino Colegial. O Ensino Colegial, instituído pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 4.024/61) preconizava dentre outras coisas:

Art. 34. O ensino médio será ministrado em dois ciclos, o ginasial e o colegial, e abrangerá, entre outros, os cursos secundários, técnicos e de formação de professores para o ensino primário e pré-primário.

Art. 37. Para matrícula na 1ª série do ciclo colegial, será exigida conclusão do ciclo ginasial ou equivalente.

as colônias estão acabando, e quando começa assim, a tendência é fechar, uma escola daquele tamanho, com mais de dez salas de aula, um prédio muito bonito. Faz muitos anos que não vou lá. O diretor que trabalha lá tem que ter um entrosamento grande com a usina, com os proprietários. Tem que ser maleável. E sabendo trabalhar usina e escola, tem tudo. A escola era menina dos olhos de Francisco Quagliato, todos gostam muito dela. Muitas das formaturas dos alunos foram realizadas na Fazenda Marcondinha de propriedade dos Quagliato, com jantares e churrasco para os alunos dos nonos anos. Nós proporcionamos muita coisa para eles, a escola lá era tudo.

Eu passei por lá, e tudo que eu precisei deles, sempre tive. Nunca fui diretor da escola, mas como coordenador era responsável pelo período noturno.

Os alunos saíam da escola politizados, mesmo sendo na zona rural. Eles tiveram a chance de conhecer muita coisa além da zona rural. Acho que deu para gente contar um pouco da história.

5.8 Fragmentos de uma análise IV

Orlando tem várias nuances. Inclusive para um mesmo personagem. Orlando da década de 1970 com ares ditatoriais, pouca fala, medo, uma escola com ênfase na disciplina e nos cultos aos Símbolos Nacionais. Fanfarra organizada, orgulho da escola. Orlando que funciona dependendo da safra da cana-de-açúcar. Alunos vem e vão. Muita pobreza, piolho, alcoolismo. Alcoolismo esse que se tornou objeto de projeto e ganhou prêmio de relevância nacional. Professores fiéis, em determinado momento, quebrando a característica de uma escola de passagem⁴⁶, usando de todos os meios para poder chegar à escola sem gastar demais com esse deslocamento, mas que, ainda de acordo com o Professor José Roberto, a partir de dado momento, essa característica se dissolve e os professores, juntamente com os alunos, vêm e vão. Uma escola de passagem, uma terra de passagem. Aos poucos os alunos começam a desaparecer da

⁴⁶ Como afirma Martins (2003) a zona rural como “terra de passagem”, onde o professor inicia sua carreira por não ter condições de concorrer a vagas nas escolas das cidades, ou ainda, a oferta de aulas para os professores que são celetistas e não concursados, dentre outras condições. Ao aparecer uma chance esse professor retorna para a cidade pois o deslocamento e o acesso é mais fácil e gasta-se menos para poder chegar à escola.

escola, a demanda diminui, as turmas começam a diminuir. Nossas próximas depoentes nos ajudaram a entender esse movimento e esse êxodo para as cidades ou outros locais. A intervenção da agroindústria e dos empresários modifica o ritmo e a vida na escola. A professora Maria Aparecida, professora de Física e Matemática nos apresenta uma Orlando diferente, mais moderna, mais parecida ainda com as outras escolas localizadas nas cidades, com as aulas e atividades iguais a qualquer outra.

5.9 Orlando de Maria Aparecida

Figura 21: Maria Aparecida Trukes Coelho



Fonte: arquivo do autor

Realizamos a entrevista com a Professora Maria Aparecida Trukes Coelho no dia 05 de abril de 2019 no Departamento de Matemática da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus Bauru – SP.

Bom dia, eu sou a Maria Aparecida, hoje eu tenho 58 anos, professora aposentada há quatro anos na Escola Estadual Orlando Quagliato. Trabalhei naquela escola aproximadamente 13 anos. Sou de Santa Cruz do Rio Pardo, SP. Comecei a dar aula em 1988/89 na Escola Estadual Leônidas do Amaral, em Santa Cruz do Rio Pardo. Ministrei aulas no Leônidas por 14 anos, aulas de Física e Matemática. Ainda não era formada em Física, mas como era formada em Matemática, minha formação me dava o direito a dar aulas de Física. Comecei a substituir a Cidinha Oliveira, que ficou afastada devido a doença da família, e eu comecei a dar aulas de Física e não de Matemática, porque na época tinha professores de Matemática efetivos no Leônidas. Fiquei no Leônidas 14 anos. Trabalhei com o Professor João Beneti, com a professora Malu, com o professor Zé Pinheiro que me ajudou muito no início da carreira quando comecei a dar aulas de Física. Um dia resolvi, falei: “mas não posso ficar dando aula de Física sem ter a Física em si”. A minha formação no início era apenas em Matemática. Estudei Física por dois anos na Cidade de Lins-SP, em uma faculdade particular, muito boa a faculdade. Coursava aos finais de semana, sexta e sábado o dia todo, toda semana.

Ao tentar efetivar, passei no primeiro concurso que prestei e logo desisti, porque não tinha com quem eu deixar minhas filhas, mas logo em seguida teve uma nova chamada desse concurso que eu tinha exonerado, e conversando com o professor Adalberto Dominguez que é lá de Santa Cruz, uma pessoa que me ajudou muito, ele me orientou a ir novamente, e então assumi próximo a São Paulo - SP. Na época consegui remover pelo Artigo 22⁴⁷ e assim fui para Espírito Santo do Turvo, uma cidade próxima a Santa Cruz, por volta de 2005.

⁴⁷ Artigo 22 da Lei complementar Nº 444, de 27 de dezembro de 1985, que dispõe sobre o Estatuto do Magistério Paulista e dá providências correlatas: Artigo 22 - Observados os requisitos legais, haverá substituição durante o impedimento legal e temporário dos docentes e especialistas de educação do Quadro do Magistério.

§ 1º - A substituição poderá ser exercida, inclusive por ocupante de cargo da mesma classe, classificado em área de jurisdição de qualquer Delegacia de Ensino.
§ 2º - O ocupante de cargo de Quadro do Magistério poderá, também, exercer cargo vago da mesma classe, nas mesmas condições do parágrafo anterior.

Fui para Espírito Santo na Escola Estadual Prof.^a Terezinha Mariano Magnani e lá eu fiquei só um ano, pois não me adaptei à escola, era muito difícil de trabalhar lá. Tive que ir ao médico por problemas de saúde, nunca gostei de tirar licença médica. Eu passei por um médico e ele falou: “se a senhora quiser viver bem a senhora vai ter que sair dessa escola, porque lá não é o seu perfil para dar aulas”. Eram coisas assim que eu nunca tinha me deparado, porque como eu tinha trabalhado muitos anos no Leônidas, no Ensino Médio, eu tinha outro tipo de trabalho. Ali eu comecei dando aula para a sexta série, sétimo ano do Ensino Fundamental, para crianças que tinham problemas em casa e na escola. Leônidas eu não tinha esse tipo de problemas, eu não interferia na família da criança. Um dia uma criança chegou a mim e falou: “Eu encontrei minha mãe enforcada”. Aquilo me abalou muito, um menininho veio e contou isso para mim. Eu acabei indo ao médico e ele falou que eu tinha que sair de lá. Minha transferência chegou a ir para a Escola Teresinha Mariano, mas eu não fiquei nem um ano na escola e pedi remoção novamente. Ao pedir remoção, tinha uma vaga na Escola Orlando Quagliato. Minha vontade era ir para Santa Cruz, mas não consegui, então, fui para o Orlando Quagliato, isso foi há uns 15 anos, mais ou menos em 2004, 2005.

Eu já estava formada em Física e em Matemática. Na época era a lara a diretora e continuou sendo nossa diretora por muitos anos. Quando cheguei substituí um professor que tinha se aposentado. No começo eu ia sozinha de carro para a escola, porque até de primeiro momento eu não conhecia ninguém, eu conhecia apenas o pessoal do Leônidas e mais ninguém, a maioria dos professores era de Ourinhos. Pouquíssimos professores iam de Santa Cruz para o Orlando. Aos poucos fui interagindo com o pessoal de Santa Cruz e começamos a revezar, mas logo colocaram o pedágio e tudo ficou mais difícil. Quando comecei a trabalhar lá, no Orlando, parecia que eu estava no céu, umas crianças assim que tinham medo de tudo, eram ousados, mas tinham medo, e eram respeitosos, a partir do momento que você não mostrasse os dentes para eles. Existem

§ 3º - O exercício de cargos nas condições previstas nos parágrafos anteriores será disciplinado em regulamento.

A Lei completa pode ser encontrada no endereço eletrônico: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/1985/lei.complementar-444-27.12.1985.html>

histórias de professores que passaram por ali e sofreram tanto que não querem nem ouvir falar do Orlando Quagliato. Então, isso vai de professor para professor, de como ele lida com as crianças, e o professor de Matemática geralmente é um pouco mais carrancudo, ele é um pouco mais bravo, porque a gente tem que ter uma certa organização para que eles aprendam, caso contrário eles não aprendem. Você tem que ser rígido com eles.

Como já disse, a minha viagem era todo dia, no começo sempre sozinha, e depois fui dividindo o carro com outros professores que começaram a aparecer. Eu acabei levando alguns professores de Santa Cruz que tinham medo de ir dar aula lá, pois achavam que em uma escola dentro de uma usina devia ser muito ruim de trabalhar, achavam que o bom mesmo seria trabalhar no Leônidas, numa escola elitizada. Então eu abri a linha, abri um caminho. Foi um professor, depois outro. Em uma época estava faltando professor de Matemática, porque nós éramos em duas professoras efetivas, a Marisa e eu, mas a professora Marisa precisou tirar licença, e os professores que viam a vaga na lista de atribuição ligavam para mim: “como é lá?” E eu falava: “olha eu estou satisfeita trabalhando no Orlando”. “Ah, me chamaram pra trabalhar lá, eu estou com medo, como que você vai, como que você vem?”. Faziam várias perguntas. Eu dava aula de manhã e à noite, tinha que ter condução senão eu não conseguia, tinha dia que eu ia às 7 horas, levantava 5 horas e 30 minutos da manhã e voltava para casa 23 horas, chegava quase meia noite, pois ajudava a fechar a escola. Lá havia poucas salas no período da noite, um primeiro ano do Ensino Médio, um segundo e um terceiro. Com o passar do tempo as turmas foram aumentando e nós ficávamos até 23 horas, esperávamos fechar a escola para todos irmos embora, cada um ia para o seu lado. Por fim acabamos formando um grupo de professores de Santa Cruz e revezávamos o carro, até que apareceu o pedágio, caríssimo, que não compensava o ganho. O professor não tinha benefício algum para pagar pelo pedágio, tinha que pagar como qualquer cidadão. Hoje eu já me aposentei, e mesmo tendo incorporado o “ALE⁴⁸”, uma ajuda de custo, para

⁴⁸ O ALE, Adicional de Local de Exercício, é pago aos profissionais que atuam em unidades localizadas em áreas consideradas de níveis 4, 5 e 6 no Índice Paulista de Vulnerabilidade. O programa traz ainda um importante benefício para os professores e para as escolas das regiões mais vulneráveis do Estado. Para efeito de aposentadoria, serão incorporados aos salários dos integrantes do quadro do magistério 1/25 e 1/30 (mulheres e homens) do Adicional de Local de Exercício, ALE, por ano de permanência na escola. A nova regra de incorporação do ALE é um estímulo à permanência dos profissionais numa mesma escola, reduzindo a rotatividade de

quem trabalha na escola dentro da usina, não compensava o gasto do carro. A saída que encontrávamos era desviar por aqueles canaviais e entrar no Marinho Milo que tem um orquidário próximo ao pedágio. Nós já ficamos encalhados, atolados, precisamos chamar carros da usina para nos socorrer, tudo para fazer economia, para valer a pena o salário do professor. Esse era o medo do pessoal de Santa Cruz de ir dar aulas lá: “não compensa eu pegar estrada, o ALE que eu ganho não vale a pena”. Então, tínhamos que economizar em tudo que era possível, andávamos por aquelas estradas de terra para desviar do pedágio e íamos pela usina velha, íamos até Santa Cruz e saíamos na Expopardo para depois chegarmos no centro da cidade. Eu morava do outro lado.

Essa usina velha era dos Quagliato e era dos Pegorer, uma família muito rica. Eles também tinham um alambique por ali, e nós fazíamos essa linha, muito sofrida, acabava com o carro, mas tudo compensava quando eu estava na escola, lá eu me realizava.

Eu comecei na Escola Estadual Orlando Quagliato com aulas no Ensino Médio, eles sabiam que eu dava aulas para o Ensino Médio e quando faltavam aulas na minha carga horária, eu dava duas aulas de Física. Na atribuição eu pegava aulas de Matemática, só não gostava de dar aulas de Ciências e como eu trabalhava muito com a parte da Matemática no Ensino Médio, eu não fazia opção por dar aulas de Ciências, apenas quando necessitava para completar a carga horária.

Lá no Orlando, as salas eram bem cheias, tinham aproximadamente 25 a 30 alunos. Na época da minha aposentadoria, cinco anos atrás, já estavam bem lotadas, à noite mesmo nós tínhamos salas de Ensino Médio com 40 alunos, os gestores não queriam dividir as salas. Quando eu saí de lá, havia duas salas de primeiros anos do Ensino Médio, duas salas de segundo e duas de terceiro, mas foi bem difícil conseguir dividir. Nessa época, a população da usina aumentou muito, muitas famílias de longe vieram trabalhar na usina e consequentemente começou a aparecer muitas crianças. Isso foi por volta de 2010. Aumentaram

docentes e diretores. O Adicional de Local de Exercício foi instituído pela Lei Complementar 669, de 20 de dezembro de 1.991 e alterado pela Lei Complementar 836/97, com escopo de estimular as atividades desenvolvidas em escolas da zona rural e nas zonas periféricas das grandes cidades que apresentem condições ambientais precárias, localizadas em região de risco ou de difícil acesso. Mais informações podem ser encontradas no endereço http://www.educacao.sp.gov.br/lise/sislegis/pesqpalcav.asp?assunto=221&fbclid=IwAR3hcFZa bTahgrcC_BZGtyqJ9l6Y8y2vWoB-kboaav5DGE97s9XxtE42dYI.

principalmente os alunos do Ensino Fundamental, do primeiro ao quinto ano. Acredito que algumas usinas da região fecharam e o fluxo de famílias na Usina São Luiz aumentou. Nessa época corriam rumores de que as colônias iam acabar e todos seriam transferidos para Ourinhos, que iam fazer uma vila da usina São Luís para esses familiares, pois tinha muita gente morando nas colônias, não estava compensando mais para os Quagliatos mantê-los ali. Enfim, acabou que muitas famílias foram embora para Ourinhos e outras ficaram nas colônias, mas acredito que a finalidade deles é acabar com as colônias e eu não sei o que vai acontecer com a escola. Eu não consigo visualizar qual o destino da Escola Orlando Quagliato.

Veja bem, na minha época já vinham dois ônibus de Ourinhos, com trabalhadores da usina e alunos do Orlando. Era uma empresa de transporte que trazia os alunos e funcionários. Tínhamos na época um grande problema que era a chuva, quando chovia não podia ter prova, por exemplo. Tínhamos que suspender tudo, porque o ônibus não rodava no barro. Em algumas colônias ainda não havia asfalto.

Nós visitávamos alguns alunos e acabávamos pegando amor neles, ainda mais com aqueles muito carentes. Meu coração é duro como professora, mas como ser humano meu coração é muito mole. Eu trazia muitas roupas para eles, muitas coisas das minhas filhas e levava nas casas. Eu chegava mais cedo ou no dia que tinha o HTPC⁴⁹ eu não ia embora, porque não compensava. Eu entrava às 7 horas da manhã e terminava às 16 horas, não compensava eu ir para minha casa em Santa Cruz, aí eu combinava que naquele dia eu trazia roupas e levava nas casas, eram casas assim de dar tristeza, uma das casas que eu fui que me entristeceu muito tinha o banheiro de fossa, um menininho assim precisava muito mesmo, que eu inclusive fiquei sabendo esse final de ano que ele foi para as

⁴⁹ A hora de trabalho pedagógico coletivo, HTPC, é o tempo estabelecido pelas escolas das redes municipal e estadual de ensino, com o intuito de reunir professores e gestores para a discussão, análise e proposição de soluções que possam atender as necessidades educacionais coletivas apresentadas periodicamente pelas escolas. Este tempo está incluso na carga horária semanal dos profissionais da Educação, que participam a fim de atender aos objetivos do trabalho pedagógico coletivo. De acordo com a Portaria CENP Nº 1/96 L.C. Nº 836/97, disponível em <http://edu0cacaotiete.sp.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/1-Comentario-Portaria-CENP-01-96.pdf>, as HTPC tem por finalidade articular os diversos segmentos da escola para construção e implementação do seu trabalho pedagógico, fortalecer a Unidade Escolar como instância privilegiada do aperfeiçoamento do seu Projeto Pedagógico, (re) planejar e avaliar as atividades de sala de aula, tendo em vista as diretrizes comuns que a escola pretende imprimir ao processo de ensino aprendizagem.

drogas e está preso. Nós temos muitos alunos que davam muito trabalho dentro de sala de aula, mas você tinha que incorporá-lo com “normal”, então isso para mim foi muito difícil. Eles ficavam retidos comigo em Física e Matemática, mas chegava final de ano eles passavam, e dessa turma muito ruim mesmo, me deram o trabalho, e falavam assim: “eu não vou fazer a sua prova, porque eu vou passar, não é a sua matéria que vai me deixar retido”. Aconteceu isso em um ano, aconteceu em outro, e eles vinham e não faziam as provas.

Hoje lá eu tenho mais ou menos dez alunos que viraram traficantes, que estão presos, e eu tenho amigas que mandam: “lembra Cidinha do fulano, lembra do outro, então, estão presos”. São coisas assim que entristecem, mas que eu via e tentava fazer alguma coisa. Lá na usina, algumas mães não trabalhavam, a minoria trabalhava na lavoura, elas ficavam muito em casa, passavam muito a mão na cabeça das crianças, e como eu era rígida dentro da sala de aula a cobrança vinha para direção e da direção vinha para o professor. Infelizmente uma judiação, mas ali na época que eu fui embora de lá, já havia muitos alunos usuários de droga. Me lembro que houve três casos nos quinze anos que eu fiquei ali, foram três casos de uso de drogas pegos dentro da escola. A partir disso avisávamos os Quagliato, se você queria conseguir alguma coisa na escola ou para a escola era só falar com eles.

Os alunos me respeitavam, porque meu marido era muito amigo dos Quagliato, inclusive um deles foi meu padrinho de casamento e eu era vizinha do filho do Fernando Quagliato, e a mulher dele ia muito à igreja, nós fazíamos muita oração juntas, e assim, eu no meu lugar, até porque éramos bem humildes, meu marido era motorista de caminhão e eu professora, mas nós tínhamos uma certa amizade com eles, e eu falava em sala de aula: “olha se vocês não me respeitarem eu estou sabendo disso e disso”. E muitas vezes a Maria Sueli, diretora, pedia socorro para mim, para eu falar para o Felicidade que eu iria contar ao Kiko Quagliato para ele tomar alguma providência até de mandar o pai embora se precisasse. Muitas vezes eu fui falar com o Kiko e falar que alguém precisava ir à escola e eles mandavam lá alguns psicólogos, o pessoal dos recursos humanos. Com isso eu fui conseguindo trabalhar, e eles me respeitando, mas teve épocas muito ruins, de alunos desafiarem o professor, de enfrentar o professor lá, mas são esses que estão presos hoje. Esse Felicidade está preso hoje, o Natalino também, eu já fui na casa dele, que era de fossa,

como eu já disse, mas por outro lado tivemos alunos maravilhosos, o Vinicius dos Santos que foi meu aluno desde criança, a mãe separou do pai e foi trabalhar na lavoura, ele era o menino mais inteligente, eu o amo de paixão, ele escreve muito. Às vezes eu vejo alguns poemas dele, ele está trabalhando em Ourinhos, está fazendo faculdade. Existem meninos brilhantes ali, o filho da Adriana que mora dentro da usina, que é professora lá, é um menino brilhante, hoje está estudando na Etec de Santa Cruz⁵⁰. Nós tivemos muitos alunos que tornaram o serviço gratificante, sempre foi melhor trabalhar ali, no Orlando Quagliato, do que trabalhar em uma escola da cidade, mas sempre ressaltando que a autoridade era o professor.

Mesmo nos últimos anos era melhor estar no Orlando do que estar numa escola urbana, era melhor estar ali, porque ali a gente fazia as reuniões, a usina fazia trabalho com eles dentro da escola, tínhamos alunos que tocavam instrumentos. Ali na usina tinha o centro cultural e eles valorizavam muito o centro cultural. Havia professores capacitadíssimos no centro cultural que davam aulas de balé, dança, orquestra. Eles, os alunos, iam para outros países, Rússia, Alemanha, isso era muito importante, então quando você mexia nessa parte da usina: “eu vou reclamar de vocês”. Acabava a brincadeira, eles colocavam o centro cultural acima da escola. Você, professor, marcava uma prova e se eles tivessem um ensaio, faltavam da prova para ir ao ensaio, essa parte era muito triste, eu não queria que acontecesse isso, mas eles tinham aquilo lá como a primeira escolha deles. As crianças que estavam no centro cultural eram muito educadas, faziam a tarefa de casa, às vezes os professores iam fazer apresentação na hora do intervalo para nós, na escola, o diretor sempre avisava: “olha hoje nós vamos sair dez minutos mais cedo para as crianças tomarem lanche e fazer uma apresentação”. Era muito lindo, e aquilo podia dar um futuro para eles, e por isso, muitas vezes eles colocavam o centro acima da escola. Alguns vinham e falam: “olha professora eu não posso vir na sua prova”. Eu era muito rígida, só com atestado médico, só com o pai lá eu dava prova outro dia, eu tinha as minhas regras, e aí eles vinham e falavam: “professora nós estamos com esse problema, e nós não podemos faltar do centro cultural para sua prova”. Como eles vinham pedir, eu perguntava quais eram os alunos que iriam faltar e um falava por todos,

⁵⁰ Etec: Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato, localizada em Santa Cruz do Rio Pardo, São Paulo.

eu pegava os nomes: “tal dia faremos a prova”. Era uma coisa muito linda, que passava para eles um cenário que eles não tinham ali dentro. Eu observava que eles não tinham jornal para ler em casa, não sabiam das novidades, não liam revistas e em Física falávamos muito das descobertas. Sempre acabávamos indo para a sala de Informática. O laboratório de Informática não funcionava muito bem, mas a gente acabava indo lá. A internet era acessível, então os últimos anos que eu trabalhei no Orlando, trabalhamos bastante no laboratório de Informática, claro que dentro das possibilidades, íamos muito no laboratório, mais com o Ensino Médio, no fundamental, em Matemática eu quase não ia, eu fazia bastante trabalho, fazíamos feira, então, tem essa parte também que é muito gratificante, voltávamos muito para as feiras, construíamos coisas interessantes.

Alguns alunos nossos eram lavradores, trabalhavam no plantio e corte de cana durante o dia e estudavam a noite no Orlando. Era muito triste, pois quando o horário se aproximava das 21 horas e trinta minutos eles estavam muito cansados, não rendiam mais nada. Eles jantavam na escola durante o intervalo. Toda noite tinha janta para os alunos. Eles vinham sem janta, olha o esforço deles, eu gostava muito do pessoal do noturno, porque eram pessoas trabalhadoras, a maioria só podia estudar à noite por causa do trabalho. A maioria desses alunos tinha entre 15 e 16 anos, eles participavam do Programa Menor Aprendiz⁵¹, e faziam coisas variadas na usina, um ia pesar caminhão, outro preenchia ficha de entrada e saída de caminhão, no meio tinham aqueles que iam trabalhar na cana, era meio sigiloso sabe, então muitas vezes no finalzinho da noite faltava dez minutos para terminar a aula e eles dormindo: “ai professora eu estou muito cansado”. Eu parava a aula por dez minutos e começava a conversar com eles e eles falavam: “ah professora hoje eu trabalhei muito, a gente está cortando a cana, a gente está limpando a cana”. Porque nem em todos os lugares tinha aqueles maquinários, e então parece que vai ficando um resíduo para trás e eles iam catando essas canas, então era muito triste, eles

⁵¹ O Programa Jovem Aprendiz é um projeto do governo federal criado a partir da Lei da Aprendizagem, Lei 10.097, de 19 de dezembro de 2000, disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L10097.htm, com o objetivo de que as empresas desenvolvam programas de aprendizagem que visam a capacitação profissional de adolescentes e jovens para que sejam inseridos no mercado de trabalho. O programa é composto por cursos de aprendizagem gratuitos, que podem durar até dois anos, com ensinamentos teóricos e práticos.

chegavam na escola com fome e cansados. Durante o intervalo que acontecia às nove horas, eles jantavam e nos sentávamos com eles e jantávamos também, a comida era muito boa, e eles repetiam duas ou três vezes, pois chegavam com muita fome e depois o cansaço batia, depois do intervalo era difícil, mas eram jovens muito diferentes com raras exceções, aproximadamente, setenta por cento dos alunos tinha vontade de vencer na vida, de estudar. Mas, às vezes, o raciocínio não ajudava, tinham uma dificuldade muito grande, eles vinham com uma deficiência na escrita, escreviam muito errado, não porque a professora não ensinou, mas não tinham acesso aos livros, a uma revista, a um jornal, acesso a informações.

Muitos desses alunos não pertenciam àquele território, eram alunos de outros locais do país, vinham de outros lugares: “professora eu vim do Paraná”. Eles falavam: “meu pai trabalhava na usina tal e foi transferido para essa”. Tinha bastante aluno de outros lugares e tinha alguns que eram nascidos ali, na usina. Recebíamos alunos o ano inteiro, era bem difícil, chegavam sempre no início da safra e iam embora da usina no final dela. Esse fluxo ocorria todos os anos na escola.

Tive muitos alunos e alunas especiais. Uma delas, muito inteligente, Evelyn, o pai dela é chefe na usina, ela nasceu lá dentro, tem um outro irmão que estudou no Orlando, foi nosso aluno, agora o pequenininho também parece que já está no nono ano do Ensino Fundamental. Tem alunos muito bons naquela escola, foi muito gratificante trabalhar lá, eu tive outra visão do que é escola.

No início eu achava que o melhor era trabalhar no Leônidas, uma escola de elite, o próprio povo elitiza, mas quando eu saí do Leônidas os alunos já eram bem ousados, mal-educados, coisas que eu não encontrei na Escola Orlando. Nos últimos anos, que a gente já vê que está se aposentando, eu quis mostrar aquele amor que tinha por eles, não é que eu não mostrava antes, eu conversava muito com eles fora de aula, mas só se precisasse de mim, eu nunca misturei a minha profissão com a parte afetiva, então esse era o meu defeito. Hoje eu já enxergo por outro ângulo, mas eu acredito que eu estava certa, porque hoje os meus alunos me agradecem. No meu aniversário eles mandam mensagens, me agradecem por tudo que eu ensinei, porque eu explicava mil vezes a equação de segundo grau para eles, eu contava histórias para eles, eu pegava a história levava para casa, imprimia, meu marido falava assim: “você dá dinheiro para o

governo”. Porque a escola tinha um limite para tirar xerox de provas, atividades, histórias de Matemática, do Bhaskara, eu levava para eles, eu falava: “olha se vocês saírem do nono ano sem saber equação de segundo grau, vocês não passarão no Ensino Médio”. Então hoje eles mandam depoimento, alunos que estão na faculdade mandam falando: “oi professora eu estou vendo aqui de novo equação de Bhaskara em uma matéria que não é Matemática, estou vendo em Pedagogia”. Fico muito orgulhosa.

As aulas de Matemática eram sempre muito organizadas e rigorosas. Eu seguia muito a fio o planejamento da escola, na época do Leônidas, a gente tentava, fazia de tudo para terminar o currículo proposto, pois como eu não era efetiva na época do Leônidas, eu tinha muito medo do outro professor não dar sequência no conteúdo. Lá na usina eu já não tinha esse problema, porque como eu era efetiva eu falava assim: “olha eu não consegui dar esse conteúdo, e esse, mas vocês podem me dar essa sala ano que vem?”. Às vezes dava certo, eram dois professores de Matemática e eu conseguia dar sequência na minha sala de aula, por isso que eu falo, se eu tenho alunos bons de Matemática é porque eu dava aulas para eles desde o sexto ano. Sempre que começava eles tinham uma dificuldade muito grande e aos poucos iam aprendendo. Essa é uma vantagem, dar aula para a mesma turma todos os anos.

Tinha um aluno, o Vinicius, foi meu aluno na quinta série, na sexta, sétima, oitava, nona, primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Médio, foi assim, um amor muito grande por essa classe do Vinicius, que é a do Mateus também, tinha vários meninos e meninas bons lá. Quando entrei na usina ainda não tinha incorporado o famoso “caderninho do governo”, o Currículo de Matemática era feito por nós. Eu estava lá há uns dois anos já quando eles apareceram e eu mesma tive dificuldade de trabalhar com esses cadernos, o meu trabalho era no livro didático onde você ensinava as equações e tinha cinquenta exercícios para o aluno fazer em casa. Eu ainda sou da época, ainda acredito nisso, que o aluno tem que fixar aquilo que ele aprendeu, é igual quando eu leio a bíblia, eu leio uma vez e não entendo, então eu leio duas, eu leio três, aí eu vou começar a entender e vou discutir com os meus colegas do grupo de oração: “olha eu entendi isso e isso”, leia de novo, leia de novo que você vai ter uma outra interpretação. Sou a professora de Matemática que ensina em um ângulo que mostra a realidade, não é “calcule a equação”, eu vou montar uma equação para o

problema do dia a dia, eu fazia muito isso, tanto na Física quanto na Matemática. Eu montava exercícios, eu inventava, eu retirava dos livros e eu falava assim: “eu não vou mandar resolver a equação ou resolva o “x” da equação”. Eu inventava: “o meu irmão pegava alguma coisa”. Ou coisa parecida: “o meu irmão tem tantos anos, o outro tem o dobro da idade dele”. Sabe aqueles probleminhas: “eu fui à feira, comprei isso, comprei o triplo”. Eu sempre joguei muito com esses problemas. Sempre contextualizava. Depois da implementação dos cadernos, eu gostava de trabalhar com professores, realizar atividades interdisciplinares. Sempre que aparecia no caderninho: “olha, trabalha com o professor de História”. Eu tentava fazer, não era muito o meu querer sabe, mas quem sabe eu consigo mudar mais um pouco, eu fazia assim algumas coisas que não gostava muito daqueles cadernos, tentava fazer, eu trabalhava muito, de vinte e cinco anos de giz eu nunca cheguei e dei um exercício diferente sem resolver, sempre preparei minhas aulas. Às vezes as minhas filhas falavam: “mãe você está cansada de dar aula dessa matéria e você está preparando aula”. Eu respondia: “estou filha, estou preparando, porque eu gosto de ter um exercício fácil, um médio e um difícil para aqueles alunos brilhantes”. Porque eu não podia menosprezar e, sempre no final da aula, eu dava um desafio para eles, eles perguntavam: “professora hoje você não vai dar desafio?”. Sempre na última aula da semana.

Para cada sala tínhamos em torno de cinco a seis aulas semanais. Eu usava sempre a última aula, mas não a aula toda, pois tinha aqueles que não queriam nada com nada, fazia assim: “para nota, tirem uma folha do caderno e vamos fazer esse exercício, exercício de raciocínio hein pessoal, para pensar naquela matéria do caderninho”. Esse caderninho do governo deixava a desejar, porque ele não tinha muitos exercícios, então eu complementava, sempre trabalhei em paralelo com o livro didático, mas a orientação era que seguissemos o caderninho de fio a pavio. Eu sofria muito porque os alunos tinham muita dificuldade para interpretar aquelas coisas, principalmente a Matemática do Ensino Médio, eu morria de dó dos terceiros anos, tinha coisas fora do cabo nos cadernos, por isso eu utilizava os livros didáticos. Ia trabalhando, nem sempre conseguia ficar passando o conteúdo na lousa, pois perdia muito tempo, eu

levava os livros da biblioteca e dava um livro para cada aluno, um livro do Dante⁵² que eu gostava muito, a coleção do Ensino Médio é maravilhosa. Trabalhei a Geometria Analítica com essa coleção, pois os alunos não conseguiam entender os cadernos do governo, assim, trabalhava em paralelo com o livro didático, isso fez com que eu conseguisse aprovar aproximadamente setenta por cento das minhas salas. Quando os alunos começavam comigo, quando era turma nova, eu estimava que trinta por cento conseguia aprender, e setenta por cento não conseguia. Aos poucos, com a rotina e organização das aulas, eu conseguia que aproximadamente setenta por cento conseguisse aprender, sempre tinha alguém que não gostava de Matemática.

A rotina é muito importante na aula. Como é importante o professor ter responsabilidade e dar sequência nos seus alunos. Essa escola que fica mudando de professor, que não tem professores efetivos, que todo ano ela muda de professor, é muito difícil para o próprio aluno, o professor que chega na escola que não sabe se o aluno aprendeu, o aluno sempre fala: “mas eu nunca vi isso”. Quando o aluno falava isso eu ficava desesperada, eu voltava: “olha aqui no cantinho da lousa, eu não acredito que o professor não ensinou isso, mas eu vou ensinar rapidinho para vocês, para vocês não falarem mais isso”. Eu nunca massacrei o meu colega, eu não sabia nem que professor que era, mas eu falava: “Eu duvido que o professor de matemática não tenha ensinado isso para vocês, vocês é que não lembram”. E muitos na hora falavam: “é mesmo professora, eu é que não lembrava”. Fico até emocionada de estar falando da sala de aula, porque foi muito bom, muito bom mesmo.

A escola ali, localizada dentro da usina, é muito importante, pois as pessoas que moravam e ainda moram lá eram e são muito humildes. A minoria tinha carro na época, só os chefes de sessão que trabalhavam na usina tinham carro, os moradores não tinham uma maneira de ir até a cidade, de fazer outras coisas. Eles viviam ali a maior parte do tempo. Aos poucos as escolas de zona rural, das colônias e das fazendas dos irmãos Quagliato foram sendo desativadas. Na Fazenda Jamaica tinha escola rural e foi fechada, no Brizola, mas eles conservaram essa escola, o Orlando, eu acredito que os Quagliato tiveram interesse em manter e conservar uma escola ali para os colonos que vinham

⁵² Luiz Roberto Dante.

trabalhar na usina, para que eles não precisassem deixar os filhos sem estudar ou mandar os filhos para a cidade, ou ainda voltar a morar na cidade.

Há um ônibus que transporta os alunos das fazendas e colônias para a Escola Orlando, foram montando as casas nas colônias para que esses colonos ficassem ali, ainda hoje tem muitos morando nas terras da usina. A Escola Orlando ficou conservada assim, como um patrimônio da própria usina São Luiz, os empresários dão assim um amparo muito grande para a escola, para os alunos, sempre ajudando com o que fosse preciso. Certa vez, teve um problema com esse menino Vinícius que quebrou um dente. Conversei com minha filha que fazia faculdade de odontologia aqui em Bauru, ela estudava na USP⁵³ eu falei: “olha eu quero cuidar desse menino, esse menino é muito bom, quero levá-lo até Bauru para fazer um dente de graça para ele”. Os Quagliato não deixaram trazer o menino para Bauru. Arrumaram um dentista em Ourinhos para o menino que era mais perto que a perua ia levar e trazer e assim eu não teria responsabilidades, me explicaram que na minha responsabilidade podia acontecer alguma coisa: “um acidente já que a senhora vai de carro”. E realmente eles arrumaram o dente, o menino precisou por uma prótese dentária na frente.

Acho aquela escola muito importante para os alunos e para as crianças também que ainda não estudam, porque é o único lugar que eles têm para adquirir um pouco de cultura. O centro cultural ensina parte da música, da dança, do judô, mas a parte da educação mesmo, de aprender conteúdos científicos, era na nossa escola, eles juntavam a escola e o centro cultural, os locais mais importantes ali para aprender, nós temos pessoas brilhantes que passaram por lá, que saíram para trabalhar em bons lugares, temos um professor de química, um menino que estudou ali e hoje ele é professor de Química. Tivemos vários alunos brilhantes, eles saíam da casa deles e iam para escola e ali eles passam meio período, eles não tinham outra coisa para fazer, voltavam para casa, não tinham televisão na minha época, não tinham jornal, revista, então eu acho que foi um benefício muito grande crescer ali para depois partir. Alguns alunos após certa idade trabalhavam de menor aprendiz e depois eram contratados para trabalhar na usina em repartições e serviços mais importantes que cortar cana,

⁵³ USP: Universidade de São Paulo, pública, criada em 1934, mantida pelo governo do Estado de São Paulo.

que separar a cana, esses alunos tinham vontade de estudar, sempre tivemos bons alunos, com algumas exceções. Em todo lugar vamos ter uma deficiência na vontade de aprender e na vontade de ensinar. Às vezes a pessoa, o professor, faz aquilo só pelo dinheiro, sabemos que o trabalho da gente tem que ser por amor, não só por dinheiro. Ali os alunos viam uma luz no fim do túnel, através da escola e do trabalho deles, muitos sonhavam em fazer uma faculdade, utilizando os conhecimentos adquiridos na escola, no centro cultural e como menor aprendiz, muitos foram embora, estão muito bem hoje. Trabalhei no Orlando por quinze anos, uma vida eu vivi ali dentro. Aquela escola é o coração da usina, é o coração que está acolhendo todos eles ali, aqueles que não têm amor dentro de casa, aqueles que têm, aqueles que têm em excesso, aqueles que hoje respondem o professor, acolhe a todos.

Algo que sempre atrapalhou o andamento das aulas foi o telefone celular. Para mim, a maior briga com aluno era por causa do celular, eu não aceitava, as PCNP⁵⁴ falavam que era para eu aceitasse nas minhas aulas de Física o uso do celular. Meia dúzia de alunos usavam para auxílio nas aulas, os demais ficavam em outros lugares, fazendo outras coisas na internet. Achei melhor parar com o uso desses aparelhos e assim íamos para sala de informática onde eu conseguia controlar todo mundo.

Sempre proibi o uso do celular nas minhas aulas, eu sempre seguia as regras da escola e as regras da escola Orlando Quagliato eram ótimas. Nós sempre montávamos essas regras no começo do ano letivo, era uma tradição desde o começo da escola. Discutíamos bastante, colocávamos limite para sair e ir ao banheiro, por exemplo, depois do intervalo na quarta aula ninguém saía para ir ao banheiro, então ao invés de ficar apenas brincando no intervalo eles iam também ao banheiro.

Isso ajudava a estabelecer uma rotina na escola. Também nós abríamos a porta da sala e nós esperávamos o aluno, o aluno nunca entrava na sala de aula sem o professor. Havia um lugar onde todas as chaves da escola eram guardadas, o professor não podia atrasar, se atrasasse ficava formada a bagunça, porque o nosso horário de entrada era sete horas, acontecia assim, pegávamos a chave e abríamos a porta da sala na primeira aula, entrávamos com eles, esperávamos

⁵⁴ Professor(a) Coordenador(a) de Núcleo Pedagógico da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos - SP

entrar até o último aluno. No intervalo os alunos saíam, fechávamos a porta e eles não voltavam para a sala, somente após os sinais. Dava o primeiro sinal que era para o professor, era cinco minutos antes, cinco para as sete, dez e vinte e cinco, entrávamos e esperávamos os alunos entrar e fechávamos a porta, quem ficasse para fora ia para a diretoria, porque eu não deixava entrar. Eu lia para eles todo o primeiro dia de aula, o estatuto da escola e o contrato pedagógico, tudo o que podia e não podia fazer na escola, quais eram os deveres deles e qual eram os direitos também. Eu apresentava para eles, utilizava uma aula inteira todo começo de ano algumas regras de convivência, não podia usar boné, celular e outras. Eles tinham essas regras e eles tinham que respeitar, pois eram muito importantes e seguíamos essas regras.

Os conteúdos de Matemática e Física tinham que ser aplicados e contextualizados no mundo dos alunos. A minha Física era voltada para aqueles caminhões de cana, onde se contavam quantas toneladas ele carregava, muitas vezes calculávamos a velocidade dos caminhões, íamos até as estradas dentro da usina e marcávamos uma distância para calcular a velocidade média daqueles caminhões que corriam muito dentro da usina. Contextualizava, mas sem se esquecer de ensinar as coisas básicas, como somar e multiplicar as frações. Às vezes, não era possível problematizar alguns conteúdos, mas eu sempre tentava. Trazia pronto de casa, imaginava as situações, trabalhava muito em casa. Dedicava os sábados para minhas filhas, íamos para as lojas, e domingo, depois do almoço eu me sentava na cadeira e mesa após o almoço e ficava até à noite para preparar minhas aulas e essas atividades que eram diferenciadas. Eu tinha que colocar aquilo que eles aprendiam dentro da usina, calcular a velocidade média, calcular o dobro de altura de alguma coisa, calcular aceleração, a força que esses caminhões aplicavam, quanto de sustentação.

Fiz horta com as crianças de sexto ano e sétimo ano. Tínhamos uma horta que estava abandonada, com os canteiros em forma de círculos, retângulos e triângulos. Algum professor já tinha feito aquilo e acabou abandonando. Começamos a medir a área de tudo, medimos a área dos canteiros, quanto iríamos colocar a mais de terra em volume, eu trabalhei tudo isso com o sétimo ano, sexto ano. Me associei à professora de Ciências e plantamos, a professora saía com eles, pois eu era muito chata eu não gostava que perdessem aula para regar a horta, então eu não deixava eles saírem, era bem difícil quando deixava

um ou outro aguar a horta, eu fazia uma escala e deixava eles aguarem, a professora de Ciências aguava a horta também, trabalhamos muito, o tempo que demorava para a gente colher a rúcula, a cenoura, isso fazia parte do cotidiano deles, foi um trabalho de 13 anos muito gratificante, eu conseguia misturar a Matemática e a Física.

No dia a dia deles, naquele tumulto deles, na casa deles, quantas casas de aluno que eu fui, eles nunca tinham visitado um shopping, um zoológico. Eu os trouxe para Bauru - SP, onde visitamos um shopping e o zoológico. Ninguém tirava eles de dentro da usina, isso era muito triste, pois eles não conheciam outros lugares. Teve uma formatura desses alunos, e eu pedi a autorização da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos para fazermos um passeio na chácara do meu genro no Igapó, fomos na chácara de manhã, passamos o dia lá e depois fomos ao shopping e voltamos para a usina. Os alunos se comportaram excepcionalmente. Eles ficaram agarrados na gente, eu e o Dito servente, às vezes ele acompanhava para ajudar a cuidar dos alunos, eles eram como se fossem aquelas crianças que estavam desamparadas. Ali dentro da usina era o hábitat deles, tinham a liberdade de fazer tudo, mas quando saímos ficaram com muito medo, toda hora eles me procuravam para ver onde estávamos, tiveram muita insegurança de estar em um lugar desconhecido. Nós ficamos por volta de três horas no shopping e depois fomos ao zoológico. Isso foi muito importante, eu tentei encaixar isso tudo na minha matéria. Os alunos davam trabalho dentro da sala de aula, mas fora da sala de aula era como se fossem todos nossos filhos e a gente ficava “vão gente, podem ir”.

Isso foi muito marcante na minha vida, o que eu pude fazer por eles, o que eu contribuir, eu achei que fui muito gratificante, em outra oportunidade, nós viemos no SESC, no centro de Bauru, em uma exposição de educação artística e pediram para que eu fosse, já que eu era mais brava, eles me obedeciam. Mas ao sair de lá eu e a professora Rosangela, nós viemos aqui no SESC⁵⁵ para mostrar as obras e os alunos se comportaram de modo exemplar, foi muito gratificante.

Aquela escola continua sendo o coração da usina, e o coração aonde eles podem receber muito amor, uma educação, um limite para alguma coisa, ali eles

⁵⁵ Sesc: Serviço Social do Comércio.

recebem ótimos professores, tanto do primeiro ano, da Educação Infantil, quanto do Ensino Médio. Na minha época não mudava muito de professor na escola Orlando, a maioria ali era efetivo, isso era muito importante, deveria acontecer em outras escolas. Esse fator era muito importante na escola Orlando, pois os professores chegam e ali eles querem ficar, até mesmo aqueles que não são efetivos. Teve um professor que não era efetivo que viajou comigo, coisa de cinco anos, que pegou amor pela escola, professor de Português, tinha também um professor de História. Depois começou a vir professores efetivados por concurso e esses meus amigos perderam as aulas, tiveram que mudar de escola. O Orlando era uma escola diferenciada, não posso falar hoje, com os problemas dos últimos anos, problemas que todas as escolas têm. Tive ali no Orlando diretoras muito boas, tenho só mesmo a agradecer a Iara, foi uma diretora muito enérgica, muito brava com a gente, com os professores, e a Maria Sueli que era uma mãe para nós. Os funcionários da escola que eram da própria usina, isso era muito importante, os próprios funcionários na limpeza, as merendeiras, todos lá de dentro, eles valorizavam a escola, hoje nós temos uma professora que é de Inglês e de Português, que também é da usina, a Ilda, ela nasceu e cresceu na usina, ela mora dentro da usina. Eles valorizam muito os alunos.

Nos dias de hoje eu converso com professores aqui de Bauru, eles falam que eu saí na hora certa. Eu quis voltar a dar aulas, enjoei de trabalhar com o meu esposo, ele tem uma empresa, tem uma loja na Avenida Castelo Branco e eu faço toda a parte financeira. Falei aos meus amigos professores que queria voltar a dar aulas e eles me falaram: “dona Cidinha a senhora não vai aguentar dar aula, está muito difícil, muito complicado”. Então desanimei, acabou passando, não fiz a inscrição na época certa.

Temos que fazer tudo com amor, e fazer com amor não é passar a mão na cabeça de aluno, eu sempre fui muito brava, muito carrancuda, nunca dei muita liberdade para aluno, por isso quando eles brincavam comigo eu falava: “olha, eu não dei liberdade para você brincar comigo, eu nunca dei, eu nunca brinquei com você”. Mas eu conversava com eles, tudo dentro do respeito, esse é o meu jeito, mas não deixei de amar aqueles alunos, de fazer formatura para eles. Os alunos nunca tinham tido formatura no salão, os Quagliato ajudaram na primeira formatura, nós organizamos o grupo dos professores do terceiro ano e sempre

íamos pedir ajuda para os Quagliato. Eles ajudavam com tudo, davam dinheiro, pagava metade do buffet e outras coisas. Hoje eles continuam fazendo a formatura, que eu vi esses dias nesse final de ano que eles postaram no Facebook.

Penso que nós professores contribuímos muito com as crianças e com os alunos, desde que você mostre respeito e não deixe a desejar o seu conteúdo e a sua matéria, você pode fazer tudo para um aluno, desde que você não escute um aluno falar: “aquele professor entra na sala de aula, mas não dá nada”. É muito importante para o aluno que ele tenha liberdade com o professor, de passear, de formatura, de escolher a música eles que escolhiam. Eu falava: “eu já estou velha para essas músicas”. Eles pediam para eu ir com eles, mas eu falava para pedir para um professor mais novo, que gostasse de brincadeiras. Às vezes eles ficavam tristes já que eu não ia, então a gente não pode deixar a desejar naquilo que você é, o profissional que nós somos. Eu batalhei muita para aprender, no começo da minha carreira foi muito difícil, você depende muito das pessoas, eu fui muito humilde, quem me ajudou muito foi o Zé Pinheiro, o Vanderlei, ele foi um pai para mim, muitos exercícios, eu não sabia fazer, só aprendemos com a prática, você tem que dar cinquenta exercícios de fração para as crianças senão eles não fixam, e elas têm uma facilidade maior de fixar, vamos por lá trinta exercícios de fração, então eu sempre fui muito humilde assim de pedir ajuda: “olha professor passei a noite tentando achar o resultado e não achei”. E o professor: “aqui, olha Cidinha, você não podia ter feito isso aqui”. Então você vai aprendendo com seus próprios professores e colegas, só que você não pode ser orgulhoso de falar: “eu não vou perguntar para o professor Vanderlei, o que que ele vai pensar de mim?”. Então eles me ajudaram muito a ser essa professora que eu sempre fui, briguenta, lá na diretoria de ensino não gostava muito das reuniões, mas eu ia, faz parte do nosso sistema. Essas oficinas eram dadas pelos PCNP.

Ser professor é muito gratificante, se você trabalha com amor, se você ama aquelas crianças, amar aquilo que faz, é muito gratificante, foram vinte e cinco anos de giz. Me convidaram para ser coordenadora, mas eu gosto mesmo é da sala de aula.

Eu poderia ter estudado mais, feito mestrado, doutorado, continuar estudando, mas a minha vida foi difícil, eu colocava muito a minha família e Deus em primeiro

lugar, e depois o meu trabalho, os meus estudos. Eu fiz essa linha sabe, Deus acima de tudo e depois vinha a minha família, então eu me dediquei muito às minhas filhas, tenho três meninas, então eu não podia assim fazer um estudo mais aprofundado, ficar viajando, meu marido já viajava, ele era caminhoneiro, então alguém tinha que cuidar delas. Como já disse, na primeira vez que eu passei no concurso eu desisti, eu exonerei, eu preferi ficar com elas até elas se encaminharem, eu só não estudei mais por esse motivo e porque eu gostava da sala de aula. Eu não queria tirar o pé da sala de aula, seja no Ensino Fundamental, seja no médio ou em uma universidade, que também está difícil de trabalhar. As mudanças estão vindo, não adianta aquelas PCNP vir na sua escola, elas se afastam da sala de aula e os problemas parecem que estão solucionados, e a cobrança que vem para você, para o professor: “você não pode deixar o seu aluno ficar com nota vermelha, você está com metade das notas vermelhas na sua matéria, você tem que dar um jeito, o problema está com você”. Elas acabam esquecendo a realidade das salas de aula, então é bom que você, professor, permaneça em sala de aula, que seja até o Ensino Superior, porque é difícil também. A minha filha deu aula para o Ensino Superior na UNESP aqui de Bauru, ela falou: “mãe, tão difícil quanto”. Ela deu aula comigo no Colégio Objetivo de Santa Cruz do Rio Pardo, de reforço, e eu dava aulas de Matemática e Física e ela pegava as aulas de reforço, ela falava: “mãe, tão difícil quanto dar aula para aquelas crianças. Esses alunos são questionadores, são briguentos”. Ela pegou a área da Engenharia, da Arquitetura, ela falava: “são tudo a mesma coisa”.

5.9 Fragmentos de uma análise V

Orlando se modifica com o passar dos anos. A cada ano mais características urbanas. As leis do poder público avançam, se modernizam, novas aparecem, novos costumes, vícios. Orlando agora é conectada com o mundo. A internet chega, muda a vida de todos, os celulares adentram a escola e passam a ser, pelo menos no início desse processo, como nos conta a Professora Cidinha, um

problema. A escola Orlando é o “coração” da Usina São Luiz, como a professora nos diz. Ela é fundamental naquele local. Mas Orlando sofre um revés. As colônias começam a ser fechadas na segunda década desse século e os lavradores são aos poucos alocados nos Bairros Orlando Quagliato e Recanto dos Pássaros, na cidade de Ourinhos, criados exclusivamente para eles e para as cidades ao redor como Canitar, Chavantes e Santa Cruz do Rio Pardo. Como os pais vão para a cidade, fica mais fácil colocar os filhos nas escolas dos bairros. Aos poucos, o número de estudantes que chegaram a quase mil, começa a diminuir. Vemos também uma Orlando assessorada pelo Estado através dos professores coordenadores pertencentes à diretoria de ensino, através dos supervisores de ensino, da logística oferecida, assessorada e assistida pelos empresários da usina. Vemos uma Orlando feita pela dedicação e amor dos professores, pelo esforço nas aulas e pela crítica a um sistema educacional. Orlando também é crítica, Orlando é rigidez nas aulas, é feita com regras de convivência, é tecnológica. Orlando é vontade. Orlando é gratidão. O movimento de migração de alunos devido à safra da cana de açúcar interfere na rotina da escola. Alunos chegam de diferentes locais do país, com as mais variadas particularidades, costumes e cultura. Orlando é barro, é carona, é centro cultural, é menor aprendiz, Orlando é boia-fria durante o dia e estudante durante a noite. Orlando é ousadia.

A cada dia, a cada ano que passa, Orlando fica cada vez mais parecida com as escolas das cidades. A facilidade de trânsito entre a usina, as fazendas e as cidades da região, a mudança das famílias para os bairros, a internet e a facilidade de comunicação através dos smartphones faz a informação circular. Os alunos, antes isolados nas colônias, hoje são integrados às populações das cidades da região. Alguns que foram para os bairros ainda estudam na escola, mas são poucos. Orlando tem desafios que as outras escolas também têm, essa Orlando moderna, que absorveu a generalização dos problemas e dos costumes das demais escolas. Hoje é percebida como uma escola construída no campo. A Professora Maria Angélica nos auxiliará no conhecimento dessa Orlando que vive o tempo presente.

5.10 Orlando de Maria Angélica

Figura 22: Maria Angélica Ribeiro Baccili



Fonte: arquivo do autor

Olá. Meu nome é Maria Angélica Ribeiro Baccili, tenho 41 anos, sou licenciada em Educação Física pela UENP⁵⁶, que antes se chamava FAEFIJA⁵⁷ e sou formada em Pedagogia pela UNIMES⁵⁸. Dou aula em escolas públicas e particulares há mais ou menos doze anos, mas sou professora de Educação Física há dezenove anos. Antes eu trabalhava com academia e prática desportiva.

Comecei a dar aulas na Escola Orlando Quagliato em 2012. Dava aula na Cidade de Ourinhos na Escola Ary Correa e na Cidade de Salto Grande na Escola Briatore. Já era efetiva. Resolvi mudar de escola, minha sede era na Escola Ary Correa, quando pedi remoção, achava que estava pedindo remoção para o bairro

⁵⁶ UENP: Universidade Estadual do Norte do Paraná

⁵⁷ FAEFIJA: Faculdade de Educação Física e Fisioterapia de Jacarezinho - PR

⁵⁸ UNIMES: Universidade Metropolitana de Santos

Orlando Quagliato, em Ourinhos, para uma escola nova que estavam construindo. Eu pedi remoção para a escola Orlando Quagliato sem imaginar onde era, e falava para todo mundo: “vou dar aula lá e vou de bicicleta”. Achava que era aqui em Ourinhos.

E de repente me vi ali, em uma escola rural dentro da Usina na São Luiz. Meus primeiros dias de aula na Escola Orlando, não na aula em si, mas na escola, naqueles dias de começo de ano, de apresentações, de reuniões, de me apresentar no local, foram apaixonantes. O caminho era um jardim, a hora que você entra ali naquele jardim, no começo do ano, aquilo é bonito demais.

Tudo na escola e na usina é muito organizado. Fui muito bem recebida quando cheguei lá, por todos, uma escola, o espaço pequeno, o ambiente, as pessoas que moram na região, fui recebida como se eu já trabalhasse naquela escola há anos, tanto pelos alunos como pelos professores, pelos funcionários e pela direção da escola. Na época era a Maria Sueli Buscarini, ela tinha acabado de chegar na escola, a diretora antiga, a lara, havia se aposentado. Ela se removeu da Escola Sinharinha Camarinha, em Santa Cruz do Rio Pardo. Hoje trabalho com o Gustavo Bruzarosco, o atual diretor.

Fui para lá em fevereiro de 2012. Comecei dando aulas de Educação Física em todos os ciclos, nos anos iniciais e anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Quando eu comecei lá havia muitas salas de aula, tinha duas turmas para cada série do Ensino Fundamental. No período da manhã estudavam as turmas do Fundamental II e à tarde Fundamental I e Educação Infantil que é responsabilidade da prefeitura. Nessa parte da escola que é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Ourinhos eu nunca trabalhei. O Ensino Médio tinha uma turma para cada ano e funcionava no período noturno. No ano de 2013, por conta de boa parte dos alunos trabalharem e outra metade não trabalhar eles conseguiram abrir o Ensino Médio no período da manhã, que durou até 2017. Essas turmas deixaram de existir na escola devido à falta de demanda de alunos. Os alunos diminuíram muito na escola. O número de alunos por turma estava muito reduzido. O terceiro ano do Ensino Médio do período da manhã que se formou em 2017 tinha quatro alunos. Não dá para manter uma sala com tão poucos alunos. Agora o Ensino Médio é apenas à noite. Além das turmas regulares do Ensino Médio temos esse ano, no período da noite, uma

turma de EJA⁵⁹ multisseriada, que começou em 2018. Em 2018 o EJA começou com sexto e oitavo ano do Ensino Fundamental e este ano é sétimo e nono. Esses alunos do EJA são pais dos alunos do período da manhã e da tarde. As turmas têm por volta de oito alunos. Todos moram nas colônias ou nas fazendas que ainda existem nas proximidades da usina e pertencem à usina.

Os alunos do EJA são funcionários todos funcionários da usina ou esposa de funcionário. Tem várias mulheres estudando. Quando fui para lá, em 2012, tinha muitas fazendas povoadas, em dois mil e doze já não tinha mais alunos da Fazenda dos Pegorer. Hoje a Fazenda é dos Quagliato, mas pertence ao Município de Santa Cruz do Rio Pardo, e os alunos vão para as escolas de Santa Cruz do Rio Pardo⁶⁰. As colônias sempre foram as mesmas, Colônia do Armazém, Colônia do Meio, aquelas que têm ali na indústria, próxima à indústria, e as fazendas, a Fazenda do Vico mesmo ainda está ativa, ela fica uns nove

⁵⁹ Educação de Jovens e Adultos. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394/96, trata na Seção V, Da Educação de Jovens e Adultos, trata a EJA como modalidade da educação básica, superando sua dimensão de ensino supletivo, regulamentando sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental, como segue:

Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Parágrafo 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Parágrafo 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Parágrafo 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - No nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos:

II - No nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

Parágrafo 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A lei completa pode ser acessada no endereço eletrônico <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>.

⁶⁰ Implantado em 2015 pelo Comunicado CISE 07/2015, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, disponível em <https://wordpaulotamer.wordpress.com/2015/08/22/educacao-sp-comunicado-cise-072015-implantacao-do-sistema-de-georreferenciamento/>, o Sistema de Georreferenciamento consiste em deslocar os alunos para a escola pública mais próxima de sua residência de acordo com o Código de Endereçamento Postal, CEP, apontado no ato da matrícula. Através deste sistema, que distribui e remaneja os alunos conforme a disponibilidade de vagas, a matrícula dos alunos da rede pública de ensino do estado está garantida na escola mais próxima de sua residência. O georreferenciamento visa facilitar o deslocamento dos alunos para as escolas mais próximas, assim como economizar com transporte público, que funciona gratuitamente através de convênios firmados pelos governos federais, estaduais e municipais. O Decreto Lei Nº 64.187, de 17 de abril de 2019, disponível em <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2019/decreto-64187-17.04.2019.html>, reorganiza a Secretaria da Educação, incluindo o transporte de alunos.

quilômetros da escola Orlando. Lá é como se fosse um bairro da usina. Hoje em dia temos poucos alunos que vêm desse local. Temos alunos da Fazenda Bela Vista que fica próxima à Fazenda Furnas, todas pertencentes à Usina São Luiz, alunos do Sebastião do Vico e eu acho que só destas duas fazendas mesmo, os demais são das colônias. A escola chegou a ter quase mil alunos, mas havia muitas fazendas e eles vinham de longe para estudar ali. Hoje tudo é plantação. O transporte desses alunos é de responsabilidade do município, é público. Antigamente era da usina, hoje não pode mais. Quando tem reunião de pais, por exemplo, para transportar os pais, a usina fornece o transporte. É muito longe para que eles venham e voltem a pé. Conforme as leis da educação e de segurança foram sendo regulamentadas a escola e a usina foram se adequando a essa legislação, e o Estado se adequando as necessidades como monitor no ônibus. As crianças são divididas assim, como ocorre na Fazenda Bela Vista, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, são três ônibus que passam, eles não podem viajar no mesmo ônibus, são separados por ciclo. Mesmo que seja no mesmo período, o sexto ano não viaja com o nono. Às vezes o ônibus passa no local para pegar dois, três alunos do sexto, do sétimo e os alunos do oitavo e o nono vem em outro ônibus. Tudo foi sendo reorganizado, pautado na legislação vigente.

A alimentação da escola também tem legislação, tudo muito diferente de antigamente. Ela é fornecida pela prefeitura municipal como qualquer escola urbana, as merendeiras são cedidas pelo Município de Ourinhos e o cardápio é realizado pela equipe de nutricionistas do Município de Ourinhos. Funciona tudo com parcerias. Tudo é seguido à risca. É como em qualquer escola estadual urbana.

Na escola Orlando fui professora e vice-diretora, mas não consecutivamente. Minha sede é na escola Orlando, fui removida para lá, mas depois de alguns anos fui convidada a trabalhar na Diretoria de Ensino de Ourinhos como Professora Coordenadora Pedagógica de Educação Física. Isso foi em 2014, no meado de 2014 eu fui para a diretoria de ensino. Nesse tempo veio uma diretora removida para a Escola Orlando, a Marluci Viana, ela ficou lá no Orlando por um tempo e logo saiu, foi para a cidade dela, a Maria Sueli, que não era efetiva como diretora, voltou para a direção e a escola ficou sem vice-diretor. A partir dessa necessidade para suprir esse cargo eu me candidatei, como minha sede era lá

eu tive prioridade. O processo para vice-diretor não tem edital, é apenas uma entrevista. Ela me chamou e eu fiquei de agosto de 2016 até fevereiro de 2019, quando voltei para a sala de aula.

Na Diretoria de Ensino em Ourinhos eu era coordenadora, Professora Coordenadora de Núcleo Pedagógico de Educação Física. Quando fui para a Diretoria de Ensino em 2012, deixei trinta e duas aulas na Escola Orlando, tínhamos em torno de quatrocentos e setenta alunos, as salas eram muito cheias, eram duas turmas para cada ano. Hoje eu só tenho dezesseis aulas na escola. O número de alunos diminuiu muito. Hoje temos uma turma de cada ano e são bem pequenas. Dou aula em todas as turmas de Ensino Fundamental, todas, exceto as do Ensino Médio que agora é só noturno. Como eles trabalham durante o dia não conseguimos realizar a Educação Física. A Educação Física para o noturno, aqui no Estado de São Paulo é facultativa⁶¹, a escola oferece aos alunos e se tiver demanda ela funciona no contraturno ou aos sábados. Temos uma demanda pequena, não forma uma classe, tem que ter no mínimo vinte alunos independente do ano que for, se é do primeiro, se é do terceiro ano do Ensino Médio ou do EJA. Outro problema lá é a locomoção desses alunos, vamos supor que eles façam a opção por fazer Educação Física aos sábados, o professor e a gestão têm que confeccionar um documento para que o estado forneça transporte. Às vezes acontece de realizarmos todo esse trabalho e o aluno não vai à aula. Alguns trabalham muito durante a semana, a maioria que trabalha lá é menor aprendiz, e não trabalhador rural, hoje lá na usina são poucos e não fazem a lavoura mais, é tudo maquinário. Criança e adolescente mesmo não têm, eles são contratados pelo CIEE⁶² ali. Trabalham na usina através do CIEE. O CIEE faz a triagem, contrata, capacita, auxilia com uma bolsa de estudos, dá a formação aos alunos, o que acontece no próprio prédio da escola.

⁶¹ De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases 9394/1996: A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.

⁶² O Centro de Integração Empresa-Escola, CIEE, é uma associação brasileira, de direito privado, sem fins lucrativos, beneficente de assistência social e reconhecida de utilidade pública, que, dentre vários programas, possibilita aos jovens estudantes brasileiros, uma formação integral, ingressando-os ao mercado de trabalho, por meio de treinamentos e programas de estágio e aprendizagem. O maior objetivo do CIEE é encontrar, para os estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, técnico e superior, oportunidades de estágio ou aprendizado que os auxiliem a colocar em prática tudo o que aprenderam ou aprendem na teoria. O CIEE realiza a capacitação teórica e prática dos jovens.

Eles utilizam uma sala da escola, com projetor e tudo, num ambiente apropriado. Antes essa formação era feita na sala de recursos humanos da usina, era desconfortável. Tem dinâmicas de grupo que fazem ao ar livre e na escola o ambiente é mais propício para essas atividades. Essa parceria escola e CIEE é muito importante para os alunos e a usina, embora não transportem mais os alunos, fornecem essa assessoria para a escola, coisas que a escola urbana não tem. A usina ajuda a escola em muitas coisas. A manutenção do prédio da escola é por conta deles também. Por exemplo, o Estado encaminha uma verba para a escola para realizar a pintura do prédio, mas o dinheiro não é suficiente. Eles ajudam com a mão de obra, com o que precisar. Essa assistência é uma das grandes diferenças daquela escola para uma outra escola de qualquer bairro. É uma diferença absurda, você nunca vai chegar na Escola Orlando e a grama do jardim estará alta, com mato alto, a escola vai estar suja, os objetos quebrados. Essa limpeza de grande porte e a manutenção geral é a usina que faz, eu acredito que isso é uma diferença bem grande para escola urbanas, onde o diretor tem que fazer milagres.

A vida nas outras escolas é um pouco mais difícil. Hoje trabalho em cinco escolas, entre públicas e privadas, para poder me manter. Dou aulas na Escola Estadual Orlando Quagliato, na Escola Estadual Domingos Carmelino Caló, na Escola Estadual Recanto dos Pássaros, na Escola Estadual Pedro Antônio Ferraz de Andrade e na Escola Estadual Josefa Cubas. Todas em um cargo apenas. No período da noite trabalho na Faculdade Estácio de Sá - Ourinhos. Por fim, aos fins de semana trabalho com arbitragem de jogos na região. Antigamente os professores viviam apenas em um ambiente, uma escola. Hoje temos que ter várias atividades para sobreviver.

A Escola Orlando de 2012 e a Escola Orlando de 2019 não é a mesma. Do período que fui afastada para trabalhar na pela diretoria de ensino até hoje, sete anos, os alunos mudaram muito. As gerações são completamente diferentes, as mudanças são muito perceptíveis. Os alunos do nono ano daquela época não são os mesmos de agora, o comportamento deles é muito diferente, em especial com o uso do celular, em 2012 era muito pouco uso de celular nas aulas de educação física, hoje não, hoje todos os alunos tem celular e usam na aula, e isso para a educação física é muito impactante, se percebe, mesmo lá que é uma região rural onde eles ainda brincam na rua, têm essa possibilidade que as

crianças da zona urbana não têm, ele aparecem já com uma defasagem motora na escola. É o uso das mídias. Com relação à Educação Física eu acho que o que mais é perceptível é isso, eles brincam bastante lá, brincadeiras físicas. Chegávamos antes na escola e já era possível trabalhar o esporte, eles já vinham com as habilidades prévias, agora não, eles chegam no nono ano ainda com uma defasagem motora que você precisa dar conta para poder ensinar um esporte. A diferença do aluno da Escola Orlando para o aluno da zona urbana é muito grande, ainda hoje. Eles são muito mais educados, não sei se seria educado ou submisso, o professor ainda é uma autoridade para eles, eles respeitam muito o professor. Claro que existem problemas como indisciplina na Escola Orlando, mais do que quando eu fui para lá em 2012, mas ainda assim, os alunos são bem mais receptivos nas aulas que a gente propõe, nas aulas diferenciadas. Nas escolas urbanas é preciso de um jogo de cintura maior para poder trabalhar.

A escola tem internet para todos acessarem via wi-fi. A informação de livre acesso chegou na escola. Não temos uma escola isolada do mundo. É ingênuo chegar na escola e falar: “vamos fazer uma atividade que caracterize a clientela, vamos trabalhar forró”. Nada disso, eles escutam funk, pop, hip-hop, eles se vestem como os alunos daqui, como qualquer pessoa do centro urbano. A cultura dos alunos de hoje que moram no campo, na usina, levada para a escola é a mesma da cidade, não tem praticamente nenhuma diferença. E todos eles moram no campo, nenhum aluno da escola mora na cidade. Muitos saíram dali, mas muitos também nasceram ali e ali ficaram e isso é um movimento interessante, pois quase todo mundo tem parentesco com outro, todo mundo é parente. Um é primo, o outro é primo do primo, o outro tio. E praticamente todos eles têm parentes que moram fora da usina, a cidade para eles não é um lugar inatingível, desconhecido, como antigamente era. Antigamente eles só saíam da usina se a usina transportasse, era difícil o trânsito, as estradas. Hoje tem empresa de ônibus circular que passa dentro da usina, alguns deles têm carros ou motos. A circular passa na rodovia próximo à usina, tem vários pontos de acesso, mas não entra nas colônias ou nas fazendas. A Fazenda Sebastião do Vico, que ainda tem alunos é longe da rodovia, o restante não. Essa semana mesmo eu fui à Fazenda Bela Vista, pegar o documento de um dos alunos que ia jogar em um campeonato regional e esqueceu o Registro Geral, fui de moto

buscar o documento. É bem próximo da rodovia, dá para ir a pé. Já da escola essa fazenda não é muito perto, é mais longe, mas da rodovia que eles pegariam o ônibus para ir para a cidade é bem perto e é próximo da cidade de Ourinhos também, não é longe. Eu conheço todas as colônias que ainda existem, conheço a Bela Vista, já tinha ido outras vezes, o Vico, as que já fecharam eu não conheci, eu conheci, a Brizola⁶³, que era bem perto da FAPI, aqui em Ourinhos, não enxergávamos ela da cidade, porque ela fica bem no meio do canavial. Até dois mil e dezessete tínhamos alunos dali. Quatro famílias moravam lá. Hoje a colônia não existe mais. Os moradores das colônias se mudaram para os conjuntos habitacionais nas cidades de Ourinhos, Canitar, Chavantes e Santa Cruz. Em Ourinhos eles foram para os Bairro Recanto dos Pássaros e Veredas que praticamente são formados pelos colonos. Quando a família sai do território da usina, das fazendas, os alunos também se mudam para as escolas das cidades. Muitos foram pra Canitar por ser uma cidade bem pequenina, bem rural e não foge muito da realidade deles, as crianças não estranham a realidade de Canitar, que não é rural como na usina, mas depende do rural.

A escola enfrenta, às vezes, problemas que ocorrem nas escolas urbanas, mas são raros. A questão da droga é o que mais aparece. A droga chegou lá. Hoje nós não temos dentro da escola, essa é uma diferença, não que nas outras escolas tenham. Temos alunos usuários, mas dificilmente se percebe que chegam à escola alterado ou que use nas proximidades. Nem quando a escola era cheia, não existe uso ou consumo de drogas ali nas proximidades, mas já tivemos alguns problemas como esse. Esse tipo de problema é o mais grave que acontece na escola urbana. Outro problema recorrente na escola urbana e que é difícil de acontecer lá é falta de professor, os professores de lá faltam muito pouco, mas quando faltam, é difícil arrumar quem vai substituir, a necessidade de se deslocar para a zona rural afasta os professores substitutos. Se for uma licença é diferente, mas caso contrário é difícil arrumar professor. O bom ali é que temos um adicional de deslocamento no pagamento, isso ajuda um pouco a atrair a atenção para as licenças. Um outro dificultador para dar aula na Escola Orlando é que os horários de ônibus são diferentes do horário da escola. Fica muito difícil se o professor precisar do ônibus. Eu vou de moto ou de carro, mas

⁶³ Fazenda Brizola, antes Colônia Brizola. Hoje não tem colonos e ou casas, apenas plantação de cana de açúcar.

também têm os professores que se juntam para utilizar o mesmo veículo. A gestão da escola procura montar um horário que coincida para vários professores irem juntos sem gastar desnecessariamente. Como lá não temos muitos professores atualmente, é fácil de organizar esses horários. Os gestores da escola procuram fazer isso para o professor ter mais facilidade para se deslocar.

O que chegou lá no Orlando também e que nunca ocorreu anteriormente é a depredação de patrimônio público. Antes não tínhamos esses problemas de rabiscar carteira, quebrar carteira, esvaziar o extintor, quem repõe o extintor é a usina e eles fazem a manutenção ali e os alunos aprenderam isso, desde sempre. Os extintores ficam ali abertos e expostos. Infelizmente alguns alunos já esvaziaram esses extintores liberando a espuma do interior sem motivo necessário. Em 2017 que eles esvaziaram os seis extintores da escola. A direção da usina descontou o prejuízo do salário dos pais. Infelizmente a depredação do patrimônio é uma coisa que tem acontecido na Escola Orlando frequentemente.

Temos na Escola Orlando uma relação bastante respeitosa com estado, a diretoria de ensino, o sistema educacional. Alguns materiais didáticos não correspondem à nossa realidade. Alguns desses materiais tratam a escola rural e seus alunos como se ninguém conhecesse a cidade, os centros urbanos e outros contemplam muito coisas da cidade que é difícil adequar à aquela realidade. Um bom exemplo em Matemática mesmo é uma atividade do material “Ler e escrever”⁶⁴ ou no EMAI⁶⁵ se eu não me engano, que era utilizado nos anos iniciais, era um programa da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Os alunos tinham que desenhar o percurso que faziam da sua casa até à escola em forma de ruas, tinham que desenhar ruas, colocar os nomes. Acontece que

⁶⁴ O Programa Ler e Escrever é um conjunto de linhas de ação articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se dessa forma como uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual. Tinha como meta inicial ver plenamente alfabetizadas, até 2010, todas as crianças com até oito anos de idade (2ª série/3º.ano) matriculadas na rede estadual de ensino, bem como garantir recuperação da aprendizagem de leitura e escrita aos alunos das demais séries/anos do Ciclo I do Ensino Fundamental.

⁶⁵ Educação Matemática nos Anos Iniciais, EMAI. De acordo com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, O EMAI compreende um conjunto de ações que têm como objetivo articular o processo de desenvolvimento curricular em Matemática, a formação de professores, a avaliação de desempenho dos estudantes e elementos chave de promoção da qualidade da educação.

os alunos não percorrem nenhuma rua para chegar à escola, eles moram em colônias, as casas são todas juntas, não tem rua, não é “eu moro naquele quarteirão tal na rua tal”, é “eu moro na casa 21 da Colônia do Armazém”. Essa é a referência de endereço para eles. Isso era um dificultador, pois nem sempre a gente consegue levar o aluno dali para a cidade para ele entender, embora eles saibam o que é uma cidade, o que é uma rua. Essa é uma relação mais difícil entre Estado e Federação. Com relação à Diretoria de Ensino de Ourinhos a parceria com a Escola Orlando sempre foi muito forte, sempre agregou bastante, a relação é bem harmoniosa, eles propõem as formações, fazem visitas recorrentes, em especial as coordenadoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois são responsáveis por um número menor de escolas⁶⁶, e os outros coordenadores das disciplinas trabalhadas no Ensino Fundamental II e Ensino Médio visitam a escola nos ATPC⁶⁷ com formações específicas para cada professor. Esse ATPC realizado na escola é dividido atualmente em um horário coletivo para todos os professores que têm sede ali realizarem no mesmo horário, o que ocorre às dezoito horas. Nesse horário tem que estar todos os professores, a formação é comum para todos. Temos também, em outro horário, os ATPC voltados para os Anos Iniciais e outro para os Anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Como passo pelos dois ciclos participo dos dois horários. Atualmente a maioria dos professores é efetivo na Escola Orlando, exceto o de História, o de Química, o de Física e o de Arte que está afastado. Os professores gostam muito da escola, o clima lá é muito bom para trabalhar, é harmonioso, as pessoas se dão muito bem, é uma escola pequena, os professores e funcionários se dedicam bastante no trabalho. Gostam de trabalhar ali. Um fator especial é que as turmas são pequenas, um número reduzido de alunos e um número reduzido de professores, todo mundo é muito próximo, a direção fica muito próxima do professor e do aluno. É bem fácil trabalhar.

O professor tem que fazer adaptações do currículo escolar para a Escola Orlando, acredito que para todas as escolas. As adaptações curriculares

⁶⁶ Na Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos, a maioria das escolas de Ensino Fundamental I é de responsabilidade do governo municipal. No entanto, algumas ainda estão sob responsabilidade do governo estadual, incluindo a Escola Estadual Orlando Quagliato.

⁶⁷ ATPC: aula de Trabalho Pedagógico Coletivo, realizado nas escolas estaduais semanalmente, com objetivo de formar continuamente o professor. Antigamente era conhecido por HTPC.

acontecem na maioria das vezes, são necessárias. Acontecem como nessa situação da Matemática nos Anos Iniciais. Existem alguns facilitadores para trabalhar como o espaço que é bem amplo, a mesma aula pode ser dada na sala, no pátio, fora da escola, no jardim. As adaptações curriculares no Ensino Médio e nos anos Finais do Ensino fundamental não têm tanta necessidade de se adaptar à questão rural, elas têm necessidade de se adaptar aos alunos com problemas de aprendizagem. Tem esse dado interessante da escola, temos muitos alunos que, embora não cadastrados, sem algum tipo de laudo, é perceptível o problema de aprendizagem. Lá na usina muito difícil convencer o pai a levar o filho a algum especialista, embora a gente tenha assessoria da Diretoria de Ensino⁶⁸, quando precisamos de um laudo ou de uma avaliação, temos também a APAE⁶⁹ e outros órgãos do estado. Sempre realizamos os encaminhamentos, mas temos muitos alunos com necessidades especiais visíveis. Temos na escola um projeto com a professora da Sala de Leitura⁷⁰ que é especialista em educação especial e que atende nossos alunos com dificuldades. Não temos mais a sala de recursos. A sala de leitura é a antiga biblioteca, como atualmente não temos mais os bibliotecários nas escolas estaduais, as bibliotecas foram transformadas em salas de leitura e um professor, geralmente de língua portuguesa, no caso da nossa escola é uma professora de Geografia, a Ivonete Pedroso, readaptada com baixa visão, mas que pode trabalhar com os alunos normalmente, não tem impedimento psicológico ou de outra natureza, ela faz um trabalho bem bacana e individualizado com esses alunos que tem algumas necessidades especiais como problemas de aprendizagem. Ela faz atendimento individualizado, tem um computador e uma sala onde ela atende os alunos com atividades apropriadas. Desde que ela foi para o Orlando, em 2014, havia a necessidade de trabalhar com um aluno com espectro autista, ela começou a realizar atividades

⁶⁸ Na Diretoria de Ensino existe um professor coordenador que trata dos assuntos de inclusão especial na escola, realizando os contatos necessários e todo o suporte possível e disponível.

⁶⁹ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

⁷⁰ As Salas de Leitura são as bibliotecas reformuladas. É um ambiente que atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da EJA, contam em um espaço pedagógico de trabalho interdisciplinar que incentiva a leitura e apoia o currículo escolar. As salas são equipadas com mesas e cadeiras, abrigam o acervo da Sala de Leitura, livros, jornais, folhetos, catálogos, vídeos, DVDs, CDs, orientações para pesquisa e letramento informacional. São coordenadas por professores e aberta durante a semana nos três períodos de aulas, manhã, tarde e noite.

específicas de coordenação motora para desenvolver o raciocínio e outras mais, e depois de readaptar da sala de aula ela ficou apenas com os atendimentos. Utilizamos desde 2008 os cadernos do Estado de São Paulo, conforme as orientações curriculares. Como o contrato e o prazo dos cadernos acabaram, não temos mais essa obrigação, esse ano já não foram mais entregues na escola, nos baseamos no Currículo Oficial do Estado de São Paulo⁷¹, e utilizamos os livros didáticos que são fornecidos pelo PNLD⁷² que existem, um guia que é enviado pela Secretaria de Educação para o primeiro bimestre, que tenta fazer uma junção da BNCC⁷³ com os conteúdos do Currículo Oficial. A escola Orlando é muito importante. A existência dela ali, naquele local. Para muitos alunos que sempre conversam comigo, a vontade deles era estudar numa escola com um maior número de pessoas. Eles não gostam da escola, mas não por conta de professor ou por conta do espaço físico que é ótimo, eles gostariam de uma escola cheia “eu vou para escola porque vai ter um monte de gente para encontrar”. E chega no Orlando o intervalo tem quarenta alunos e cada período e todo mundo se conhece, e isso quando não é primo ou irmão. Do 9º Ano do Ensino Fundamental para frente eles têm a concepção de que escola legal é escola cheia, com bastante aluno, com muito movimento, com gente diferente. Imagine viver todo o tempo escolar com as mesmas pessoas, não é fácil. Para os alunos do Ensino Fundamental I, percebemos que os alunos dos Anos Iniciais até o 6º Ano do Ensino Fundamental são apaixonados pela escola, participam de tudo que a escola oferece, festa junina, projetos, o que tiver eles vão participar. Conforme vão crescendo, ficando mais jovens, eles preferem as atividades da cidade que são mais atrativas para eles. Para mim, na minha visão de professora eu acho que, para aquelas crianças, com aquela realidade de pais

⁷¹ É possível acessar o Currículo Oficial do Estado de São Paulo no endereço eletrônico <https://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/237.pdf>.

⁷² Programa Nacional do Livro e do Material Didático. De acordo com o site <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático, PNLD, é destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público.

⁷³ A Base Nacional Comum Curricular, BNCC, é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. Maiores informações sobre a BNCC podem ser encontradas no endereço eletrônico <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>.

presentes, pais que sempre estão na escola, aquela escola tem muita importância para eles. Ela, o Orlando, poderia ser uma escola modelo, pelo número de alunos, pela participação da família dentro da escola, tem tudo ali para isso. Em média, nas reuniões de pais ou outros eventos, 90% deles comparece, participa. Mesmo com dificuldade de locomoção, de transporte. Como em todas as escolas, os pais dos alunos do Ensino Fundamental participam mais, mas no Orlando, os pais dos alunos do Ensino Médio participam também, e quando eles não podem ir pegam uma folga no trabalho ou saem mais cedo para ir à escola saber como o filho está. Eu acho muito importante os alunos que moram ali estudarem ali, pelo fato da escola ela pertencer àquela realidade, a realidade deles é de morar num local onde tem três ou quatro fazendas e atualmente moram poucas famílias. O interessante é eles estudarem numa escola que pertença à aquela realidade, que conheça a realidade deles. Se eles, os alunos, morando lá nas fazendas, nas colônias, se eles vierem para a cidade estudar em uma escola grande, mesmo o aluno adolescente gostando, o aprendizado deles tem grande chance de ter uma queda, as variáveis da escola serão muitas outras, e não mais aquelas apresentadas pelo campo, pelo rural. A Escola Orlando é importante, pois ela se adequa à realidade deles, se eles saírem dali para qualquer escola da cidade, ela não vai se adequar, o território é outro, as necessidades são outras. A escola está inserida na realidade. É isso que eu quis dizer! Ela pertence àquele lugar.

A escola Orlando não é uma escola de passagem onde o professor fica pouco tempo e vai embora, é uma escola que todo mundo que vai quer ficar. Quando o professor é efetivo e transfere para o Orlando, ele fica, todos que foram efetivos só saíram quando acabaram as aulas ou aposentaram. A professora Cidinha, Maria Aparecida Trukes se aposentou ali, a Professora Silvinha, Silvia Santos, esse ano faz trinta anos de escola, ela deu aula para os pais dos alunos atuais. Ela começou lá bem menina, de franjinha no cabelo, tem umas fotos dela muito legais no Facebook. Ela é professora do segundo ano do Ensino Fundamental, alfabetizadora, então ela conhece aquela realidade muito bem, representa muito bem a realidade da escola.

Quando eu fui para lá, para dar aulas, uma tia minha, a Mônica Ribeiro, que é professora de Biologia, hoje trabalha em Ponta Grossa no Paraná, era professora lá no Orlando na década de 1990, me falou assim: “você não vai

aguentar dar aula no Orlando, os alunos dão muito trabalho, você não vai aguentar aquelas crianças andando descalças pela escola, vão todos sujos, porque os lugares na escola são todos sujos, tem muito pó. Você vai querer levar todos para sua casa e não sei o que mais”. Quando eu cheguei na escola não era mais essa realidade. Eu disse a ela: “imagina tia, os alunos de lá são iguais os alunos daqui da cidade, se vestem igual aos daqui”. Mas o andar descalço eles têm até hoje, vão de chinelo e depois andam pela escola descalços mesmo. Lá na usina os alunos são carentes financeiramente, mas não é essa pobreza de passar fome, isso não tem. Se pensarmos um pouco, nenhum pai é desempregado, todos são empregados da usina, é diferente da cidade, de uma forma ou de outra você percebe que tem a inclusão social lá e ela é muito melhor e efetiva do que aqui na cidade. Isso ocorre na escola e na usina como um todo. Temos alunos que o pai trabalha na coleta de lixo da usina, outros motoristas, outros nos engenhos. Esse pai que trabalha na coleta da usina, coleta também o lixo da escola, e ainda frequenta o EJA. Foi alfabetizado há pouco tempo, tem uma pronúncia verbal inicial, fala muito mal, com muitos defeitos, mas está estudando. Estuda na escola o pai, a mãe e o filho. A família toda. A esposa e ele estão no EJA. Certo dia eu fiquei olhando e pensei comigo: “nossa, que judiação essas pessoas trabalharem assim nessas condições aqui e ainda estudarem”. E uma funcionária que estava junto me disse: “não, na verdade é o contrário, se eles estivessem na cidade seria mais difícil, iam fazer o que? Ele não sabe nem escrever, aqui ele está sendo incluído, ele tem emprego, a família dele tem uma casa, os alunos vêm para escola relativamente bem arrumados, porque eles têm essa condição dada pela usina”. Eles dão essa condição pelo emprego, eles têm emprego para oferecer, todos os nossos alunos, embora exista lá famílias com muitos filhos, eles têm uma condição de vida, às vezes, melhor dos que os da cidade, porque o pai e a mãe, ou só o pai pelo menos, está empregado. Se o pai for mandado embora a família tem que sair da usina, mas não é imediato “você foi mandado embora hoje e tem uma semana para sair”. Na verdade, quem é mandado embora tem três meses para poder se deslocar. Eles são empregados e não sitianteiros ou empresários do agronegócio. Nenhuma daquelas fazendas é deles, eles cuidam do lugar, moram nessas fazendas, hoje eu sei que moram poucos funcionários por conta de ser tudo feito através de máquinas, antigamente era mais braçal. Por pior que seja a realidade

dos alunos, eles sempre têm os pais empregados com salário, um fundo de garantia, a empresa tem assistência odontológica, que a família paga uma parte e a empresa paga outra, dentro da própria empresa mesmo.

A escola Orlando ainda é, mas já teve mais importância para a própria família dos Quagliato, quanto mais antiga a administração da empresa, os donos da empresa, mais eles valorizavam a escola. Atualmente a visão de quem comanda a usina é mais administrativa, eles são mais jovens, essa questão da humanização da empresa é uma pouco menor, os donos mais antigos prezavam por ter a escola ali, porque os filhos deles estavam próximos dos pais, a família, estava todo mundo ali. Alguns filhos deles estudaram lá, eles frequentavam a escola com regularidade. Atualmente, em especial as filhas dos Quagliato ajudam muito a escola. Cuidam e bastante. Se fizermos uma festa elas ajudam, se for uma atividade ao sábado elas ajudam e comparecem. No ano passado e no ano retrasado, eles ajudaram muito na formatura dos alunos que é um evento caro para as famílias, eles sempre contribuem financeiramente, emprestam o salão da usina para fazer festa. Eles sempre foram às formaturas, atualmente as formaturas acontecem em uma época do ano que ocorrem atividades de Segurança do Trabalho. Sempre coincide, então muitas vezes eles não vão, 2017 e 2018 eles não foram, em 2016 foram quatro deles. Vão como padrinhos, paraninfos, essas coisas. Eles sempre ajudam.

A Escola Orlando está diminuindo. Há uma projeção que em três anos aproximadamente ela fecha. Para não existir mais, não como escola. Os alunos estão diminuindo. Hoje em dia ter sua casa própria é muito mais fácil do que antigamente, os funcionários que moravam ou ainda moram lá estão adquirindo suas casas e estão indo morar na cidade, ainda sim continuam trabalhando na usina. Morando na cidade não há razão de vir estudar no Orlando e se tem um número reduzido de alunos o Estado não mantém uma escola. Dependendo do número de alunos faz-se até uma sala multisseriada, como no EJA, mas com três quatro alunos em uma turma não dá nem para montar a turma multisseriada. Provavelmente o Estado realoque os alunos que ficarem ali, é barato pagar o transporte do que uma escola funcionando com poucos alunos. Atualmente uma característica da usina é transportar os trabalhadores que já moram em Ourinhos, Canitar, Chavantes e Santa Cruz do Rio Pardo ao invés manter as colônias como tinha antigamente. São raras as exceções. Nossos alunos da

Escola Orlando moram todos nas colônias, não temos nenhum aluno da cidade, todos são de lá. Com esse êxodo que ocorre a cada dia não tem como a escola não fechar. Outro fator do fim das colônias é que a indústria está em plena expansão, e estão se estendendo para os locais onde existiam algumas colônias, eles necessitam daquele espaço. Não é nem plantação, eles têm ali o que chamam de bagacinho da cana, que gera energia da indústria e precisa ficar na indústria, e, como eles têm um lago muito grande ali e as colônias ficam encostadas na indústria e próximas ao lago, eles estão demolindo as casas para colocar essas produções de bagaça para gerar energia, muitas casas foram demolidas por conta disso. É a agroindústria que está evoluindo e se expandindo ali. Para eles, o transporte do funcionário embora fique mais penoso para o funcionário, fica mais em conta para a empresa, pois a moradia nas colônias é “gratuita” para os funcionários.

A Escola Orlando é uma escola do campo. Os alunos têm suas moradias no campo, têm costumes e comportamento diferente dos alunos da cidade. Eles são muito simples. É diferente. A cultura que eles trazem é do campo, mesmo tendo celular ou outras coisas que os alunos da cidade têm. Eles são mais generosos, mais solidários, existe o bullying, mas não a nível de ser um problema para a escola, atualmente não temos nenhum projeto específico para isso. Já tivemos problemas com gravidez precoce com meninas de doze e treze anos, já foi um problema bem acentuado, mas hoje em dia não temos mais.

Uma característica interessante que existia quando cheguei lá era que as atividades esportivas eram sempre para os homens, para os meninos. As meninas assistiam os meninos jogarem e nunca participavam. Hoje isso mudou completamente. Lá na escola e na colônia também. A Usina São Luiz sempre teve um time de futebol muito forte que participava de campeonatos, era sempre os homens que jogavam e as mulheres assistiam, e isso era a realidade da escola também. O primeiro campeonato intercalasse que fizemos eu quase enfartei com as meninas, porque elas queriam assistir eles jogarem, elas não queriam fazer nada. É uma cultura enraizada ali, difícil de quebrar. Lá na usina os alunos fugiam para se casar. Isso desde sempre. Fogem, se casam e voltam casados. Isso era muito comum, mas ainda acontece nos dias de hoje. Já tive algumas alunas, se não me engano quatro meninas minhas alunas fugiram para se casar. Fugiram com doze, treze anos para se casar, mas eles voltam, alguns

deles voltam. Moram lá casados, os meninos acabam trabalhando na usina mesmo, porque é uma empresa familiar, contratam os filhos dos funcionários dali e esses jovens acabam ficando e construindo a família lá dentro mesmo. Lá as adolescentes engravidam cedo, ainda existe esse costume. Tem uma aluna nossa, a Julia, engravidou na sétima série em dois mil e quinze e hoje, ainda é aluna e a sua filha já está na educação infantil, lá na escola também. A Educação Infantil atende crianças de três a cinco anos de idade e quem é responsável é o município. O município é responsável pelos alunos e gestão escolar até o primeiro ano do ensino Fundamental, a partir do segundo ano é o Estado. Tem uma parte da escola reservada para a Educação Infantil e primeiros anos e outra para o Ensino fundamental e Ensino Médio. A escola se divide em duas. Já foi tudo junto na verdade, quando cheguei lá havia salas de aula em todas as salas da escola, tem aquele corredor com a sala de leitura, do lado direito tem a sala do ACESSA⁷⁴, da diretoria, a sala dos professores, da coordenação, do outro lado as salas de aula e atrás são três prédios onde funciona a Educação Infantil. Antigamente esses prédios eram todos do estado, todos salas de aula do estado. Atualmente as salas de aula estão funcionando no prédio central da escola, tanto pelo estado quanto pela prefeitura.

Hoje as meninas jogam futsal na escola, nas aulas de Educação Física. Elas, as meninas, brigam para jogar junto aos meninos. Isso aconteceu como na sociedade de forma geral, acho que uma coisa da globalização, uma característica que a internet ajudou a mudar, como outras coisas que eram medievais ali. Antes chegavam muitos alunos de fora, de outros locais do país com culturas diferentes. Atualmente essa migração está acabando, ano passado veio uma menina da Bahia, mas ela não veio porque a família veio junto, ela veio porque a mãe ou a vó a trouxe para Chavantes. Ela começou a namorar um menino que morava na usina e logo foram morar juntos, com dezesseis ou

⁷⁴ De acordo com o portal <https://www.educacao.sp.gov.br/acessa-escola>, desde 2008, as salas do programa ACESSA Escola oferecem acesso a computadores e à internet para alunos, equipe escolar e comunidade. São cerca de 71.299 mil computadores distribuídos nas 4.234 salas das escolas de Ensino Fundamental e Médio de todo o Estado. A visão da Secretaria da Educação é atender alunos, professores, servidores e participantes de programas e projetos da rede, inclusive aos finais de semana, com os recursos das TICs, mediante o uso racional das salas de informática disponíveis, estimulando o uso das tecnologias como recurso pedagógico para professores e alunos desenvolverem as habilidades e as competências previstas no currículo. Este ambiente é o principal meio de acesso aos recursos digitais disponibilizados por programas como Currículo+ e Evesp (Escola Virtual de Programas Educacionais).

dezessete anos, em uma das casas da colônia. Por que que não tem mais novos colonos? Antes os trabalhadores rurais eram contratados temporariamente na época da safra, ficavam nuns alojamentos que existiam lá, acho que ainda existem, a maioria homens sozinhos, quando vinha a família toda essa família conseguia uma casa em alguma colônia. A rotatividade de alunos era grande antes porque eles vinham, ficavam para a safra e iam embora, em Espírito Santo do Turvo a Escola Estadual Teresinha Mariano tem essa característica também. Lá também tem usina, mas a escola fica na cidade e a cidade é movida economicamente pela usina. Enfim, hoje nós não temos essa rotatividade de alunos pois não há mais a rotatividade do trabalho rural. A maior parte dos funcionários da usina, atualmente, não trabalham na lavoura, são funcionários da indústria, do escritório, da casa, tem muitos ali que são filhos de funcionários da casa deles. Alguns dos empresários ainda residem ali, é o caso da Daniela Quagliato que mora com o esposo e filhos. Ela é a filha da dona Fátima e do seu Chico Quagliato. Na sede tem três grandes casas, uma área de lazer enorme e até uma igreja, é muito grande. Alguns dos empresários trabalham ali mesmo na usina, é mais fácil morar ali, outros cuidam de outras fazendas, de outras empresas espalhadas pelo país.

Na escola temos também o Projeto Escola da Família, que já participei como funcionária da Faculdade Estácio e não como professora da escola. Como sou supervisora de estágios aqui da Estácio, e alguns dos universitários daqui fazem estágio na Escola Orlando, em uma parceria que temos, eu os acompanhava lá, nos fins de semana. Lá no Orlando Escola da Família lá tem uma característica bem interessante diferente da cidade, quem frequenta esse projeto são, na maioria, alunos pequeninos, são crianças. Nas outras escolas, as da cidade, os frequentadores do projeto são alunos já adolescentes e alguns ex-alunos que já são adultos. O projeto é aberto a toda a comunidade. O projeto é constituído de atividades esportivas e culturais ali na escola. Esse ano acho que ainda começamos, mas o ano passado tivemos uma estagiária que cumpria a hora de estágio dela no Orlando com aulas de reforço escolar, era um projeto dela de Trabalho de Conclusão de Curso, ela tinha um grupo de alunos com reforço escolar e era acompanhado pelo professor responsável pelo Projeto Escola da Família, que é formado em Pedagogia também. Antigamente a Escola da Família era gerenciada por um vice-diretor, hoje um professor com aulas na escola pode

completar sua jornada com essas horas no projeto Escola da Família, que é o nosso caso atualmente, nós temos uma professora de Arte que completa a jornada ali nos fins de semana. Ela desenvolve atividades esportivas, tem lá o futsal, o vôlei, atividades para a comunidade como unha decorada, coração de unha e coisas assim. O objetivo do projeto Escola da Família é trazer a comunidade para dentro da escola, os pais que moram na região, nas proximidades. Nosso dificultador ali é justamente esse, a distância das moradias, os pais moram longe, e a empresa não tem transporte para esse fim, eles trabalham direto, não há interrupção aos fins de semana em alguns setores da usina, a participação efetiva no projeto é de alunos da própria escola e de alguns pais. Os alunos que frequentam, os mais novos, eles podem utilizar a sala de informática conforme um cronograma, eles vão lá se inscrevem e podem usar, tem também uma sala de jogos com pebolim, tabuleiros de xadrez e tênis de mesa. Essa sala de jogos é da Escola da Família, mas todos usamos em parceria, principalmente nas aulas de Educação Física. Aos domingos temos na escola uma professora de Filosofia que, juntamente com seu esposo que é voluntário na escola, trabalham com os alunos com vídeo game, aquele que você se movimenta junto com os jogos, eles trabalham com atividades eletrônicas voltadas para a atividade física, como jogo de boliche, dança, etc. A escola tem um aparelho desse, um vídeo game com um sensor onde as pessoas se movimentam no jogo⁷⁵. Como eles não tem vídeo game em casa, ficam doidos com aquilo. Acreditamos que o Projeto Escola da Família irá acabar ou se modificar. O governo não paga mais a gratificação para trabalharmos aos sábados e domingos, não há mais incentivo ao professor. A Escola Estadual José Paschoalick, que tinha um projeto Escola da Família dos mais fortes da região, fechou aos fins de semana, o projeto não funciona mais, infelizmente. Os empresários influenciam muito na escola, ainda hoje. Não influenciam na organização da escola, no currículo, nas atividades, mas eles cobram a participação dos pais, dos funcionários na escola, da parte social. Se precisamos fazer algum encaminhamento para uma criança com uma dificuldade, basta ligar

⁷⁵ Aparelhos como o Kinect são sensores de movimentos desenvolvido para o Xbox 360 e o Xbox One. O Kinect criou uma nova tecnologia capaz de permitir aos jogadores interagir com os jogos eletrônicos sem a necessidade de ter em mãos um controle/joystick, inovando no campo da jogabilidade.

no departamento de recursos humanos da usina e o pai do aluno é convocado pela empresa para comparecer na escola, eles nos apoiam muito.

O Idesp⁷⁶, em especial nos anos iniciais é bem alto na Escola Orlando, tanto que faz dois anos que os anos iniciais não atingem a meta proposta, pois o índice está em 5.80, é um índice alto. Os Anos Finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio têm índices menores, em 2018 conseguimos atingir 120% no Idesp, o índice subiu bastante, quanto mais baixo esse índice é mais fácil de atingir essa meta. Teve uma época que não subia e era muito baixo o índice. Os empresários conversaram com a diretora, era a lara: “você precisa mandar esses professores embora, como é que a gente vai fazer com o índice da escola? Se não atinge essa meta tem que mandar todo mundo embora!”. Ela explicou como funcionava o sistema educacional e qual era o formato daquela escola, com professores são efetivos que não podem ser mandados embora, com a rotatividade de alunos que acontecia ali e que também prejudicava o alcance do índice, pois a evasão era muito alta, o índice de abandono na área rural era altíssimo. O ano passado zeramos na escola o abandono e a evasão. A evasão ocorria mais com alunos do EJA, que eles trabalhavam o dia inteiro no serviço braçal, no sol quente, e à noite iam para a escola. Acabavam desistindo, um fator que gerava muitos índices altos na evasão era o EJA. Atualmente eles não trabalham mais na lavoura, são funcionários da limpeza, da indústria, não trabalham no sol quente como antes, por isso o índice de retenção e evasão é bem baixo.

Os empresários da usina sempre zelaram pela escola, sempre fizeram por ter a melhor escola na usina, sem interferir diretamente, exceto nessa vez que me lembro de pedirem para mandar todo mundo embora, pois eles entendem a escola como uma empresa e não como uma instituição pública, a influência foi sempre para o bem, auxiliam bastante todos na escola.

⁷⁶ O Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo, Idesp, é um indicador de qualidade das séries iniciais, 1ª a 4ª séries, e finais, 5ª a 8ª séries, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. São considerados dois critérios na avaliação de qualidade das escolas feita pelo Idesp: o desempenho dos alunos nos exames do Saresp e o fluxo escolar. O Idesp fornece a escola um diagnóstico de sua qualidade, apontando os pontos em que precisa melhorar e sinalizando sua evolução ano a ano. De acordo com o site <http://idesp.edunet.sp.gov.br/>, o programa apresenta, para cada escola, um indicador de qualidade do ensino e estabelece metas para o aprimoramento desta qualidade.

Para cada gestão nova na escola, a escola muda. Muda a forma de ver a escola, mudam alguns agentes indicados, a política interna muda. As características permanecem, mas conforme muda a gestão, cada gestão tem um olhar para aquela escola, eles vão gerir aquele local conforme eles imaginam e idealizam, mas eu também mudei, mudo sempre diante de experiências e passamos a enxergar o aluno de forma diferente. O movimento de sair da sala de aula e voltar é uma experiência muito interessante, voltamos com outro olhar. Todo mundo deveria fazer isso.

5.10 Fragmentos de uma análise VI

Orlando retorna às origens. Salas multisseriadas começam a aparecer. A política educacional do governo estadual se torna mais latente a cada dia. Idesp, Saresp, Legislação para a alimentação, Escola da Família, transporte, cadernos do governo, PCNP, HTPC, ATPC, Sala de Leitura, Laboratório de Informática, EJA, LDB, BNCC, Wi-fi (rede de internet), CIEE. Modelos e tentativas de organização presentes na maioria das escolas públicas estaduais, com exceção no wi-fi para todos e no CIEE, devido a escola estar dentro de uma agroindústria. É a Escola Orlando na sua visão mais moderna, uma escola assessorada pelo estado e pelos usineiros. Mesmo com todo esse aparato legal, organizacional e tecnológico Orlando não perde sua essência, é a escola do campo, no campo, para o campo, mas território de uma grande Usina, no território do agronegócio. Os alunos continuam correndo descalços pela escola. O contato com o solo parece sem imprescindível para eles. As características que marcaram e ainda marcam Orlando a fazem tão singular. A paixão dos professores e da comunidade pela escola é visível. Orlando foi e é necessária naquele local, naquele território. Tudo indica que Orlando está com os dias contados. Com a diminuição drástica das colônias e a mudança dos colonos para os bairros das cidades ao redor da usina, com a falta de rotatividade dos alunos, como a usina está praticamente mecanizada, inclusive o corte e trato da cana, não há mais necessidade de novos trabalhadores, assim, não se recebem novas famílias,

com raras exceções. Com a pressão do governo em enxugar gastos para sobrevivência e manutenção do poder público, a paixão e o amor dos que praticam aquele território não têm forças para manter a escola aberta, viva. Dificilmente Orlando sobreviverá com quatro, cinco ou seis alunos por sala de aula. O georreferenciamento⁷⁷ também contribuiu para a diminuição dos alunos na escola, pois, as fazendas próximas a cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, que ainda têm colônias, tiveram seus estudantes todos alocados para as escolas dessa cidade. Parece que Orlando não terá lugar no mundo futuro.

⁷⁷ O georreferenciamento de uma informação geográfica consiste em tornar suas coordenadas conhecidas num dado sistema de referência, com pontos de controle como intersecções de estradas e de rios, represas, pistas de aeroportos, edifícios, florestas, morros, dentre outros. O sistema de georreferenciamento contribui para encaminhar os alunos da rede pública à escola mais próxima de sua casa, por meio do mapeamento de escolas e residências, ou ainda, em alguns Estados da Nação, através da conta de energia elétrica da residência do aluno apresentada no ato da matrícula, localiza-se o poste de energia, georreferenciado, para alocar esse aluno à escola mais próxima. Em outros estados, como em São Paulo, uma das preocupações é fornecer o transporte escolar aos alunos que apresentam essa necessidade no ato da matrícula. No Estado de São Paulo, o georreferenciamento é instituído pelo Comunicado CISE (Coordenadoria de Infraestrutura e Serviços Escolares) 07/2015:

Comunicado CISE 07/2015

Assunto: Implantação do Sistema de Georreferenciamento

A Coordenadoria de Infraestrutura e Serviços Escolares-CISE, no uso de suas atribuições e considerando:

A necessidade de atualizar o cadastro de todos os alunos beneficiados pelo transporte escolar gratuito, em qualquer modalidade de serviço;

A implantação imediata da nova plataforma de georreferenciamento de transportes, em todas as Diretorias de Ensino e Unidades Escolares;

A transparência e correção dos dados registrados na oferta desse benefício, como parte do apoio aos alunos da rede pública do estado de São Paulo.

COMUNICA

1º) Todos os alunos beneficiados pelo transporte escolar ou que venham a registrar solicitação desse benefício no ato de matrícula deverão, por meio de seus pais ou responsáveis:

a) Apresentar comprovante de endereço completo e atualizado, cuja cópia será anexada na declaração;

b) Preencher declaração, conforme modelo anexo, que será arquivada na Unidade Escolar.

c) A declaração preenchida pelo interessado será conferida e assinada por funcionário da unidade escolar, que providenciará a apresentação do documento em caso de auditoria dos órgãos responsáveis da administração.

2º) Os dados fornecidos pelo aluno ou responsável deverão ser utilizados para atualizar o Sistema Cadastro de Aluno, até 31-08-2015.

3º) O cadastro atualizado dos alunos será transferido para a nova plataforma de georreferenciamento de transporte escolar para:

a) Indicação da melhor escola para atendimento do aluno, observados os critérios de proximidade de sua residência e horário/ turno de funcionamento disponível.

b) Indicação da modalidade de transporte adequado a cada caso.

4º) O endereço completo do aluno será atualizado anualmente e será georreferenciado para que seja possível indicar a modalidade de transporte a ser concedida e a rota, horário e local de atendimento do beneficiado.

5º) Os casos omissos serão objeto de análise e decisão do Dirigente Regional de Ensino, devidamente amparado pela legislação.

Maiores informações em <https://wordpaulotamer.wordpress.com/2015/08/22/educacao-sp-comunicado-cise-072015-implantacao-do-sistema-de-georreferenciamento/> .

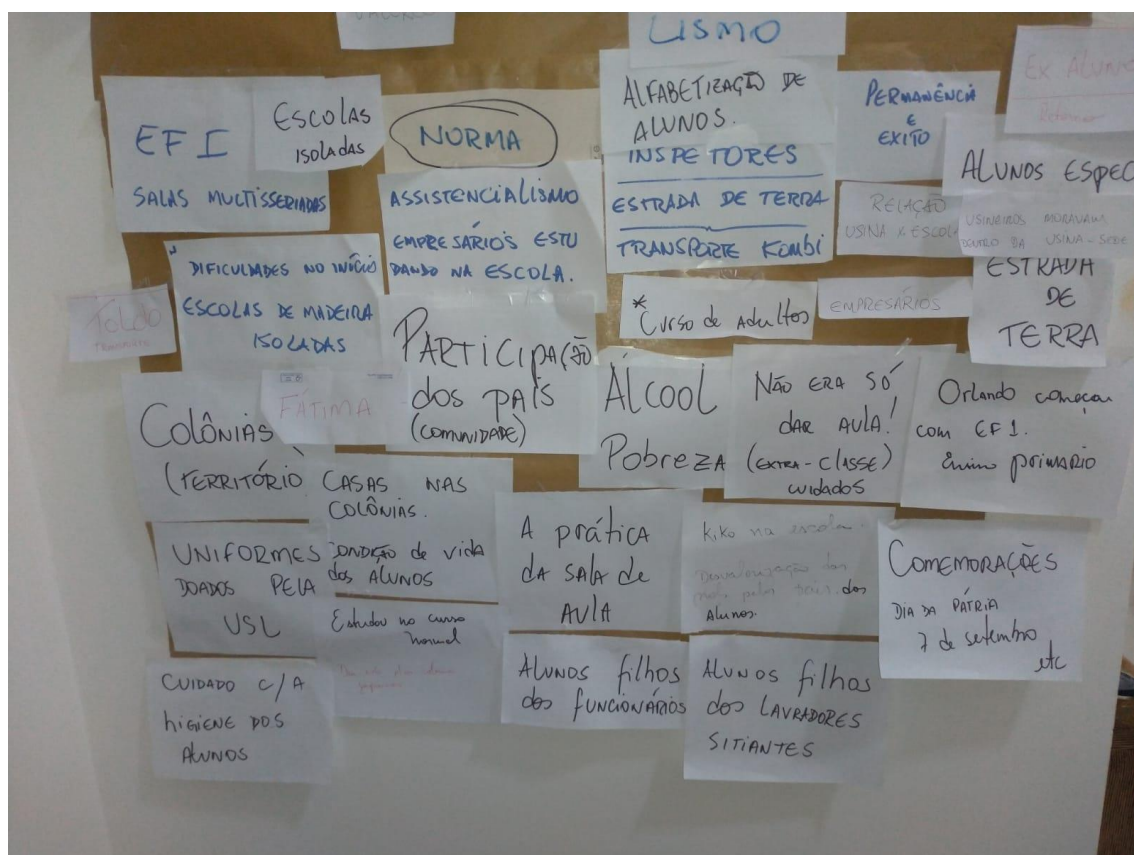
Orlando vai além dos limites da Usina São Luiz. Uma escola construída como grupo escolar, em um território com pouca povoação, em meio aos peões cortadores de cana, atravessou a ditadura, as leis educacionais consagradas em nosso país, a mecanização da lavoura, a automatização das máquinas, o vai e vem de pessoas, o poder da agroindústria dentro da escola, as políticas estaduais, as estradas e caminhos inóspitos, a pobreza e suas mazelas, ao tráfico de drogas, a gravidez precoce, a fuga de alunos, e a outras infindáveis variáveis que poderiam aqui ser apresentadas. Aos poucos Orlando foi fazendo seu papel social, cultural e humano. Formou pessoas, famílias, emancipou muita gente. Orlando foi além do território no qual foi inserida, construída. Pensar Orlando apenas como um amontado organizado de tijolos, telhas, pedra, cimento, areia e adornos é pouco para Orlando. Ali se praticou o amor pela profissão de professor, as relações de poder entre estado, agroindústria e pessoas, ali se praticou enfrentamentos, questionamentos, críticas aos sistemas, se praticou silêncio na ditadura. Orlando é local de sofrimento, de fome, cansaço, de pioho, de tráfico de drogas. É local de informação. É local de cultura. Pais, mães e filhos estudaram na Orlando. É local de permanência e êxito. Orlando pertence à realidade daquele local. Ao mesmo tempo é do campo, mas vai além do campo. Orlando é uma escola necessária.

6. QUADROS DE ANÁLISE

Abaixo seguem os painéis (podemos também chamar de quadros) confeccionados para cada depoente, indicando, em determinado momento, as principais características apresentadas pelos depoentes nos depoimentos. Provavelmente foram as verificadas nesse momento. Talvez seriam diferentes se o momento fosse outro. O presente nos remete a uma forma singular de ler o mundo, forma essa que é alterada a todo momento.

6.1 Norma

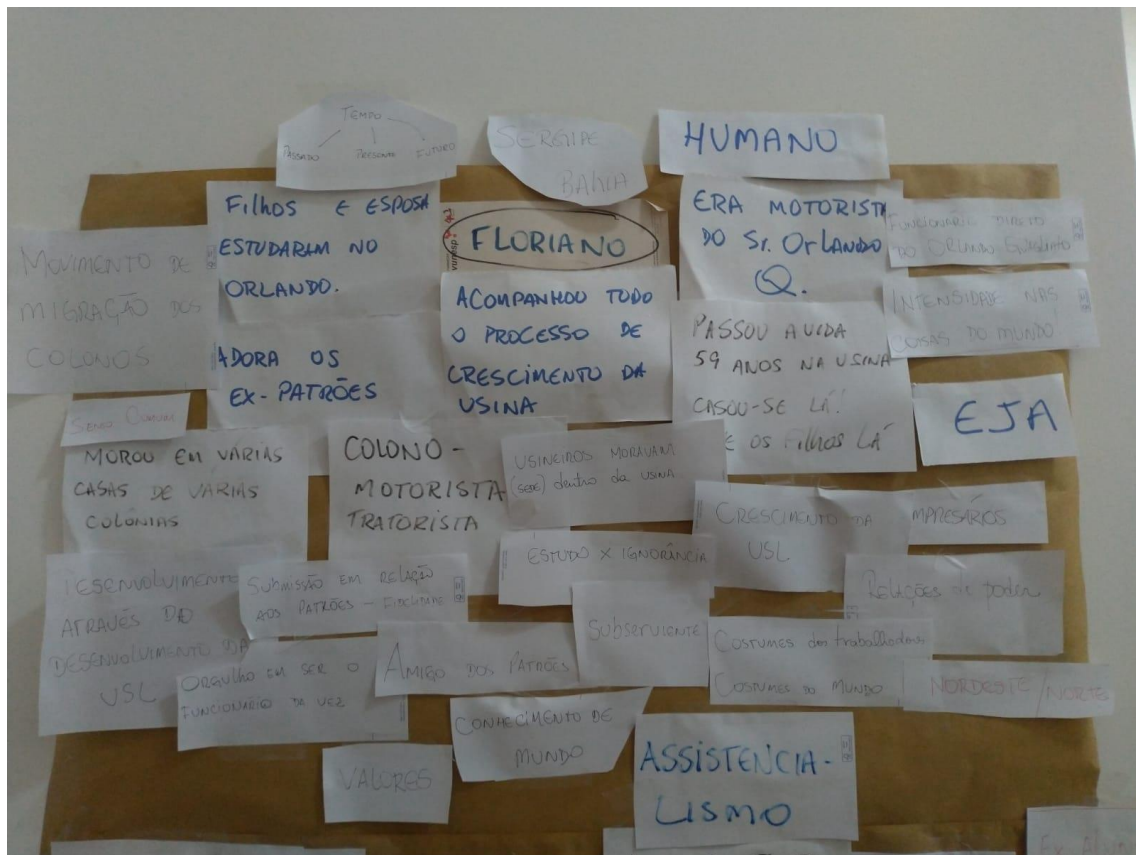
Figura 23: Quadro de análises Norma



Fonte: arquivo do auto

6.2 Floriano

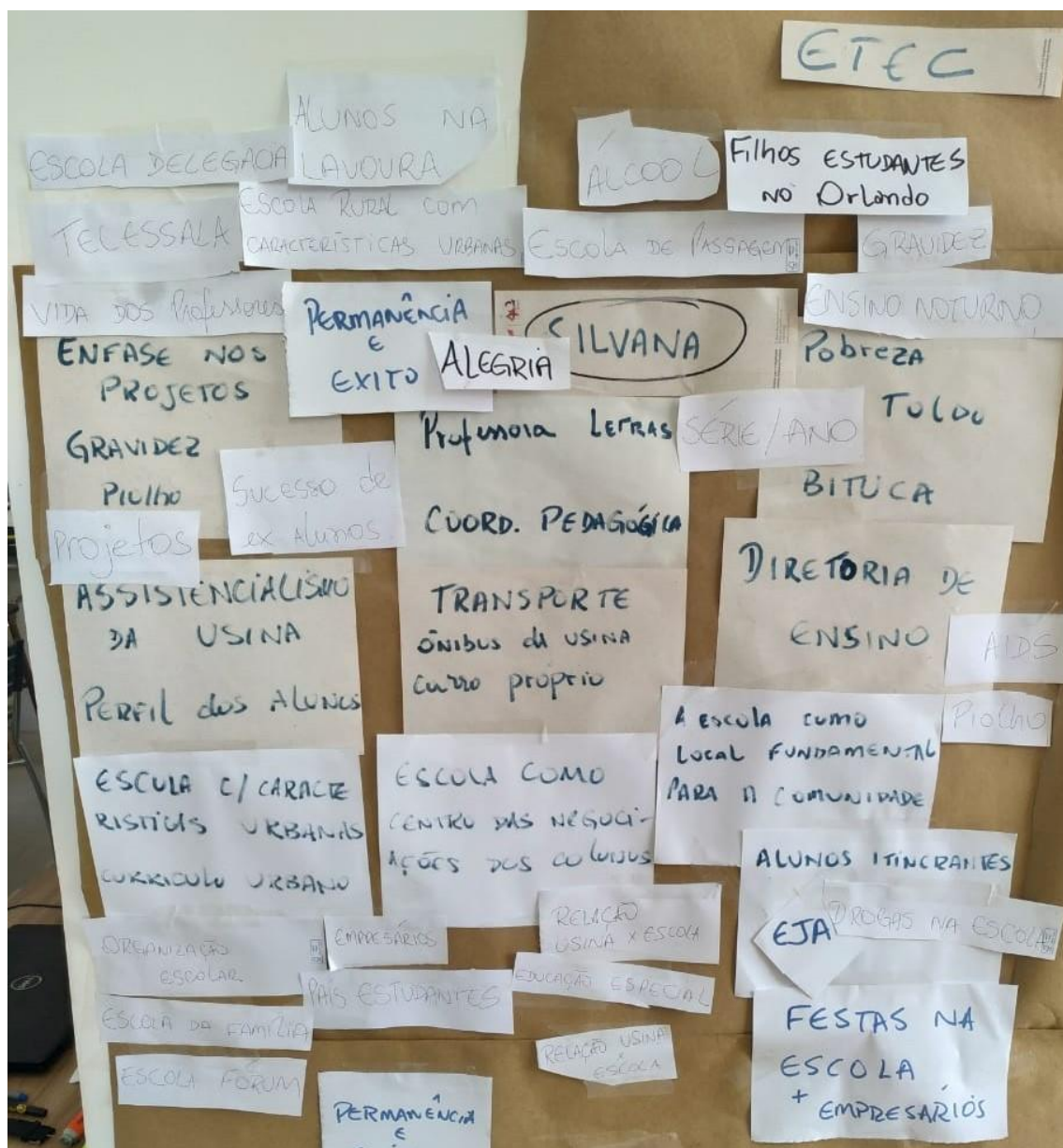
Figura 24: Quadro de análises Floriano



Fonte: arquivo do autor

6.3 Silvana

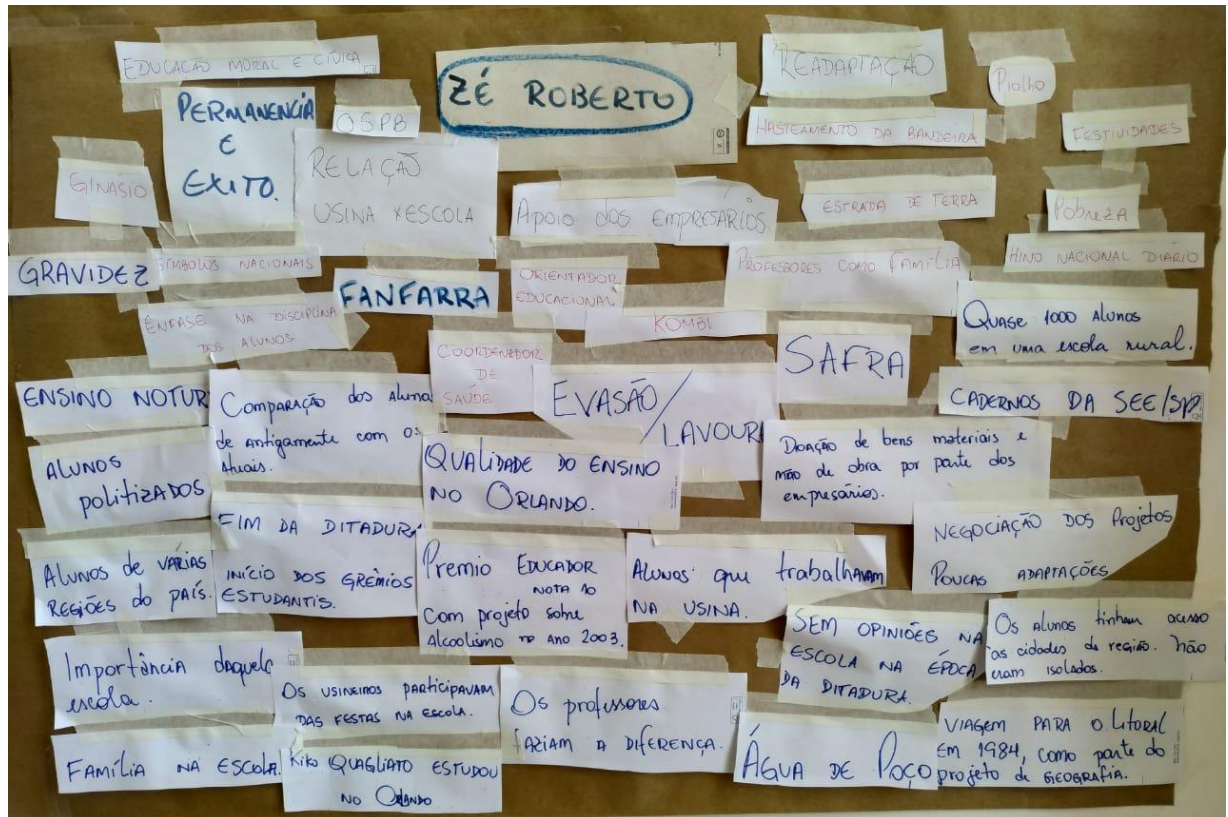
Figura 25: Quadro de análise Silvana



Fonte: arquivo do autor

6.4 Jose Roberto

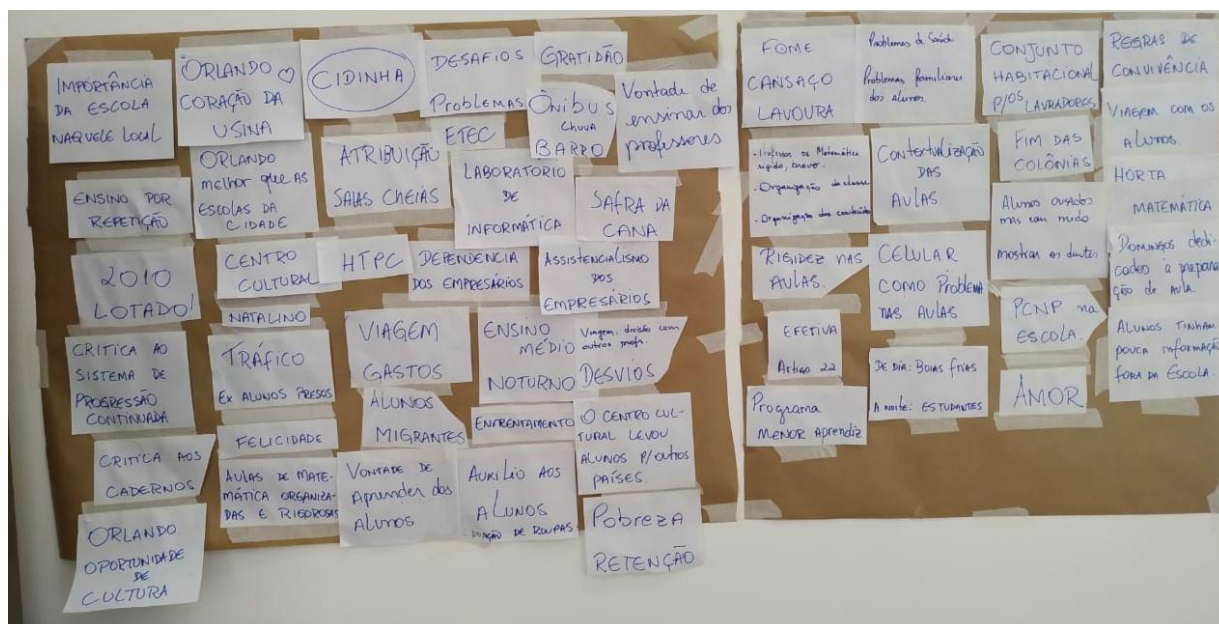
Figura 26: Quadro de análise José Roberto



Fonte: arquivo do autor

6.5 Maria Aparecida

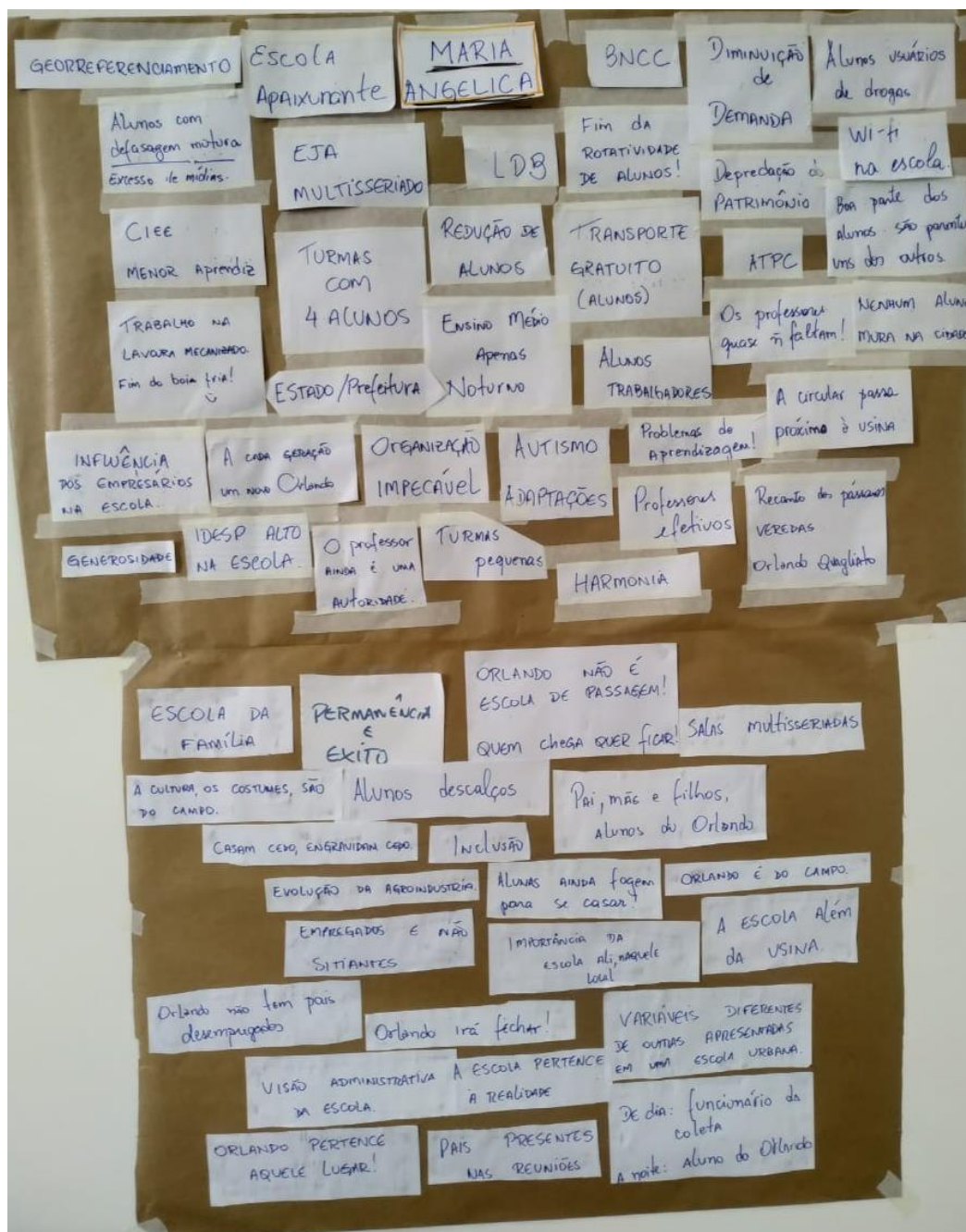
Figura 27: Quadro de análise Maria Aparecida



Fonte: arquivo do autor

6.6 Maria Angélica

Figura 28: Quadro de análise Maria Angélica



Fonte: arquivo do autor

7. FRAGMENTOS DE ANÁLISES - RELAÇÕES

Analisando os depoimentos apresentados nesse texto, uma característica marcante, em todos eles, é o envolvimento dos empresários com as famílias de colonos, com os professores e gestão escolar, com os demais funcionários da escola e com os estudantes. Estas relações aparecem em todos os depoimentos. Poderíamos chamar isso de controle, de assistencialismo, de benevolência, de altruísmo, de gestão, visto que a escola está dentro da empresa, de justiça social, de negócios. Enfim, temos nas narrativas, um elo entre todos estes personagens e empresários.

A escola rural Orlando Quagliato nunca foi afetada por confrontos entre fazendeiros e trabalhadores da terra, ou latifundiários e qualquer outra instituição. Os estudantes são filhos dos trabalhadores e trabalhadores da empresa Usina São Luiz, sejam eles lavradores da cana-de-açúcar, sejam eles funcionários dos escritórios ou da indústria em si. A localização dessa escola, no centro da usina dá a ela características ímpares que a diferem das demais.

Falaremos aqui da dependência dos colonos, dos alunos e dos professores em relação aos empresários. Apresentar essas nuances é fundamental para que conheçamos um pouco mais desta escola.

A Escola Orlando é uma escola no campo. Os alunos têm suas moradias no campo, têm costumes e comportamento diferente dos alunos da cidade. Eles são muito simples. É diferente. A cultura que eles carregam é do campo, mesmo tendo celular ou objetos que os alunos da cidade têm. Eles são mais generosos, mais solidários, existe o bullying, mas não ao ponto de ser um problema para a escola, muitos andam descalço. Atualmente não se tem projeto específico para isso. Já tivemos problemas com gravidez precoce com meninas de doze e treze anos, já foi um problema bem acentuado, mas hoje em dia não temos mais [...]. Maria Angélica enfatiza algumas das características ainda atuais dos alunos da escola. Os anos se passam, a sociedade aos poucos vai se transformando culturalmente atribuindo para si novos usos e costumes, mantendo outros, o avanço tecnológico modifica nosso modo de viver com seus benefícios e malefícios, absorvidos por nossos alunos, em nossos adolescentes, mas ainda assim, as características regionais dos alunos daquela região permanecem. Não

há uma barreira física entre o território urbano e o rural apresentado pelas terras da usina, o acesso às cidades da região ocorre de modo facilitado em relação ao início da indústria e das escolas localizadas naquelas terras. Ainda assim prevalecem as brincadeiras de antigamente, mesmo com acesso ao celular e a internet, já que a escola possui wi-fi para todos. O mundo virtual fica em segundo plano para eles.

O modelo “tradicional” familiar baseado na figura do pai como provedor e figura central familiar ainda prevalece nas famílias moradoras das colônias e fazendas. Um antigo costume, praticado por décadas pelas populações que ali residiram e/ ou ainda residem, parece inabalado, os jovens ainda “fogem” para se casar e constituir família. Fogem, casam-se e retornam como ocorreu com o senhor Floriano dos Santos e dona Anísia, sua esposa no início dos anos 1960.

Eu já tinha 24 anos, ela tinha 14 anos e 10 meses, quase 10 anos de diferença, eu precisei carregar ela, eu sempre fui muito envolvido, era muito visado pelo povo, tinha amizade com advogados, com muita gente.[...] carreguei ela para a casa da minha avó na Fazenda Santana em Jacarezinho - PR, no outro dia fui ao fórum em Jacarezinho, conversei com o escrivão, ele passou o caso para o juiz, explicou tudo certinho para mim, fez a carta para que os pais dela fossem ao fórum consentir o casamento, mesmo que não quisessem assinar, mas eles tinham que comparecer para livrar a “minha barra” ou para me condenar. Eles foram lá, assinaram os papéis e nos casamos em 03 de outubro de 1961 (Floriano dos Santos, depoente).

Depois me casei, fugi com ele, com 14 anos de idade e parei de estudar (Anísia dos Santos, esposa de Floriano dos Santos).

Antes chegavam muitos alunos de fora, de outros locais do país com culturas diferentes. Atualmente essa migração está acabando, ano passado veio uma menina da Bahia, mas ela não veio porque a família veio junto, ela veio porque a mãe ou a vó a trouxe para Chavantes. Ela começou a namorar um menino que morava na usina e logo foram morar juntos, com dezesseis ou dezessete anos, em uma das casas da colônia (Maria Angélica, depoente).

Um ciclo que aos poucos se enfraquece, visto que as colônias estão acabando e logo mais não teremos ali essa população em especial. Nesse local teremos o fim do êxodo de pessoas. A indústria Usina São Luiz sempre esteve em expansão fisicamente. O complexo industrial se expande a cada dia e a necessidade em ocupar as terras onde se localizam algumas colônias, próximas à indústria é iminente. O agro não é “pop” para todos, como sugerem as propagandas veiculadas nas mídias televisivas e digitais. De acordo com João

Rosa, professor do Grupo Pecege, no texto O agro não é pop, o slogan “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo” sem dúvida é a marca da belíssima campanha de marketing “Agro: a Indústria-Riqueza do Brasil” promovida pela Rede Globo em rede nacional. O objetivo da campanha é conectar o consumidor com o produtor rural e desmistificar alguns mitos em torno do agronegócio⁷⁸. Maria Angélica, nossa depoente, nos explica que:

Não é nem plantação, eles têm ali o que chamam de bagacinho da cana, que gera energia da indústria e precisa ficar na indústria, e, como eles tem um lago muito grande e as colônias ficam encostadas na indústria e próximas ao lago, eles estão demolindo as casas para colocar essas produções de bagaça para gerar energia, muitas casas foram demolidas por conta disso. É a agroindústria que está evoluindo e se expandindo ali. Para eles, o transporte do funcionário embora fique mais penoso para o funcionário, fica mais em conta para a empresa, pois a moradia nas colônias é “gratuita” para os funcionários.

Falamos de uma região construída a enxadadas e suor, na calmaria de um tempo no qual o ritmo parecia ser mais cadenciado, um ritmo de breves e semibreves, com atividades mais longas, duradoras. Chegamos hoje, na época dos drones, aparelhos voadores controlados por seres humanos que carregam outros equipamentos, como máquinas filmadoras, gps, dentre outras tecnologias. Ali, na Usina São Luiz, já se pensa na implantação deles, com intuito de observar, vigiar, lançar agrotóxicos em determinadas áreas – em conversa com funcionários, estudam a implantação de drones que carregam até dez litros de defensivos agrícolas. A maior parte da fiscalização da lavoura de cana será feita por eles. Com gasto mínimo, pouca mão de obra e muita tecnologia, eles cobrem áreas extensas num tempo muito rápido, já não mais de semibreves, mas sim de fusas e semifusas. A força de trabalho humana não acompanha tal velocidade. Cabe ressaltar que em meio às lavouras de cana existem os funcionários que são bombeiros na Usina São Luiz. Possuem caminhões próprios para apagar incêndios se houver a necessidade, são treinados para tal atividade e têm como serviço a vigília da plantação diuturnamente. Aos drones caberá também a vigília de focos de incêndio, de irregularidades da plantação, de fiscalização, de preservação das terras, dentre outras coisas.

⁷⁸ O Texto completo pode ser encontrado em <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/o-agro-nao-e-pop-por-joao-rosa.html>.

Em meio a tantas tecnologias apropriadas pelo setor agroindustrial, ainda temos a cultura dos meninos descalços, que vivem pela escola como se estivessem nas salas de suas residências. Chegam quase todos de chinelos, ainda hoje, dispensam eles e como numa alteração temporal se deslocam para o início da escola, onde sapato e chinelo eram artigos de luxo. A tríade escola, alunos e empresários sempre funcionou muito bem ali na Escola Orlando quando falamos de necessidades básicas. Os alunos apenas chegavam na escola. Poderiam chegar sem sapatos, chinelos, sem blusa ou com frio. Orlando sempre os amparava. Todos os dias às seis horas da manhã tinha pão, margarina, café que a usina doava para os alunos, quem chegasse às seis horas da manhã, já podia se alimentar, enfatiza a professora Silvana Santos. *“Nós trabalhávamos muito, e a prioridade era suprir as necessidades básicas dos alunos e para isso contavam a ajuda dos empresários. Eles sabiam que se chegassem na escola seriam socorridos”*, afirma a depoente. Os últimos, os empresários, sempre valorizaram muito os professores. Sempre foram bem-vistos, principalmente pelos proprietários mais antigos. Os professores eram tidos como se fossem juízes, médicos, autoridades perante os olhos dos donos da Usina São Luiz, o Seu Chico, o Seu Fernando e a Dona Fátima. Os professores nada mais eram que professores, de fato. Ainda hoje a relação é muito forte entre equipe escolar e empresários, mas a visão empresarial fala mais alto. A relação se faz pelas necessidades escolares, a presença dos empresários na escola, fisicamente, já não é a mesma. A produção está em alta no meio empresarial. A escola forma pessoas que se tornam profissionais para o mercado de trabalho da Usina São Luiz. Isso fica claro com a entrada do CIEE na escola. O Centro de Integração Empresa-Escola, CIEE, é uma associação brasileira, de direito privado, sem fins lucrativos, que possibilita aos jovens estudantes brasileiros, uma formação integral, ingressando-os no mercado de trabalho, por meio de treinamentos e programas de estágio e aprendizagem. Na Usina São Luiz, o CIEE tem como missão preparar os alunos para desenvolver atividades dentro dos setores que ali existem. Os alunos ingressam nas atividades da empresa através do CIEE como menores aprendiz. O CIEE faz a triagem, contrata, capacita, auxilia com bolsas de estudo, dá a formação aos alunos, o que acontece no próprio prédio da escola. Muitos dos alunos trabalham como menor aprendiz, e não como trabalhador rural, na lavoura. Hoje na usina são poucos e não fazem a lavoura

mais, tudo é feito por maquinário. Como sugerido em um dos nossos depoimentos, a relação entre o sigilo e os adolescentes estão com os dias contados na usina.

Figura 29: Colheitadeira de cana na lavoura da Usina São Luiz



Fonte: arquivo do autor

Quando falamos dos alunos maiores de dezoito anos, que estudam no período noturno, as configurações se alteram e temos, novamente, uma Orlando diferente das escolas urbanas. Praticamente não existem alunos do período noturno desempregados. Todos são funcionários da usina. Alguns lavradores, trabalhavam no plantio e corte de cana durante o dia, outros na coleta seletiva, nas oficinas, no transporte, nos escritórios, na cozinha, na manutenção. Como em todas as escolas, o cansaço é evidente na face deles. A Escola Orlando, como algumas outras, oferece refeição no período noturno. Devido à distância de algumas colônias, até dez quilômetros a pé, alguns alunos iam para a escola sem janta, contando com a refeição oferecida pela escola, como afirma Maria Aparecida. Atualmente essa refeição é fornecida pela Prefeitura Municipal de

Ourinhos. Na primeira década do século XXI, muitos dos alunos do período noturno ainda eram adolescentes como relata a professora Maria Aparecida:

A maioria desses alunos tinham entre 15 e 16 anos, eles eram participavam do Programa Menor Aprendiz, e faziam coisas variadas na usina, um ia pesar caminhão, outro preenchia ficha de entrada e saída de caminhão, no meio tinham aqueles que iam trabalhar na cana, era meio sigiloso sabe, então muitas vezes no finalzinho da noite faltava dez minutos pra terminar a aula e eles dormindo “ai professora eu estou muito cansado”, eu parava a aula por dez minutos e começava a conversar com eles e eles falavam: “ah, professora hoje eu trabalhei muito, a gente está cortando a cana, a gente está limpando a cana”, porque nem em todos os lugares tinham aqueles maquinários, e então parece que vai ficando um resíduo para trás e eles iam catando essas canas, então era muito triste chegavam na escola com fome e cansados. Durante o intervalo que acontecia as nove horas, eles jantavam e nos sentávamos com eles e jantávamos também, a comida era muito boa, e eles repetiam duas ou três vezes pois chegavam com muita fome e depois o cansaço batia, depois do intervalo era difícil, mas eram jovens muito diferentes com raras exceções, aproximadamente, setenta por cento dos alunos tinha vontade de vencer na vida, de estudar, mas as vezes o raciocínio não ajudava, tinham uma dificuldade muito grande, eles vinham com uma deficiência na escrita, escreviam muito errado, não porque a professora não ensinou, mas não tinham acesso aos livros, a uma revista, a um jornal, acesso a informações.

Algumas dessas características acima citadas se fazem presente nas escolas de modo geral. Porém, no Estado de São Paulo ocorre, há alguns anos, uma estratégia governamental para o fechamento das escolas estaduais no período noturno, amparada na diminuição de alunos nesse período e na diminuição de gastos. Atualmente temos na Escola Orlando, no período noturno, salas multisseriadas, estratégia utilizada pela gestão e diretoria de ensino para que fosse possível a abertura de salas devido a essa escassez de alunos nesse período.

A Usina São Luiz assessora a escola em muitas coisas. Uma delas é a manutenção do prédio da escola. A verba encaminhada pelo Estado nunca é suficiente para que seja realizado o serviço de manutenção adequado para os padrões exigidos pela indústria. Lembremo-nos que a escola se localiza no centro da usina e como em um tabuleiro de peças, segue a padronização dos demais prédios. Eles, os empresários, ajudam com a mão de obra, com o que precisar. Essa assistência é uma das grandes diferenças daquela escola para

uma outra escola de qualquer bairro, de qualquer cidade. Na Escola Orlando, a grama do jardim estará sempre está podada, as plantas bem cuidadas, a escola sempre limpa e com a pintura impecável, como diz a depoente Maria Angélica. A direção da escola tem esse apoio, principalmente de mão de obra por parte da usina. A escola está integrada à Usina São Luiz, faz parte dela. É afetada em suas entranhas por todo movimento realizado pela indústria. Já nos anos 1960, 1970, ainda na época do Grupo Escolar Orlando Quagliato, vemos, através de Dona Norma, a relação de oferecimento e ajuda dos envolvidos no processo:

A escola foi ficando boa, porque ela tinha recurso. Não é porque ela é localizada na zona rural que ela é ruim. Ela era muito mais rica do que qualquer escola aqui da cidade. Quando fazíamos horta, projetos de pomar, coisas que na cidade não existia. Cada um fazia sua parte. O Estado com as leis, os professores com ética e empenho, os empresários com a assistência social. Cada criança tinha uma escova de dente, tudo a usina patrocinava, começamos a ensinar eles a escovarem os dentes na escola. As crianças começaram a tratar os dentes, acabaram aqueles dentes estragados, aquela coisa gritante, que você olhava e dava até desespero. Algumas vezes trazíamos eles para a cidade para atendimento gratuito. Tudo gratuito para as crianças.

O apoio social dos empresários em relação aos alunos sempre foi fundamental naquele local, independente da época de Orlando. Desde uniformes, refeições escolares, produtos básicos de higiene e auxílios pontuais para alguns casos, havia a mão do patrão. Temos um Orlando assistido pelos patrões na medida que seus braços alcançam, juntamente com suas benevolências e imposição de regras e costumes. Ainda hoje, mesmo com uma visão mais empresarial por parte dos usineiros eles atendem a escola. Não influenciam na organização escolar, na contratação de professores, nas atividades do currículo, mas, de acordo com a Professora Maria Angélica, eles cobram a participação dos pais, dos funcionários na escola, da parte social. Se precisamos fazer algum encaminhamento para uma criança com uma dificuldade, basta ligar no departamento de recursos humanos da usina e o pai do aluno é convocado pela empresa para comparecer na escola, “eles nos apoiam muito”, relata a professora.

Também temos o Orlando que corre solto, talvez nem tanto, mas que segue as regras das culturas ali presente, ignorando os preceitos da casa grande. Para

ilustrar o primeiro a Professora Maria Aparecida nos conta sobre um fato que envolve escola, alunos e professores e a caridosa ajuda dos empresários:

A Escola Orlando ficou conservada assim, como um patrimônio da própria usina São Luiz, os empresários dão assim um amparo muito grande para a escola, para os alunos, sempre ajudando com o que fosse preciso. Certa vez, teve um problema com esse menino Vinícius que quebrou um dente. Conversei com minha filha que fazia faculdade de odontologia aqui em Bauru, eu falei: “olha eu quero cuidar desse menino, esse menino é muito bom, quero levá-lo até Bauru”, a minha filha estudava na USP, “para fazer um dente de graça para ele”. Os Quagliato não deixaram trazer o menino para Bauru. Arrumaram um dentista em Ourinhos para o menino que era mais perto que a perua ia levar e trazer e assim eu não teria responsabilidades, me explicaram que na minha responsabilidade podia acontecer alguma coisa: “um acidente já que a senhora vai de carro”, e realmente eles arrumaram o dente, o menino precisou por uma prótese dentária na frente.

Os empresários sempre fizeram questão de participar da vida escolar de Orlando. De acordo com nossos depoentes, para cada geração de empresários que passaram pelo complexo industrial, sempre havia um deles que era encarregado por assessorar a escola. O professor José Roberto nos conta que, na década de 1980 e 1990 a Usina São Luiz fornecia até telefone para a escola. Ele fazia a função de intermediar os pedidos, gostava de realizar os contatos com os empresários.

Estamos falando aqui de aproximadamente 1980. Essa família, proprietária da Usina São Luiz ajudava muito a escola, eu tinha um relacionamento muito bom com eles pois era orientador educacional, tinha argumentos para pedir as coisas, sabia como falar, nunca nos negaram nada, sempre fomos muito bem atendidos pelo diretor da usina que nos ajudava em tudo que precisávamos. Eles mantinham a fanfarra, arcavam com a compra e manutenção dos instrumentos, que era muito cara. [...] O mais presente sempre era o Chicão Quagliato, pai do Kiko. Todo final de ano tinha formatura, quem vinha fazer o jantar era o Buffet Gaúcho, ninguém pagava nada, o Chicão dava tudo. Começaram a fazer a festa na escola e depois passaram a fazer no clube da usina. Quem auxiliava muito todos nós era a dona Fátima, esposa do seu Chico e mãe do Kiko. Ela trabalhou muito pela escola, foi uma das pessoas que mais trabalhou, participava de toda festa da escola, nós fomos fazer uma festa um dia, e precisávamos de muitos frangos para o jantar. Saímos nós professores para arrecadar prendas para sortear e incrementar a festa, fui à casa da Dona Marli e do Seu Fernando e pedi, eles me atenderam muito bem, ela morava na sede da usina. Nessa ocasião ela nos ajudou com doze frangos. Eles não negavam nada, sempre me tratavam muito bem.

A professora Maria Aparecida também nos relata sua aproximação dos empresários e a influência que eles tinham em relação ao dia a dia da sala de aula, o que ainda mais reforça a necessidade de mostrarmos essas nuances que interferem nos processos de ensino e aprendizagem e o poder das regionalizações:

Os alunos me respeitavam porque meu marido era muito amigo dos Quagliato, inclusive um deles foi meu padrinho de casamento e eu era vizinha do filho do Fernando Quagliato, e a mulher dele ia muito à igreja, nós fazíamos muita oração juntas, e assim, eu no meu lugar, até porque éramos bem humildes, meu marido era motorista de caminhão e eu professora, mas nós tínhamos uma certa amizade com eles, e eu falava em sala de aula: “olha se vocês não me respeitarem eu estou sabendo disso e disso”.

Uma das personagens que representava os empresários da usina, mais marcantes da vida escolar de Orlando, e que aparece em quase todos os depoimentos foi a Dona Fátima Rocha. Todos, sem exceção, a adoravam. Dona Norma nos ajuda a elucidar sua participação na vida de Orlando:

O Kiko Quagliato foi meu aluno. Sua mãe, Dona Fátima, era uma pessoa especial. Era a Fátima, Fátima Rocha, morreu moça de tudo, de câncer. Ela sempre ia na escola, participava de tudo. Esse pé de acerola que eu tenho aqui no quintal, ela que me deu a muda. Sempre que ela aparecia na escola ela conversava muito com a gente, ela era muito especial. Um dia, acho que foi no ano de 1974, ela chegou lá na escola. Ela chegava sempre na hora do recreio, e toda quinta-feira o lanche era pão com mortadela, era dia da festa, toda quinta-feira ela ia lá, sempre na hora do recreio. Nesse dia ela falou: “na minha casa não tem mortadela então eu venho comer aqui, porque eu adoro mortadela”. Em outra oportunidade ela falou: “eu quero fazer um almoço pra vocês”, ela gostava demais da escola. “Eu quero fazer um convite pra vocês”, estava perto do sete de setembro, e ela falou: “eu quero que vocês professoras venham almoçar na minha casa, no dia sete vocês farão as comemorações na escola e depois vão almoçar comigo”. Aproveitamos a oportunidade, pois no dia-dia não dava, não dava para sair da aula e ir comer com ela. Mas nesse dia sete nós fomos, acabou a festa na escola e fomos para casa dela. Ela mostrou tudo que tinha, a casa dela era maravilhosa, era uma mansão, um espetáculo, o desenho da cortina era o mesmo do piso, isso nunca saiu da minha cabeça. Era uma cortina de cor clara, bege, com uns ramos de folha, uma samambaia, verde, igualzinha ao piso. A tecelagem teve que copiar o piso ou o piso teve que copiar o pano. Ela era maravilhosa, levou a gente para ver o jardim da casa, o pomar. Cheguei no pomar e naquela época ninguém falava em acerola, só tinha escutado qualquer coisa na televisão que existia essa fruta. No pomar havia um pé de acerola. Eu fiquei admirada, o pé ainda estava pequeno. Disse para ela: “nossa isso aqui é acerola, eu vi na televisão, fiquei com muita vontade de conhecer porque dizem que é muito bom”. Ela falou:

“você quer uma muda?” e eu disse: “eu quero”. Era assim, não podíamos falar nada que eles faziam. Ela finalizou: “eu vou pedir para o meu jardineiro fazer uma mudinha para você”. O tempo passou, passou e passou. Um dia eu lembrei: “a Fátima esqueceu da minha mudinha”. Não é que um dia ela chegou lá na escola, ela sempre chegava na hora do recreio, entrou pelo portão e eu estava lá fora com as crianças e ela com um vaso com a mudinha de acerola. Ela ajudava muitos alunos. Quando ela ia na escola, qualquer coisa pedíssemos, ela providenciava, uma beleza a Fátima, todo mundo gostava dela, ainda mais quando o Kiko estava lá na escola, aí que ela ia mais ainda.

Conforme as gerações foram sendo substituídas, como já dito, essa aproximação empresa-escola se transformou. O coração da usina já não parece ser a Escola Estadual Orlando Quagliato. Talvez nunca tenha sido, quem sabe, mas não há como negar sua importância e necessidade para aquela região, desde sua construção até os dias de hoje. Fica claro que sem alunos, não há escola. E, com o fim das colônias, de Orlando teremos apenas o prédio de alvenaria, enquanto não for utilizada para outros fins, uma Orlando diferente de todas as apresentadas. Os moradores das colônias se mudaram para os conjuntos habitacionais nas cidades de Ourinhos, Canitar, Chavantes e Santa Cruz. Em Ourinhos os bairros Recanto dos Pássaros e Veredas são praticamente formados pelas famílias dos colonos. Quando a família sai do território da usina, das fazendas, os alunos também se mudam para as escolas das cidades. Muitas famílias se mudaram para Canitar ou Chavantes, como é o caso do Seu Floriano, por serem cidades bem pequeninas, tipicamente rurais, realidades parecidas com as deles, não rural como na usina, mas que dependem do meio rural. Os indivíduos que foram ou são alunos da escola Orlando e residem ou são residentes nas colônias e fazendas da Usina São Luiz, viram nessa escola a chance de poder escolher uma realidade diferente da realidade que tinham. Para muitos, essa realidade era catar bituca de cana, seguir os passos do pai, ser um tratorista ou motorista de caminhão, essa foi a realidade da grande maioria. Muitos desses alunos, assim como nas escolas dos centros urbanos, tinham necessidades especiais. De um modo ou de outro, sempre houve uma tentativa de facilitar ou realizar um atendimento diferenciado a eles. A professora Silvana Santos, também coordenadora pedagógica da escola Orlando desde a década de 1980 até a primeira década do ano 2000, nos relata sobre essa experiência com alunos com necessidades especiais:

Aquelas crianças que tiveram problemas desde o nascimento ou aqueles que a gente percebia nas primeiras séries que não conseguiam acompanhar o ritmo da turma, encaminhávamos eles para a sala especial. A Ana Laura que deu aula por muitos anos, fazia muitas atividades de teatro, dança, muita coisa. A usina os absorvia no serviço manual. Quando pequenos, frequentavam a escola e quando eles cresciam, ficavam maiores e não podiam mais frequentar a escola, conseguíamos então colocá-los na usina, em um trabalho onde eles aprendiam alguma função e se sentissem úteis, de preferência em uma atividade que eles gostavam. Tinha um aluno, que eu lembro, que gostava de trabalhar na cocheira, gostava dos animais.

Como em qualquer outra empresa, existem os patrões e existem os funcionários. E na usina isso não é diferente. O que ali se difere é o perfil de ambos os lados. Enquanto os patrões permanecem inalterados como parte de uma mesma família, os empregados, que no início, em sua maioria, eram colonos moradores na usina, atualmente, moram nas cidades ao redor da empresa e têm o mesmo perfil de um trabalhador do centro urbano.

7.1 O colono da Usina São Luiz

Eu dormia no barraco, acordava ainda de madrugada, lavava o rosto, os olhos em uma torneira que existia por ali, com água tirada de poço artesiano, quando queria tomar banho enchia um balde de água e levava em um barraco onde não tinha ninguém, tomava banho de caneca, passava um sabão no corpo e ia trabalhar (Floriano dos Santos, depoente).

A maior parte dos funcionários da usina, atualmente, não trabalha na lavoura, são funcionários da indústria, do escritório, da casa, tem muitos ali que são filhos de funcionários da casa deles.

Os colonos não moravam no seu rancho, não tinham casas de pau-a-pique, de palha, com paredes construídas com barro e chão batido. Eram casas simples, mas sempre casas dos usineiros. Os espaços eram bem delimitados. As casas para famílias e o barracão para os peões que não tinham família consigo. Não existia ali o pequeno agricultor, a agricultura de subsistência, os costumes tradicionais da terra, de uma determinada família ou grupo de colonos oriundos

de um mesmo local. Nas colônias, de fato, não existia um único costume, uma única diretriz. Cada um trazia consigo seus costumes, suas práticas, suas vivências. Para os empresários, isso pouco importava. A mão de obra era o requisito necessário e suficiente para se manter ali nas colônias e fazendas da Usina São Luiz. Se a mão de obra fosse por algum motivo cessada, não havia motivo para a família ali permanecer. O ciclo da plantação de cana-de-açúcar determinava esse movimento. Na safra, a demanda de mão de obra era muito grande e as colônias e barracões se enchiam. Com o final da colheita, poucas famílias, geralmente aquelas já estabelecidas, ficavam. Nosso morador rural não realiza mutirão para ajudar o vizinho, não acelera a roça, nem constrói barracão para salvar a colheita. Ele é simplesmente um funcionário da usina que segue as regras impostas pelos empresários para que ali possa trabalhar e continuar com sua família. É certo que a empresa oferecia moradia para as famílias, água e luz elétrica no tempo determinado, um local de compra de mantimentos e alimentos básicos. Nenhum aluno da Escola Orlando Quagliato tinha o pai desempregado, reforça nossa depoente Maria Angélica.

A cultura caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada das formas de cultura por eles condicionada. Daí o fato de encontrarmos nela uma continuidade impressionante, uma sobrevivência das formas essenciais, sob transformações de superfície, que não atingem o cerne senão quando a árvore já foi derrubada e o caipira deixou de o ser (Candido, p.108, 2003).

Com o passar dos tempos, o caipira foi deixando de o ser. A cada safra uma nova configuração de lavradores da cana, novas famílias que chegam com novas culturas e condições sociais, novos peões, como chamam, novos alunos na Escola Orlando. Esse rotineiro movimento delimitado pelo plantio da cana-de-açúcar desde a década de 1950. A grande mudança, através dos Orlandos apresentados eram os personagens pais e filhos. Os costumes relativos à zona rural se mantiveram. Os alunos pouco mudaram nos hábitos e costumes. Como já dito, a “fuga” para se casar, e a cultura dos pés descalços na escola se mantém. O homem do campo é o homem do campo e quando ele se transforma,

seja por cultura, pressão, oportunidade, desejo, ele deixa de o ser e o caipira desaparece.

Floriano dos Santos viveu pouco mais de 50 anos no território da Usina São Luiz. Acompanhou Orlando nascer, se modificar, se remodelar. Esposa e filhos estudaram ali. Sua lida, seu trabalho, seus serviços, contribuíram indiretamente para que Orlando existisse tal como é. Florianos e Orlandos se aglomeraram e constroem aquele cenário que possibilitou a formação de muita gente. Pessoas que chegavam ali, com seus tradicionais costumes, uma grande parte sem um imóvel, com poucos recursos financeiros, que viviam de usina em usina pelo país de acordo com a safra da cana ou de alguma outra cultura. Assim também se fez Orlando. Orlando das pessoas humildes, simples, de pés no chão e força braçal hercúlea.

Eu dormia no barraco, acordava ainda de madrugada, lavava o rosto, os olhos em uma torneira que existia por ali, com água tirada de poço artesianos, quando queria tomar banho enchia um balde de água e levava em um barraco onde não tinha ninguém, tomava banho de caneca, passava um sabão no corpo e ia trabalhar. Tomava um café rápido na pensão, pois o motorista do caminhão de cana tinha muita pressa pois trabalhava de empreita e ia buscar cana na roça. Os bois frios cortavam as canas, fazíamos os feixes de cana nas mãos e jogávamos na caçamba do caminhão (Floriano dos Santos, depoente).

Lá na nossa casa, nessa época tomávamos banho com água de poço, não tinha água encanada ainda. Enchíamos o balde de água e tomávamos banho no banheiro fora da casa. [...] Nos fundos da nossa casa tinha um matadouro de boi. Matavam os animais, penduravam nuns ganhos nas carreiras de eucalipto que existia por ali, tiravam o couro, tiravam os quartos do boi e já levavam para o armazém para que fossem vendidos. Quando eu tinha 17 anos ganhei a primeira filha, em 1965. (Anísia dos Santos, depoente).

Não tinha esse negócio de geladeira, de fogão a gás. Naquela época não tinha nada disso. Era na beira do açude, no fim da colônia beirando as canas e os pés de mamona. Era uma casa boa, de alvenaria. Tinha dois quartos, cozinha, banheiro de tábua para fora da casa com fossa e buraco (Floriano dos Santos, depoente).

Com o passar do tempo as colônias foram sendo organizadas, estruturadas. As estradas começaram a ser desenhadas, abertas, o trânsito de pessoas, animais e veículos e se tornaram, com o passar do tempo, as grandes facilitadoras. Por muitos anos consumia-se basicamente, dentro do território da usina São Luiz. O acesso às cidades da região era muito difícil. Foi criado ali um armazém central, onde tudo o que era necessário para a sobrevivência naquele local era vendido.

Tinha também a venda que era chamada de “Casseta Armado”, local onde os peões se reuniam para os mais variados fins.

Esse “Casseta Armado” era uma venda, uma casa de madeira onde os peões bebiam muito. Na época havia uns 50 peões, a usina ainda era pequena, que brigavam muito, se esfaqueavam, se matavam por ali, e por isso o lugar ganhou esse nome. Na usina tinha um armazém que fazíamos compras, um armazém de madeira, tinha de tudo lá, até roupas de loja tinha ali, marcávamos para pagar no pagamento (Florianos dos Santos, depoente).

Nesse território bucólico, às vezes violento, machista, multicultural, local onde se necessário matavam e beneficiavam os animais de criação, galinhas, porcos, bois, para subsistência, para manutenção da vida. Local dividido por uma fronteira, as vezes invisível, entre a pobreza e a riqueza, também é habitado pelas mulheres. Dona Anísia, esposa de seu Florianos, cresceu nas colônias da usina, morou em várias casas, trabalhou, estudou, antes nas escolas que antecederam Orlando e posteriormente na Orlando, depois fugiu, casou-se, voltou e passou alguns bons anos como esposa e mãe. Talvez o destino da maioria das mulheres que por ali passaram e habitaram as colônias. Hoje as mulheres assumiram além dos trabalhos de antigamente como auxiliar de limpeza, lavoura assistente de cozinha, trabalhos em praticamente todos os setores da indústria, como escritório, oficinas, escola, cozinha, vendas, infraestrutura, logística, engenharia e comércio. Também são professoras, coordenadoras, diretoras, empresárias, psicólogas, chefes de seção.

Eu estudei lá até uns 11 anos de idade. Lá nas colônias nós mudávamos muito de casa, então, não conseguia estudar direito, entrava na escola, meus pais mudavam, íamos para outra colônia, parava de estudar, depois começava novamente, até que fui trabalhar e parei de estudar. A minha mãe era parteira e me carregava como ajudante dela. Nunca fiz parto, mas vi muitos. Nessa época as escolas tinham até o quarto ano do primário, mas eu consegui fazer até o terceiro. Depois me casei, fugi com ele, com 14 anos de idade e parei de estudar. Lá pelos anos de 1980 eu entrei na escola no período da noite, já na escola Orlando, de material, mas não deu certo, ele tinha muito ciúmes. Ele viajava muito e quando chegava ficava muito bravo e eu acabei saindo da escola (Anísia dos Santos, depoente).

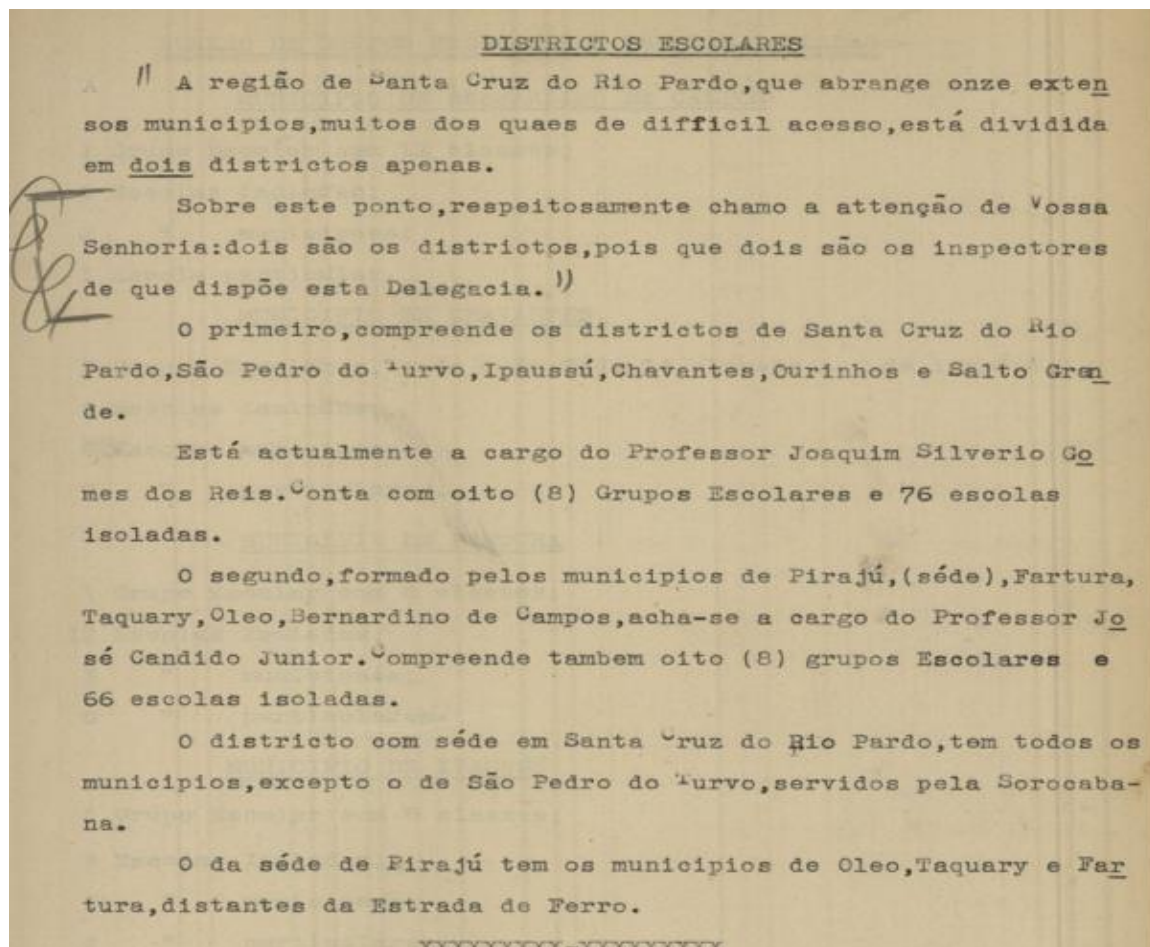
8. GRUPOS ESCOLARES, ESCOLAS ISOLADAS, LEGALIDADES E SILÊNCIOS

Ao apresentar esse texto discuto grupos escolares, escolas isoladas e legalidades governamentais que contribuíram para a construção física, legalista e social da Escola Estadual Orlando Quagliato. A necessidade do escrito surge para uma melhor compreensão do cenário ao qual Orlando fora submetido. Fizemos uso de estudos de leis e análises de trechos das entrevistas apresentadas. Seguindo as ideias iniciais do nosso trabalho construímos uma história da Escola Orlando Quagliato com objetivo de compreender melhor a educação rural paulista a partir dessa escola. Depois de ouvir pessoas que passaram por essa escola ao longo desses 50 anos, tematizamos uma escola fundada em 1965, pensando o que é uma escola rural no Estado de São Paulo. A partir dos anos 1960, neste estado, ocorre o aumento do êxodo rural. A população do campo, que era maioria, vê, nas cidades, a chance de uma vida melhor com o aumento das indústrias e da população urbana. Nesse cenário de escolas isoladas, no qual a educação rural fazia parte do sistema educacional paulista encontram-se algumas escolas isoladas que pertenciam às fazendas que hoje fazem parte do complexo agroindustrial da Usina São Luiz.

Para que tenhamos ideia da quantidade de escolas isoladas na época, verificamos no Arquivo Público do Estado de São Paulo⁷⁹, alguns relatórios de educação desse estado. O mais recente apresentado no site é do ano de 1942, e nele podemos verificar, conforme a foto abaixo, que nessa época a Delegacia de Ensino da Cidade de Santa Cruz do Rio Pardo, como eram chamadas as diretorias de ensino, tinha como responsabilidade a organização de dois distritos envolvendo 11 municípios, com um total de 16 grupos escolares e 142 escolas isoladas.

⁷⁹ http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/relatorios_educacao

Figura 30: Recorte do Relatório de Educação do Estado de São Paulo de 1942



Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo

As escolas isoladas, na zona rural, em sua maioria, tinham condições precárias. Boa parte dos professores que se candidatavam a trabalhar nesses locais estavam em início de carreira, como aconteceu com nossa depoente Norma Aparecida Bianchi Tavares. Era muito difícil iniciar em uma escola urbana, não havia concurso público para a carreira de professora. Em 1959, após se formar na Escola Normal em Santa Cruz do Rio Pardo, inicia sua carreira em uma das escolas isoladas das fazendas da Usina São Luiz, substituindo uma professora que entrara em licença. Dentre vários dificultadores encontrados pela professora Norma, um deles era a locomoção. Estradas de terra em meio à lavoura e a dificuldade em conseguir veículo para se locomover eram algumas delas. Após 3 meses substituindo na escola da Usina São Luiz e mais um ano e meio na cidade de Mirante do Paranapanema, também em escolas isoladas, ela retorna à região e consegue se efetivar como professora.

De acordo com o (Anuário Paulista de Educação de 1968 *apud* Demartini, 1979, p.121), pela Lei nº 3.303, de 27 de dezembro de 1955, que dá nova redação ao artigo 184 do Decreto nº 17.689/47, eram consideradas escolas isoladas aquelas em que, dentro de uma área de dois quilômetros de raio, houvesse 40 crianças em condições de matrícula nas sedes municipais, ou 30 crianças, quando se tratasse de sedes de distritos ou zona rural. Essas escolas isoladas só seriam mantidas caso a frequência não fosse inferior a 24 alunos durante o ano, em três meses consecutivos ou em três visitas do inspetor.

Nessas áreas rurais, distantes dos centros urbanos, eram necessárias escolas para atender crianças e até mesmo adultos ainda não alfabetizados, sendo que as escolas em geral estavam situadas nas fazendas, como nos relataram nossos depoentes (MARTINS, p.28, 2003).

Como eu era iniciante e não era efetiva, me juntei com outros recém-formados e fomos para aquela cidade. Chegando lá cada uma foi para um canto, para uma fazenda (Norma Aparecida Bianchi Tavares, professora).

Tanto nas escolas das fazendas da Usina São Luiz, quanto das localizadas na cidade de Mirante do Paranapanema, as características das escolas isoladas eram parecidas. Salas multisseriadas organizadas pela comunidade, improvisadas em alguns momentos, sem luz elétrica e água encanada, banheiros de fossa séptica, dentre outras. As professoras eram responsáveis pela limpeza do local, organização, pela alimentação dos alunos, pela organização dos documentos, quando havia. A professora era responsável por todo processo escolar daquele local. O diretor ficava na cidade e era responsável por várias escolas.

A escola era em uma colônia, acho que na colônia Santa Rosa, uma casa de tábuas bem do outro lado do açude que ainda existe lá. Era um prédio de madeira comprido, tinha 3 salas, uma para a primeira série⁸⁰, outra para a segunda, e outra para a terceira

⁸⁰ Primeira série do antigo Ensino Primário é conhecida hoje pelo segundo ano do Ensino Fundamental. No Brasil, até 1971, o ensino primário constituía o primeiro estágio da educação escolar, dividido em quatro séries, cada um correspondendo a um ano. Ao concluir o ensino primário o aluno poderia ingressar no Ensino Ginásial. A partir da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 – LDB (Lei de Diretrizes e Bases) de 1971, o Ensino Primário foi fundido com os quatro anos do Ensino Ginásial, dando origem ao Ensino de 1º Grau, com a duração de oito anos. Após a Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, o Ensino de 1º Grau foi substituído pelo Ensino Fundamental.

e a quarta série. Eu acho que os alunos da quarta série já iam para Ourinhos, não me lembro bem. [...] Não existia pré-escola, então você começava com a criançada ensinando a pegar no lápis, eles nunca tinham visto lápis, não tinham tesoura, caderno. Nós professores tínhamos que ter todo o material em nossa mesa, além disso, se fosse preciso, cortávamos a unha deles, tirávamos bicho-de-pé, piolho, essas coisas todas. Era muito difícil trabalhar, tinha aluno que precisava de uma escola especial e que estava ali dentro, tive um aluno que sofria ataque epilético, de vez em quando ele saía da classe, não conseguia ficar ali sentado. Ele morreu afogado no açude. Certo dia ele foi para o açude nadar e lá ele teve o ataque epilético e não saiu da água. Foi muito triste essa época, era tudo muito precário. A privada, o banheiro da escola era um cômodo quadrado, coberto com telhas, sem encanamento. Era constituído de fossa séptica, um buraco no chão protegido por madeira. Nunca tivemos armários na escola de madeira, também não tínhamos sala dos professores, ficávamos circulando pela escola. Lá na escola de madeira não tínhamos direção, secretaria, inspetores. Eram apenas os professores. Se precisássemos de algo tínhamos que ir à Delegacia de Ensino aqui em Santa Cruz. As vezes aparecia um inspetor para nos fiscalizar, tudo era mais difícil na zona rural. (Norma Aparecida Bianchi Tavares, professora depoente).

O Professor Vicente Marafioti Garnica e a Professora Luzia Aparecida de Souza, em *Elementos de História da Educação Matemática* (2012), nos revelam através de um estudo de caso desenvolvido a partir do livro de visitas de uma escola isolada da região de Bauru, que, a cada visita de um inspetor, havia exigências a serem cumpridas pela professora, voltando-se não apenas ao modo como esta deveria conduzir as atividades e cuidar da disciplina ou da higiene dos alunos, mas também pelo número de matrículas, pela conservação da escola e cobravam da comunidade rural providências para reformar o prédio. A cada visita dos inspetores, eram impostas novas regras, prescrições, obrigações e valores próprios à zona urbana. Mesmo trabalhando em condições precárias e à margem do processo urbano de escolarização, as inspeções periódicas impunham às professoras, aos alunos e à comunidade uma padronização com a estrutura vigente nos grupos escolares, instituições de prestígio desde sua criação sob os ventos da República.

De início acreditava-se que os “grupos escolares” eram escolas construídas apenas na zona urbana. A escola na qual a professora Norma trabalhou oferecia até o quarto ano. Em Martins (2003), que descreve a formação e atuação dos professores e alunos de escolas rurais entre os anos de 1950 e 1960 (intensificação do êxodo rural dos anos 1970), vemos que as escolas rurais

seguiram o critério de manter o oferecimento de classes até o “terceiro ano”, impedindo as crianças da zona rural de terminarem o curso Primário. Somente os grupos escolares, instalados nas cidades, ofereciam ensino até o “quarto ano”.

Os “Grupos Escolares” foram implantados pelos republicanos no Brasil e especificamente no Estado de São Paulo no final do século XIX, com a prerrogativa de modernizar o ensino da época. Esse “moderno “aparelho de ensino” (SAVIANI, 2014) era modelo de princípios, organização administrativa e pedagógica e foi instituído em vários estados do país. Valeremos aqui dessa organização trazida pelos grupos escolares. Juntamente com o anseio de modernização da República em relação à monarquia, e às suas instituições, a educação popular teve como importante função a formação do cidadão e o sistema escolar do Estado de São Paulo admitiu para si tais transformações no sistema educacional. Ainda de acordo com Saviani (2014), a reforma deu-se no estado com foco na formação de professores, iniciando a Escola Normal e a Criação da Escola Modelo, que promovia a formação de professores e a implementação de novos métodos de ensino. Esse modelo de organização escolar foi instituído como símbolo de modernização do ensino, em sintonia com expectativas em relação ao desenvolvimento social e econômico da população.

A escola primária experimental paulista afirmava-se, assim, como parâmetro para as escolas públicas republicanas, referido, num sentido amplo, à organização do universo escolar. O modelo formulado e disseminado era o do grupo escolar, em que assumiam grande relevo aspectos como a construção de prédios considerados apropriados para a finalidade educativa, o trabalho escolar apoiado no princípio da seriação e no destaque conferido aos métodos pedagógicos, entre os quais se situava, especialmente, o método intuitivo; a divisão e hierarquização da atuação dos profissionais envolvidos no cotidiano da escola; a racionalização dos tempos escolares; o controle mais efetivo das atividades escolares, entre outros (SCHUELER, et al, 2008, p. 43).

Com foco no ensino primário, os grupos escolares foram constituídos a partir da junção de várias “Escolas Isoladas” próximas umas das outras, sendo obrigadas a utilizar o método de organização apresentado pelo estado e praticado pelas escolas-modelo. Com o passar do tempo os grupos escolares foram se

fortalecendo e começaram a funcionar nos centros urbanos, distanciando-se cada vez mais do modelo de ensino praticado nas escolas isoladas.

Consequentemente, o repertório de indagações se multiplicou: a constituição das séries, das classes, a concepção de aluno, a divisão do trabalho docente, a ordenação do tempo, a frontalização do ensino mediada pela lousa, as carteiras enfileiradas, a prática do ensino simultâneo, os exames, a rígida disciplina dos alunos, o detalhamento dos programas de ensino, isto é, um conjunto de elementos que faziam e ainda hoje fazem da escola uma instituição universalmente reconhecível, foram desnaturalizados (SOUZA-CHALOPA, 2019, p. 06).

Conforme nos apresenta Demerval Saviani et al (2006), no livro O legado educacional do século XIX, os grupos escolares foram alicerçados com características das escolas graduadas, um modelo de escola que foi implantado em alguns países da Europa e também nos Estados Unidos, e fundamentava-se na classificação dos alunos pelo nível de conhecimento em agrupamentos supostamente homogêneos, constituindo assim as classes, na adoção do ensino simultâneo, na racionalização curricular, no controle e distribuição ordenada dos conteúdos e do tempo de aula, na introdução de um sistema de avaliação, na divisão do trabalho docente, cada sala de aula para uma determinada série e para um determinado professor, e também na construção de prédios com uma arquitetura própria que favorecia o número de salas e a quantidade de professores.

Na ficha informativa referente ao início da Escola Estadual Orlando Quagliato, fornecida pela Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos, temos a criação dessa escola como um grupo escolar. Um grupo escolar na zona rural.

Figura 31: Ficha informativa do Grupo Escolar Orlando Quagliato

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DO ENSINO BÁSICO E NORMAL
VII DIVISÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO — BAURUR **SETOR DE ADMINISTRAÇÃO PATRIMONIAL**

Data do preenchimento desta: março / 1.973.
Município: Ourinhos Distrito: Ourinhos Delegacia: Ensino Básico de SCR Pardo, 42a.
Estabelecimento: Grupo Escolar "Orlando Quagliato" Estágio: 1a
Denominação antiga: Grupo Escolar da Usina São Luiz Dec. n.º Ato de 23 D.O. 24/11/65
Denominação atual: Grupo Escolar "Orlando Quagliato" Dec. n.º s/n de 26 D.O. 27/11/70
Endereço antigo: Rua Colônia do Açude, 232 Telefone: _____
Endereço atual: Rua Av. Jaime Rosai Telefone: _____
Zona: (rural - urbana - suburbana - distrital) R U R A L Múcleo: (Fazenda - Bairro - Sítio) Bairro
Criação do Estabelecimento: _____ Dec. n.º Ato de 23 D.O. 24/11/65
Instalação antiga: 16/2/66 Instalação atual: 21/3/73

PRÉDIO
a) Próprio Estadual? S i m Municipal _____ Partido _____ IPESP _____ Federal _____
b) Const. especialmente? sim Adaptado? nao
c) Sendo alugado? preço _____ Nome do proprietário: _____ Tem contrato? _____
d) Sendo adaptado? Quem fez a adaptação? _____ Início do contrato: _____
e) Material de construção: Alvenaria sim Est. ? _____ Munic. ? _____ Part. ? _____
f) Salas removíveis: D.O.P. n ã o P.M. _____ Madeira nao Part. ? _____
g) Há contrato de locação? _____ Já vencido? _____ Quando vence? _____

TERRENO
a) Como foi adquirido o terreno? 1. Por compra? nao (*) De quem? _____ Part. (*) _____ Preço 91,00 (*)
Data da Escritura: 3/12/69 (*) Onde foi lavrada? 7a Tab. (*)
b) Área total do terreno: 5.000 m² 2. Por doação? sim De quem? Usina São Luiz S/A, em Ourinhos Dec. 52-152-10/7/69
c) O terreno é murado? sim (cerca de fecho - tipo Fecho) Área construída: 1.475,38 m² Área descoberta: 3.524,62 m²

DEPENDÊNCIAS
a) N.º de salas: 06 Demais dependências: sala xó-prim, biblioteca, secretaria, sala prof, sala médico, dentista, co-inha e
b) Instalações sanitárias: n.º 13 quantas fora? -0- Dentro? 13 Separadas por sexo: n.º 6 masc. e 7 fem.
c) Há micrôfones? n.º 01 Há lavabo? n.º 3 Há chuveiros? n.º 8 Fossa séptica? sim Fossa negra? sim
d) Há bebedouro? n.º 01 Há água encanada? s i m De onde vem a água? poço profundo
e) O prédio possui iluminação própria? s i m
f) Há casa para o zelador? sim
Obs.: Trata-se de prédio próprio, novo, construído pelo PEGE, RECENTEMENTE.
(*) Obs.: Dados que constam na Procuradoria do Patrimônio Imobiliário do Estado : Dec. 52152/ 10/7/69 Escritura Lavrada no 7º Tabelião em 3/12/69-

Fonte: Arquivo da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos

Ao observarmos a ficha referente à escola, nos deparamos com dois grupos escolares na zona rural, dentro da Usina São Luiz, o Grupo Escolar da Usina São Luiz e o Grupo Escolar Orlando Quagliato. O primeiro era uma escola de madeira, com características de escola isolada, no qual a Professora Norma trabalhou depois de se efetivar. O Grupo Escolar da Usina São Luiz foi construído com paredes de madeira, fossa séptica, tinha 3 salas de aula, uma para cada série inicial, de acordo com nossa depoente, restando a dúvida se havia alunos da quarta série.

A escola era localizada na Colônia do Açude, prédio n. 232, de acordo com a ficha acima. Essa colônia já não existe mais, assim como outras. O terreno antes ocupado pelas casas, hoje serve para o plantio de cana-de-açúcar. O movimento do êxodo rural ocorreu de modo diferente nas fazendas pertencentes à Usina

São Luiz. O Grupo Escolar da Usina São Luiz foi criado pela Lei nº 9.176, de 13 de dezembro de 1965:

LEI Nº 9.176, DE 13 DE DEZEMBRO DE 1965:

CRIA GRUPO ESCOLAR NA USINA SÃO LUIZ, EM OURINHOS.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO:

Faço saber que a Assembleia Legislativa decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Artigo 1.º - É criado um Grupo Escolar na Usina São Luiz, em Ourinhos.

Artigo 2.º - O orçamento do exercício em que se instalar o estabelecimento de ensino ora criado consignará dotação adequada ao custeio da respectiva despesa.

Artigo 3.º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 13 de dezembro de 1965.

ADHEMAR PEREIRA DE BARROS

José Carlos de Ataliba Nogueira

Publicada na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 13 de dezembro de 1965.

Miguel Sansígolo

Diretor Geral, Substituto

Tamanha foi a surpresa em saber que não existiu ali, naquele território um grupo escolar, mas sim, dois grupos escolares. Nesse momento tivemos alguns textos se conversando e se completando, a ficha escolar que dispõe sobre o início da Escola Orlando Quagliato, o depoimento textualizado da Professora Norma, a Lei Estadual nº 9.176 que cria o Grupo Escolar da Usina São Luiz e o Decreto de 26 de novembro de 1970 que muda o nome do Grupo Escolar Usina São Luiz para Grupo Escolar Orlando Quagliato, que segue abaixo:

Decreto de 26 de novembro de 1970

Dá denominação a estabelecimento de ensino

ROBERTO COSTA ABREU SODRÉ, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso de suas atribuições legais, e

Considerando que Orlando Quagliato, temperamento dinâmico, habilidoso, empreendedor, foi um esteio no progresso de Ourinhos;

Considerando os relevantes serviços prestados à coletividade por sua atividade empresarial aliada a excelente formação moral e profundo espírito humanitário;

Considerando em especial seus méritos no campo da educação, em que se esmerou por ser útil ao próximo, sobretudo aos menos favorecidos,

Decreta

Artigo 1º – Passa a denominar-se <<Orlando Quagliato>> o Grupo Escolar da Usina São Luiz, no município de Ourinhos.

Artigo 2º – Esse decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 26 de novembro de 1970.

ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ

Paulo Ernesto Telle, Secretário da Educação

Publicado na Casa Civil, aos 26 de novembro de 1970

Maria Angélica Galiuzzi, Responsável pelo S.N.A.

Ao cotejar as entrevistas da Professora Norma e do Senhor Floriano dos Santos, colono e motorista da Usina São Luiz por 58 anos, a ficha informativa da Diretoria de Ensino da Região de Ourinhos, a lei e o decreto em questão, realizamos os seguintes apontamentos: o início da usina se deu a partir de um alambique de aguardente construído pelo Senhor Orlando Quagliato, que, a partir de 1951, fundou a Usina São Luiz. Com o crescimento da usina, o número de boias-frias e outros profissionais da cana aumentou, juntamente com suas famílias. As escolas isoladas fizeram parte desse cenário, visando atender à população que crescia. Posteriormente às escolas isoladas localizadas nas fazendas e colônias da Usina São Luiz, que praticavam até a terceira série, veio o Grupo Escolar da Usina São Luiz, localizado na Colônia do Açude, na sede da usina, mas construído com características em comum com as escolas isoladas. Isso deu-se legalmente no ano de 1965. Por pelo menos 5 anos esse grupo escolar funcionou até que legalmente o Grupo Escolar que tem como nome Orlando Quagliato,

esse falecido em 1960, ficasse pronto, localizado na Avenida Jayme Rossi, sem número, no coração da Usina São Luiz. Pelo decreto, os dois grupos escolares são a mesma coisa, mas na prática, foram escolas construídas em locais diferentes, de modos diferentes.

Trago novamente a Professora Norma para nos contar como foi esse início do Grupo Escolar Orlando Quagliato:

Quando me efetivei e voltei a trabalhar nas escolas da usina voltei ainda na escola velha, nessa que tinha banheiro precário, que era perto do açude. Isso já era em 1967. A escola de alvenaria demorou para começarem a construir, mas depois que começou foi muito rápido. [...] Sonhávamos em trabalhar na escola nova.

As crianças ficaram muito surpreendidas com essa escola, nunca tinham visto um prédio daquele jeito. Era tudo diferente do que eles conheciam, desde o mobiliário que ajudamos a ajeitar até os banheiros. Muitos não conheciam um banheiro com vaso sanitário, lavatório, azulejo.

Nesse início o diretor foi o Senhor Jairo. Ele ficou lá por 10 anos. Eu o substituí na direção quando ele tinha que se ausentar. O dia que chegou o mobiliário na escola o senhor Jairo falou para mim: “Olha vai chegar o mobiliário da escola, então você fica atenta porque tem que ver tudo certinho, se não falta nada ou se não está quebrado, depois não podemos reclamar”. Quando o prédio de alvenaria começou, todos os alunos das escolas de madeira das colônias foram para a Escola Orlando. Começamos com aproximadamente 100 alunos. As aulas na escola nova eram apenas no período da manhã. Parecia que os alunos tinham ido para um castelo. Ficaram muito admirados. Levamos um dia inteiro para descarregar o mobiliário da escola.

Todo mundo ajudou a descarregar, alunos, professores e funcionários. No caminhão tinha de tudo, era bastante coisa, carteira, mesa, coisas de cozinha, filtro, pratos, coisas miúdas, armários para as salas da direção, secretaria, sala dos professores (Norma Aparecida Bianchi Tavares, professora depoente).

O novo grupo escolar da Usina São Luiz, chegou com as características dos grupos escolares localizados na zona urbana. Fisicamente foi construído com dez salas de aula, banheiros, cozinha, biblioteca, sala da direção, sala da coordenação, sala dos professores, um imenso jardim que separa os blocos. Uma escola de se admirar, para a época, como os demais grupos escolares. Tudo isso dentro de uma indústria de álcool e açúcar, localizada na zona rural. Uma escola ímpar.

Figura 32: Escola Estadual Orlando Quagliato



Fonte: arquivo do autor

Na década de 1960 as transformações políticas ditam os rumos do país influenciando a educação de forma maciça. As festividades e comemorações relativas aos valores da Pátria se intensificam nas escolas de educação básica. A ditadura começa, adentramos a década de 1970. Temos um Orlando festivo, comemorativo e silencioso. Livros e manuais que praticam a memorização e fixação de conteúdos sem maiores questionamentos eram utilizados nessa escola, assim como nas escolas de centros urbanos. Orlando, assim como outras escolas públicas, foi atingido por algumas leis e decretos que o transformaram. O silêncio dos depoentes em relação a questões dessa época é unânime. No período do regime militar os professores poderiam sofrer punições caso algum ato de “subversão” ocorresse.

O Decreto-Lei 477 ampliou a repressão e o terrorismo governamental às redes de ensino. O primeiro artigo desse decreto excedeu “infração disciplinar” de professores, alunos e funcionários dos estabelecimentos de ensino público e particular: o aliciamento e incitamento à greve, o atentado contra pessoas, bens ou prédio, os atos destinados à organização de movimentos subversivos, o sequestro e o uso de

estabelecimentos escolares para “fins de subversão” (PILETTI, 1990, p. 61).

A cultura popular sempre existiu na escola, mas nós tivemos a ditadura no país, não podíamos falar qualquer coisa na sala de aula, as vezes dava vontade de falar, de dar a opinião, e eu falava “meio por cima assim”, tínhamos essa dificuldade, não havia a liberdade de expressão de hoje, provavelmente os alunos dessa época eram assim, quietos, tinham respeito com o professor, você entrava na sala e eles levantavam, era o costume (José Roberto Machado Fonseca, professor depoente).

DECRETO-LEI Nº 477, DE 26 DE FEVEREIRO DE 1969

Revogado pela Lei nº 6.680, de
1979

Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o parágrafo 1º do Art. 2º do Ato Institucional nº 5, de 13 de dezembro de 1968,

DECRETA:

Art. 1º Comete infração disciplinar o professor, aluno, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino público ou particular que:

- I - Alicie ou incite à deflagração de movimento que tenha por finalidade a paralisação de atividade escolar ou participe nesse movimento;
- II - Atente contra pessoas ou bens tanto em prédio ou instalações, de qualquer natureza, dentro de estabelecimentos de ensino, como fora dele;
- III - Pratique atos destinados à organização de movimentos subversivos, passeatas, desfiles ou comícios não autorizados, ou dele participe;

IV - Conduza ou realize, confeccione, imprima, tenha em depósito, distribua material subversivo de qualquer natureza;

V - Sequestre ou mantenha em cárcere privado diretor, membro de corpo docente, funcionário ou empregado de estabelecimento de ensino, agente de autoridade ou aluno;

VI - Use dependência ou recinto escolar para fins de subversão ou para praticar ato contrário à moral ou à ordem pública.

ARTUR DA COSTA E SILVA

Luís Antonio da Gama e Silva

Tarso Dutra

No ano de 1967, foi aprovada a Constituição Federal no governo Castello Branco, instalando-se intervenções controladoras na sociedade. Essa constituição institucionalizou e legalizou o regime militar, aumentando o controle do Poder Executivo sobre o Legislativo e Judiciário, criando desta forma, uma hierarquia constitucional centralizadora. As emendas constitucionais passaram a ser atribuições únicas e exclusivas do Poder Executivo, do Presidente da República. Juntamente com os Atos Institucionais e outros decretos, os governos militares conduziam o país.

Foi através da educação que o governo difundiu seus ideais e valores, reafirmando o capitalismo como um modelo ideal, capaz de levar o país ao progresso e a prosperidade econômica. Mas para que esse ideal fosse concretizado, o governo precisaria de homens formados sob esta perspectiva, e foi nesse sentido, através do ensino que foi posta em evidência a diferenciação entre aqueles que detinham o poder financeiro e poderiam desfrutar de uma formação que os qualificasse para serem os dirigentes e aqueles que possuíam nada além da sua força de trabalho, lhes restando um ensino técnico que os empurrava a triste sina de operários (BOUTIN et al., 2015, p. 2).

De acordo com Aranha (2005, p. 211, apud ALVES, 2009, p. 73) diz: Que a intenção da ditadura em “educar” politicamente a juventude se revela no decreto-lei baixado pela Junta Militar em 1969, que torna o ensino de Educação Moral e Cívica obrigatório nas escolas em todos os graus e modalidade de ensino. No final do grau médio a denominação muda para Organização Social e Política

Brasileira (OSPB) e no curso superior, para Estudos de Problemas Brasileiros (EPB).

A partir de 1961 o ensino público foi regido pela Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que preconizava, dentre outras coisas:

Art. 25. O ensino primário tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social.

Art. 26. O ensino primário será ministrado, no mínimo, em quatro séries anuais;

Art. 27. O ensino primário é obrigatório a partir dos sete anos e só será ministrado na língua nacional. Para os que o iniciarem depois dessa idade poderão ser formadas classes especiais ou cursos supletivos correspondentes ao seu nível de desenvolvimento.

No ano de 1971, em pleno regime militar, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971) entra em vigor, com objetivo de fixar diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Das várias mudanças realizadas pela lei em relação à lei anterior, ela unifica o ensino primário e ginásial. O ensino passa a ser obrigatório até o oitavo ano escolar, conforme o parágrafo primeiro do capítulo 1: para efeito do que dispõe os artigos 176 e 178 da Constituição, entendesse por ensino primário a educação correspondente ao ensino de primeiro grau e por ensino médio, o de segundo grau.

[...] foi aprovada, em 11 de agosto de 1971, a Lei n. 5.692/71, que unificou o antigo primário com o antigo ginásio, criando o curso de 1º grau de 8 anos e instituiu a profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau, visando atender à formação de mão-de-obra qualificada para o mercado de trabalho (SAVIANI, 2008, p.8).

Ainda de acordo com Saviani, a pedagogia tecnicista buscou o reordenamento educacional visando a produtividade. Os principais enfoques das mudanças realizadas na LDB de 1971 eram:

[...] formação para o desenvolvimento econômico dentro dos parâmetros da ordem capitalista; na função de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho atribuída ao primeiro grau

de ensino; no papel do ensino médio de formar, mediante habilitações profissionais, a mão de obra técnica requerida pelo mercado de trabalho; na diversificação do ensino superior, introduzindo-se cursos de curta duração, voltados para o atendimento da demanda de profissionais qualificados; no destaque conferido à utilização dos meios de comunicação de massa e novas tecnologias como recursos pedagógicos; na valorização do planejamento como caminho para racionalização dos investimentos e aumento de sua produtividade; na proposta de criação de um amplo programa de alfabetização centrado nas ações das comunidades locais (SAVIANI, 2008, p. 296).

Juntamente com as normativas do Governo Federal, Orlando, um Grupo Escolar do Estado de São Paulo, também segue as normas do Governo Estadual, sendo remodelada por dois decretos estaduais: o Decreto n. 2957 de 04 de dezembro de 1973 e o decreto n. 7400 de 30 de dezembro de 1975, a seguir:

Decreto nº 2.957 de 04 de dezembro de 1973

Dispõe sobre normas para a denominação de estabelecimentos oficiais de ensino de 1º e 2º graus do Sistema de Ensino do Estado de São Paulo

Artigo 1º - Os estabelecimentos de ensino oficiais de 1º e 2º graus do Sistema Estadual de Ensino serão denominadas:

I - Escola Estadual de 1º grau: quando ministrarem o ensino que na estrutura de sistema escolar constitui o 1º grau, envolvendo oito (8) anos de escolaridade básica;

II - Escola Estadual de 2º grau, quando ministrarem o ensino de grau subsequente ao 1º e antecedente ao superior na estrutura do Sistema Escolar;

III - Escola Estadual de 1º e 2º grau configurada como unidade administrativa quando ministrarem ensino correspondente a esses graus;

IV - Centro Estadual Interescolar, quando ministrarem uma ou mais matérias (ou um ou mais dos seus conteúdos específicos), completando o currículo pleno de um ou mais estabelecimentos, ou mantiverem serviços educacionais-técnico especializados;

V - Escola Estadual de Educação Infantil: quando promoverem a escolaridade prevista no § 2º do artigo 1º da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

DECRETO N. 7.400, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1975

Estabelece a estrutura da rede oficial de ensino do Estado e dá providências correlatas

PAULO EGYDIO MARTINS, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, no uso de suas atribuições legais, com fundamento no Ato Institucional n. 8, de 2 de abril de 1969 e à vista do disposto na Lei Federal n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa as Diretrizes e Bases para o ensino de 1.º e 2.º graus, Decreta:

Artigo 1.º - A rede oficial de ensino do Estado de São Paulo terá a seguinte estrutura:

- I - Escolas Estaduais de 1.º grau;
- II - Escolas Estaduais de 2.º grau;
- III - Escolas Estaduais de 1.º e 2.º graus;
- IV - Centros Estaduais Interescolares.

Parágrafo único - Cada estabelecimento de ensino será dirigido por um Diretor de Escola.

Artigo 2.º - Para a implantação da estrutura a que se refere o artigo anterior o Secretário da Educação poderá:

- I - criar, conservar, transformar, fundir, incorporar, desdobrar, alterar e extinguir classes e cursos;
- II - conservar, transformar, fundir, incorporar, desdobrar e alterar estabelecimentos de ensino;
- III - relocar cargos do Quadro do Magistério e do Quadro da Secretaria da Educação, bem como redistribuir funções, no âmbito da própria Secretaria;
- IV - promover a transferência, se necessária, de materiais e equipamentos, de um para outro estabelecimento, objetivando sua racional utilização;
- V - transferir alunos de um para outro estabelecimento.

Artigo 3.º - Na execução das medidas previstas nos incisos I e II do artigo anterior, deverão ser observados os seguintes critérios e condições:

- I - prioridade para o atendimento da demanda do ensino de 1.º grau na faixa etária dos 7 aos 14 anos;
- II - existência de prédio que possibilite instalação adequada para o grau de

ensino a ser ministrado e que permita ao estabelecimento funcionar em turnos diários de 4 horas, com o máximo de 35 alunos por classe e com o mínimo de 180 dias letivos por ano;

III - integração vertical de estabelecimentos de ensino de 1.º grau, de uma mesma área comunitária, em unidade mais ampla, para evitar duplicidade de meios objetivando fins idênticos e equivalentes;

IV - integração horizontal no 2.º grau de ensino para propiciar a Inter complementariedade de escolas, por meio dos Centros Estaduais Interescolares destinados ao atendimento simultâneo de estabelecimentos da região;

V - racionalização administrativa da escola com o adequado aproveitamento do prédio e a melhor utilização dos recursos materiais e humanos existentes.

Artigo 4.º - A relocação de cargos providos e a redistribuição de funções previstas no inciso III do Artigo 2.º, relativamente ao pessoal docente e aos diretores de escola, far-se-ão:

I - na área da Capital, para escola localizada no mesmo distrito onde esteja situado o estabelecimento em que o funcionário tenha seu cargo lotado ou o servidor estável ou extranumerário venha exercendo sua função;

II - na área dos demais Municípios, para escola localizada no respectivo distrito ou na sede do município onde esteja o estabelecimento em que o funcionário tenha seu cargo lotado ou o servidor estável ou extranumerário venha exercendo sua função.

Artigo 5.º - Para aplicação do disposto no artigo anterior, o pessoal docente e os diretores de escola farão a escolha do estabelecimento de lotação do cargo ou de exercício da função, observando-se, para esse fim, os seguintes critérios:

I - os servidores serão chamados pela seguinte ordem de preferência:

- a)** funcionários nomeados em caráter vitalício;
- b)** funcionários efetivos concursados;
- c)** funcionários efetivos sem concurso;
- d)** servidores estáveis;
- e)** servidores extranumerários.

II - em cada grupo de que tratam as alíneas do inciso anterior a ordem de chamada far-se-á de acordo com o tempo de exercício no respectivo cargo ou função;

III - ocorrendo igualdade de tempo de exercício no respectivo cargo ou função prevalecerão sucessivamente:

- a)** tempo de exercício em cargo ou função de magistério;
- b)** tempo de serviço prestado ao Estado;
- c)** encargos de família.

§ 1.º - A escolha de que trata este artigo fica restrita à disciplina que o habilitou para o provimento do cargo ou para o exercício da função.

§ 2.º - Os atuais Diretores de Escola efetivos, cujos cargos anteriormente denominavam-se Diretor de Estabelecimento de Ensino Médio, terão preferência na escolha das vagas existentes nos estabelecimentos que ministrem ensino de 2.º grau.

Artigo 6.º - Se, efetuada a chamada para a escolha a que se refere o artigo anterior inexistir vaga que possibilite a relocação do cargo ou a redistribuição da função no correspondente distrito ou sede do município o docente ou o diretor de escola, ficarão adidos à respectiva Delegacia de Ensino, prestando serviço compatível com o seu cargo ou função, até futuro aproveitamento em vaga que venha a ocorrer na área jurisdicionada pela mesma Delegacia.

Parágrafo único - As vagas que venham a ocorrer nos estabelecimentos das respectivas Delegacias serão prioritariamente preenchidas pelos servidores abrangidos por este artigo, na forma que vier a ser regulamentada, antes de seu relacionamento para os concursos de remoção.

Artigo 7.º - Na criação dos Centros Estaduais Interescolares serão prioritariamente aproveitados os recursos materiais e o pessoal dos atuais estabelecimentos de ensino técnico.

Artigo 8.º - Nas escolas situada na área de residência ou de trabalho do aluno, este terá prioridade na matrícula.

Parágrafo único - Em decorrência do disposto neste artigo o aluno já matriculado em escola situada fora de sua área de residência ou de trabalho será transferido para estabelecimento localizado na sua área de residência ou de trabalho, sempre que essa medida seja indispensável para implantação prevista neste decreto.

Artigo 9.º - O aluno só poderá matricular-se em escola situada fora de sua área de residência ou de trabalho se nela houver vaga.

Artigo 10 - Os títulos dos servidores cuja situação seja alterada por este

decreto serão apostilados pelos Diretores Regionais de Educação.

Artigo 11 - O Secretário da Educação baixará normas complementares necessárias à execução deste decreto.

Artigo 12 - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio dos Bandeirantes, 30 de dezembro de 1975.

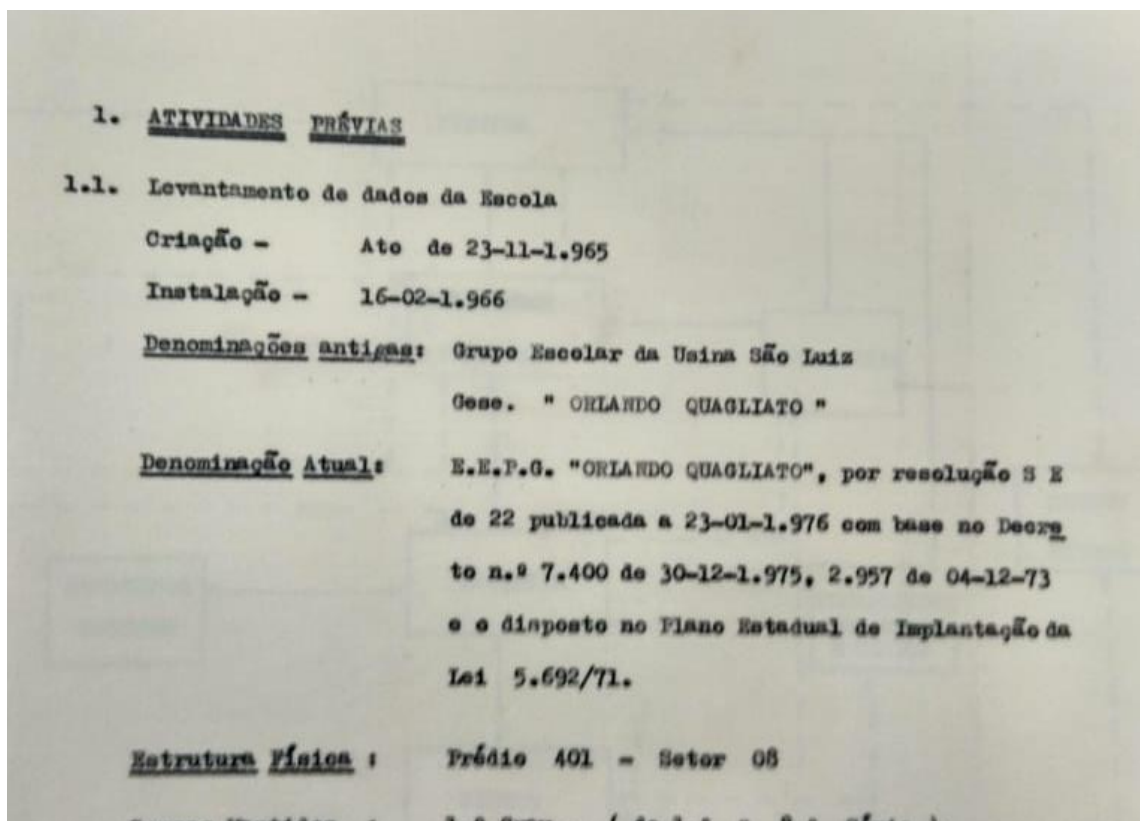
PAULO EGYDIO MARTTNS

José Bonifácio Coutinho Nogueira ,Secretário da Educação

Publicado na Casa Civil, aos 30 de dezembro de 1975.

Maria Angélica Galiazzi, Diretora de Divisão de Atos do Governador

Figura 33: Descrição de algumas características da Escola Orlando Quagliato do Plano Escolar de 1979



Fonte: arquivo da escola

A Escola Estadual de Primeiro Grau Orlando Quagliato atravessou a década de 1970 atingidas pelas mesmas mudanças que qualquer outra escola estadual urbana. Era regida e mantida pelo governo estadual e seus contratos locais. Algumas características dos grupos escolares se mantiveram, entre elas o uso da cartilha Caminho Suave.

Tanto no Grupo Escolar Orlando Quagliato, quando no Grupo Escolar da Usina São Luiz e nesse Estado de modo geral a cartilha Caminho Suave foi um dos principais instrumentos utilizados para alfabetizar os alunos. A cartilha Caminho Suave é uma cartilha de alfabetização publicada inicialmente em 1948 pela professora Branca Alves de Lima, elaborada a partir do método que a autora desenvolveu a através da observação das dificuldades de aprendizagem de seus alunos, em grande parte moradores da zona rural no interior do Estado de São Paulo. De acordo com Peres *et al.* (2019), a maior concentração de publicações ocorreu nas décadas de 1970 e 1980, coincidindo com o período de maior tiragem da cartilha. Destaca ainda que, durante o período mais significativo de publicação da cartilha (1964-1985), o país vivia à mercê do regime político autoritário, da ditadura militar, com cerceamento da liberdade e a censura da imprensa, entretanto, para o mercado editorial didático, foi um momento de expansão nas vendas em nível federal de compra e distribuição de livros para alunos de escolas públicas. De acordo com Lucila Conceição Pereira, do site <https://www.infoescola.com>, a própria autora nomeou o método como “Alfabetização pela Imagem” e o conteúdo da cartilha propunha um processo de alfabetização realizada pela associação entre imagens e palavras-chave, sílabas e letras. Atualmente a cartilha Caminho Suave é publicada pela Editora Edipro e está em sua 133ª edição.

Mas ocorreram também mudanças significantes, dentre elas o ensino obrigatório até o oitavo ano escolar e a inserção das disciplinas de OSPB e EMC. Graças a essas mudanças, o Professor José Roberto Machado Fonseca conseguiu iniciar sua carreira no magistério e lá ficou por aproximadamente 27 anos.

Para trabalhar nesse cargo de orientador educacional, o professor tinha que ser indicado por um diretor, pois era um cargo de confiança. Quem era formado em História ou Geografia tinha direito de lecionar Educação Moral e Cívica ou Organização Social Política do Brasil, OSPB e era habilitado ao cargo de orientador educacional [...] eu entrei como professor de Educação Moral e Cívica e OSPB para os alunos da quinta a oitava série do ginásio e como orientador educacional dessas matérias pois eu tinha flexibilidade no horário e conseguia desempenhar as funções. Funcionava assim: toda festividade realizada na escola era organizada por mim. Existia já naquela época o hasteamento da Bandeira Nacional. Pela manhã hasteávamos a bandeira e a tardezinha arriávamos a mesma. Os alunos tinham muito respeito com o professor e com os símbolos nacionais. Hoje o nosso governo está até pedindo para

fazer o hasteamento da bandeira, mas antigamente ocorria religiosamente essa cerimônia e era organizada por mim. Durante a semana eu fazia uma escala com os professores de cada sala e fazíamos o hasteamento, cantávamos o Hino Nacional Brasileiro e se tivesse alguma coisa sobre o dia, alguma comemoração, os alunos faziam uma apresentação, cantavam, falavam sobre esse dia e faziam o hasteamento e o arreamento da Bandeira Nacional a tarde (José Roberto Fonseca, professor depoente).

Uma escola estadual de primeiro grau organizada, cumpridora dos deveres da Pátria, com ênfase na disciplina dos alunos e na memorização de conteúdos. Esta era Orlando. Porém, mesmo sendo formatada como uma escola urbana e com currículo urbano, Orlando tinha suas características rurais que se apresentavam a todo momento. Dentre essas características, algumas foram marcantes:

Nossos alunos eram muito carentes. Certa vez muitos alunos evadiram-se da escola, fizemos um trabalho e fomos atrás desses alunos, e nessa oportunidade vimos que muitos deles não tinham condições dignas de vida, era muito difícil, tivemos que ajudá-los. Fomos atrás desses alunos. Quando eu entrei no Orlando tinha muito piolho, eu não conhecia piolho nessa época (José Roberto Machado, professor depoente).

Quando um aluno faltava íamos até a colônia saber o que estava acontecendo, por que não iam mais a escola. Certa vez nós precisamos de ajuda para tirar duas crianças de condições vulneráveis. O pai tinha morrido e mãe estava desequilibrada. As crianças ficaram alguns dias sem aparecer na escola e em um domingo eu e a professora Cidinha e fomos ver aquelas crianças, era bem longe, era na colônia Imbiruçu. Fomos para Imbiruçu, chegando lá deu uma tristeza muito grande, a menininha deitada no chão, fraca, muito mosquito na casa, aquela mulher meio maluca, alcoolizada, fora do juízo, tivemos que trazer essas crianças para um hospital em Santa Cruz, ficaram internadas para cuidar da saúde, a menina tinha muitos vermes, estava muito fraca. [...] Me lembro que eles tomavam chuva, não tinham mochila, não tinham bolsa, estragavam caderno na chuva. Nós começamos a levar saquinhos de arroz, de plástico, para evitar que o material escolar molhasse na chuva. [...] Na escola fazíamos de tudo, cuidávamos das crianças, tirávamos bicho de pé, cortávamos as unhas deles. Um dia uma aluna me disse que a mãe falou para eu cortar a unha dela, e a gente fazia essas coisas, eu disse para a menina: “e porque a mamãe não cortou sua unha?”, e ela respondeu: “ah, é porque nós não temos tesoura”, era assim. Outra vez estávamos na quadra, estava muito frio e a criança tudo fervendo de piolho, nós fomos lá na quadra e colocamos remédio na cabeça das crianças, de todas elas. (Norma Aparecida Bianchi Tavares, professora depoente).

Orlando também era uma escola de passagem. Como vimos anteriormente, nos anos 60, 70, ocorreu nesse estado uma grande migração de indivíduos moradores da zona rural em direção dos centros urbanos. Porém, a Escola Estadual de Primeiro Grau Orlando Quagliato foi construída dentro de uma indústria de álcool e cana-de-açúcar, a Usina São Luiz. Os alunos da Escola Orlando não são filhos de sitiantes, de proprietários de terras, com exceção do Senhor Kiko Quagliato, filho dos empresários da usina, que estudou todo o primeiro grau nessa escola. Os alunos do Orlando são filhos dos colonos, dos boias-frias, dos peões das fábricas, da lavoura, dos funcionários que trabalhavam na indústria. Os colonos que moraram nas quase extintas colônias da Usina São Luiz, viveram ali, em sua maioria, o tempo da safra da cana-de-açúcar, aproximadamente 10 meses, alguns ficavam um pouco mais, dependendo do serviço e outros quase a vida toda, como é o caso do Seu Floriano dos Santos, nosso depoente. Floriano nasceu no Estado de Sergipe, em 1939. Chegou à usina São Luiz com aproximadamente 17 anos, saiu, voltou, morou no barraco dos peões, se casou ali, teve seus 5 filhos, que foram alunos da escola Orlando, de peão passou a tratorista, depois a motorista, conseguindo sair do fluxo da safra, e ali ficou, por 58 anos trabalhando na usina.

Eu era peão, vim arrumar serviço. Fiquei sabendo pelos meus amigos que a Usina São Luiz era muito boa para oferecer cargo de motorista, que era meu sonho na época: “só que primeiro você tem que trabalhar de ajudante carregando caminhão de cana”, eu falei: “isso eu já faço aqui na Fazenda Santana, nessa colônia, já carrego caminhão”, era tudo braçal antigamente. [...] Em 1958 eu fui morar na Colônia do Açude, que hoje é um depósito de bagaço de cana, mudaram tudo lá. Eu morava, eu e diversos rapazes [...] depois eu falei “eu quero ir para o barraco onde moram os companheiros da obra, os peões”, os homens sem família. [...] Em 1959 a usina só tinha uma colônia onde todos moravam. Não havia energia elétrica, era tudo no motor. Luz elétrica só havia na casa dos patrões, próximo aos escritórios. [...] Em cada barraco moravam 4 homens. Havia duas camas. Dormíamos em duplas. Havia barracos que tinham beliches, mas no nosso eram camas mesmo, dois peões em uma cama. Não tinha banheiro, cozinha, nada disso. Para fazer as necessidades íamos no mato, na cana. A cozinha era na pensão. Quando fizeram banheiro, fizeram de tábuas, no quintal, com fossa (Floriano dos Santos, depoente).

Os funcionários da usina vinham de toda parte do Brasil. Alguns chegavam sem família, como o caso do seu Floriano, outros com as famílias. Também tinha os

funcionários que trabalhavam no escritório, nas oficinas, na cozinha, em outros setores diferentes da lavoura. Geralmente esses moravam nas cidades vizinhas à usina. Os alunos da Escola Quagliato eram, na maioria, filhos dos colonos. Muitos desses, como o seu Floriano, chegou solteiro e ali constituiu família, permanecendo no local. A maioria vinha no período da safra, trabalhar no corte da cana. Ao término da safra, migravam para outro local a procura de emprego. Um território definitivamente ligado ao êxodo de pessoas. Essa também é uma das faces de Orlando. Ali estudaram alunas e alunos filhas e filhos de famílias de todo Brasil. Alguns ficaram semanas, outros anos. Alguns conseguiram completar os ciclos escolares ali, mas que, junto com as residências físicas que quase não existem mais naquele local, deixaram o território da Usina São Luiz.

9. RURALIDADES E O FIM DA ESTRADA

Os termos ruralidades, rural, caipira, aparece em nossos entendimentos de várias maneiras, modos de vida. Quando nos relacionamos à vida no campo, a pobreza sofrida pelo lavrador, ao preconceito com o termo “boia-fria”.

O termo boia-fria pode possuir vários significados que variam de acordo com a abordagem. As pessoas que recebem esse nome vivem ou já viveram no campo, quase sempre tiveram poucos anos de estudo e não possuem qualificação profissional. Muitas dessas pessoas são analfabetas ou semianalfabetas que se sujeitam ao trabalho no campo em diversas culturas, quase sempre em períodos de colheitas, geralmente em baixas condições de trabalho e salarial. O termo boia-fria designa um indivíduo que executa um trabalho na zona rural sem a obtenção de vínculos empregatícios. (FREITAS, 2018)⁸¹.

Carregamos socialmente preconceitos em relação ao desconhecimento do local, às pessoas que ali residem, suas moradias, seus costumes, sua cultura. Perversidades. Farei uso aqui de uma abordagem realizada por Rosa Maria Vieira Medeiros no artigo Ruralidades: novos significados para o tradicional rural (2017)⁸²:

⁸¹ <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/boia-frias.htm>

⁸² <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157495/001016917.pdf>

A ruralidade pode ser entendida como um modo de vida, como uma sociabilidade que é pertinente ao mundo rural, com relações internas específicas e diversas do modo de viver urbano. A ruralidade sugere uma gama considerável de imagens quando é pensada, quando é discutida. Ruralidade é uma construção social contextualizada, com uma natureza reflexiva, ou seja, ela é o resultado de ações dos sujeitos que internalizam e externalizam através dessas ações a sua condição sociocultural presente que é reflexo da condição herdada de seus antepassados. Nesta ruralidade está expressa a capacidade destes sujeitos de se adaptarem às novas condições resultantes das influências externas.

Assim, deixaremos de lado algumas abordagens de ruralidades que ultrapassam conceitos filosóficos, sociológicos, geográficos, apenas. E com apenas um direcionamento, uma vertente. Realizaremos uma conceitualização geral e que nos é possível no momento, fazendo uso dos nossos depoimentos, leituras e recortes.

Lá na nossa casa, nessa época tomávamos banho com água de poço, não tinha água encanada ainda. Enchíamos o balde de água e tomávamos banho no banheiro fora da casa. Na usina tinha um armazém que fazíamos compras, um armazém de madeira, tinha de tudo lá, até roupas de loja tinha ali, marcávamos para pagar no pagamento. O pai dessa comadre nossa, minha vizinha atual, era açougueiro, matava boi nos fundos da nossa casa lá. Nos fundos da nossa casa tinha um matadouro de boi. Matavam os animais, penduravam nuns ganhos nas carreiras de eucalipto que existia por ali, tiravam o couro, tiravam os quartos do boi e já levavam para o armazém para que fossem vendidos (Anísia dos Santos, depoente).

O agro é bom! O agro é pop⁸³. Agro, a indústria-riqueza do Brasil. Uma série apresentada pela emissora de televisão Rede Globo⁸⁴, nos apresenta, geralmente em meio à sua programação cotidiana, episódios que nos mostram as riquezas do território do campo, os números de toneladas de grãos produzidos, as inúmeras culturas de alimentos cultivadas no território rural, os animais que são criados nesse território, o poder da agroindústria. O rural ganhou a mídia. Vendido pelos canais de comunicação como um território de felicidade, de fortuna, de alegria, de desenvolvimento. Um pano de fundo

⁸³ Pop: Que é do povo, da cultura popular, moderna.

⁸⁴<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/playlist/videos-agro-a-industria-riqueza-do-brasil.ghtml>

construído com felicidades para mostrar e convencer o telespectador sobre o lucrativo mercado rural, ou para mostrar ao mundo a riqueza do nosso solo. Felicidades. Mas felicidade para quem? Que pessoas consomem essa ideia? Que pop é esse, que cultura é essa? Que agro é esse? Que ruralidades são essas? O que é esse rural? Os lavradores das colônias da Usina São Luiz ou então os trabalhadores do Movimento Sem Terra⁸⁵ estão inseridos nesse “pop”?

Figura 34: Logomarca da propaganda: Agro, a indústria da riqueza do Brasil.



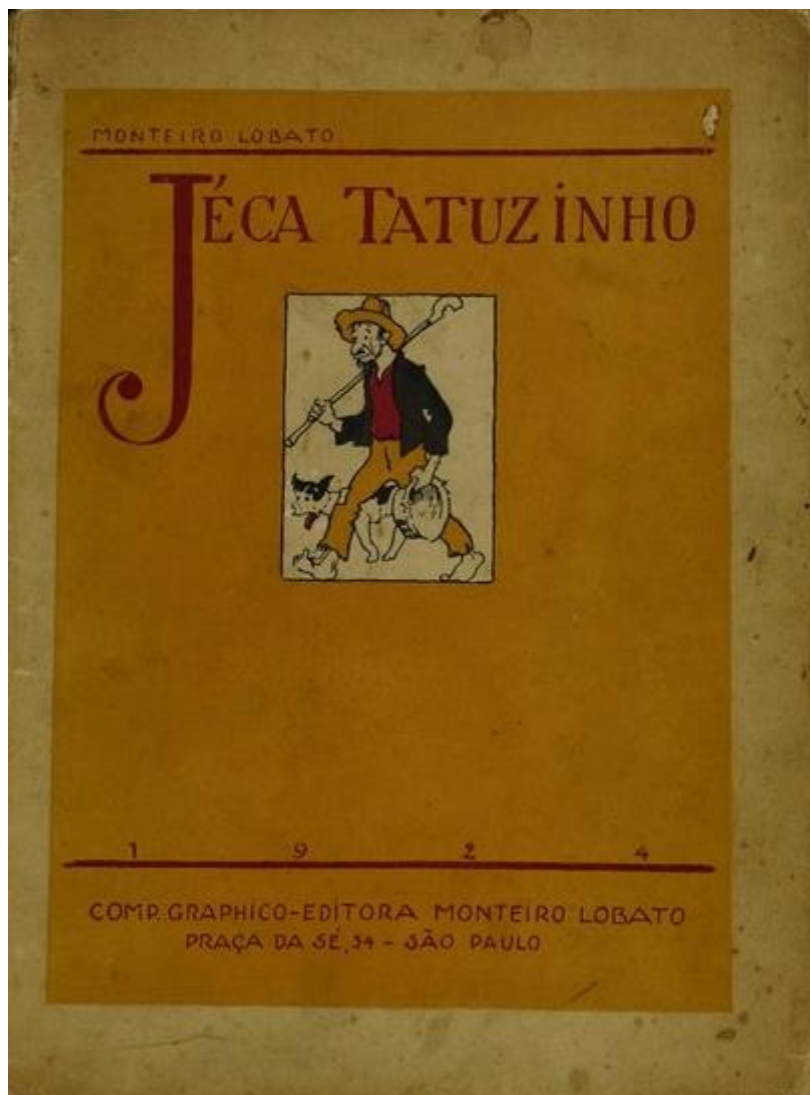
Fonte: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/>

De repente o território rural ficou famoso, elitizado e estilizado. Só alegrias no campo. Alegrias? Para quem? O rural bucólico não existe mais? Questões de hoje, pensadas hoje. Ao adentrarmos a Escola Estadual Orlando Quagliato nos deparamos com qual rural? O bucólico oferecido pelo escritor Monteiro Lobato⁸⁶ e seu personagem Jeca Tatu criado em sua obra *Urupês*, publicada em 1916, com quatorze histórias sobre o trabalhador rural paulista e depois com histórias para o público infantil com o Livro *Jeca Tatuzinho* de 1924?

⁸⁵ MST: O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e organização dos trabalhadores rurais. Para saber mais: <https://mst.org.br/quem-somos/>.

⁸⁶ José Bento Renato Monteiro Lobato foi contista, ensaísta e tradutor, nascido na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, no ano de 1882.

Figura 35: Imagem de capa do Livro Jecatatzinho, de Monteiro Lobato, 1924.



Fonte: <https://openlibrary.org>

O livro Jeca Tatuzinho, do escritor Monteiro Lobato, publicado em 1924 começa assim: “Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de palha. Vivia numa completa pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, de vários filhinhos, pálidos e tristes. Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando uns enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejauva⁸⁷, mas não se lembrava de plantar um pé de couve atrás de seu casebre. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. Com isso lá

⁸⁷ Planta que tem pequenos cocos como seus frutos. Conheci também como Palmeira que dá coquinhos.

ia vivendo. Dava pena ver a miséria da sua casa. Não havia nem moveis, nem roupas, nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, uma espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só. Todos os que passavam por ali diziam ao vê-lo: — Que grandessíssimo preguiçoso!”.

Figura 36: Imagem do Livro Jeca Tatuzinho, de Monteiro Lobato, 1924.



Fonte: <https://openlibrary.org>

Rural famoso, elitizado, estilizado? Não vemos isso no caso do personagem Jeca Tatu. Um rural miserável, paupérrimo, como mínimas condições de sobrevivência. Nos cercaremos de textos escritos, imagens, entrevistas e colocações para tentarmos entender o território no qual está instalada a Escola Orlando, dentro de uma usina de cana-de-açúcar, uma agroindústria, em um complexo de fazendas. Buscamos na literatura, conceitos de rural, urbano, território e ruralidades com uma pergunta: o que tanto mudou nesse espaço territorial chamado de rural, antes chamado de miserável por alguns e hoje de pop, almejado por uma grande parcela social?

Tentando entender o conceito de rural e de ruralidades nos dias atuais, nos apoiamos em Rosa Maria Vieira Medeiros, em *Ruralidades: novos significados para o tradicional rural* (2017), que define o conceito de Ruralidade tanto no plano sociológico como no geográfico e, é definido originalmente como um espaço habitado por pequenas comunidades humanas, com valores mútuos e história comum que giram ainda em torno da fidelidade e do pertencimento a um meio, a um território e a família. Ali se reencontra uma dinâmica distinta e práticas sociais, culturais e econômicas fundadas sobre a proximidade, a convivialidade, a ajuda e a cooperação. Esta comunidade humana é muitas vezes representada pela forma de viver que associa o território, às relações de vida e à construção social ali dada. Este tipo de população mantém um laço estreito com seu ambiente, valoriza a cultura identitária das diferentes comunidades.

Para o território de Orlando, muitas relações apresentadas nos depoimentos reforçam a ideia de Rosa Maria, e outras, nem tanto. Dentro de um mesmo espaço, algumas famílias viveram décadas enquanto outras apenas passaram. Lavradores de todo país vinham para safra da cana-de-açúcar e iam após a safra. Muitos carregavam consigo sua família.

Ali na usina era assim, a safra começa em maio, então em maio, que você já estava adiantada com seu programa, chegavam muitos alunos e no final do ano, quando acabava a safra, alguns ficavam e outros voltavam para seus locais de origem, muitos alunos saíam da escola no final do ano e quando chegava maio do ano seguinte, tínhamos que começar tudo de novo. Sempre havia uma turma à parte que ia começar a desenvolver a coordenação motora, alfabetização e outras coisas. Alguns ficavam, permaneciam ali na usina (Professora Norma, depoente).

Havia crianças sitiadas que vinham de vários lugares do País. Com o tempo, casavam-se entre eles. O pessoal vinha do norte e nordeste na safra, para trabalhar seis meses, descansar seis, e sempre ocorriam trocas, famílias vão, famílias vem. E tinham aquelas que permaneciam na usina, os filhos se casavam entre eles e novas famílias eram formadas (Silvana Santos, depoente).

Antes os trabalhadores rurais eram contratados temporariamente na época da safra, ficavam nuns alojamentos que existiam lá, acho que ainda existem, a maioria homens sozinhos, quando vinha a família toda essa família conseguia uma casa em alguma colônia. A rotatividade de alunos era grande antes porque eles

vinham, ficavam para a safra e iam embora, em Espírito Santo do Turvo a Escola Estadual Teresinha Mariano tem essa característica também (Maria Angélica Ribeiro Baccili, depoente).

Naquele espaço físico, muitas casas foram construídas em agrupamentos chamados de colônias em unidades ou dezenas. A Usina São Luiz, forneceu e ainda fornece, agora em número muito menor, casas para que as famílias dos trabalhadores da terra que ali chegavam e precisavam se estabelecer. Alguns, como o Senhor Floriano dos Santos, nosso depoente, devido a décadas de serviço prestados à Usina São Luiz, tinha o privilégio de escolher sua casa nas colônias.

Ele me deu uma chave de uma casa na Colônia do Armazém. Três grupos de casas que começavam lá na ponta da colônia, para cima da Colônia do Açude, três grupos de casas que acabavam ali, o resto era capim colonião, até na escolinha onde essas pessoas estudaram, minha mulher e outras pessoas [...] fomos para essa casa, de 4 cômodos. Uma casa bem grande. Era na beira do açude, no fim da colônia beirando as canas e os pés de mamona. Era uma casa boa, de alvenaria. Tinha dois quartos, cozinha, banheiro de tábua para fora da casa com fossa e buraco [...] lá na nossa casa, nessa época tomávamos banho com água de poço, não tinha água encanada ainda. Enchíamos o balde de água e tomávamos banho no banheiro fora da casa. Na usina tinha um armazém que fazíamos compras, um armazém de madeira, tinha de tudo lá, até roupas de loja tinha ali, marcávamos para pagar no pagamento. O pai dessa comadre nossa, minha vizinha atual, era açougueiro, matava boi nos fundos da nossa casa lá. Nos fundos da nossa casa tinha um matadouro de boi. Matavam os animais, penduravam nuns ganhos nas carreiras de eucalipto que existia por ali, tiravam o couro, tiravam os quartos do boi e já levavam para o armazém para que fossem vendidos (Floriano dos Santos, depoente).

Lá nas colônias nós mudávamos muito de casa, então, não conseguia estudar direito, entrava na escola, meus pais mudavam, íamos para outra colônia, parava de estudar, depois começava novamente, até que fui trabalhar e parei de estudar (Anísia dos Santos, depoente).

Figura 37: Entrada da Colônia Santa Rosa, 2019.



Fonte: Arquivo do autor

Algumas colônias ainda existem dentro do complexo da Indústria Usina São Luiz ou em fazendas do grupo Santa Maria. Como vemos na figura 37, a casa de tijolo à vista, cerca de balaústra, ar-condicionado, antena de transmissão à cabo para televisor, flores enfeitando. À primeira vista tudo bem organizado, padronizado. Um cartão de visitas para o caminhante que por ali passe.

Ao passar pela colônia, a mais próxima dos prédios da indústria, algumas questões aparecem e as trago aqui. Um lugar bem arrumado, fileiras de casas organizadas, as árvores enormes, antigas como as casas, tentam remeter à natureza e vida no campo, um lago abaixo utilizado para abastecimento da indústria, com mata ciliar, muito bem construído. Parece tudo harmônico. Talvez seja. Mas se é assim, por que as colônias estão desaparecendo, por que as casas estão sendo derrubadas? Que movimento é esse?

Nossos alunos da Escola Orlando moram todos nas colônias, não temos nenhum aluno da cidade, todos são de lá. Com esse êxodo que ocorre a cada dia não tem

como a escola não fechar. Outro fator do fim das colônias é que a indústria está em plena expansão, e estão se estendendo para os locais onde existiam algumas colônias, eles necessitam daquele espaço. Não é nem plantação, eles têm ali o que chamam de bagacinho da cana, que gera energia da indústria e precisa ficar na indústria, e, como eles têm um lago muito grande ali e as colônias ficam encostadas na indústria e próximas ao lago, eles estão demolindo as casas para colocar essas produções de bagaça para gerar energia, muitas casas foram demolidas por conta disso. É a agroindústria que está evoluindo e se expandindo ali. Para eles, o transporte do funcionário embora fique mais penoso para o funcionário, fica mais em conta para a empresa, pois a moradia nas colônias é “gratuita” para os funcionários (Maria Angélica Ribeiro Baccili, depoente).

A Escola Orlando sempre foi uma escola muito cheia. Hoje corre rumores de que ela vai acabar, pois tem poucos alunos. Os alunos se mudaram com os pais, as colônias estão acabando, e quando começa assim, a tendência é fechar, uma escola daquele tamanho, com mais de dez salas de aula, um prédio muito bonito (Silvana Santos, depoente).

Eu conheço todas as colônias que ainda existem, conheço a Bela Vista, já tinha ido outras vezes, o Vico, as que já fecharam eu não conheci, eu conheci, a Brizola, que era bem perto da FAPI, aqui em Ourinhos, não enxergávamos ela da cidade, porque ela fica bem no meio do canavial. Até dois mil e dezessete tínhamos alunos dali. Quatro famílias moravam lá. Hoje a colônia não existe mais. Os moradores das colônias se mudaram para os conjuntos habitacionais nas cidades de Ourinhos, Canitar, Chavantes e Santa Cruz. Em Ourinhos eles foram para os Bairro Recanto dos Pássaros e Veredas que praticamente são formados pelos colonos. Quando a família sai do território da usina, das fazendas, os alunos também se mudam para as escolas das cidades. Muitos foram pra Canitar por ser uma cidade bem pequenina, bem rural e não foge muito da realidade deles, as crianças não estranham a realidade de Canitar, que não é rural como na usina, mas depende do rural (Maria Angélica Ribeiro Baccili, depoente).

Nos depoimentos podemos observar que a necessidade de expansão da indústria, da lavoura, determina as nuances do território como variáveis humanas, agrícolas, culturais, físicas e geográficas. Talvez esse popular do “pop” não seja tão popular assim, não seja para o povo.

Com o passar dos anos o campo se refaz. As terras estão lá, no mesmo local, o que muda são os habitantes desse local. Junto com a mudança deles, ocorre a mudança cultural e o que há sobre a terra. Tudo começa com os indígenas,

possivelmente os primeiros habitantes das terras brasileiras. A colonização portuguesa transforma, totalmente, através dos séculos, grande parte desse território. Junto com essa colonização, outras nações aqui se estabelecem e se instalam nesse gigante chamado Brasil. Trazem consigo a cultura acumulada pela nação de origem, os costumes, as tradições, as monoculturas de animais e plantações. Se misturam ou resistem à essa mistura de povos, trabalham, combatem, lutam e conquistam. Junto a esses povos colonizadores, os povos africanos também chegam ao Brasil, mas de uma maneira diferente, na condição de escravos. Com o passar dos anos, século XIX, XX, o continente brasileiro é retalhado em inúmeras peças, um quebra-cabeças gigante. Fatias pequenas, médias e grandes, muito grandes. O capitalismo do século XX mostra suas garras e impõe seus valores, suas especificidades. As cidades aumentam, principalmente a partir do século XVIII com a revolução industrial e no Brasil não é diferente. O êxodo rural se instaura aqui neste país com força a partir da segunda guerra mundial. Com o avanço tecnológico e o aumento da demanda de mão de obra nas cidades, os colonos com pouco poder financeiro veem nas cidades uma oportunidade de se estabelecerem. O campo aos poucos se esvazia. As políticas públicas em relação ao campo existem em detrimento dos centros urbanos. Orlando já está de pé nesse momento. A monocultura da cana-de-açúcar, estabelecida nessa região da qual falamos – Sul do Estado de São Paulo e Norte do Estado do Paraná – se intensifica com o nascimento e crescimento da Usina São Luiz comandada pelos Irmãos Quagliato a partir dos anos de 1950 – antes da cana-de-açúcar era a monocultura do café, que teve seu início ali no começo do século XX, com a derrubada das florestas. Com o desenvolvimento e crescimento do complexo industrial Usina São Luiz, os empresários foram adquirindo as terras ao redor da indústria e nos dias de hoje, comandam boa parte do território rural nas imediações de Ourinhos, Santa Cruz do Rio Pardo e região. A grande demanda mundial pelo açúcar e pelo álcool produzido no Brasil impulsionou o desenvolvimento da indústria em questão. A necessidade em se instalar uma escola de porte maior do que as escolas isoladas no território rural surgiu a partir do aumento de terras usadas para o plantio de cana-de-açúcar e do aumento do número de funcionários, lavradores, para o trato da lavoura de cana. A demanda era muito grande, o número de famílias vindas de toda parte do Brasil para trabalhar na lavoura se intensificou

nas décadas de 1970 e 1980. As colônias se multiplicaram e o número de crianças e adolescentes também. Orlando chegou a ter aproximadamente mil alunos por ano na década de 1980. A escola pública foi instalada ali naquele território para cumprir o seu papel. Atendeu as necessidades das famílias que necessitavam estudar os filhos, atendeu as necessidades dos empresários, que não precisavam enviar os filhos dos lavradores para estudar nas cidades, um bônus oferecido para as famílias que tinham filhos em idade escolar, atendeu aos professores e demais servidores, com uma escola a mais para se trabalhar, atendeu ao mercado com a formação de alunos adultos, lembrando que, para formações específicas relacionadas ao campo, também foi construída a Escola Técnica Orlando Quagliato em Santa Cruz do Rio Pardo. Orlando também foi satisfatória para muitos cidadãos em formação escolar que viveram ali, uma oportunidade de emancipação. Tudo isso dentro da agroindústria. Dentro de uma usina de álcool e açúcar. Atendeu não só os funcionários. Atendeu também os empresários e filhos de alguns professores que trabalharam ali. Um local com características ímpares.

Eu alfabetizei o Kiko Quagliato. Me lembro o dia que a mãe dele fez sua matrícula, ela ainda falou assim: “tem gente que está abismado de eu pôr o menino aqui na escola”, pois poderia colocar em qualquer uma do mundo, mas ela falou: “eu sei que aqui tem gente capacitada”. A gente então ficava feliz de ouvir essas coisas (Norma Aparecida Bianchi Tavares, depoente).

O meu filho estudou lá. Para você ver, ele podia ter escolhido qualquer escola daqui, mas ele escolheu lá. Uma experiência minha com meu próprio filho. Ele estudou em um Colégio particular em Ourinhos, eu o tirei de lá porque uma professora o agrediu. Coloquei-o numa escola municipal, ele também foi agredido, então eu falei: “só por Deus, fui premiada”. Vou por ele na escola da usina e assim fiz. Hoje meu filho está quase terminando medicina veterinária, é um excelente profissional (Silvana Santos, depoente).

Eles (alunos) tinham muita mania de fugir, pular a janela da casa para ter relações sexuais, porque moravam todos muito perto dentro das colônias. Sentimos a necessidade de um projeto sobre relação sexual e prevenção. Novamente os professores começaram a trabalhar na comunidade, conscientizando primeiro os pais sobre o que ocorria. Tinha que ser começado pelos pais, pois eles tinham muita vergonha. O marido e a mulher também não conversavam sobre isso. Volta e meia um largava o outro e fugia com a fulana do vizinho (Silvana Santos, depoente).

Lá na usina os alunos fugiam para se casar. Isso desde sempre. Fogem, se casam e voltam casados. Isso era muito comum, mas ainda acontece nos dias de hoje. Já tive algumas alunas, se não me engano quatro meninas minhas alunas fugiram para se casar. Fugiram com doze, treze anos para se casar, mas eles voltam, alguns deles voltam. Moram lá casados, os meninos acabam trabalhando na usina mesmo, porque é uma empresa familiar, contratam os filhos dos funcionários dali e esses jovens acabam ficando e construindo a família lá dentro mesmo (Maria Angélica Ribeiro Baccili, depoente).

Eu já tinha 24 anos, ela tinha 14 anos e 10 meses, quase 10 anos de diferença, eu precisei carregar ela, eu sempre fui muito envolvido, era muito visado pelo povo, tinha amizade com advogados, com muita gente. Conversei com o advogado e ele falou: “aqui no Estado de São Paulo você não casa, aqui você vai para a cadeia, se você carregar ela você vai para a cadeia e quando ela fizer 17 anos, aí sim você será solto e poderá se casar com ela”. “Não, assim eu não quero mais”. Ficamos conversando bastante e ele pensou e me falou: “Espera um pouco, eu tenho uma ideia que vai dar certo. Aqui no Estado de São Paulo você não casa, mas no Estado do Paraná você consegue se casar, você a carrega, se casam, os pais dela dando consentimento, se não derem você vai para a cadeia do mesmo jeito. Você a carrega, vai lá no fórum, fala sobre a sua situação e sobre o que você quer, a idade de vocês e porque vocês querem se casar. O juiz vai ouvir e mandar o escrivão conversar e o juiz vai mandar fazer uma carta e trazer para os pais, se eles forem lá e assinarem você pode se casar, vai ficar dois anos e dois meses processado, até ela completar 17 anos, se você largar dela vai parar na cadeia, e depois desses dois anos e dois meses o processo acaba”. Eu falei: “então é isso que eu vou fazer”. A carreguei para a casa da minha avó na Fazenda Santana em Jacarezinho - PR, no outro dia fui ao fórum em Jacarezinho, conversei com o escrivão, ele passou o caso para o juiz, explicou tudo certinho para mim, fez a carta para que os pais dela fossem ao fórum consentir o casamento, mesmo que não quisessem assinar, mas eles tinham que comparecer para livrar a “minha barra” ou para me condenar. Eles foram lá, assinaram os papeis e nos casamos em 03 de outubro de 1961 (Floriano dos Santos, depoente).

Certas características regionalizadas, de grupo, se consolidam e permanecem conforme vemos nos depoimentos dos nossos depoentes. Falamos aqui de um específico local determinado por uma agroindústria, com regras patronais específicas, coletivas. Os colonos e suas famílias que viveram ou ali ainda vivem, seguem à risca os ditames dos donos da terra, que, ao mesmo tempo, sendo a mão do poder, também pouco ou nunca aparecem para conviver e ou coabitar com os colonos.

Nesse rural brasileiro, em particular, nada temos de agricultura familiar, de cooperativas de plantadores ou criadores, de pequenos ou grandes sitiante, que carregam consigo tradições familiares e o pertencimento da terra. Esse rural é volúvel em seus costumes, em seus personagens. Com o passar dos anos, com a avanço da economia, da globalização, do capital nacional e internacional, da modernização das máquinas e do avanço tecnológico em relação ao trato da produção agrícola, a plantação da cana-de-açúcar se expande naquele local de tal forma, que as colônias perdem sua finalidade, dar moradia ao lavrador. A necessidade de mais terras para o plantio da cana e para o beneficiamento dos produtos, somados à modernização das máquinas de beneficiamento da terra, plantio e colheita, são dois grandes fatores que contribuíram para a quase inexistência do colono ali na Usina São Luiz. Como dito no início do nosso trabalho, os drones já são ferramentas utilizadas no acompanhamento das lavouras, na observação, na pulverização de defensivos agrícolas, dentre outras coisas. Uma lavoura totalmente tecnológica otimizada para um maior lucro. Esse também é nosso “agropop”.

Figura 38: Drones na agricultura: benefícios para sua propriedade.



Fonte: <https://blog.aegro.com.br/drones-na-agricultura>

As atividades socioeconômicas, rurais, políticas, econômicas, culturais se modificam, as tecnologias se modificam, as paisagens se transformam, a gestão do território muda, a distribuição do povoamento se altera assim como, as relações de vizinhança. As colônias foram se alterando nesses 50 anos, foram construídas, aumentaram em número e tamanho, ganharam escolas rurais, depois uma escola estadual, cresceram ainda mais, até que foram engolidas pelas modernidades. Aos moradores, como foi o caso do Senhor Floriano dos Santos e da Senhora Anísia dos Santos, ali se encontraram, ainda jovens, se casaram, constituíram família, tiveram cinco filhos, todos criados na usina, estudados na usina - um deles trabalha no escritório da empresa – viveram ali por mais de trinta anos. Chegado o momento do final das várias colônias, junto com os demais, eles foram atendidos por um programa governamental e se mudaram para uma das cidades ao redor da usina, Chavantes. Vivem hoje em uma pequena casa de alvenaria, cercados das infindáveis lembranças da usina, mas que também em algum momento deixaram de ser.

Poderíamos nos perguntar, mas e a Escola Estadual Orlando Quagliato, o que tem relacionada à essa migração dos colonos?

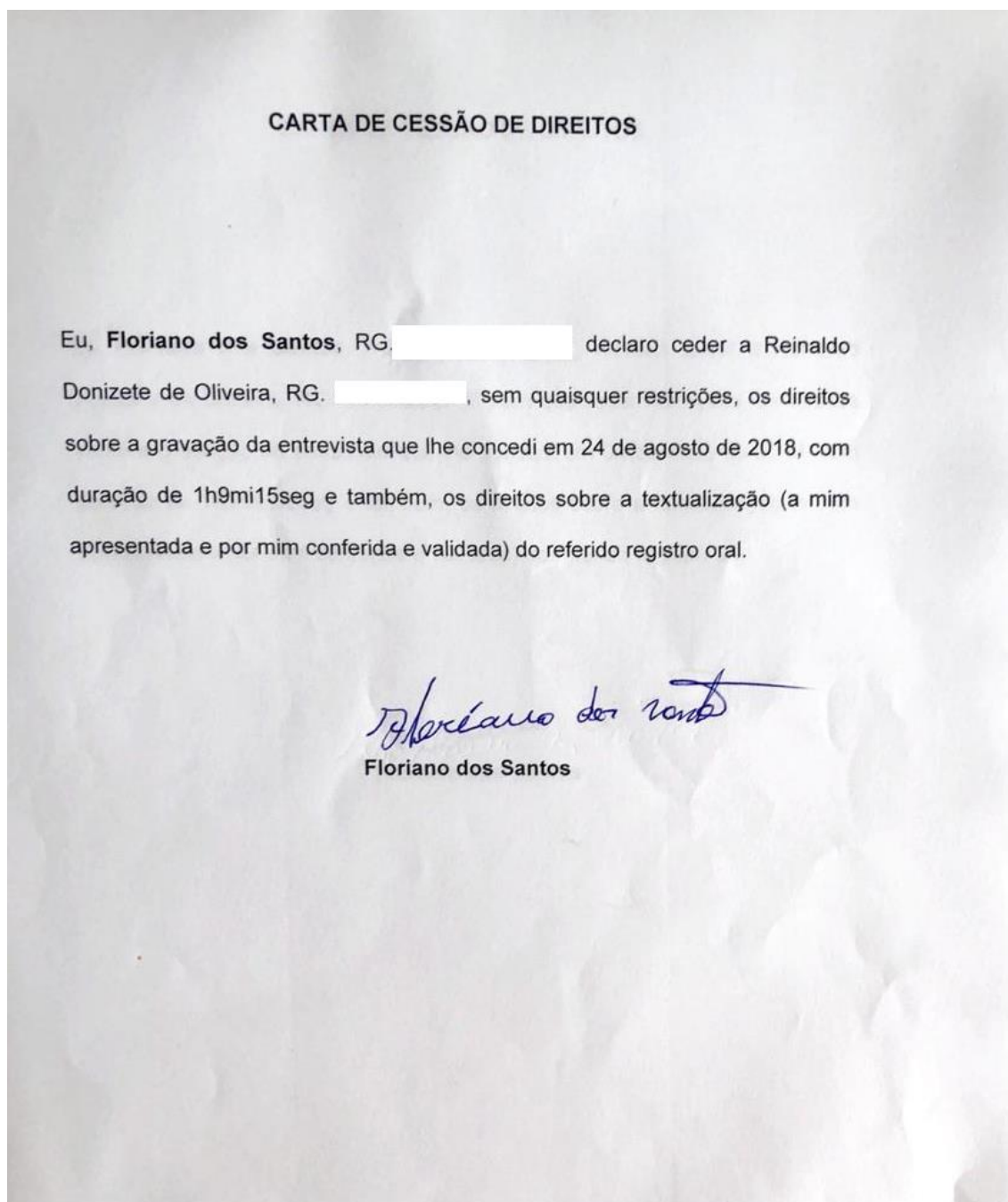
A resposta é bem simples. Sem aluno não há escola. Uma escola que já teve por volta de mil alunos por ano, hoje conta com aproximadamente uma centena. Como visto em nosso trabalho, algumas colônias ainda resistem, mas também, junto com as memórias, as festas, as adversidades, as rodas de conversa e os casamentos ali realizados, terão um fim. E mais, carregarão consigo uma quantidade de informações culturais que sequer foram ou serão registradas, tudo isso em nome da popularidade do agro. O agro é pop. Orlando também vai. Pelas atuais circunstâncias, não demorará muito para que a escola se torne mais um barracão da usina, um edifício calado, que aos poucos perderá as características de escola e se tornará mais um local da empresa. Se a Escola Orlando falasse, ou pensasse, não concordaria com a Rede Globo de Televisão e a sua campanha: “Agro é tech, agro é pop, agro é tudo”. Orlando terá um fim. Perversidades.

10. APÊNDICE: CARTAS DE CESSÃO DE DIREITOS

Seguem as cartas de cessão de direitos dos depoentes elencados neste trabalho.

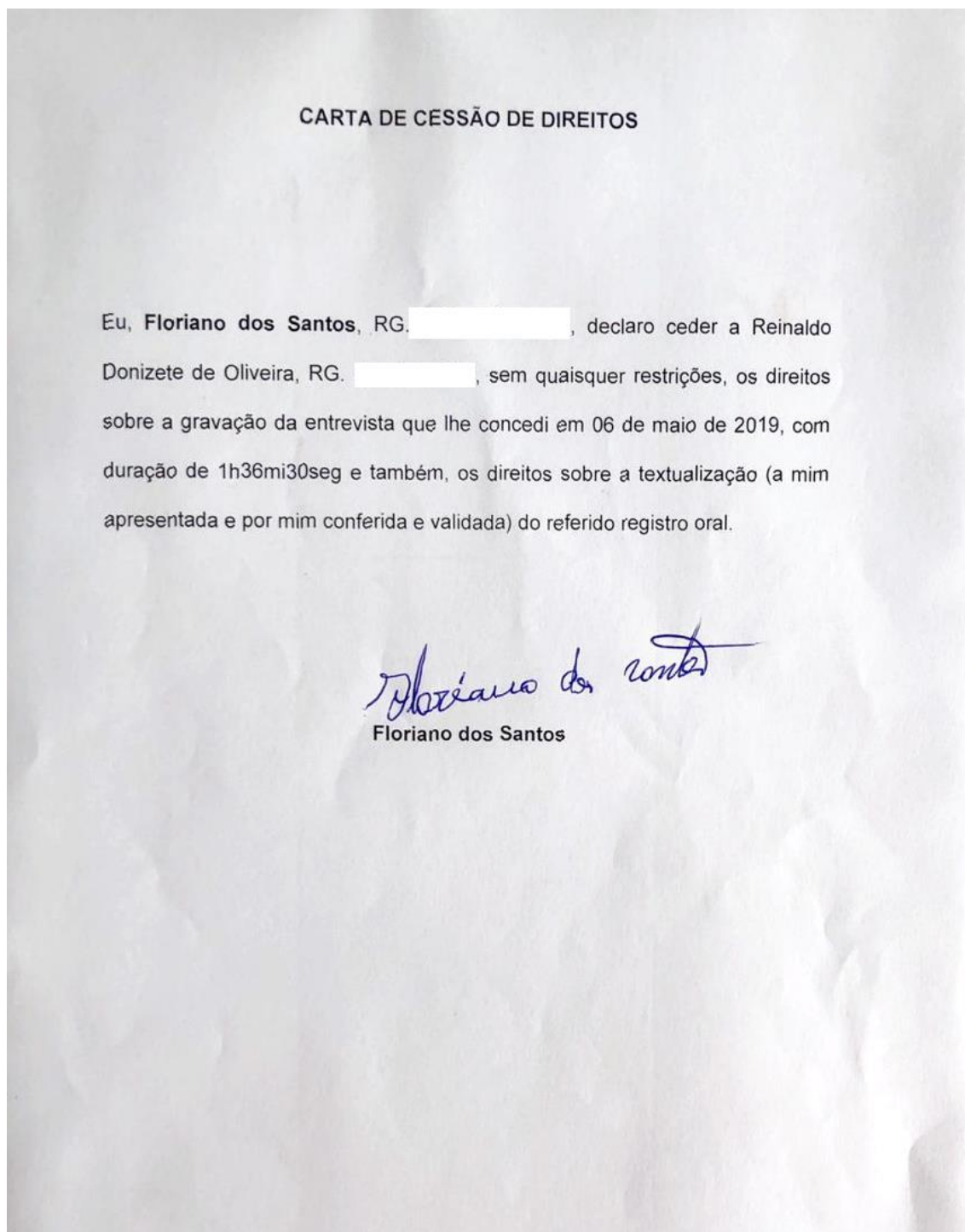
10.1 Floriano

Figura 39: Carta de cessão de direitos Floriano 1



Fonte: arquivo do autor

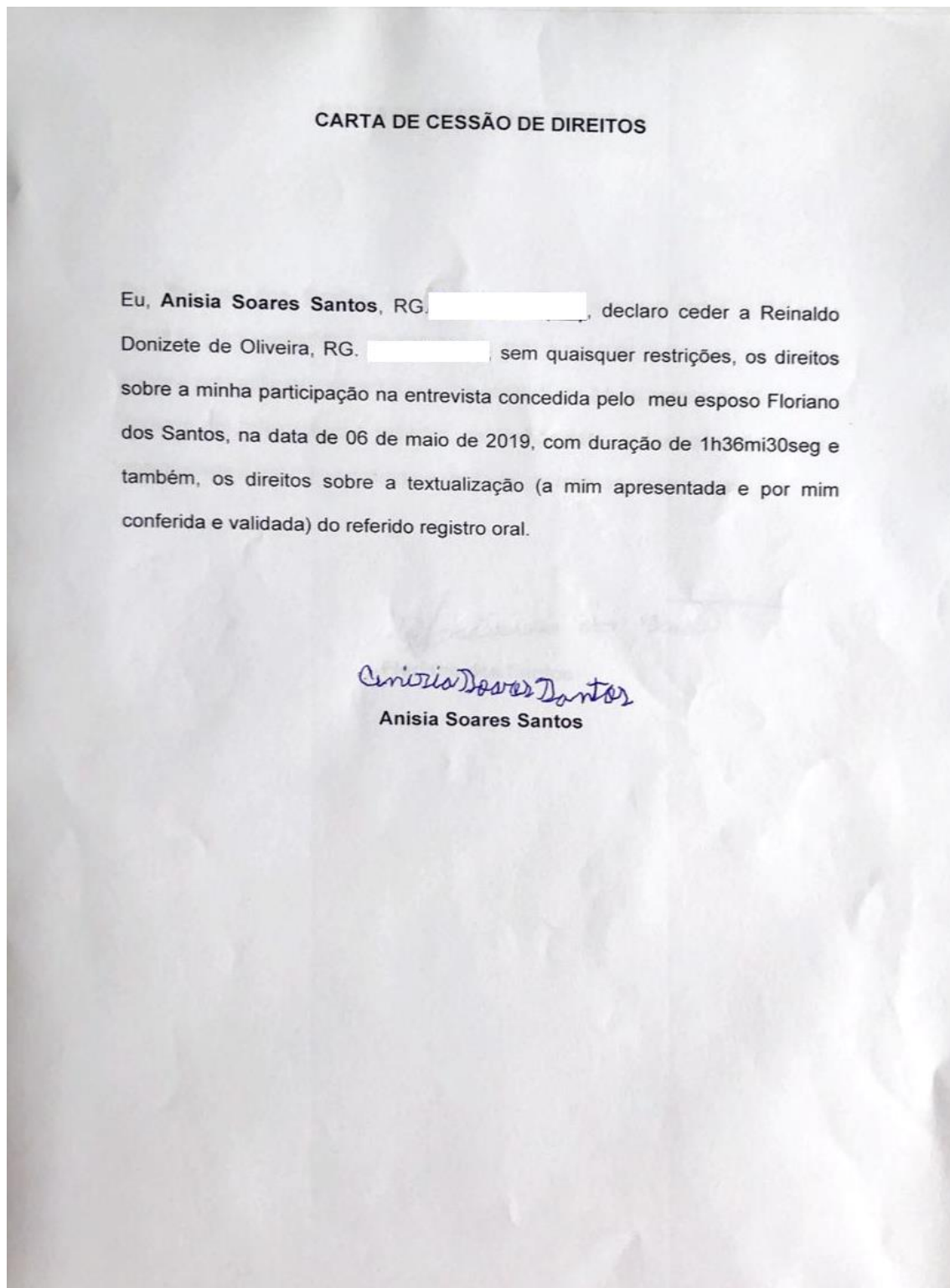
Figura 40: Carta de cessão de direitos Floriano 2



Fonte: arquivo do autor

10.2 Anísia

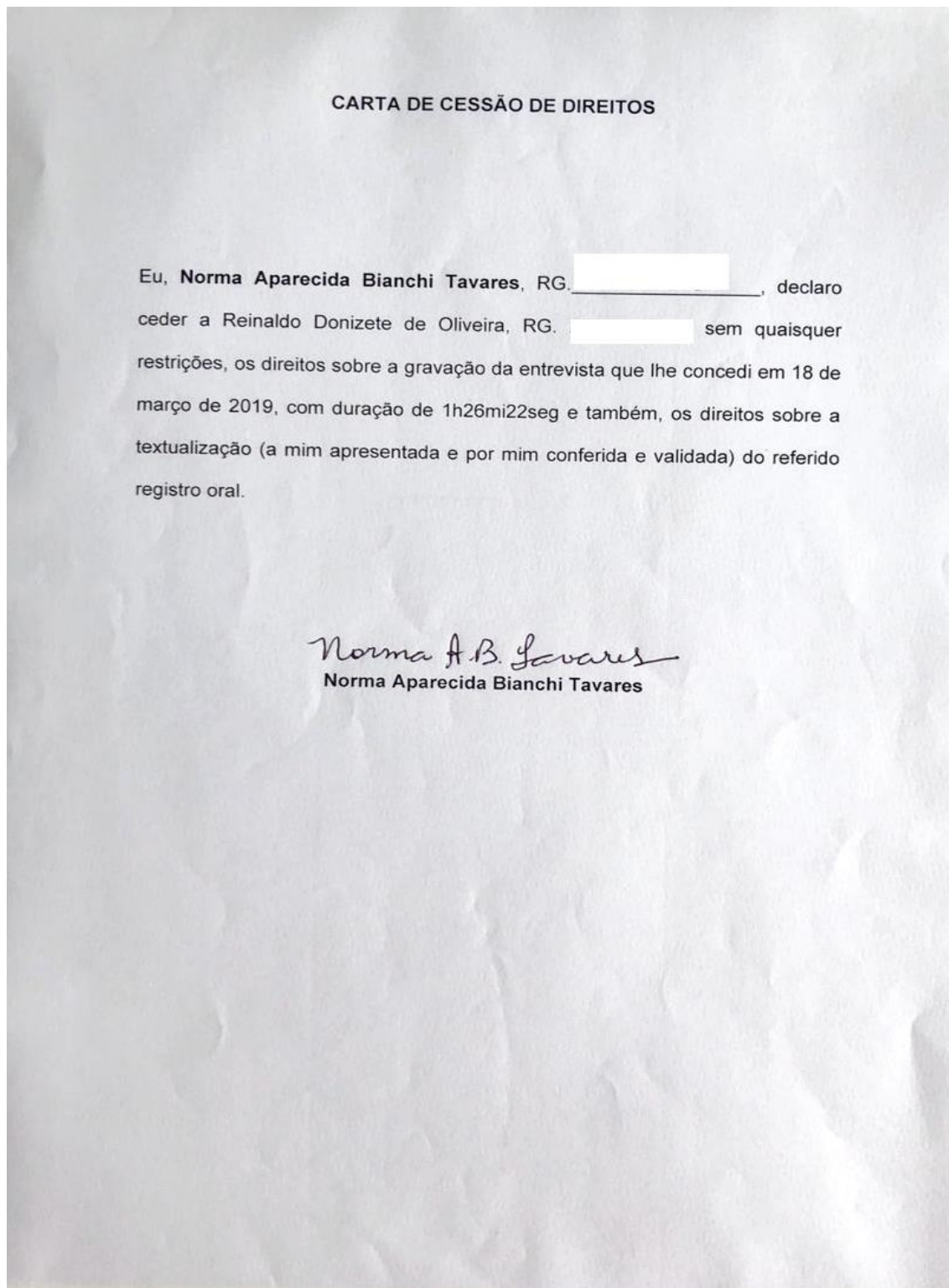
Figura 41: Carta de cessão de direitos Anísia



Fonte: arquivo do autor

10.3 Norma

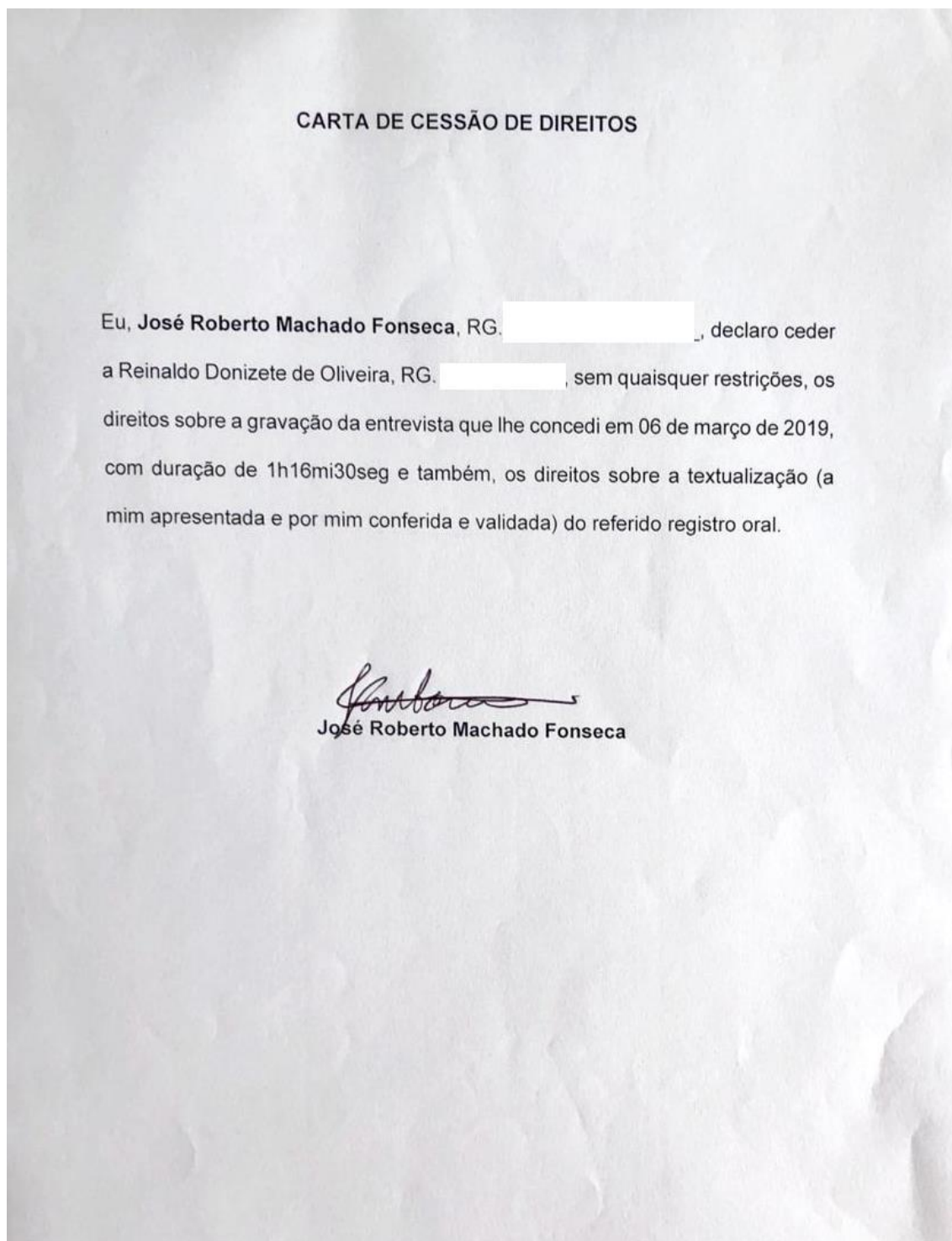
Figura 42: Carta de cessão de direitos Norma



Fonte: arquivo do autor

10.4 José Roberto

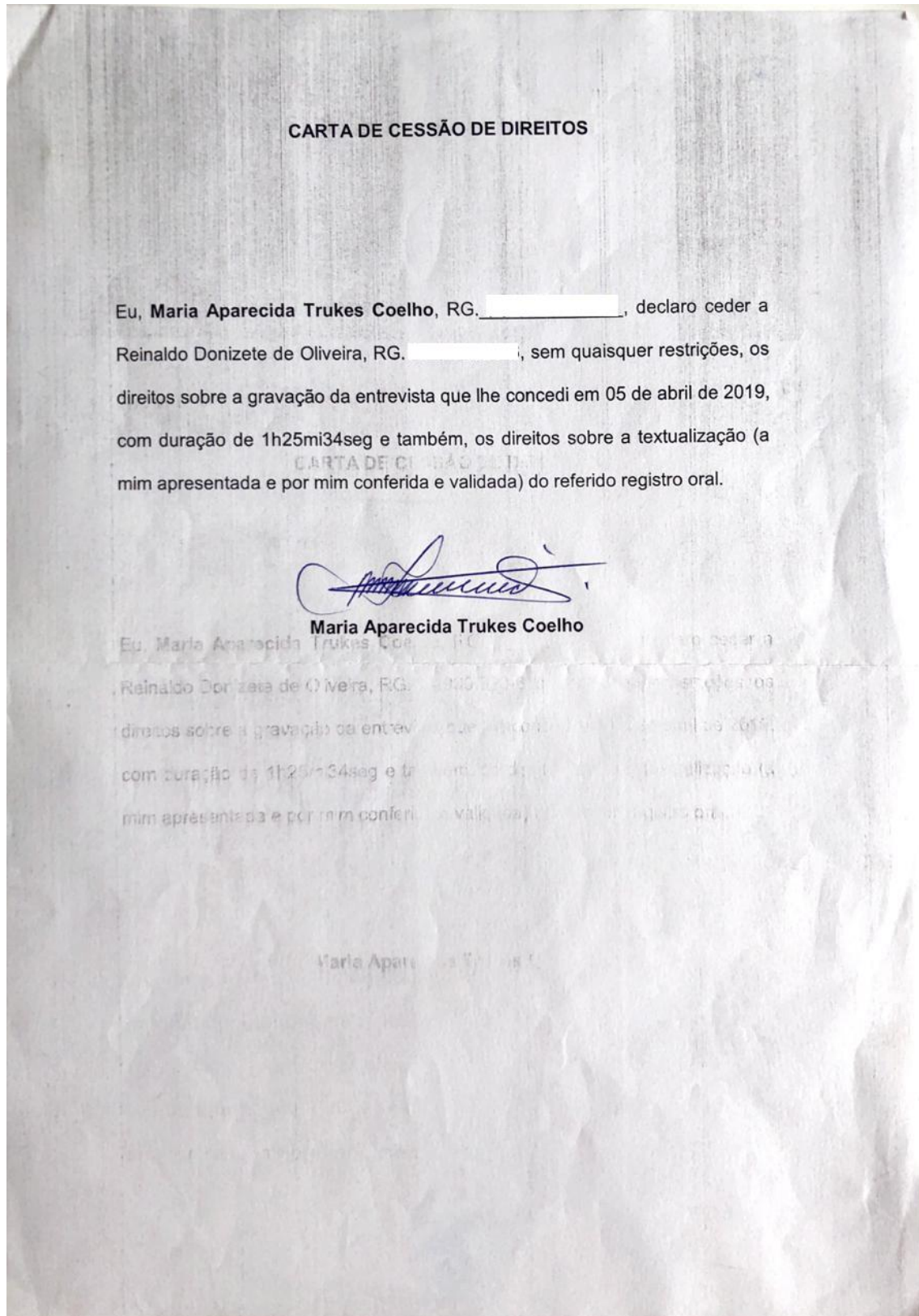
Figura 43: Carta de cessão de direitos José Roberto



Fonte: arquivo do autor

10.5 Maria Aparecida

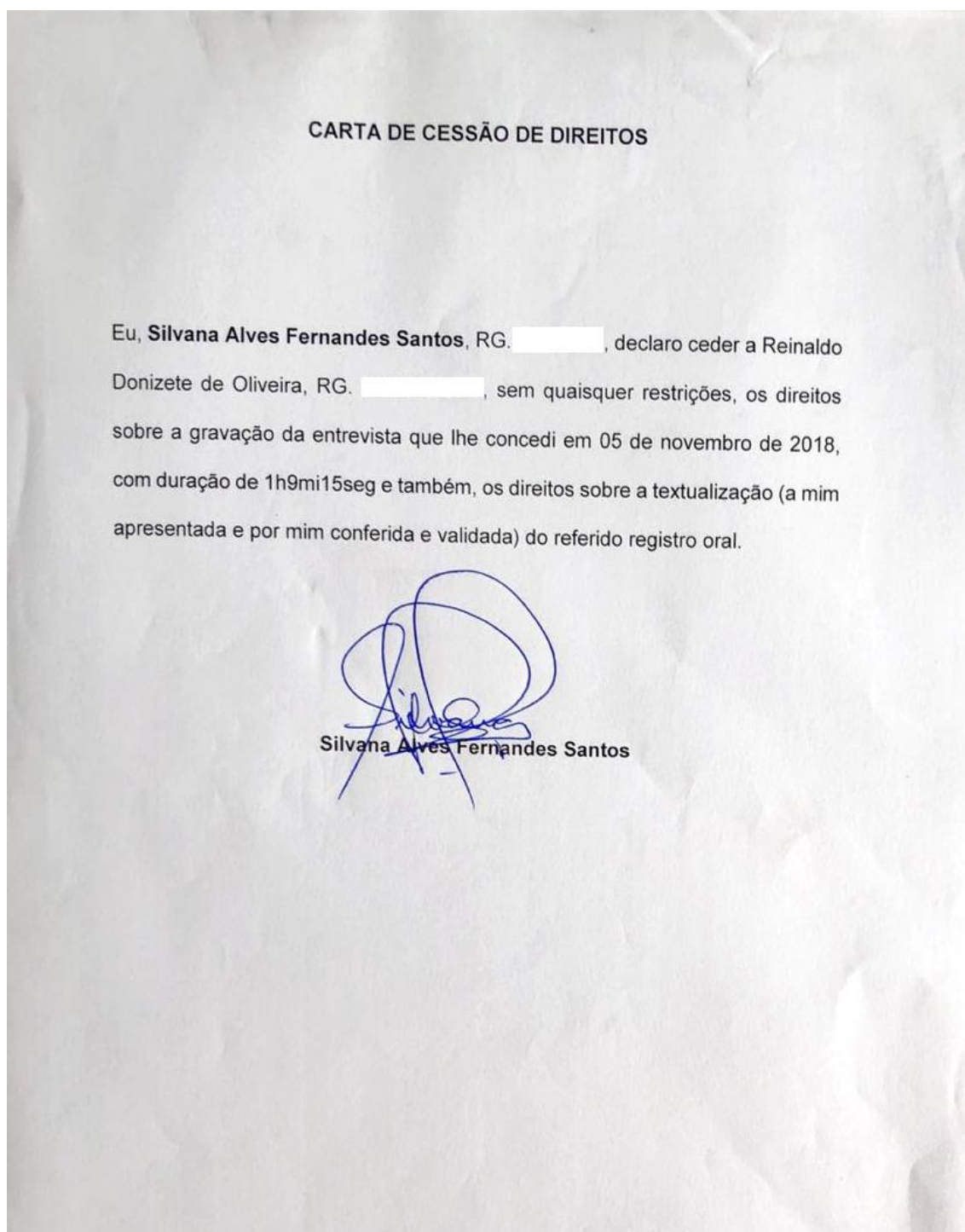
Figura 44: Carta de cessão de direitos Maria Aparecida



Fonte: arquivo do autor

10.6 Silvana

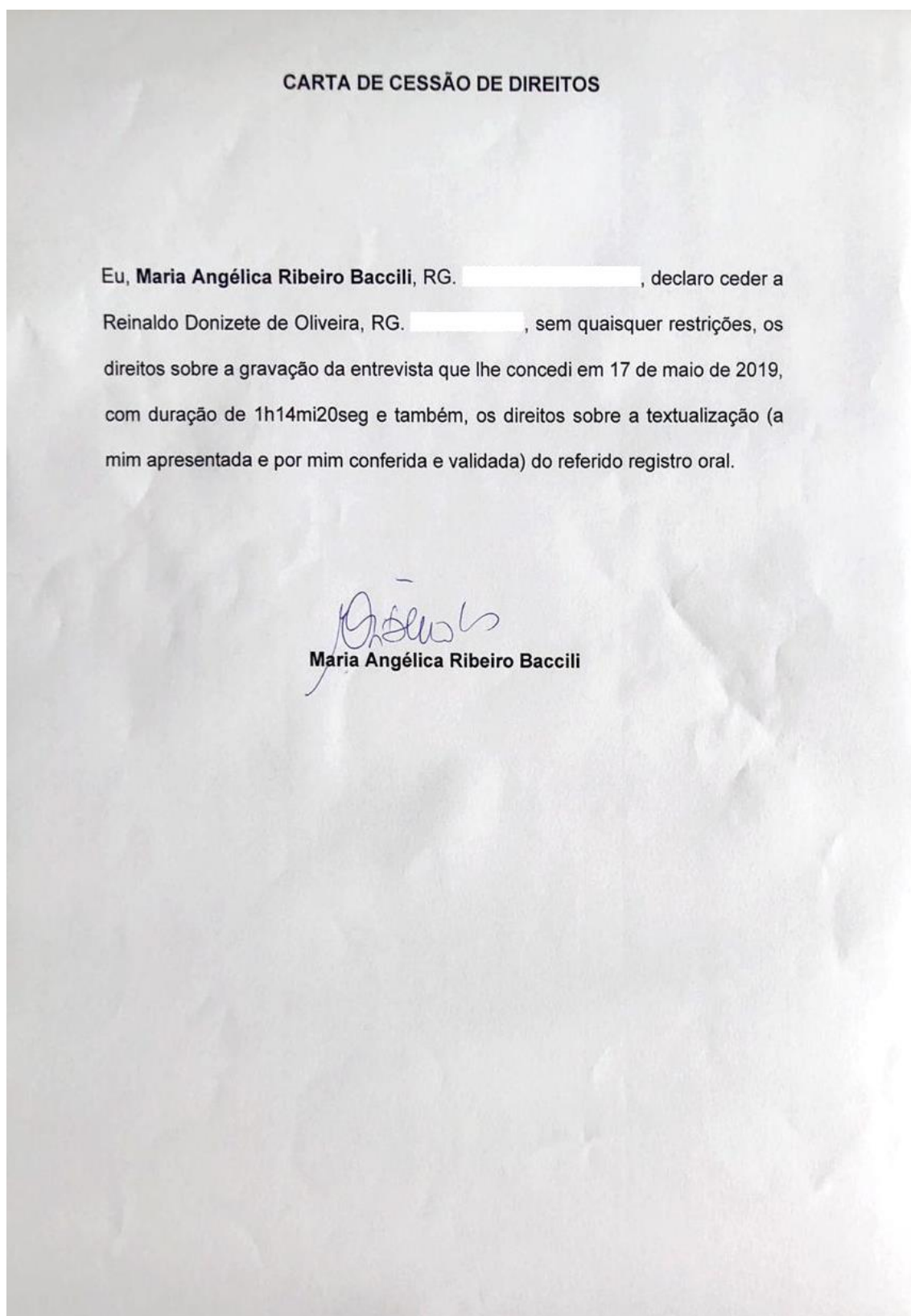
Figura 45: Carta de cessão de direitos Silvana



Fonte: arquivo do autor

10.7 Maria Angélica

Figura 46: Carta de cessão de direitos Maria Angélica



Fonte: arquivo do autor

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **História: A arte de inventar o passado.** Bauryr: Edusc. 2007.

ALVES, W. L. U. **A História da Educação no Brasil**: da Descoberta à Lei de Diretrizes e Bases de 1996. 93 f. Monografia (Especialização) - Metodologia do Ensino Superior. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium. Lins, 2009.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S. & MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: Informação e documentação: Referências**. 2. Ed. Rio de Janeiro, p. 74. 2018.

BARALDI, I. M. Retraços da educação matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção. 2003. 288f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2003.

BOUTIN, A. C. B. D.; CAMARGO, C.R.S. A educação na ditadura militar e as estratégias reformistas em favor do capital. **Anais...** XII EDUCERE, Congresso Nacional de Educação, Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002. **Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 jul. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 25 fev. 2018.

BRASIL. LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-norma-atualizada-pl.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2018.

BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências.** Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 4, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2018. **Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BNCC-EM), como etapa final da Educação Básica, nos termos do artigo 35 da LDB.**

Disponível em: http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55640296. Acesso em: 22 fev. 2020.

BRASIL. Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000. **Altera dispositivos da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.** Disponível em:

<https://www.fn.de.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/legislacao/item/408-legisla%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 05 jul. 2019.

BRASIL. RESOLUÇÃO/CD/FNDE N.º 40 DE 24 DE AGOSTO DE 2004.

Dispõe sobre a execução do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm.

Acesso em: 18 jul. 2019.

BRASIL. Decreto-Lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969. **Define infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares, e dá outras providências.** Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decrei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 26 jul. 2019.

BRASIL. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.** Brasília, MEC/SECAD. 2002.

CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito:** Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 10 ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

CIEE. **Centro de Integração Empresa-Escola.** Disponível em:

<https://portal.ciee.org.br/>. Acesso em: 18 jan. 2020.

COGHI, S. **Bicho de pé: contaminação, sintomas e tratamentos.** Disponível em: <https://www.minhavidacom.br/saude/temas/bicho-de-pe-tungia-se#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20Bicho%20de,contaminado%20se m%20prote%C3%A7%C3%A3o%20nos%20p%C3%A9s>. Acesso em: 12 out. 2019.

CURY, F.G. **Uma História da Formação de Professores de Matemática e das Instituições Formadoras do Estado do Tocantins**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

CURY, F.G.; Souza, L.A. & Silva, H. **Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática**. *Bolema*, Rio Claro (SP), v. 28, n. 49, p. 910-925, 2014.

E TAL. In: WIKCIONÁRIO, o dicionário livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wiktionary.org/w/index.php?title=e_tal&oldid=2484663. Acesso em: 12 fev. 2018.

ET CETERA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Et_cetera&oldid=57234884. Acesso em: 20 jan. 2020.

ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL ORLANDO QUAGLIATO. Histórico da Escola Técnica Estadual Orlando Quagliato. Disponível em: <http://etecsantacruz.com.br/institucional/nossa-historia>. Acesso em: 21 mar. 2019.

FERNANDES, F. S. **A quinta história: composições da educação matemática como área de pesquisa**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista – Unesp, Rio Claro, 2014.

FERNANDES, L. de F.B. **Cenários do ensino de matemática em escolas rurais da cidade de Tanabi, SP**. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Campinas, 2014.

FERNANDES, D. N.; GARNICA, A. V. M. A Formação do Professor de Matemática no Maranhão: das cartas de uma cartografia possível. In: GARNICA, A. V, M. (org.). **Cartografias Contemporâneas**: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014, p. 153-178.

FREITAS, E. "Boias-Frias"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/boia-frias.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2021.

FUNDAÇÃO VITOR CIVITA. **Prêmio Professor Nota 10**. Disponível em: <http://arquivo.correiodobrasil.com.br/elaine-kaizer-conquista-1%C2%BA-lugar-no-premio-victor-civita-2003>. Acesso em 07 jun. 2019.

GARNICA, A. V. M. (org.). **Cartografias Contemporâneas**: Mapeando a Formação de Professores de Matemática no Brasil. Curitiba: Appris, 2014.

GARNICA, A. V. M.; SOUZA, L. A. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Coleção Cultura Acadêmica - Editora UNESP, 2012.

GARNICA, A.V.M.; MARTINS-SALANDIM, M.E. **História Oral e Educação Matemática**: perspectivas e um projeto coletivo. In: RODEGHERO, C.S.; GRINBERG, L.; FROTSCHER, M. (orgs). **História oral e práticas educacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016. p. 177-190.

GARNICA, A. V. M.; MARTINS, M.E. Educação Matemática em escolas rurais do Oeste Paulista: um olhar histórico. **Zetetike**, UNICAMP. Campinas, v. 14, n. 25, 2006. p. 29-64.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regime de historicidade e história oral. **Boletim de Educação Matemática**, v. 24, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

GHEDINI, C.M. **A produção da educação do campo no Brasil: das referências históricas à institucionalização**. Jundiaí: Paco Editorial. 2017.

GIRALDELI, A.L. Drones na agricultura: Como eles te ajudam a lucrar mais. Disponível em: <https://blog.aegro.com.br/drones-na-agricultura>. Acesso: 15 nov. 2019.

GOMES, M.L.M. Formação e atuação de professores de matemática, testemunhos e mapas. In: Garnica, A.V.M (Org.). **Cartografias Contemporâneas**: mapeando a formação de professores de matemática no Brasil. Curitiba: Appris. 2014.

GOOGLE EART-MAPAS. **[Http://mapas.google.com](http://mapas.google.com)**. Consulta realizada em 05 set. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mirante do Paranapanema. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/mirante-do-paranapanema/panorama>. Acesso em: 23 jul. 2019.

LARROSA, J. (Org.). **Elogio da escola**. Tradução Fernando Coelho. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LARROSA, J. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. In: Barbosa, J. R. L. L. (Org.). (2005). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: UNESP. P. 19-24.

LOBATO, M. **Jeca Tatuzinho**. São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1924. Disponível em: https://openlibrary.org/works/OL18146759W/J%C3%A9ca_Tatuzinho. Acesso em: 12 out. 2020.

MARGEM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/margem/>. Acesso em: 19/01/2022.

MARTINS, M.E. **Resgate histórico da formação e atuação de professores de escolas rurais da região de Bauru** (SP). 260f. Relatório (Iniciação Científica). Fapesp/Departamento de Matemática, Unesp, Bauru. 2003.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **Escolas Técnicas Agrícolas e Educação Matemática: história, práticas e Marginalidade**. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro-SP. 2007.

MARTINS-SALANDIM, M. E. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo: um exame da década de 1960**. 2012. 374 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2012.

MARTINS-SALANDIM, M. E. Escola rural paulista da metade do século XX: sobre subversões necessárias. **Anais...** 3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática (ENAPHEM), São Mateus: SBHMat, 2016, v. 1, p. 58-67.

MEDEIROS. R.M.V. Ruralidades: novos significados para o tradicional rural. (2017). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157495/001016917.pdf>. Acesso em 12 set. 2021.

MELO, S.N. **Educação no Campo e Educação Rural: distinção necessária para compreensão da realidade geográfica**. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Unesp, Rio Claro, 2011.

MENEZES, E. T. Delegacias de Ensino. Disponível em: <https://www.educabrasil.com.br/delegacias-de-ensino/>. Acesso em: 24 mar. 2018.

MIGUEL, A.; MIORIM, M. A. **História na Educação Matemática: propostas e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOACYR, P. **A instrução rural e o Império**. Revista do Professor, São Paulo, n. 22, p. 15-17. 1939.

MORAIS, M. B. de; GARNICA, A. V. M. Da duração situada: um estudo sobre historiografia, espaço e Educação Matemática. **REVEMAT**. Florianópolis: Filosofia da Educação Matemática, v.11, p. 77-95, 2016.

MST. Movimento Sem Terra. Disponível em: <https://mst.org.br/quem-somos/>. Acesso em: nov. 2020.

OURINHOS. EMEI Orlando Quagliato. **Patronos**. Disponível em: <http://educacao.ourinhos.sp.gov.br/uploads/escolas/patronos/52.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2018.

PEREIRA, L.C. **Cartilha Caminho Suave**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/cartilha-caminho-suave/>. Acesso em 07 ago. 2019.

PERES, E.T.; VAHL, M.M.; THIE, V.G. **Aspectos editoriais da cartilha Caminho Suave e a participação da Editora Caminho Suave Limitada em programas federais do livro didático**. Revista Brasileira de História da Educação, Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 335-342 372, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/issue/archive>. Acesso em: 22 ago. 2018.

PILLETI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PORTELLI, A. O que faz a História Oral diferente. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História. PUC, São Paulo, v. 14, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 10 mar. 2018.

PUCHNER, M. **O mundo da escrita: como a literatura transformou a civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

REDE GLOBO. Agro: A Indústria-riqueza do Brasil. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/agro-a-industria-riqueza-do-brasil/>. Acesso em: 26 mar. 2021.

ROSA, J. **O Agro não é pop**. Disponível em: <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/o-agro-nao-e-pop-por-joao-rosa.html>. Acesso em: 26 mar. 2020.

ROSA, D.S.; CAETANO, M.R. Da educação rural à educação do campo: uma trajetória. Colóquio – **Revista Científica da FACCAT**. Taquara. Vol. 6, No (1-2), (jan/dez 2008).

SANTOS, M. P. Historiando a supervisão educacional no Brasil: da gerência empresarial burocrática à gestão escolar democrática. Educação em Revista, UNESP, Marília, v. 13, n. 2, p. 25-36, Jul.-Dez., 2012. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/3285>. Acesso em 23 jun. 2019.

SÃO PAULO. Decreto nº 48.781, de 7 de julho de 2004. **Institui o Programa Escola da Família.** Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v1/PEF/Index.html>. Acesso em: 15 nov. 2019.

SÃO PAULO. Decreto nº 2.957, de 4 de dezembro de 1973. **Dispõe sobre normas para a denominação de estabelecimentos oficiais de ensino de 1º e 2º graus do Sistema de Ensino do Estado de São Paulo.** Disponível em: <https://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/220089/decreto-2957-73>. Acesso em: 22 nov. 2018.

SÃO PAULO. DECRETO N. 7.400, DE 30 DE DEZEMBRO DE 1975. **Estabelece a estrutura da rede oficial de ensino do Estado e dá providências correlatas.** Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1975/decreto-7400-30.12.1975.html>. Acesso em: 22 nov. 2018.

SÃO PAULO. Resolução SE 86/2007. **institui o Programa Ler e Escrever nas escolas estaduais paulista e que mantém o o cilo I ou séries iniciais.** Disponível em: <http://lereescrever.fde.sp.gov.br/SysPublic/InternaMaterial.aspx?alkfjlkkljaslKA=303&manudjsns=0&tpMat=3&FiltroDeNoticias=3>. Acesso em: 15 jan. 2020.

SÃO PAULO. Lei Complementar 1.078, de 17/12/2008. **Institui Bonificação por Resultados - BR, no âmbito da Secretaria da Educação.** Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2008/lei.complementar-1078-17.12.2008.html>. Acesso em: 23 jan. 2020.

SÃO PAULO. Resolução SE - 15, de 18-2-2009. **Dispõe sobre a criação e organização de Salas de Leitura nas escolas da rede estadual de ensino.** Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/15_09.HTM?Time=24/08/2018%2015:24:11. Acesso em: 12 fev. 2020.

SÃO PAULO. Resolução SE 46/2012. **Dispõe sobre formação em serviço do Professor Educação Básica I, e dá providências correlatas.** Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/46_12.HTM?Time=08/07/2020%2001:20:41. Acesso em: 15 jan. 2020.

SÃO PAULO. Resolução SE - 76, de 7-11-2008. **Dispõe sobre a implementação da Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, nas escolas da rede estadual.** Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/76_08.HTM?Time=27/06/2020%2004:37:58: 5 jan. 2018.

SÃO PAULO. Comunicado CISE 07/2015, **Implantação do Sistema de Georreferenciamento**. Disponível em: <https://wordpaulotamer.wordpress.com/2015/08/22/educacao-sp-comunicado-cise-072015-implantacao-do-sistema-de-georreferenciamento/>. Acesso em: 03 dez. 2019.

SÃO PAULO. Decreto nº 55.145, de 10 de dezembro de 2009. **Institui o Programa São Paulo Faz Escola**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2009/decreto-55145-10.12.2009.html>. Acesso em: 21 nov. 2019.

SÃO PAULO. Decreto nº 54.253, DE 17 DE ABRIL DE 2009. **SARESP, Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2009/decreto-54253-17.04.2009.html>. Acesso em: 03 jul. 2019.

SÃO PAULO. Resolução SE 9, de 31-1-2018. **Estabelece normas e critérios relativos à readaptação de servidores da Secretaria da Educação**. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/9_18.HTM?Time=09/04/2018%2010:47:17. Acesso em: 04 jul. 2019.

SÃO PAULO. Resolução SE 68, de 12-12-2017. **Dispõe sobre o atendimento educacional aos alunos, público-alvo da Educação Especial, na rede estadual de ensino**. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/68_17.HTM?Time=07/07/2020%2023:40:01. Acesso em: 22 ago. 2019.

SÃO PAULO. Lei complementar nº 669, de 20 de dezembro de 1991. **Institui adicional de local de exercício a integrantes do Quadro do Magistério**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/1991/lei.compl-ementar-669-20.12.1991.html>. Acesso em: 22 nov. 2019.

SÃO PAULO. Portaria CENP nº 1/96 L.C. nº 836/97. **Institui as horas de trabalho pedagógico coletivo – HTPC**. Disponível em: <http://educacaotiete.sp.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/1-Comentario-Portaria-CENP-01-96.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2019.

SÃO PAULO. Lei nº 9.176, de 13 de dezembro de 1965. **Cria o Grupo Escolar na Usina São Luiz, em Ourinhos**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1965/lei-9176-13.12.1965.html>. Acesso em: 11 nov. 2018.

SÃO PAULO. Decreto de 26 de novembro de 1970. **Dá denominação a estabelecimento de ensino.**
<http://www.efcj.sp.gov.br/Historia/BuscaArquivoLegislacaoId/513>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SÃO PAULO. Lei complementar nº 444, de 27 de dezembro de 1985. **Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Paulista e dá providências correlatas.**
Disponível em:
<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/1985/lei.compl-444-27.12.1985.html>. Acesso em: 21 set. 2019.

SÃO PAULO. Arquivo Público do Estado de São Paulo. **Relatório de Educação de 1942.** Disponível em:
http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/relatorios_educacao. Acesso em 20 dez. 2019.

SAVIANI, D. O legado educacional do “Longo Século XX” brasileiro. In: Saviani, D.; Almeida, J. S. de; Souza, R. F. de & Valdermarin, V. T. (Orgs). **O legado Educacional do século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia.** Campinas: Autores Associados, 2009.

SAVIANI, D. O legado educacional do regime militar. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008.

SAVIANI, D. *et al.* **O legado Educacional do Século XIX.** 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

SAVIANI, D. *et al.* **O legado Educacional do Século XX no Brasil.** 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

SCHUELER, A. F. M.; MAGALDI, A. M. B. M. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Revista Tempo**, Niterói, vol.13, n.26., 2009. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-77042009000100003&script=sci_arttext. Acesso em: 10 out. 2019.

SILVA, H.; SOUZA, L. A. A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro, v. 20, n. 28, p. 139-162, 2007.

SILVA, C.S. **Escolas rurais como espaços formativos:** vozes de professores que atuaram na região de Borebi/SP. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) –Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru. 2018.

SILVA, C.R. M. **Uma, nove ou dez narrativas sobre as licenciaturas em Ciências e Matemática em Mato Grosso do Sul**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro-SP. 2015.

Silva, K. A. **Primeiros Cursos para Formação de Professores Indígenas no estado de São Paulo**: um estudo em História da Educação Matemática. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) –Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Bauru. 2019.

SOUZA-CHALоба, R. F. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a historiografia da educação brasileira: reflexões para debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, v.19, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbhe/v19/2238-0094-rbhe-19-e063.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2020.

TV ESCOLA. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/TV_Escola. Acesso em: 14 de fev. 2019.

USINA SÃO LUIZ S/A. História. Disponível em: <http://www.usinasaoluiz.com.br/>. Acesso em: 23 jun. 2017.

WANDERER, F. **Educação Matemática em escolas multisseriadas do campo**. Acta Scientiae, Canoas, v.18, n.2, p.335-351. 2016.

WOOLF, Virginia. **Orlando**: uma bibliografia. 1 ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.